



Pat de Silver Bush

LUCY MAUD MONTGOMERY



Principis

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

LUCY MAUD MONTGOMERY

*Pat de
Silver Bush*

TRADUÇÃO: THALITA UBA



Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural
© 2021 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Traduzido do original em inglês

Pat of Silver Bush

Texto

Lucy Maud Montgomery

Tradução

Thalita Uba

Preparação

Adriane Gozzo

Revisão

Karine Ribeiro

Produção editorial e projeto gráfico

Ciranda Cultural

Diagramação

Fernando Laino | Linea Editora

Ebook

Jarbas C. Cerino

Imagens

John Rawsterne/shutterstock.com;

Pavel K/shutterstock.com;

greenga/shutterstock.com;

Ardea-studio/shutterstock.com;

alaver/shutterstock.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

M787p Montgomery, Lucy Maud

Pat de Silver Bush [recurso eletrônico] / Lucy Maud
Montgomery ; traduzido por Thalita Uba. - Jandira, SP :
Principis, 2021.

368 p. ; ePUB ; 1,9 MB. – (Clássicos da literatura mundial)

Tradução de: Pat of Silver Bush

Inclui índice. ISBN: 978-65-5552-388-1 (Ebook)

1. Literatura infantojuvenil. 2. Literatura canadense. 3.
Romance. I. Uba, Thalita. II. Título.

2021-805

CDD 028.5

CDU 82-93

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura infantojuvenil 82-93

1ª edição em 2020

www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.



Apresentando Pat

1

– Ora, ora, achu¹ qui logo vou pricisá colhê a salsinha nu canteiru
– disse Judy Plum enquanto começava a cortar em tiras, para serem “bordadas”, o crepe vermelho do vestido de Winnie.

Estava muito contente consigo mesma por ter conseguido convencer a senhora Gardiner a lhe dar o vestido. A senhora Gardiner achava que talvez Winnie pudesse usá-lo por mais um verão. Vestidos de crepe vermelho não nasciam em canteiros de salsinha, afinal de contas. Mas Judy estava de olho naquela peça. Era da cor perfeita para as pétalas internas das rosas robustas e “crescidas” no belo novo tapete que ela estava bordando para tia Hazel... Um tapete com “rolinhos” dourados nas bordas e, no centro, ramalhetes de rosas vermelhas e roxas, tão bonitas quanto qualquer rosa brotada em uma roseira de verdade.

Judy Plum “fizera seu nome”, como ela mesma dizia, na arte de bordar tapetes e estava decidida a tornar esse uma obra-prima. Seria um presente de casamento para tia Hazel, se a jovem realmente se casasse naquele verão, como, na opinião de Judy, já estava mais que na hora, depois de tanto selecionar e escolher.

Pat, que estava bastante interessada no progresso do tapete, não

sabia de nada além do fato de que era para tia Hazel. Além disso, havia outro evento iminente em Silver Bush que ela desconhecia, e Judy pensava que já estava mais que na hora de alertar a garota. Quando se é o “bebê” da família por quase sete anos, como se vai encarar um substituto? Judy, que amava todos em Silver Bush de forma comedida, amava Pat sem medida e estava preocupadíssima com essa questão. Pat sempre fora de levar as coisas um pouco a sério demais. Como Judy dizia, ela “amava demais”. Que cena causara naquela mesma manhã, porque Judy queria usar seu suéter roxo para fazer as rosas. Estava pequeno demais para ela e tinha mais buracos que um queijo suíço, para falar a verdade, mas Pat não queria saber de abrir mão dele. Adorava o velho suéter e queria usá-lo por mais um ano. Lutou com tanto ardor que Judy, é claro, cedeu. Pat sempre fora assim com suas roupas. Usava-as até que não lhe coubessem mais, pois as amava tanto que não conseguia suportar a ideia de se desfazer delas. Odiava as roupas novas até tê-las usado por algumas semanas. Então, mudava de ideia e passava a amá-las fervorosamente.

– Uma criança esquisita, podi acreditar – Judy costumava dizer, meneando a cabeça grisalha. Por outro lado, teria soltado os cachorros em qualquer pessoa que chamasse Pat de “criança esquisita”.

– O que a torna esquisita? – perguntara Sidney certa vez, um tanto beligerantemente. Amava Pat e não gostava que a chamassem de “esquisita”.

– Pur certu, um *leprechaun* tocou nela cum um piqueno espinho di rosa nu dia im qui ela nasceu – respondera Judy, misteriosa.

Judy sabia tudo sobre *leprechauns*, *banshees*, *kelpies* d’água e outros seres fantásticos como esses.

– Intão, ela nunca vai podê sê como as outras pessoas. Mas isso

num é nada ruim. Ela vai tê coisas qui outras pessoas num podem tê.

– Que coisas? – Sidney estava curioso.

– Ela vai amar pessoas... E coisas... Mais du qui a maioria... E isso vai dá uma grande satisfação pra ela. Mas ela também vai si magoar mais. Assim são os dons qui as criaturas fantásticas dão di presenti, e é prciso aceitá a parti ruim cum a parti boa.

– Se isso foi tudo que esse duende fez por ela, não acho que seja de grande valia – dissera o jovem Sidney em tom desdenhoso.

– Shh! – Judy ficara escandalizada. – Vucê num sabe quem podi tá ouvinu. E eu num falei qui isso foi tudo. Ela vai vê coisas. Centenas di bruxas voanu pelos céus à noite em suas vassouras, sobre bosques e torres, cum seus gatus pretus impoleiradus atrás delas. O qui vucê mi diz disso?

– Tia Hazel diz que bruxas não existem, sobretudo na Ilha do Príncipe Edward – retrucara Sidney.

– Si vucê num acredita em coisa nenhuma, qui diversão vai tê nesta vida? – perguntara Judy incontestavelmente. – Talvez nunca apareça uma bruxa na Ilha, mas ainda tem um bucado lá na velha Irlanda. Minha vó era uma.

– Você é bruxa? – Sidney ousara questionar. Sempre quisera perguntar isso a Judy.

– Talvez eu seja um pouquinho, mas certamenti num sou uma bruxa pur completu – respondera ela em tom grave.

– E você tem certeza de que o duende cutucou a Pat?

– Certeza? Quem é qui podi tê certeza du qui os seres fantásticos fazem? Talvez seja apenas a mistura di sangue qui torna a minina isquisita. Francês, inglês, irlandês, escocês, quacre... É uma mistura terrível, é o qui digo.

– Mas isso já faz tanto tempo – argumentara Sidney. – Tio Tom diz

que somos apenas canadenses agora.

– Oh, não – respondera Judy, muito ofendida. – Si o teu tio Tom intendi mais disso du qui eu, pur qui é qui vucê tá mi enchenu di pergunta? Some já daqui, si num qué durmir di lombo quenti.

– Não acredito que existam bruxas ou duendes – afirmara Sid, apenas para irritá-la ainda mais. Era sempre divertido deixar Judy Plum exasperada.

– Ora essa! Bem, eu cunhecia um homem lá na Irlanda qui dizia a mesma coisa. Bradava a plenos pulmões. Até qui, certa noite, ele encontrou alguns, quandu tava voltanu pra casa a pé dum lugar onde num divia tê ido. Ah, as coisas qui fizeram cum ele!

– O quê? O quê? – indagara Sid, ansioso.

– Num importa. É milhó qui vucê nunca saiba. Ele jamais mais foi o mesmo e passou a ficá di bico fechado sobre o Povo Encantado dipois daquilo, pode acreditá. Só tô acunselhando vucê a tomá um pouco mais di cuidado quantu ao qui diz em voz alta quandu pensa qui tá suzinho, meu rapazinho ousado.

2

Judy estava bordando o tapete no quarto, logo depois da cozinha... Um quarto fascinante, era o que pensavam as crianças de Silver Bush. Não era rebocado. As paredes e o teto eram finalizados com tábuas lisas de madeira, que Judy mantinha lindamente caiadas. A cama era enorme, com um fardo gordo de palha. Judy desprezava as penas, e colchões eram, para ela, uma invenção moderna do Homem Mau Lá Debaixo. As fronhas eram adornadas com crochê em ponto “abacaxi”, e tudo ficava coberto por uma “colcha de autógrafos”, que alguma comunidade local fizera anos antes e Judy comprara.

– É claro qui gosto di ficá deitada lá pur um tempinho quandu acordo e di lê todos os nomes di pessoas qui ‘tão enterradas dibaixo da terra enquanto eu tô aqui, vivinha da silva – dizia.

Todas as crianças de Silver Bush gostavam de dormir com Judy de vez em quando, até crescerem demais para isso, e ouvir suas histórias sobre as pessoas cujos nomes figuravam na colcha. Velhas fábulas esquecidas... Romances antigos... Judy conhecia todos, ou inventava, se não soubesse. Tinha memória fantástica e dom para as palavras. Suas histórias não eram sempre tão inofensivas assim. Tinha um estoque infinito de lendas de fantasmas e “assassinatos incríveis”, e era de admirar que as crianças não ficassem, de todo, apavoradas. Ficavam, na realidade, deliciosamente arrepiadas. Sabiam que as histórias de Judy eram “mentiras”, mas não importava. Eram mentiras cativantes e interessantes. Judy tinha o hábito maravilhoso de estender a mesma história por noites a fio, parando nos pontos mais empolgantes, com uma destreza que deixaria qualquer escritor de séries de livros com inveja. A preferida de Pat era uma história pavorosa sobre um homem assassinado que fora encontrado em pedacinhos pela casa... Um braço no sótão... A cabeça no porão... Um osso em um pote na copa... “Fico toda arrepiada, Judy, é uma delícia!”

Ao lado da cama, tinha uma mesinha de cabeceira coberta por uma toalhinha de crochê, na qual havia uma almofadinha de agulhas em formato de coração e uma caixa em formato de concha, na qual Judy guardava o primeiro dente e uma mecha de cabelo de todas as crianças. Também havia uma concha de amêijoas da Austrália e um pouquinho de cera de abelha que ela usava para besuntar o fio e que era marcada por incontáveis ruguinhas finas e emaranhadas, como o rosto da velha tia-bisavó Hannah, de Bay Shore. A Bíblia de Judy também ficava ali, um livrinho marrom gordo

de “Conhecimento Útil” do qual Judy constantemente extraía informações incríveis. Era o único livro que Judy lera na vida. As pessoas, dizia ela, eram muito mais interessantes que os livros.

Havia maços de tanaceto e mil-folhas dependurados por todo o teto, que ficavam gloriosamente assombrosos nas noites de luar. O enorme baú azul de Judy, que ela trouxera do Velho Mundo trinta anos antes, ficava apoiado na parede, e, quando Judy estava de bom humor, mostrava às crianças as coisas que guardava nele... Uma *mélange* estranha e interessante, pois Judy percorrera o mundo quando jovem. Nascida na Irlanda, “fruía” a adolescência em nada menos que um “castelo”, pelo que as crianças de Silver Bush ouviram, atônitas. Então, fora para a Inglaterra e trabalhara lá até um irmão viajante resolver ir para a Austrália e Judy partir com ele. Como a Austrália não o apeteceu, ele tentou o Canadá na sequência e se instalou, por alguns anos, em uma fazenda na Ilha do Príncipe Edward. Judy foi trabalhar em Silver Bush na época dos avós de Pat e, quando o irmão anunciou a decisão de arredar o pé e partir para Klondike, ela o informou de que ele poderia ir sozinho. Gostava de Silver Bush e amava os Gardiner.

Judy estava em Silver Bush desde então. Estava lá quando “Alec Compridão” Gardiner levara a jovem esposa para casa. Estava lá quando cada uma das crianças nascera. Seu lugar era ali. Era impossível pensar em Silver Bush sem ela. Com seu talento para memorizar histórias e lendas, sabia mais sobre a história da família que qualquer um dos próprios Gardiner.

Judy nunca pensara em se casar.

– Só tive um derriço – contara ela a Pat, certa vez. – Ele fez uma serenata pra mim numa noiti di ventu, e eu derramei uma jarra di cerveja nele. Talvez isso tenha disincorajado o moço. Di toda forma, ele nunca mais voltou.

– Você não ficou triste? – perguntara Pat.

– Nem um pouquinho, meu tesouro. Ele tinha o cérebro di um ganso, afinal di contas.

– Você acha que vai se casar um dia, Judy? – indagara Pat ansiosamente. Seria terrível se Judy se casasse e fosse embora.

– Ora essa, na minha idadi! E grisalha feito um gatu!

– Quantos anos você tem, Judy Plum?

– Essa num é uma pergunta nada educada, mas vucê é nova dimais pra saber isso. Sou tão velha quantu minha língua e um pouquinho mais velha qui meus dentes. Num preocupa essa tua cabecinha pensanu qui posso mi casá. Casá é um prublema, num casá é um prublema, e prifiro ficá cum os prublemas qui já cunheço.

– Também não vou me casar, Judy – afirmara Pat. – Porque, se me casasse, precisaria ir embora de Silver Bush, e não iria suportar. Vamos ficar aqui para sempre... Eu e Sid... E você vai ficar com a gente, não vai, Judy? E vai me ensinar a fazer queijo.

– Ora, ora, queijo, é? As fábricas é qui fazem tudo o queijo, hoje im dia. Num ixiste uma única fazenda na Ilha, além di Silver Bush, qui ainda faça. E achu qui este vai sê o último verão qui vou fazer.

– Oh, Judy Plum, você *não pode* parar de fazer queijo. Precisa continuar para sempre. *Por favor*, Judy Plum?

– Bem, talvez eu faça um ou dois pra família – aquiescera Judy. – Teu pai vive mesmo dizenu qui o das fábricas num tem o mesmo sabor du qui é feito im casa. Como poderia, num é? Administradas pelo ministru! O qui é qui o ministru intende di queijo? Ora, ora, quantas mudanças aconteceram desde qui eu vim pra Ilha!

– *Odeio* mudanças – gritara Pat, quase aos prantos.

Pensar que Judy nunca mais faria queijo fora algo terrível. A misteriosa mistura de algo que ela chamava de “coalho”... O belo requeijão branco na manhã seguinte... Despejar tudo nas formas...

Armazená-las sob a antiga “prensa” perto do celeiro-igreja, com a grande rocha cinza pesando em cima. Depois, a longa espera pela secagem e o amadurecimento das enormes luas douradas no ático... Todas grandes, à exceção de uma pequenininha feita em especial para Pat. Pat sabia que todos em North Glen achavam os Gardiner muito antiquados por ainda fazerem o próprio queijo, mas quem se importava? Tapetes bordados à mão também eram antiquados, mas visitantes e turistas do verão enlouqueciam ao vê-los e comprariam tudo que Judy Plum tivesse feito. Mas Judy jamais venderia. Eram para uso exclusivo na casa de Silver Bush.

3

Judy bordava enlouquecidamente, tentando terminar sua rosa antes do “escurecer”, como sempre chamava os crepúsculos da manhã e da noite. Pat gostava disso. Parecia-lhe adorável e estranho. Estava sentada em um banquinho no patamar da escadaria da cozinha, bem diante da porta aberta de Judy, com os cotovelos apoiados nos joelhos magros, o queixo quadrado encaixado nas mãos. O rostinho risonho, que sempre parecia estar rindo, mesmo quando estava triste, brava ou adoentada, ficava branco como marfim no inverno, mas já estava começando a corar com o sol do verão. Os cabelos eram castanho-avermelhados e lisos... E compridos. Ninguém em Silver Bush, exceto tia Hazel, ousava ter cabelos curtos. Judy causara tanto alvoroço que a mãe de Pat e Winnie não se aventurava a cortar as madeixas das garotas. O engraçado era que a própria Judy tinha cabelos curtos, que estavam no auge da moda que ela tanto desprezava. Judy sempre usara os cabelos grisalhos curtos. Alegava não ter tempo a perder com grampos.

Cavalheiro Tom sentou-se ao lado de Pat, no degrau do patamar que levava ao quarto de Judy, piscando para ela com os olhos verdes insolentes, cuja mera expressão teria feito Judy defendê-lo com unhas e dentes. Um gato grande e magricelo, que parecia esconder diversos problemas secretos; continuamente magro, apesar dos mimos de Judy; um gato preto... “O gatu mais pretu qui eu já vi na vida”, segundo ela. Durante um tempo, ele permaneceu sem nome. Judy achava que dava azar dar nome a um bicho que tinha apenas “aparecido”. Quem sabia quem eles poderiam acabar ofendendo? Então, por um tempo, o bichano foi apenas chamado de Gato da Judy, com iniciais maiúsculas, até que um dia Sid se referiu a ele como “Cavalheiro Tom”, e Cavalheiro Tom ele passou a ser daquele dia em diante, pois até mesmo Judy se rendeu. Pat gostava de todos os gatos, mas a afeição por Cavalheiro Tom era moderada pelo respeito. Aparentemente, ele surgira de lugar nenhum, sem ter sequer nascido como outros gatinhos, e se apegou a Judy. Dormia ao pé de sua cama, caminhava ao seu lado, com o rabo eriçado, aonde quer que ela fosse, e nunca o ouviram ronronar. Não se podia dizer que era um gato sociável. Até mesmo Judy, que não permitia que encontrassem defeitos nele, admitia que era “um tanto seletivo quanto àqueles com quem conversava”.

– Pur certu, num si podi dizê qui ele é um gatu falador, mas é uma ótima companhia, à sua maneira – defendia ela.

¹ Judy Plum é uma personagem irlandesa que tem como uma das características mais marcantes o sotaque muito forte e bem coloquial. A autora J. M. Montgomery transpõe essa característica para o texto, escrevendo da forma como a personagem falaria, tornando o texto escrito diferente, intrigante e, por vezes, até desconfortável de ler. Na tentativa de aproximar o leitor brasileiro dessa experiência pretendida pela autora, transpusemos essa marca das falas de Judy Plum para a tradução em português, aproximando-as de um linguajar bem popular, espontâneo e informal. (N.T.)



Apresentando Silver Bush

1

Os olhos âmbar de Pat ficaram olhando pela janelinha redonda da parede do patamar da escada até Judy tecer seu comentário misterioso sobre o canteiro de salsinha. Aquela era sua janela preferida, pois se abria como a escotilha de um navio. Ela nunca subia até o quarto de Judy sem parar para olhar por ela. Brisas deliciosamente vacilantes que nunca iam a lugar nenhum chegavam àquela janela, e era possível avistar coisas maravilhosas por ela. O enorme bosque de bétulas brancas no morro logo atrás, que eles costumavam chamar de “bosque branco”, era a razão do nome de Silver Bush e estava repleto de corujinhas berrantes que quase nunca berravam, apenas ronronavam e riam. Além de tudo isso, havia os vales, as encostas e os campos da fazenda antiga, dos quais parte era cercada por arame farpado, o que Pat detestava, enquanto outros ainda eram circundados por cercas vivas de troncos brancos, com solidagos e ásteres crescendo em abundância entre as toras.

Pat amava cada canto da fazenda. Ela e Sidney haviam explorado juntos todos os campos. Para ela, não se tratava de meros campos... Eram pessoas. O grande Campo do Morro, coberto de

trigo esta primavera, era como um enorme carpete verde; o Campo da Lagoa, que tinha, bem no meio, um corpo d'água, como se algum gigante tivesse pressionado a ponta do dedo na terra fofa quando o planeta ainda era jovem, passava todo o verão ladeado por margaridas e íris, e ela e Sid costumavam banhar os pezinhos quentes e cansados ali nos dias abafados. O Campo Torta de Carne, um terreno triangular que se estendia até o bosque de abetos; o pantanoso Campo Ranúnculo, onde todos os ranúnculos do mundo floresciam; o Campo dos Verões de Despedida, que, em setembro, ficava totalmente salpicado de ásteres roxas; o Campo Secreto, lá no final, impossível avistar e que você jamais suspeitaria existir até ter atravessado o bosque, o que ela e Sid haviam corajosamente feito certo dia, deparando-se com ele ao final, rodeado por árvores de bordo e pinheiros, regozijando-se sob a luz do sol e aromatizado com a respiração das especiarias que cresciam em tufo dourados ao redor. Seu capim plumoso era pontilhado pelo vermelho dos morangos silvestres, e havia algumas pilhas de rochas grandes aqui e ali, com samambaias crescendo em meio às fissuras e às aglomerações de morangos de hastes longas por toda a base. Aquela fora a primeira vez que Pat colhera um “buquê” de morangos.

No canto pelo qual eles entraram, havia dois pequenos abetos, com uma pequena diferença de altura, apenas um palmo... Irmão e irmã, exatamente como Sidney e ela. Eles escolheram os nomes em um instante: Rainha do Bosque e Príncipe da Samambaia. Ou melhor, Pat escolhera. Ela adorava dar nome às coisas. Isso as tornava parecidas com pessoas... Pessoas que você amava.

O Campo Secreto era o preferido deles. Parecia, de alguma forma, pertencer a eles, como se tivessem sido os primeiros a encontrá-lo; era tão diferente do campinho rochoso fajuto e desolador que ficava

atrás do celeiro e de que ninguém gostava... Ninguém exceto Pat. Ela o amava porque era um campo de Silver Bush. Isso bastava.

Mas não eram apenas os campos que podiam ser vistos daquela charmosa janelinha naquela deliciosa noite de primavera, enquanto o céu a Oeste estava todo dourado e rosado e o “escurecer” de Judy emergia do bosque branco. Havia o Morro da Névoa a Leste, um pouquinho mais alto que o Morro do Bosque Branco, com três álamos bem no topo, como sentinelas carrancudas, sombrias e leais. Pat amava ardentemente aquele morro, embora não fizesse parte da propriedade de Silver Bush... Ficava a mais de um quilômetro e meio de lá, na verdade, e ela não sabia a quem pertencia, isto é, em um sentido, pois em outro sabia que pertencia a ela, pois o amava muito. Toda manhã, cumprimentava-o de sua janela com um aceno. Certa vez, quando tinha apenas 5 anos, ela se lembrava de ter ido passar o dia com as tias-avós na fazenda de Bay Shore e de como ficara morrendo medo de que o Morro da Névoa fosse removido de lá enquanto ela estivesse ausente. Que alegria fora chegar em casa e encontrá-lo no devido lugar, com os três álamos intocados, erguendo-se sob a lua cheia. Agora, com quase 7 anos, ela era madura e sábia o suficiente para saber que o Morro da Névoa jamais poderia ser removido. Sempre estaria ali, não importava aonde ela fosse ou quanto retornasse. Esse era um alento em um mundo que, Pat já começava a suspeitar, estava repleto de algo terrível chamado “mudança”... E de outra coisa terrível que ela ainda não tinha idade suficiente para conhecer: desilusão. Pat só sabia que, enquanto mais ou menos um ano antes ela costumava acreditar piamente que, se pudesse subir até o topo do Morro da Névoa, talvez conseguisse tocar o maravilhoso céu cintilante e (oh, quanta euforia!) pegar uma estrela reluzente, agora tinha ciência de que isso não era possível. Sidney lhe explicara isso,

e ela precisava acreditar nele, porque, sendo um ano mais velho, sabia muito mais que ela. Pat achava que ninguém sabia tanto quanto Sidney... Exceto, talvez, Judy Plum, que sabia de tudo. Era Judy quem sabia que os espíritos selvagens viviam no Morro da Névoa. Era o morro mais alto em um raio de quilômetros, e os espíritos selvagens realmente sempre gostaram de viver em locais altos. Pat sabia qual era a aparência deles, embora ninguém jamais tivesse lhe contado... Nem mesmo Judy, que julgava ser mais seguro não descrever tais criaturas. Pat sabia que o vento Norte era um espírito frio e cintilante, e que o vento Leste era cinza e sombrio, mas o vento Oeste era dado a risadas, e o vento Sul era muito musical.

O jardim da cozinha ficava logo abaixo da janela, com o misterioso canteiro de salsinha de Judy em um canto e belas fileiras ordenadas de cebolas, feijões e ervilhas. O poço ficava ao lado do portão... O poço aberto ultrapassado, com uma alça, uma roldana e uma corda comprida com um balde amarrado na ponta, que os Gardiner mantinham apenas para agradar Judy, que não queria nem saber da instalação de qualquer bomba moderna. É claro que a água jamais seria a mesma. Pat ficava contente por Judy não permitir que mudassem o antigo poço. Era lindo, com belas samambaias crescendo nas fissuras das rochas até lá embaixo, quase ocultando a água cristalina quinze metros abaixo do nível do solo, que sempre espelhava um pedacinho do céu azul e seu próprio rostinho, olhando para si mesma daquelas profundezas eternamente imperturbadas. Até mesmo no inverno, as samambaias permaneciam ali, compridas e verdes, e sempre a Patricia espelhada olhava para ela de um mundo onde não havia tempestades. Uma grande árvore de bordo se sobrepunha ao poço... Uma árvore cujos braços verdes se aproximavam da casa,

chegando um pouquinho mais perto a cada ano.

Pat também conseguia avistar o pomar... Um pomar extraordinário, com abetos e macieiras maravilhosamente misturados uns aos outros... Na Parte Antiga, ao menos. A Parte Nova era podada, cultivada e nem de longe tão interessante. Na Parte Antiga havia árvores que o bisavô Gardiner plantara e árvores que nunca haviam sido plantadas, simplesmente *cresceram*, com pequenas trilhas se entrecruzando entre elas. Bem no fundo, havia um canto repleto de abetos jovens, com uma pequena clareira ensolarada no meio deles, onde vários gatos amados estavam enterrados e aonde Pat costumava ir quando queria “pensar nas coisas”. Às vezes, era preciso pensar nas coisas, até mesmo quanto se tem menos de 7 anos de idade.

2

De um lado do pomar ficava o cemitério. Sim, isso mesmo, um cemitério. Onde o tataravô, Nehemiah Gardiner, que chegara à Ilha do Príncipe Edward em 1780, estava enterrado, bem como sua esposa, Marie Bonnet, francesa huguenote. O bisavô, Thomas Gardiner, também estava lá, com sua esposa quacre, Jane Wilson. Eles foram enterrados lá porque o cemitério mais próximo ficava do outro lado da Ilha, em Charlottetown, e só era possível chegar lá por uma trilha que atravessava o bosque. Jane Wilson era uma mulher pequena e modesta, que vivia com suas roupas quacre cinza e um chapéu puritano simples. Um de seus chapéus ainda estava em uma caixa no ático de Silver Bush. Fora ela quem lutara contra o enorme urso preto que tentara entrar por uma janela da cabana, jogando mingau quente em seu rosto. Pat adorava ouvir Judy contar essa história e descrever como o urso fugira pelo meio dos tocos

nos fundos da cabana, parando de vez em quando para tentar desesperadamente limpar o mingau do rosto. Aqueles deviam ser tempos animados na Ilha do Príncipe Edward, quando as florestas eram repletas de ursos que apareciam para bater as patas nas paredes das casas e olhar pelas janelas. Era uma pena que isso não pudesse mais acontecer, uma vez que não havia mais ursos! Pat sempre sentia pena do último urso a morrer. Como devia se sentir solitário!

O tio-avô Richard também estava lá... “Dick Gardiner, o Aventureiro” era marinheiro e lutara com tubarões, além de ter a reputação de, certa vez, ter comido carne humana. Ele jurara que jamais jazeria na terra. Quando estava morrendo de sarampo, entre todas as coisas de que um marinheiro audaz poderia morrer, quis que o irmão, Thomas, lhe promettesse levá-lo em um barco e que o enterraria debaixo das águas do Golfo. Mas o conservador Thomas jamais faria algo assim e enterrou Dick no cemitério da família. Como resultado, sempre que algum infortúnio estava prestes a acontecer com os Gardiner, Dick, o Aventureiro levantava-se do túmulo para se sentar na cerca e cantar suas músicas farristas até os parentes sóbrios e tementes a Deus saírem de suas covas para se juntar a ele no coro. Ao menos essa era uma das histórias mais emocionantes de Judy Plum. Pat nunca acreditou nela, mas gostaria de acreditar. O túmulo de Willy, o Chorão também ficava lá... O irmão de Nehemiah que, logo que chegara à Ilha do Príncipe Edward e vira todas aquelas árvores imensas que precisavam ser cortadas, se sentou e chorou. Uma cena que jamais foi esquecida. Ficou conhecido como “Willy, o Chorão” até sua morte e para todo o sempre, e nenhuma garota se dispôs a ser a senhora Chorona. Então, ele viveu os 80 anos de vida em uma solteirice amargurada, e, pelo que Judy dizia, quando a boa fortuna estava prestes a dar as

caras a seus parentes, Willy, o Chorão sentava-se em seu túmulo e chorava. Pat também não conseguia acreditar nisso. Mas desejava que Willy, o Chorão *pudesse* voltar e ver o que tomara o lugar da floresta solitária que o apavorara. Quem dera pudesse ver Silver Bush *agora*!

Também havia o “túmulo misterioso”. Na lápide, a inscrição: *Para minha cara Emily e nossa pequena Lilian*. Nada além disso, nem mesmo uma data. Quem era Emily? Nenhuma Gardiner, pelo que se sabia. Talvez algum vizinho tivesse solicitado o privilégio de enterrar sua amada perto dele, no terreno dos Gardiner, onde ela porventura tivesse companhia na nova e solitária terra. E quantos anos teria a pequena Lilian? Pat pensava que, se algum dos fantasmas de Silver Bush realmente “perambulasse” por aí, gostaria que fosse Lilian. Não teria medo *dela*.

Havia muitas crianças enterradas lá... Ninguém sabia quantas, porque não havia túmulo para nenhuma delas. Os mais antigos eram representados por tábuas horizontais de arenito vermelho do litoral escoradas em quatro pés, com todos os nomes e suas virtudes inscritos nelas. A grama crescera ao redor, longa e grossa, e nunca fora tocada. Nas tardes de verão, as tábuas da arenito sempre ficavam quentes, e Cavalheiro Tom gostava de se deitar nelas para dormir lindamente encolhido. Uma cerca desbotada, que Judy Plum caíava toda primavera, rodeava o terreno. E as maçãs que caíam no cemitério, dos galhos que extrapolavam os limites do pomar, nunca eram comidas. “Não seria respeitoso”, explicara Judy. Eram reunidas e dadas aos porcos. Pat jamais conseguiu entender por que, se não era “respeitoso” comer tais maçãs, seria “mais respeitoso” dá-las aos porcos.

Ela sentia muito orgulho do cemitério e se ressentia do fato de que os Gardiner tinham parado de ser enterrados lá. Seria muito bacana,

pensava Pat, ser enterrada em casa, por assim dizer, onde você podia ouvir a voz da própria família todos os dias, bem como os deliciosos ruídos de casa... Ruídos deliciosos como os que Pat podia ouvir agora, pela janelinha redonda. O zunido do rebolo enquanto o pai afiava o machado sob a macieira... Um cachorro latindo a plenos pulmões em algum lugar na casa de tio Tom... O vento Oeste sussurrando nas folhas trêmulas dos álamos... As corujas piando no bosque branco (Judy dizia que estavam chamando a chuva)... O enorme peru branco de Judy caminhando majestosamente pelo quintal... Os gansos de tio Tom conversando com os de Silver Bush... Os porcos guinchando nos currais... Até mesmo isso era agradável, porque eram porcos de Silver Bush... O gatinho miando para que o deixassem entrar no silo... Alguém rindo... Winnie, é claro. Que bela risada Winnie tinha... E Joe assobiando pelos celeiros... Joe assobiava lindamente e, boa parte do tempo, nem sequer percebia que estava assobiando. Ele não começara, certa vez, a assobiar na igreja? Mas essa era uma história para Judy Plum contar. Judy, pelo que ela mesma dizia, nunca mais fora a mesma.

Os celeiros onde Joe vivia assobiando ficavam perto do pomar; apenas a viela Whispering Lane, que levava à propriedade de tio Tom, os separava. O celeiro pequeno ficava ao lado do grande, como uma criança... Era um celeiro esquisito, com empenas, uma torre e sacadas ogivais envidraçadas, como uma igreja. Que era exatamente o que a construção costumava ser. Quando a nova igreja presbiteriana foi construída, em South Glen, o avô Gardiner comprou a antiga e a transformou em um celeiro. Foi a única coisa que fizera que Judy Plum não aprovara. Ela não se admirou quando, cinco anos depois, ele teve um derrame, aos 75 anos, e nunca mais foi o mesmo, embora tivesse vivido até os 80. E, digam o que

quiserem, mas os porcos não tiveram mais a mesma saúde depois que o curral foi migrado para a velha igreja. Passaram a sofrer de reumatismo.

3

O sol havia se posto. Pat sempre gostava de observar sua glória refletida nas janelas da casa de tio Tom, logo além da Whispering Lane. Era seu momento preferido do dia na fazenda. As folhas dos álamos sussurravam sedosamente sob a escuridão; o quintal lá embaixo ficava, de repente, repleto de gatos fofos, rechonchudos, gordos e peludos, decididos a aproveitar a noite ao máximo. Silver Bush vivia cheia de gatinhos. Ninguém nunca tinha coragem de afogá-los. Pat era particularmente afeiçoada a eles. Era uma história que Judy adorava contar... Quando o ministro dissera a Pat, quando ela tinha 4 anos, que podia lhe fazer qualquer pergunta que quisesse, Pat questionara:

– Por que o Cavalheiro Tom não tem filhotes?

O pobre homem acabou se mudando para o presbitério mais próximo. Tinha tendência a rir e disse que não conseguia pregar com a pequena Pat Gardiner olhando para ele de seu banco, toda solene e reprovadora.

No quintal, viviam Domingo, que era preto; Segunda-Feira, cheia de pintas; a maltesa Terça-Feira; o caramelo Quarta-Feira; a malhada Sexta-Feira; e Sábado, que era da cor do crepúsculo. Apenas o listrado Quinta-Feira continuava a choramingar desoladamente à porta do silo. Quinta-Feira sempre fora um gatinho antissocial, que perambulava sozinho, como o gato de Rudyard Kipling, do livro de Joe. O velho peru, com o monco vermelho-coral, fora grugulejar na cerca do pomar. Morcegos voavam para lá e para

cá... Fadas pegavam carona nos morcegos, era o que Judy dizia. Luzes estavam sendo acesas a Leste e a Oeste... Na casa de Ned Baker, e de Kenneth Robinson, e de Duncan Gardiner, e de James Adam. Pat adorava observá-las e imaginar o que estaria acontecendo nos cômodos em que florescia. Mas tinha uma casa em particular na qual nunca havia luz nenhuma... Uma velha casa branca em meio aos pinheiros grossos no topo de um morro a Sudoeste, a duas fazendas de distância de Silver Bush. Era uma casa comprida e bastante baixa... “Casa Comprida e Solitária”, era como Pat a chamava. Ninguém a habitava havia anos. Pat sempre se sentia triste por ela, em especial ao “escurecer”, quando as luzes emergiam em todas as outras casas da região. Ela devia se sentir sozinha e negligenciada. De alguma forma, ressentia o fato de que aquela casa não tinha o que todas as outras tinham.

– Ela quer ser habitada, Judy – dizia Pat melancolicamente.

A estrela da tarde brilhava em um campo prateado no céu, logo acima do enorme pinheiro que se destacava bem no meio do bosque branco. A primeira estrela sempre a deixava eufórica. Não seria adorável se pudesse voar até o topo daquele pinheiro, entre a estrela da tarde e a escuridão?



A respeito de canteiros de salsinha

1

A rosa vermelha estava quase pronta, e Pat se lembrou subitamente de que Judy dissera algo sobre mexer no canteiro de salsinha.

– Judy Plum – disse ela –, o que você acha que vai encontrar no canteiro de salsinha?

– O qui vucê diria si eu contassi qui encontraria um bebezinho lá? – perguntou Judy, observando-a com atenção.

Pat pareceu, por um instante, ter ficado sem ar. Então...

– Você acha, Judy, que realmente precisamos de outro bebê aqui?

– Ora, ora, quantu a isso, cada um tem sua própria opinião. Mas num seria gostoso? Uma casa sem um bebê é um lugar bastante solitário, eu acho.

– Você iria... Você iria gostar do bebê mais que de mim, Judy Plum?

A vizinha de Pat estava trêmula.

– Jamais, meu tesouro. Vucê é a minininha da Judy e vai continuá senu, mesmo qui eu incontri uma dúzia di bebês nu canteiru di salsinha. É na tua mãe qui tô pensanu. O fato é qui ela qué muito tê

outro bebê, Patsy, e achu qui a genti divia paparicá-la um pouco, já qui ela num anda muito forte. Aí tá a verdadi dus fatus pra vucê.

– É claro que, se a mamãe quer outro bebê, não vou me importar – aquiesceu Pat. – É só que – acrescentou tristemente – somos uma família tão feliz do jeito que somos agora, Judy... Só a mamãe, o papai, tia Hazel, você, Winnie, Joe, Sid e eu. Gostaria que fôssemos assim para sempre.

– Num tô dizenu qui num seria melhor. Esses pensamentos podem sê um pouco desanimadores quandu a genti pensa qui a família como ela é tá terminanu. Mas é o qui é... Nada vai agradá tua mãe além di um bebê. Intão, a pobre Judy Plum precisa si ajuelhá sobre os ossos velhos e cansados e vê o qui cunsegue incontrá nu canteiru di salsinha.

– Os bebês são mesmo encontrados em canteiros de salsinha, Judy? Jen Foster diz que o médico os traz em um saco preto. E Ellen Price diz que é uma cegonha que traz. E Polly Gardiner diz que a velha vovó Garland, do outro lado da ponte, traz em seu cesto.

– Os jovens dizem cada coisa hoje im dia... – vociferou Judy. – Já vimos o doutor Bentley aqui diversas vezes. Vucê alguma vez viu o home cum algum sacu pretu?

– Não...

– E tem alguma cegonha na Ilha do Príncipe Edward?

Pat nunca ouvira falar de nenhuma.

– Quantu à vovó Garland, num tô dizendo qui ela num tem um ou dois bebês iscondidos nu cestu di vez im quandu. Mas, si ela tivé, podi ter certeza di qui encontrou nu próprio canteiru di salsinha. Mas e daí? Ela num iscolhe os bebês pela qualidadi. Vucê não ia querê um bebê qui a vovó Garland tivesse iscolhido, ia?

– Oh, não, não. Mas não posso ajudar você a procurar, Judy?

– Olha só pra ela... Vucê num faz ideia du qui tá falando, minha criança. Apenas alguém com um pouquinho di sangue di bruxa, qui nem eu, cunsegue ver as criaturinhas. E eu prciso ir sozinha, quandu a lua nascer, acompanhada do meu gatu. É uma ocasião solene, garanto pra vucê, isso di encontrá bebês, e qui num deve ser menosprezada.

Pat aquiesceu com um suspiro de decepção.

– Você vai escolher um bebê bonito, não vai, Judy? Um bebê de Silver Bush *precisa* ser bonito.

– Ora, ora, vou fazê o meu milhó. Vucê prcisa ter em mente qui nenhum bebê cresce e fica com a mesma cara di quandu nasceu. Eles saem tudo inrugado e amassado, como as folhas di salsinha. E vou ti contá outra coisa... Na maior parte das vezes, são os bebês bunitos qui se transformam im mininas feias. Quando *eu* era bebê...

– Você já foi bebê, Judy?

Pat achava difícil acreditar. Era um absurdo pensar que um dia Judy Plum fora bebê. E nem sequer houve um tempo em que *não* havia qualquer Judy Plum?

– Já, sim. E eu era tão linda qui os vizinhos mi emprestavam pra fingir qui eu era deles, quandu recebiam visita. E olha só pra mim agora! Lembra disso si achá qui o bebê qui incontrei num é bunito como vucê gostaria. É claro qui tive icterícia quandu era nova. Fiquei amarela qui nem uma moeda di bronze. Meu rosto nunca mais foi o mesmo.

– Mas, Judy, você não é feia.

– Talvez num seja tão ruim assim – respondeu Judy com cautela –, mas num teria iscolhido *este* rosto si tivesse escolha. Infirm, terminei a rosa e tá linda, e agora prciso sair pra ordenhar. É melhor vucê ir abrir a porta do silo praquela criatura, o Quinta-Feira, antes qui ele morra di tristeza. E num diga nem uma palavrinha pra qualqué

pessoa sobre nossa conversa sobre o canteiro de salsinha.

– Não direi. Mas Judy... Estou com uma sensação terrível na barriga...

Judy riu.

– Como é esperta essa criatura! Sei bem o que você tá insinuando. Bem, depois que eu termina com as vacas, pode vir até a cozinha que vou fritar um ovo pra você.

– Na manteiga, Judy?

– Na manteiga, claro. Muita manteiga... Suficiente pra molhar o pão do jeitinho que você gosta. E num tô prometendo nada, mas talvez ainda tenha um pãozinho de canela no forno, que sobrou da janta de ontem.

Judy, que nunca usava avental, girou a saia de droguete, exibindo a anágua listrada, e desceu as escadas, conversando consigo mesma, como era seu costume. Cavalheiro Tom a seguiu, como uma sombra. Pat se levantou e desceu para abrir o silo para Quinta-Feira. Ainda sentia uma sensação esquisita, embora não conseguisse decidir se era na barriga ou não. O mundo pareceu, de repente, grande demais. A ideia de um novo bebê era perturbadora. O canteiro de salsinha tinha repentinamente se tornado um lugar sinistro. Por um instante, Pat ficou tentada a ir até lá e arrancar tudo pela raiz. Aí Judy não conseguiria encontrar bebê nenhum ali. Mas a mãe... A mãe queria um bebê. Ela jamais queria decepcionar a mãe.

“Mas eu o odiarei”, pensou Pat com fervor. “Um *estranho* aparecer desse jeito!”

Se pudesse conversar com Sid, seria um alívio. Mas prometera a Judy que não diria uma palavra sobre o assunto. Era a primeira vez que guardava um segredo de Sid, e aquilo a fazia se sentir desconfortável. Tudo parecia ter mudado um pouco, de um jeito

estranho... E Pat odiava mudanças.

2

Meia hora depois, ela já se esquecera do assunto e estava no jardim desejando boa-noite às flores. Pat nunca deixava de cumprir esse ritual. Tinha certeza de que elas sentiriam falta se se esquecesse. Era tão lindo no jardim, sob a luz do fim do entardecer, com nuances prateadas da lua sobre o Morro da Névoa. As árvores ao redor, antigas árvores de bordo que a avó Gardiner plantara logo que chegara a Silver Bush, estavam conversando umas com as outras, como sempre faziam. Três pequenas bétulas que viviam juntas em um canto sussurravam segredos. As grandes peônias carmesim eram borrões de escuridão em meio às sombras. As campânulas que ladeavam a trilha tremiam com seu riso mágico. Alguns lírios tardios de junho salpicavam a grama no pé do jardim... As columbinas dançavam... Os lilases brancos perto do portão soltavam sopros passageiros de fragrância no ar fresco... O abrótno (Judy o chamava de “amor de rapaz”) que a tia-avó quacre trouxera consigo do Velho Mundo havia um século ainda era discretamente perfumado.

Pat corria de canteiro em canteiro e beijava tudo. Terça-Feira corria com ela e se contorcia em um prazer peludo nas trilhas à sua frente... Trilhas que Judy criara com grandes rochas da praia, estonteantemente caiadas.

Depois de Pat ter dado um beijo de boa-noite em todas as flores, ficava um tempinho olhando para a casa. Como era linda, aconchegada diante do morro verdejante, como se tivesse brotado dele... Uma casa toda branca e verde, assim como suas bétulas brancas, e agora lindamente pontilhada pelas sombras das árvores

criadas por uma lua que flutuava sobre o Morro da Névoa. Ela sempre adorara ficar ao ar livre em Silver Bush depois de anoitecer, olhando as janelas iluminadas. Havia uma luz acesa na cozinha, onde Sid fazia a lição de casa... Uma luz na sala, onde Winnie ensaiava sua música... Uma no quarto da mãe. Uma luz se acendeu por um instante no corredor, quando alguém subiu para o pavimento superior, iluminando a claraboia acima da porta de entrada.

– Oh, minha casa é *tão* linda – observou Pat em um suspiro, unindo as mãos. – É uma casa tão *simpática*. Ninguém... *Ninguém*... Tem uma casa tão linda. Eu apenas quero *abraçá-la*.

Pat comeu seus ovos na cozinha, com bastante manteiga, e ainda havia a cerimônia final de colocar um pires de leite para as criaturas fantásticas na plataforma do poço. Judy nunca deixava de colocar.

– Num tem como sabê qui tipo di infortúnio podia acontecê si a genti isquecesse. É claro qui a genti sabe como tratá bem as criaturas di Silver Bush.

As criaturas vinham à noite e tomavam todo o leite. Essa era uma das coisas nas quais Pat tendia a acreditar piamente. A própria Judy não vira tais criaturas dançando em um círculo, certa noite, quando era jovem, na velha Irlanda?

– Mas Joe diz que não existem criaturas fantásticas na Ilha do Príncipe Edward – lembrou Pat, triste.

– O Joe diz umas coisas qui, às vezes, mi fazem pensá qui o mininu num bate bem da cabeça – respondeu Judy, indignada. – As pessoas num passaram um século vindu du Velho Mundo pra Ilha du Príncipe Edward, meu tesouro? E vucê num acha qui uma ou duas criaturas, com um gostinho pur aventura, si isconderia nu meio dus pertences dessas pessoas pra vir com elas, sem qui qualquer um soubesse? E o pires num tá sempre vazio pela manhã, eu ti pergunto?

Sim, estava. Não havia como refutar *isso*.

– Tem certeza de que não são os gatos que tomam, Judy?

– Ora, ora, gatus, é? Quandu um gatu infia uma coisa na cabeça, poucas coisas detêm a criatura, podi tê certeza, mas nem mesmo o gatu mais ousadu a tê pisadu nesta terra ia ousar bebê o leiti deixadu pra uma criatura fantástica. É a única coisa qui um gatu jamais faria... Sê desrespeitoso com elas... E todas as criaturas mortais diviam seguir esse exemplo.

– Não podemos ficar acordadas uma noite, Judy, e observar? Eu adoraria ver uma criatura fantástica.

– Ora, ora, vê, é? Meu tesouro, só podemos vê as criaturas fantásticas si a gente tivé o olho vidente. Vucê num veria coisa nenhuma, apenas o leiti secando divagar. Agora, vai pra cama e num si isquece di fazê suas orações, sinão vucê podi acabá sendo dispertada e si depará com Alguma Coisa sentada na sua cama duranti a noiti.

– Nunca me esqueço de fazer minhas orações – respondeu Pat, com dignidade.

– Milhor assim. Eu cunhecia uma garotinha qui, certa noite, isqueceu, e um *banshee* pegou a minina. Ah, ela nunca mais foi a mesma.

– O que o *banshee* fez com ela, Judy?

– O qui ele fez cum ela? Jogou uma praga, foi o qui ele fez. Toda vez qui tentava rir, ela chorava, e, toda vez qui tentava chorar, ria. Ah, foi um castigo terrível. Agora, o qui é qui tá perturbanu vucê? Posso vê nu seu rostinho qui vucê tá preocupada.

– Judy, não consigo parar de pensar no bebê no canteiro de salsinha. Você não acha... Não tem bebê nenhum na casa do tio Tom. Você não pode dá-lo a eles? A mamãe poderia vê-lo sempre que quisesse. Já somos quatro na família agora.

– Ora, ora, vucê acha qui uma família di quatro pessoas é algo pra si gabar? Pois saiba qui a sua tataravó, a velha senhora Nehemiah, teve dizesseti filhos antes di padecê. E quatro deles murreram na mesma noite, di cólera.

– Oh, Judy, como ela suportou isso?

– Pur certu, mas ainda num sobraram treze pra ela, meu tesouro? Dizem, contudo, qui ela nunca mais foi a mesma. Mas num vou dizê mais uma vez qui tá na hora di ir pra cama... Ah, não, não vou *dizê*.

3

Pat subiu as escadas na ponta dos pés, passando pelo velho relógio que não funcionava... O objeto não funcionava havia quarenta anos. O “relógio morto”, ela e Sid o chamavam. Judy, no entanto, vivia insistindo que ele dizia a hora certa duas vezes ao dia. Então, Pat atravessou o corredor até seu quarto, dando uma olhada melancólica para a porta fechada do cômodo vago ao passar por ele... O quarto do Poeta, como era chamado, pois um poeta que certa vez se hospedara em Silver Bush dormira ali. Pat acreditava piamente que, se você pudesse abrir a porta de qualquer cômodo rápido o bastante, conseguiria pegar os móveis em situações estranhas. As cadeiras amontoadas conversando; a mesa erguendo suas saias de musselina branca para exhibir a anágua de cetim cor-de-rosa; a pá e a pinça da lareira dançando fandango. Mas nunca se conseguia. Algum som sempre os alertava, e eles retornavam a seus lugares, mais calados que nunca.

Pat fez suas orações... *Santo Anjo do Senhor*, o pai-nosso e então sua própria oração. Essa era a parte mais interessante, porque sempre era criação sua. Ela não conseguia entender as pessoas que não gostavam de orar. May Binnie, por exemplo. May lhe

dissera, no domingo anterior, na Escola Dominical, que nunca orava, a menos que estivesse com medo de alguma coisa. Imagine só!

Pat orou por todos da família, por Judy Plum, por tio Tom, por tia Edith, por tia Barbara... E por tio Horace, o marinheiro, que estava no mar... E por todos os marinheiros que estavam no mar... E por todos os gatos, pelo Cavalheiro Tom e pelo cachorro de Joe... “O Snicklefritz pretinho de rabo enrolado”, para que Deus não confundisse o cachorro de Joe com o de tio Tom, que era preto, grande e tinha o rabo reto... E por quaisquer criaturas fantásticas que pudessem estar por ali e pelos pobres fantasmas, sentados em seus túmulos... E por Silver Bush... Sua amada Silver Bush.

– Por favor, faça com que nunca mude, Deus amado – implorou Pat. – E não permita que mais árvores sejam derrubadas.

Pat se levantou e ficou parada, em pé, em um instante de leve rebeldia. Decerto orara por tudo e por todos por quem podia se esperar que orasse. É claro que, em noites de tempestade, ela sempre orava pelas pessoas que talvez estivessem nas ruas. Mas aquela era uma bela noite de primavera.

Finalmente, ela se ajoelhou de novo.

– Por favor, Deus amado, se houver algum bebê naquele canteiro de salsinha, mantenha-o aquecido esta noite. Papai disse que pode gear um pouco.



A criança de domingo

1

Foi apenas algumas noites depois que houve uma comoção na casa de Silver Bush... Rostos pálidos... Idas e vindas misteriosas. Tia Barbara apareceu trajando um novo avental branco, como se estivesse indo trabalhar, não fazer uma visita. Judy andava para lá e para cá resmungando consigo mesma. Papai, que passara o dia todo perambulando preguiçosamente pela casa, saíra do quarto da mamãe e fizera um telefonema com a porta da sala de jantar fechada. Meia hora depois, tia Frances chegou lá de Bay Shore e levou Winnie e Joe para um fim de semana não planejado.

Pat estava sentada no túmulo de Willy, o Chorão. Estava frustrada, pois sentia que estava sendo deixada de lado e se ressentia por isso. Não houve como recorrer à mãe, que passara a tarde toda no quarto. Então, Pat refugiou-se no cemitério, com os fantasmas da família, até Judy Plum aparecer... Uma Judy Plum portentosamente solene, parecendo mais sábia que qualquer mulher mortal poderia ser.

– Pat, meu tesouro, você num gostaria de passá a noite na casa do tio Tom, pra mudá de ares um pouquinho? O Sid também vai.

– Por quê? – Pat quis saber.

– Sua mãe tá com uma dor de cabeça terrível, e a casa precisa ficar

bem quietinha. O médico tá vinu...

– A mamãe está tão mal a ponto de precisar de um médico? – gritou Pat, de repente alarmada. A mãe de Mary May chamara o médico uma semana antes... E morrerá!

– Ora, ora, num fica agitada, meu bem. É simplesmenti bom tê um médico pur perto quandu si tem dor di cabeça. Imagino qui sua mãe vai tá bem e disposta pela manhã, si a casa permanecê silenciosa e organizada esta noite. Intão, vucê e o Sid vão passá a noiti em Swallowfield, como duas boas crianças. E, como a lua vai tá finalmenti cheia, achu qui tá mais du qui na hora di visitá o canteiru di salsinha. Num tem como saber o qui si podi incontrá lá amanhã.

– Aquele bebê, imagino – disse Pat, com certo desdém. – *Eu* acho, Judy Plum, que, se a mamãe está com uma dor de cabeça tão forte, não é um bom momento perturbá-la com um novo bebê.

– Ela tá isperando há tantu tempu qui vou procurá é pra provocá uma cura milagrosa – alegou Judy. – Di toda forma, é esta noiti ou nunca mais, com essa lua. Foi numa noiti exatamenti como esta qui eu incontrei *vucê* nu canteiru di salsinha.

Pat fitou a lua com olhos desaprovadores. Não parecia uma lua adequada... Tão esquisita, próxima, vermelha e brilhante. Por outro lado, a noite toda estava estranha.

– Vai logo... Sua camisolinha tá na sacola preta.

– Quero esperar pelo Sid.

– O Sid tá caçando uns perus pra mim. Ele vai assim qui incontrá um. Vucê certamente num tem medu di ir suzinha, num é? É pertinho daqui, e a lua tá alumando o caminhu.

– Você sabe muito bem, Judy Plum, que não tenho medo. Mas as coisas estão... Esquisitas... Esta noite.

Judy riu.

– A noiti tá mesmo repleta di magia, e num sou eu quem vai negá

isso. Provavelmenti, o bosque tá cheio di bruxas esta noite, mas elas num vão ti perturbá si vucê num disviá do seu caminho. Tó um punhado di passas aqui pra vucê, daquelas qui vucê ganha aos domingos, e num apoquenta tua cabecinha cum coisas qui vucê num podi intendê.

Pat foi para Swallowfield um tanto a contragosto, embora fosse como uma segunda casa para ela... A fazenda adjacente onde tio Tom, tia Edith e tia Barbara viviam. Judy Plum gostava de tia Barbara, tinha uma rixa de longa data com tia Edith e não aprovava velhos solteirões. Um homem deveria se casar. Se não se casasse, estaria privando uma pobre mulher de ter um marido. Pat, por outro lado, era muito afeiçoada ao alegre e grandalhão tio Tom, com seu jeito bonachão e rouco de falar e que era o último homem de North Glen a ainda usar barba... Uma bela barba longa, preta e ondulada. Ela gostava de tia Barbara, que era rechonchuda, rosada e animada, mas sempre tivera um pouco de medo de tia Edith, que era magra, pálida e carrancuda, além de ter algum conflito não resolvido com Judy Plum. “Nasceu descasada, aquela lá”, já tinham ouvido Judy resmungar desdenhosamente.

Pat foi até Swallowfield pela Whispering Lane, que era ladeada de bétulas, que também haviam sido plantadas por alguma esposa havia muito falecida. As esposas de Silver Bush pareciam ter o hábito de plantar árvores. O caminho era marcado por rochas grandes, que Judy Plum caíava até o portão; do portão em diante, era tia Edith quem o fazia, pois tio Tom e tia Barbara não se importavam com isso, e tia Edith não permitiria que Judy Plum se sobressaísse a ela. A viela era entrecortada pelo portão, e, além dele, não havia bétulas, mas estacas repletas de samambaias, violetas silvestres e cominhos. Pat adorava Whispering Lane. Quando tinha 4 anos, perguntara a Judy Plum se aquela não era a

“estrada da vida” de que o ministro falava na igreja e, de alguma forma, desde então, parecia a ela que algum lindo segredo se escondia por trás das bétulas e sussurrava em meio às pétalas dos botões de cominho.

Ela saltitou pela viela, sentindo-se novamente contente, comendo suas passas. Havia muitas sombras dançantes e convidativas... Sombras amigáveis prontas para a brincadeira. Em certo momento, um coelho cinza tímido saltou de uma samambaia para outra. Além da via, avistavam-se os pastos escuros e ventosos sob o entardecer. O aroma do ar era delicioso. As árvores queriam ser suas amigas. Toda a grama oscilava em sua direção sob as brisas suaves. O campo do celeiro de tio Tom estava tomado por cordeiros felpudos em suas atividades noturnas, e três lindos bezerrinhos da raça Jersey olhavam para ela, com olhos suaves e doces, por cima da cerca. Pat amava os bezerros Jersey, e tio Tom era o único homem de North Glen que ainda criava Jerseys.

Além dos animais, no quintal, as construções de tio Tom configuravam praticamente uma cidade. Havia tantas... A casa dos porcos, a casa das galinhas, a casa das ovelhas, a casa dos equipamentos, a casa dos gansos, a casa dos nabos... Até mesmo uma casa das maçãs, cujo nome Pat achava maravilhoso. As pessoas de North Glen diziam que Tom Gardiner construía algo novo todo ano. Pat achava que todas as construções se aglomeravam em torno do grande celeiro, como pintinhos ao redor da mãe. A casa de tio Tom era antiga, com duas janelas baixas e largas que pareciam olhos dos dois lados de uma sacada que atuava como nariz. Era uma casa decorosa e digna, mas nem todo aquele decoro conseguia resistir à porta de entrada vermelha, que parecia uma língua travessa sendo mostrada por aquele rosto imenso. Pat sempre achou que a casa estava rindo sozinha de

alguma piada que ninguém sabia, além dela mesma, e gostava desse mistério. Ela não gostaria que Silver Bush fosse assim; Silver Bush não deveria guardar segredos *dela*, mas não havia problema nenhum em Swallowfield.

2

Se não fosse pela dor de cabeça da mãe, pela vinda do médico e pelo canteiro de salsinha de Judy Plum, Pat teria achado romântico e delicioso passar a noite em Swallowfield. Nunca passara a noite ali antes... Era perto demais da própria casa. Mas isso fazia parte do charme... Estar tão perto de casa, mas não estar em casa... Olhar pela janela do ático e *ver* sua casa... Ver seu telhado acima das árvores e as janelas todas iluminadas. Pat sentia-se um tanto solitária. Sid estava longe, do outro lado da casa. Tio Tom tagarelara sobre médicos e sacos pretos até tia Edith fazê-lo se calar... Ou Pat. Talvez tenha sido Pat.

– Se está querendo dizer, tio Tom – dissera Pat em tom orgulhoso –, que o doutor Bentley está trazendo um bebê em um saco preto, está muito enganado. *Nós cultivamos nossos bebês*. Judy Plum está procurando pelo *nosso*, neste exato momento, no canteiro de salsinha.

– Bem... Estou... Arrasado – respondera tio Tom.

E ele parecia, *de fato*, arrasado. Tia Edith dera a Pat um biscoito de baunilha e chocolate e a apressara para ir para a cama em um quarto muito bonito, onde as cortinas e as mantas das cadeiras eram de chita creme com violetas roxas salpicadas por todo o tecido e onde a cama tinha uma colcha cor-de-rosa. Tudo maravilhoso. Mas era tão grande e solitário...

Tia Edith cobriu e aconchegou Pat antes de sair, mas não a beijou

como tia Barbara teria feito. E Judy Plum não estava ali para entrar de fininho e sussurrar, pensando que ela estava adormecida:

– Qui Deus ti abençoe e guarde esta noiti, meu tesouro.

Judy nunca deixava de fazer isso. Mas, esta noite, ela estaria remexendo o canteiro de salsinha, provavelmente sem nem sequer pensar em seu “tesouro”. Os lábios de Pat estremeceram. As lágrimas estavam muito próximas agora... E então ela pensou em Willy, o Chorão. Uma desgraça como aquela era suficiente na família. *Ela* não seria Pat, a Chorona.

No entanto, não conseguiu dormir. Ficou acordada observando as chaminés de Silver Bush pela janela e desejando que o quarto de Sid fosse perto do seu. De repente, uma luz reluziu pela janela do sótão de Silver Bush... Reluziu por um segundo e desapareceu. Era como se a casa tivesse piscado para ela... Chamando-a. Em um instante, Pat saíra da cama e estava na janela. Encolheu-se na enorme poltrona cheia de franzidos e babados. Não havia sentido em tentar dormir, então ela simplesmente ficaria ali, encolhida, observando sua amada Silver Bush. Era como uma linda pintura... A casa branca como leite diante do morro escuro, emoldurada quase à perfeição por uma brecha nos galhos das árvores. Além disso (quem poderia saber?), talvez Ellen Price tivesse razão, afinal de contas, e as cegonhas realmente trouxessem os bebês. Essa ideia era melhor que todas as outras. Talvez, se ela ficasse observando, conseguisse enxergar um pássaro acinzentado vindo de uma terra distante, além da fronteira do golfo azul, e pousando no telhado de Silver Bush.

Os galhos do velho pinheiro no jardim tocavam a casa. Cachorros pareciam estar latindo por toda North Glen. De vez em quando, um besouro enorme batia contra a janela. A água no Campo da Lagoa brilhava misteriosamente. Bem acima do morro, o luar que cintilava

em uma das janelas da Casa Comprida e Solitária lhe conferiu a impressão estranha e momentânea de estar com as luzes acesas. Pat sentiu-se eufórica. Um topo de árvore atrás da casa parecia uma bruxa agachada no telhado, tendo acabado de descer da vassoura. A pele de Pat formigou deliciosamente. Talvez bruxas de fato existissem. Talvez voassem em vassouras sobre o porto durante a noite. Que maneira incrível de se locomover! Talvez trouxessem os bebês. Mas não, não. Em Silver Bush, ninguém queria nada que as bruxas pudessem trazer. O canteiro de salsinha era melhor. Era uma noite linda para encontrar um bebê. Será que aquilo sobrevoando as árvores era um grande pássaro branco? Não, apenas uma nuvem prateada. Mais um besouro... O vento soprou forte em torno da casa das maçãs de tio Tom... *Toc, toc*, tamborilaram os galhos do pinheiro. Pat dormia um sono profundo na poltrona e foi lá que Sidney a encontrou, quando adentrou seu quarto furtivamente ao amanhecer, antes que qualquer outra pessoa em Swallowfield tivesse se levantado.

– Ah, Sid! – Pat jogou os braços em torno do irmão e o abraçou com força, de sua poltrona. – Não é engraçado? Passei a noite toda aqui. A cama era tão grande e solitária... Ah, Sid, você acha que Judy já encontrou?

– Encontrou o quê?

– Oras... O bebê. – Certamente não havia problema em contar a ele àquela altura. Era um alívio e tanto não esconder mais um segredo dele. – Judy foi procurá-lo no canteiro de salsinha ontem à noite... Para a mamãe, você sabe.

Sid parecia muito sábio... Ou tão sábio quanto se pode parecer quando se tem olhos castanhos, grandes, redondos e divertidos sob cachos castanho-claros bagunçados. *Ele* era um ano mais velho que Pat... *Ele* frequentava a escola... *Ele* sabia o que aquela lorota

sobre o canteiro de salsinha significava. Mas era melhor que uma garotinha como Pat acreditasse naquilo.

– Vamos para casa conferir – sugeriu ele.

Pat vestiu-se com pressa, e eles desceram as escadas sem fazer barulho, saindo pela porta sob a luz pálida do amanhecer. A terra molhada pelo orvalho estava levemente perfumada. Pat não se lembrava de algum dia ter se levantado antes do sol nascer. Como era lindo caminhar de mãos dadas com Sid por Whispering Lane antes de o dia realmente começar!

– Espero que esse novo bebê seja uma menina – comentou Sid. – Dois garotos na família são o suficiente, mas ninguém se importa com a quantidade de meninas. E espero que seja bonita.

Pela primeira vez na vida, Pat sentiu uma pontada terrível de ciúme. Mas ela também era leal.

– É claro que será. Mas você não gostará dela mais que de mim, não é? Oh, Sid, *por favor!*

– Tolinha! É claro que não gostarei dela mais que de você. Não acho sequer que vou gostar – respondeu Sid em tom desdenhoso.

– Ah, você *precisa* gostar um pouquinho, por causa da mamãe. E ah, Sid, por favor, prometa que nunca gostará de *qualquer* outra garota mais que de mim.

– É claro que não.

Sid era muito afeiçoado a Pat e não ligava para quem soubesse. Quando chegaram ao portão, ele a envolveu nos braços gordinhos e a beijou.

– Você nunca vai se *casar* com outra garota, não é, Sid?

– Jamais. Serei um solteirão, como tio Tom. Ele diz que gosta da vida tranquila, e eu também gosto.

– E viveremos para sempre em Silver Bush e cuidarei da casa para você – prometeu Pat avidamente.

– É claro. A menos que eu vá para o Oeste; muitos garotos vão.

– Ah! – Um vento frio soprou para longe a felicidade de Pat. – Ah, você nunca deve ir para o Oeste, Sid... Você *não pode* sair de Silver Bush. Não encontrará lugar melhor.

– Bem, não podemos continuar *todos* aqui, você sabe, quando crescermos – ponderou Sid racionalmente.

– Ah, por que não? – indagou Pat, prestes a chorar de novo. Aquela manhã linda fora arruinada para ela.

– Ah, bem, ainda ficaremos anos aqui – respondeu Sid, acalento-a. – Venha. Lá está Judy, dando leite para Sexta-Feira e Segunda-Feira.

– Ah, Judy! – arfou Pat. – Você encontrou?

– É claro que encontrei! A bebê mais linda que já vi na vida e mais encantadora que qualquer outra coisa no mundo todo. Achei que vou pôr o meu vestido mais bonito, depois que terminar o trabalho, que é pra comemorar.

– Ah, fico muito feliz que seja bonito, já que pertence à nossa família – disse Pat. – Podemos vê-lo agora?

– Num podem, não, meu tesouro. A criaturinha tá no quarto da tua mãe e ela tá dormindo e num deve ser perturbada. Ela passou a noite toda em claro. Demorei um bocado pra encontrar esse bebê. Minha visão já num é mais a mesma, fico triste em dizer. Achei que esse foi o último bebê que eu consegui encontrar no canteiro de salsinha.

3

Judy serviu o café da manhã de Pat e Sid na cozinha. Ninguém mais estava acordado. Como era divertido tomar café ali com Judy e vê-la colocar o leite no mingau com sua “vaquinha de nata”...

Aquela velha jarrinha marrom em formato de vaca, com o rabo virado para cima, em atitude nada típica para uma vaca, formando a alça e a boca servindo de bico. Judy trouxera a vaquinha de nata da Irlanda e a estimava mais que tudo. Prometera deixá-la para Pat quando morresse. Pat detestava ouvir Judy falar de morte, mas, como também prometera viver cem anos, *Deo volente*, então não havia nada com que se preocupar por um tempo.

A cozinha era um lugar alegre e estava plenamente organizada e limpa, como se Silver Bush não tivesse acabado de passar uma noite de suspense e nascimento. As paredes estavam branquíssimas; o fogão reluzia; os jarros azuis e brancos de Judy no balcão desgastado brilhavam sob os raios do sol nascente. Os gerânios de Judy vicejavam nas janelas. O espaço entre o fogão e a mesa era coberto por um grande tapete vermelho-escuro, com três gatos pretos bordados. Os gatos tinham olhos de lã amarela ainda bastante viçosos e felinos, embora tivessem sido pisoteados por muitos anos. Dois gatinhos gordos dormiam em um pedacinho de chão banhado pelo sol. E, como se não bastasse de gatos, havia ainda três gatinhos maravilhosos em um quadro na parede... Um quadro de Judy, igualmente trazido da Irlanda. Três gatinhos brancos com olhos azuis, brincando com um rolo de fio de seda emaranhado. Gatos e filhotes podiam ir e vir em Silver Bush, mas os gatinhos de Judy eram para sempre jovens e brincalhões. Esse era um alento para Pat, que, quando era *muito* novinha, temia que os gatinhos crescessem e mudassem. Sempre partia seu coração quando um filhote adorável se transformava, da noite para o dia, em um gato meio crescido desengonçado.

Havia outros quadros... A rainha Vitória no dia da coroação e o rei Guilherme III montado em seu cavalo branco à beira do Boyne; uma cruz de mármore fincada em uma rocha escura em um oceano

feroz, extravagantemente decorada com flores, com uma Bíblia enorme aberta sobre uma almofada roxa a seus pés; o Enterro do Passarinho de Estimação; frases emblemáticas bordadas em lã, *Lar doce lar... Para o alto e avante...* Esses últimos haviam sido considerados, em várias primaveras consecutivas, indignos de permanecer nos outros cômodos da casa, mas Judy não permitiu que fossem queimados. Pat não gostaria deles em qualquer outro lugar, mas gostava nas paredes da cozinha de Judy. O cômodo não seria o mesmo sem eles.

Era ótimo, pensou Pat enquanto comia sua torrada, que tudo estivesse exatamente igual. Tinha um medo terrível e secreto de que encontraria tudo mudado, diferente e desolador.

Seu pai entrou na cozinha assim que terminaram de comer, e Pat correu para os braços dele. Ele parecia cansado, mas a pegou no colo com um sorriso.

– Judy já contou que você tem uma nova irmãzinha?

– Sim. Estou feliz. Acho que será uma melhora – respondeu Pat em tom sereno e leal.

O pai riu.

– Isso mesmo. Algumas pessoas receavam que você não fosse gostar... Que talvez fosse torcer o nariz.

– Meu nariz está bem retinho – respondeu Pat. – Pode pegar nele.

– É claro que tá tudo certo com o nariz dela. Num fica colocanu minhoca na cabeça da minina, Alec Gardiner – reprimiu Judy, que disciplinava Alec Compridão desde que era pequeno e continuava a fazê-lo, agora que era crescido e tinha a própria família. – E você num precisava temê qui a minina ficasse com ciúme... Ela num tem uma gota de ciúme no corpo, essa fofura. Ciúme, ora essa!

Os olhos verde-acinzentados de Judy brilhavam ferozmente. Ninguém deveria pensar que a nova bebê era mais importante que

Pat ou que significaria mais que ela.

4

Já era meio da tarde quando eles tiveram permissão para subir. Judy os conduziu, muito imponente em seu vestido de seda azul, de uma época em que se dizia que bastava usar seda. Ela o tinha havia quinze anos, tendo-o ganhado em homenagem à jovem esposa que Alec estava levando para Silver Bush, e o colocava apenas em ocasiões especiais. Vestira-o no nascimento de todos os bebês e a última vez que o colocara fora seis anos antes, no funeral da avó Gardiner. A moda mudara um bocado, mas de que Judy se importava? Um vestido de seda era um vestido de seda. Ela estava tão deslumbrante nele que as crianças ficaram um tanto estupefatas. Eles a preferiam muito mais no velho vestido de droquete, mas Judy sentia-se radiante.

Uma enfermeira de touca e avental brancos reinava no quarto da mãe das crianças. A mãe estava deitada sobre os travesseiros, pálida e cansada depois daquela dor de cabeça terrível, com mechas do cabelo escuro em torno do rosto e os olhos castanho-claros doces e sonhadores brilhando de felicidade. Tia Barbara balançava um velho berço preto, trazido do sótão... Um berço de cem anos de idade que o tataravô Nehemiah construía com as próprias mãos. Todos os bebês de Silver Bush tinham sido embalados nele. A enfermeira não aprovava nem berços nem embalar bebês, mas fora vencida pela força combinada de tia Barbara e Judy.

– Num tê um berço pra criança é o qui vucê tá dizenu? – esbravejara uma Judy escandalizada. – Vucê num pretende colocá essa linda criaturinha num cesto, pretende? Ora, ora, ondi já si ouviu

falá disso? Nunca qui um bebê di Silver Bush vai ser infiadu num desses teus cestos, como si fossi um filhote di gatu, posso ti garantir. Aqui tá o berço qui eu puli cum minhas próprias mãos, e é nele qui a minina vai.

Pat, depois de dar um beijo extasiado na mãe, foi até o berço na ponta dos pés, tremendo de euforia. Judy pegou a bebê e a segurou para que as crianças pudessem vê-la.

– Oh, Judy, ela não é linda? – sussurrou Pat, embevecida. – Posso segurá-la só por um segundinho?

– Podi, sim, quirida.

E Judy colocou a bebê nos braços de Pat antes que a enfermeira ou tia Barbara pudessem impedir. Ora, ora, esse foi um verdadeiro golpe para a enfermeira!

Pat ficou segurando aquela criaturinha cheirosa com o maior cuidado do mundo. Que perninhas mais pequeninas e fofas! Que pezinhos mais minúsculos e enrugados! Que unhazinhas cor-de-rosa, como conchinhas perfeitas!

– De que cor são os olhinhos, Judy?

– Azuis – respondeu Judy. – Grandis e azuis como violetas respingadas di orvalho, qui nem os da Winnie. E tenho certeza di qui ela vai tê umas covinhas na buchecha. Pur certu, uma mulher com uma bebê dessas num precisa de mais nada pra se ixibir por aí.

– *O bebê do sábado, dia do descanso... Será forte, alegre, bondoso e manso...* – recitou tia Barbara.

– É claro que será – reiterou Pat. – Ela seria de toda forma, não importa o dia do nascimento. Ela não é a *nossa* bebê?

– Ora, ora, esse é o espírito – exclamou Judy.

– A bebê realmente precisa voltar para o berço agora – disse a enfermeira, tentando restaurar sua autoridade.

Pat a largou com relutância. Havia apenas alguns minutos, estava

pensando no bebê como um intruso, que só deveria ser tolerado por causa da mãe. Mas agora ele fazia parte da família e parecia que sempre estivera em Silver Bush. Não importava como chegara, de cegonha ou no canteiro de salsinha, estava *ali* e era *deles*.



“Que há num simples nome?”

1

A nova bebê de Silver Bush não ganhou um nome até três semanas após o nascimento, quando a mãe Gardiner conseguiu descer até o térreo e a enfermeira foi embora, para imensa satisfação de Judy. Ela gostava da senhorita Martin tanto quanto a senhorita Martin gostava dela.

– Ora, ora, pernas e batom! – dizia Judy desdenhosamente, quando a senhorita Martin tirava o traje de enfermeira e saía para tomar um ar. O que era injusto com a senhorita Martin, que não exibia as pernas mais que as outras mulheres de sua idade e usava um batom bem discreto.

– Ora, ora, como eu gostaria di colocá essa mulher nu devido lugar. Querê chamá esse tesourinho di Greta! Ora, ora, *Greta*! E pensá qui o avô dela murreu e ressuscitou!

– Ele ressuscitou mesmo, Judy Plum?

– Ah, sim. O velho Jimmy Martin teve mortinho da silva pur dois dias. Os médicos qui falaram. Intão, ele ressuscitou... Só pra perturbá a família, é o qui eu digo. Mas, como era di isperá, ele nunca mais foi o mesmo. Os parentes morriam di vergonha dele. A senhorita Martin num divia andá com o nariz tão impinado assim.

– Mas por que, Judy? – indagou Sid. – Por que tinham vergonha dele?

– Ora, ora, quando si tá morto, é uma questão di decência *permanecê* morto – respondeu Judy. – Era di pensar qui ela si lembraria disso ao tentá cantá di galo pra cima di quem toma conta di bebês desde antes dela mesma tê nascido ou sido cogitada, aquela cara de ameixa! Mas agora ela si foi di vez, ainda bem, e ninguém mais tem qui aguentá a criatura perambulanu pela casa, toda impertigada daquele jeito. Tem o rei na barriga, aquela lá... *Esse*, certamente, é o prublema dela.

– Ela não tem culpa pelo avô, Judy – ponderou Pat.

– Ora, ora, num tô dizendo qui tem, meu tesouro. Ninguém di nós tem culpa pelos antepassados qui tem. Minha própria vó era uma espécie di bruxa. Mas é fato qui tudo mundo tem algum prublema na família, e isso divia mantê nós tudo bem humilde.

Pat estava feliz por a senhorita Martin ter ido embora, não porque não gostasse dela, mas porque sabia que agora poderia segurar a bebê com mais frequência. Idolatrava a nova irmã. Como Silver Bush sobrevivera todo esse tempo sem ela? Silver Bush sem a bebê era impensável para Pat agora. Quando tio Tom lhe perguntou, em tom sério, se eles já tinham decidido se ficariam com a bebê ou se a afogariam, ela ficou horrorizada e alarmada.

– É claru qui ele só tava brincando cuntingo, meu tesouro – garantiu Judy, soltando sua risada alegre e estrondosa. – Velhos solteirões acham graça desse tipo di coisa.

Eles tinham desistido de dar um nome à bebê até a senhorita Martin ir embora, porque ninguém realmente queria chamá-la de Greta, mas também não queria magoar a moça. Na mesma tarde em que ela se foi, eles trataram do assunto... Ou, ao menos, tentaram.

Mas não era nada fácil escolher um nome. A mãe queria chamá-la Doris, como sua própria mãe, e o pai queria chamá-la Rachel, em homenagem à sua mãe. Winnie, que era uma romântica, queria Elaine, e Joe achava que Dulcie seria uma boa escolha. Pat a chamava em segredo de Miranda havia uma semana, e Sidney pensava que uma bebê com olhos tão azuis deveria se chamar Violet. Tia Hazel achava que Kathleen era o nome certo, e Judy, que também precisava expressar sua opinião, pensava que Emmerillus era um nome de muita classe. Os moradores de Silver Bush achavam que Judy estava, na verdade, querendo dizer Amaryllis, mas, com seu forte sotaque irlandês, nunca tiveram certeza.

No fim das contas, o pai sugeriu que cada um deles plantasse uma semente no jardim para ver qual nasceria primeiro. Essa pessoa teria o privilégio de escolher o nome da bebê.

– Se houver empate, os vencedores devem plantar mais uma muda – propôs ele.

Essa era uma oportunidade e tanto, e as crianças ficaram animadas. As sementes foram plantadas, etiquetadas e eram observadas todos os dias, mas foi Pat quem pensou em se levantar cedo pela manhã para cuidar do canteiro. Judy dizia que coisas brotavam à noite. Não havia nada sob a escuridão... Contudo, pela manhã, lá estaria. E lá estava Pat, na oitava manhã, com o nascer do sol, antes de todos, à exceção de Judy. Seria preciso se levantar antes de ir para a cama, para se levantar antes de Judy.

E a semente de Pat brotara! Por apenas um instante, ela ficou exultante. Então, ficou séria, e seus olhos âmbar de cílios longos se encheram de uma dúvida perturbada. É claro que Miranda era um nome adorável para uma bebê. Mas o pai preferia Rachel. A mãe escolhera seu nome e o de Sidney; tio Tom escolhera o nome de Joe; Hazel, o de Winnie; certamente, era a vez do pai. Ele não falara

muito... Nunca fora de falar muito... Mas Pat sabia, de alguma forma, que ele queria muito que a bebê se chamasse Rachel. No fundo do coraçãozinho, Pat esperava que a semente do pai brotasse primeiro.

Ela olhou ao redor. Nenhuma criatura viva à vista, exceto por Cavaleiro Tom, sentado sereno em uma rocha. No instante seguinte, ela arrancou sua muda e a arremessou no canteiro de bardana, atrás do galinheiro. O pai tinha uma chance.

A sorte não parecia estar do lado do pobre pai. Na manhã seguinte, as sementes de Win e da mãe Gardiner haviam brotado. Pat as arrancou implacavelmente também. Win não contava, e a mãe já havia escolhido o nome de duas crianças. Era o suficiente. A de Joe teve o mesmo destino na manhã seguinte. Depois, brotaram as de Sid e de Judy. Pat, àquela altura, estava perita na arte da pilantragem. De toda forma, nenhuma criança *já* deveria se chamar Emmerillus.

Na manhã seguinte, nenhuma semente brotara, e Pat começou a ficar preocupada. Todos estavam se perguntando por que nenhuma das sementes vingara. Judy insinuou que haviam sido plantadas na fase errada da lua. E talvez a semente do pai não brotasse. Pat rezou desesperadamente aquela noite para que brotasse na manhã seguinte.

Brotou.

Pat olhou ao redor sentindo-se triunfante, sem se importar com sua duplicidade. Vencera pelo pai. Ah, como tudo era lindo! Nuvens tênues de um dourado claro pairavam sobre o Morro da Névoa. O vento adormecera entre as bétulas brancas. Os pinheiros altos entre elas tremiam de dar risada. Os campos se estendiam ao redor dela como grandes e calorosos braços. As papoulas sussurravam em torno do silo. O mundo era uma imensidão verdejante e sorridente,

com um azul vasto e fascinante se estendendo na direção do mar. O céu estava claro e límpido sobre ela, e tudo no jardim parecia ter florescido durante a noite. A grande touceira de corações-sangrentos de Judy, sobre a porta da cozinha, estava repleta de joias vermelhas. Toda a região estava pontilhada por casas brancas sob o nascer do sol. Um gatinho furtivo rastejava pelo pomar. Quinta-Feira lambia as costeletas no peitoril da janela de seu adorado silo. Um esquilo vermelho conversava com ele de um galho de uma árvore de bordo acima do poço. Judy saiu para pegar um balde d'água.

– Ah, Judy, a semente do papai brotou – exclamou Pat. Ela não diria que foi a *primeira* a brotar, porque *aquilo* não era verdade.

– Ora, ora! – Judy aceitou aquele “sinal” de bom humor. – Bem, tá mesmo na vez do teu pai, e Rachel é um nome bem melhor qui Greta, afinal di contas! Greta! Qui insolência!

2

Rachel seria, e Rachel se tornou perante a lei, em um domingo, seis semanas depois, quando a bebê foi batizada na igreja com o mandrião deslumbrante da família, de ilhós bordado, que a avó Gardiner fizera para seu primeiro bebê. Todas as crianças de Silver Bush tinham sido batizadas nele. Mandriões longos tinham saído de moda, mas Judy Plum não julgaria o batizado legítimo se o traje não tivesse pelo menos um metro e meio de comprimento. Eles chegaram a conversar sobre chamar a pequena de Doris, para acalantar a mãe, mas o dia de triunfo era do pai.

Pat não lamentava o que fizera, mas a consciência começara a perturbá-la um pouco. Aquela noite, quando Judy Plum foi até seu quarto para lhe dar a bênção de boa-noite, Pat, que estava

totalmente desperta, sentou-se na cama e jogou os braços em torno do pescoço de Judy.

– Ah, Judy... Fiz uma coisa... Acho que foi ruim... Queria que papai escolhesse o nome do bebê... E arranquei todas as sementes assim que elas brotavam pela manhã. Foi muito feio, Judy?

– Ora, ora, chocanti – respondeu Judy, com um brilho contraditório nos olhos. – Si o Joe soubesse, ia dar uma bronca im vucê. Mas num vou contá. Pra sê sincera, também quiria qui teu pai tivesse essa chance. Ele passa uns bons bucados cum as mulheres desta casa, e isso é fato.

– A semente dele foi a última a brotar – comentou Pat. – E a de tia Hazel nunca brotou.

– Ora, ora, num brotou, é? – disse Judy, rindo. – Brotô na manhã anterior à du teu pai, e eu mesma arranquei.



Casamento a que custo?

1

No fim de agosto daquele verão, Pat começou a frequentar a escola. O primeiro dia foi terrível... Quase tão terrível quanto o ano anterior, quando ela vira Sidney ir para a escola sem ela. Eles nunca tinham sido separados antes. Pat ficara parada desoladamente no portão do jardim, vendo-o sumir de vista pela rua, até não conseguir mais avistá-lo por causa das lágrimas.

– Ele vai voltá di noiti, meu tesouro. Pensa em como vai sê divertidu ver o mininu voltanu pra casa – reconfortara Judy.

– Ainda falta muito para a noite – respondera Pat, soluçando.

Parecia-lhe que o dia jamais terminaria, mas as quatro e meia chegaram, e Pat correu até a rua para recebê-lo. Era de fato tão esplêndido tê-lo de volta que quase compensava pela imagem dele partindo.

Pat não queria ir para a escola. Ficar longe de Silver Bush por oito horas, cinco vezes toda semana, era uma tragédia. Judy lhe preparou um almoço delicioso, encheu a mochila com suas maçãzinhas vermelhas preferidas e lhe deu um beijo encorajador de despedida.

– Agora, minha quirida, lembra qui vucê pricisa si dedicá. Ora, ora,

e a dedicação é algo incrível... Eu qui o diga, já qui num tenho dedicação nenhuma.

– Ora, Judy, você sabe mais que qualquer outra pessoa no mundo – retrucou Pat em tom chocado.

– Ora, ora, eu decerto sei, mas dedicação num é só sabê as coisas

– explicou Judy sabiamente. – Num si preocupa nem um pouquinho. Vucê vai si sair bem. Já sabe o beabá, o qui é um bom cumeço. Agora vai, minha minina, e lembra di tratá tua professora cum educação. É a reputação di Silver Bush qui precisamos preservá, vucê sabe.

Foi esse pensamento que impeliu Pat o suficiente para fazê-la aguentar o dia. Que deteve as lágrimas quando ela se virou, ao final da rua, apertando a mão de Sid, para acenar de volta para Judy, que acenava de maneira encorajadora do portão do jardim. Que a fez suportar o julgamento de dezenas de olhos estranhos e a entrevista com a professora. Que lhe conferiu força durante o longo dia em que ficou sentada sozinha à mesa fazendo ganchos de pendurar painéis... Ou olhando pela janela, para o bosque do colégio, onde preferia estar. Era uma ajuda sempre presente durante os intervalos e o almoço, quando Winnie foi comer com as garotas mais velhas, Sid e Joe se juntaram aos outros garotos, e ela ficou sozinha com os demais estudantes do primeiro e segundo anos.

Quando as aulas acabaram, Pat avaliou o dia e concluiu, cheia de orgulho, que não desgragara Silver Bush.

E como foi gloriosa a volta para casa! Judy e sua mãe a recepcionaram como se ela tivesse ficado um ano longe... A bebê sorriu e arrulhou para ela... Quinta-Feira correu para encontrá-la... Todas as flores do jardim se curvaram em um cumprimento.

– *Sei* que tudo e todos estão felizes em me ver de volta – exclamou ela.

De fato, aquilo era suficiente para motivar alguém a ir embora só para ter o deleite de retornar. E como era divertido contar para Judy tudo o que acontecera na escola!

– Gostei de todas as meninas, menos de May Binnie. Ela disse que não tinha musgo nenhum nas fissuras da trilha, no jardim da casa *dela*. Eu disse que *gosto* do musgo nas fissuras de uma trilha, no jardim. E ela disse que nossa casa é ultrapassada e precisa de uma pintura. E disse que o papel de parede do nosso quarto de hóspedes está manchado.

– Ora, ora, e tá mesmo – comentou Judy. – Provavelmenti é pur causa daquela chaminé qui o Alec Cumpridão nunca cunseguiu cunsertá, pur mais qui tenha tentado. Mas, si vucê cumeçá a dá ouvidos pro qui uma Binnie diz, ela vai fazê teu ouvido di pinico. O qui foi qui vucê disse à nossa cara senhorita May Binnie, quirida?

– Disse que Silver Bush não precisa ser pintada com a mesma frequência que as casas das outras pessoas porque não é feia.

Judy riu.

– Ora, ora, esse foi um golpe e tantu pra cara May. A casa dus Binnie é uma das mais feias qui eu já vi, apesá da pintura im dia. E o qui foi qui ela respondeu a *isso*?

– Ah, Judy, ela disse que as cortinas do Salão Grande estão desbotadas e desgrenhadas. E isso me *arrasou*. Porque é *verdade*... E todos em North Glen têm belas cortinas de renda nas salas.

2

No entanto, tudo isso aconteceu havia três semanas, e ir para a

escola tornara-se habitual, e Pat começara até a gostar. Então, uma tarde, Judy comentou casualmente, como quem não quer nada:

– Suponho qui vucê saiba qui tua tia Hazel vai si casá nu final di setembro, num é?

No início, Pat se recusou a acreditar... Apenas se recusou. Tia Hazel *não podia* se casar e ir embora de Silver Bush. Quando não teve mais jeito de não acreditar, chorou todas as noites por uma semana. Nem mesmo Judy conseguia consolá-la... Nem mesmo a lembrança de Willy, o Chorão a deixava envergonhada.

– É claru qui já tá na hora da tia Hazel casá, si a genti num quer qui ela seja uma velha solteirona.

– Tia Barbara e tia Edith são velhas solteironas e são felizes – ponderou Pat em meio aos soluços.

– Ora, ora, duas solteironas são o suficiente pra uma família. E tua tia Hazel tem razão em casá. Pur certu, o mundo é muito cruel com as mulheres. Num tô dizenu qui num vou sentir falta dela. Ela sempre teve um jeitinho especial di fazê as pessoas felizes. Mas já tá na hora dela toma a própria decisão. Ela nunca foi assanhada... Ora, ora, nem mesmo a pior inimiga podia dizê isso dela. Mas apreciava um flerte, quandu era jovem, e teve vez ou outra im qui fiquei cum medo dela acabá com algum traste. “Judy”, ela dizia pra mim, “só quero testá mais alguns antis di sussegá.” É, di certa forma, uma sorti qui ela tenha si ducidido pelo Robert Madison. Ele é um rapaz realmenti decenti. Vucê vai gostá du teu novo tio, quirida.

– Não vou, não – retrucou Pat obstinadamente, decidida a odiá-lo para sempre. – Você gosta dele, Judy?

– Certamenti qui sim. Ele é bem mais inteligenti du qui pareci, garanto pra vucê. E é dono di uma loja, o que é um pouco mais fácil pra esposa que uma fazenda.

– Você acha que ele é bonito o suficiente para tia Hazel, Judy?

– Ora, ora, já vi piores. Talvez ele seja um pouquinho rechonchudo, e num dá pra negá qui ele tem orelhas di abano, qui nem o restu da família. Eles puxaram pros Callender. Num havia ninguém no mundo cum orelhas como as du velho Henry Callender. Si vucê num vissi o resto du corpo dele, só a cabeça, num ia sabê dizê si era um homem ou um morcego. Ora, ora, mas foi uma sorti eles terem minimizadu um pouco a situação cum a mistura cum os Madison! Robert tem um belo rosto, e posso garantir qui tá todo mundo bem satisfeito cum a escolha da tua tia Hazel. Já tivemos nossa fase di preocupação, podi ter certeza. Um tempo atrás, foi o Gordon Rhodes... Mas nunca acreditei qui ela ia aceitá um patife como ele. Insabuado dimais pra ser agarradu cum firmeza... E o Will Owen... É verdadi qui o Alec Cumpridão gostava dele, mas o home era quieto feito um tronco. Si o Bom Home Lá di Cima o tinha feito mudo, a gente jamais ia saber. Da minha parte, gosto di genti mais irreverenti. Certa vez, chegamos a pensar qui ela ia fica com o Sidddy Taylor. Mas, quandu ela disse pra ele, uma noite, qui num suportava o gosto dele pur gravatas, o rapaz ficou fulo da vida, foi imbora e nunca mais voltou. Num dá pra culpá o pobrezinho. Se vucê um dia quisé si casar, Pat, num vai sair pur aí criticanu as gravatas dele até já tê arrastadu o home pro altar. E a tua mãe até qui gostava du Cal Gibson. Pur certu, é verdade qui ele era uma moça... Mas era um dus Gibson di Summerside, e eu tinha medo qui fosse sempre menosprezá a família da tia Hazel. Além du fatu di qui ele tinha uma cara tão isquisita quantu um gatu istrábicu... Esse Robert Madison, pur outro lado... Foram várias idas e vindas, mas ele tava sempre presente quandu um dus outros rapazes errava a mão. Quandu os Madison querem algo, eles têm o hábito di cunseguir no longo prazo. Vê só o Jim, tio du Rob... Já ti contei a história di como ele conservô o irmão no rum e trouxe o home pra ser interradu im casa?

– *Conservou, Judy?*

– Isso mesmo. Ned Madison morreu a bordo do navio do Jim lá nos anos 1850, quando eles estavam no meio do Oceano Índico. Tudo mundo disse que ele precisava ser enterrado imediatamente. Mas o Jim Madison dizia de pé junto que o Ned tinha que ser trazido pra casa e enterrado no lote da família, na Ilha. Então, ele mandou o carpinteiro do navio fazer um caixão de chumbo, enfiou o jovem Ned lá dentro e encheu de rum. E assim o Ned voltou pra casa fresquinho. Num tá dizendo que o Jim tenha sido o mesmo depois disso, é preciso ressaltar. Assim são os Madison. Ora, ora, é realmente milhó dessa forma, e nós temos que organizar um belo casamento pra honrar a família.

Pat achou bem difícil aceitar essa ideia. Sempre fora tão afeiçoada a tia Hazel... Bem mais que a tia Edith ou tia Barbara. Tia Hazel era tão alegre e bonita... Seu rosto era escuro como uma noz, os olhos e os cabelos eram castanhos, os lábios e as bochechas, vermelhos. Tia Hazel combinava com o nome que tinha. Algumas pessoas não combinavam. Lily Wheatley era preta como um corvo, e Ruby Rhodes era pálida e branquela.

O restante das crianças de Silver Bush recebeu a notícia com mais serenidade. Sidney pensou que seria bastante excitante ter um casamento na família. Winnie pensou que deveria ser muito divertido ser casada.

– Não vejo como poderia ser divertido – desdenhou Pat.

– Ora, todo mundo precisa se casar – respondeu Winnie. – Você mesma se casará um dia.

Pat correu até a mãe, angustiada.

– Mamãe, me diga... Não preciso me casar nunca... Preciso?

– Não, a menos que queira – garantiu a mãe.

– Ah, então tudo bem – disse Pat, aliviada. – Porque nunca vou

querer.

– Tudo as minina diz isso – comentou Judy, piscando para a senhora Gardiner por cima da cabeça de Pat. – Num dá pra negá qui eu mesma já pensei assim. E olha qui eu ricibi um baita dum pididu, dia desses. O velho Tom Drinkwine apareceu aqui e mi perguntô si eu quiria ser a quarta esposa dele. É, ele fez isso. É claru qui eu derrubei a chaleira nova quandu ele mi veio cum essa. Já fazia um bom tempo qui eu isperava pur um pididu, e minha chance finalmente chegou.

– Ah, Judy, você não vai se casar com ele, vai?

– Ora, ora, e pur que num deveria?

– E nos deixar?

– Ora, ora, aí é qui tá o xis da questão – observou Judy, que mandara o velho Tom “ir pastar”. – Um quarto di home como aquele num ia sê suficiente pra mi tentá.

Mas um homem *inteiro* talvez conseguisse, e Pat ficou inquieta. Ah, a mudança era terrível! Era uma pena que as pessoas precisassem se casar!

3

– O casamentu deve acuntecê no finalzinhu di setembro, *Deo volente* – explicara Judy, certo dia.

Pat se encolheu. Sabia que aconteceria, mas ouvir o anúncio naquele tom indiferente era angustiante.

– O que significa *Deo volente*, Judy?

– Ora, ora, significa “si Deus quisé”.

– E se Ele não quiser, Judy?

– Intão jamais vai acuntecê, meu tesouro.

Pat se perguntou se adiantaria algo se ela rezasse para que Deus

não quisesse.

– O que aconteceria se a gente rezasse por... Por algo *perverso*, Judy?

– Ora, ora, talvez você consiga – respondeu Judy de forma tão sinistra que Pat ficou apavorada e decidiu que era melhor não arriscar.

Por um instante, ela se resignou. E percebeu que era uma pessoa bastante importante na escola porque a tia iria se casar. Além disso, havia uma atmosfera agradável de animação em Silver Bush, que se intensificava à medida que os dias passavam. Só se falava nos preparativos para o casamento. O velho gato do celeiro teve o que Judy chamou de um “bando” de filhotes, e ninguém se animou além de Pat. Era, por outro lado, bom ter uma espécie de segredo. Só ela e o gato do celeiro sabiam onde os filhotes estavam. Ela não contaria a ninguém até que estivessem crescidos demais para serem afogados. De alguma forma, a maioria dos gatinhos nascidos na primavera sumira sob circunstâncias misteriosas, que Pat nunca conseguira compreender. Apenas Terça-Feira e Quinta-Feira ainda estavam por lá, e Terça-Feira estava prometido para tia Hazel. Então os novos filhotes eram muito bem-vindos, mas encontrar nomes para todos eles era uma tarefa que precisaria esperar até o casamento passar, pois Pat não conseguiria engajar qualquer pessoa naquele momento.

O papel de parede do quarto do Poeta foi trocado, para sua imensa alegria... Embora ela tenha lamentado ver o papel antigo sendo arrancado... E, quando a mãe trouxe para casa cortinas de renda novas para o Salão Grande, Pat começou a pensar que o casamento tinha seus pontos positivos. Por outro lado, rebelou-se quando o papel de parede de seu quarto também foi trocado. Adorava o papel antigo, com os papagaios vermelhos e verdes que

estavam lá desde que ela se entendia por gente. Sempre nutrira uma esperança secreta de que, um dia, talvez ganhassem vida.

– Não entendo por que meu quarto precisa de papel de parede novo, mesmo que tia Hazel vá se casar – protestou ela.

– Ouve a voz da razão, quirida – ponderou Judy. – É claro que, no dia do casamento, a casa vai tá cheia de gente respeitável. Tudo os teus parentes importantes vão vir da cidade e da Nova Escócia, e os Madisons vão vir de Nova Brunswick... Genti milionária, é o que dizem. E alguns deles vão ter que ficar no teu quarto. Você não ia querer que eles vissem um papel de parede velho e desbotado, não?

Não, não, não... Pat não iria querer isso.

– E eu disse para tua mãe que você devia ter o direito de escolher o papel novo... Por certo, eles têm uma estampa de jacinto lá na loja que você ia adorar. Então, vê se tu alegre e me ajuda a limpar a prataria. Cada pedacinho desta casa precisa ser polido para o grande evento. Por certo, até porque não temos um casamento no Silver Bush há vinte anos! Tem sido uma tranquilidade só, sem ninguém se casar ou pedir alguém no casamento. A última vez foi quando tua tia Christine se casou com o marido. Por certo, eu realmente espero que tua tia Hazel não sofra o infortúnio que se passou com a pobre Chrissy com o véu da noiva.

– Por quê? O que aconteceu com ele, Judy?

– Ora, ora, o que aconteceu com ele? Tinha uma renda de rosas que tua tataravó havia trazido lá do Velho Mundo. Ora, ora, era uma obra de arte! E eles colocaram o véu no cima da cama no quarto do Poeta. Mas, quando foram lá pegar, meu tesouro... Bem, havia um cachorrinho aqui no Silver Bush, e o malandrinho entrou no quarto sem que ninguém visse e mastigou e babou no véu e na renda até reduzir tudo a trapo. A pobre Chrissy chorou tanto... Tadinha.

– Ah, Judy, o que foi que fizeram?

– Fizeram? Num tinha mais nada pra fazê. A pobre Chrissy teve di casá sem o véu e chorou duranti toda a cerimônia. Foi um escândalo e tantu, pois fique sabenu. Eu é qui vô ficar cum a chave du quartu du Poeta desta vez e si pegá o Snicklefritz rondanu a casa eu mesma dou um corridão naquele cachorro, mesmo qui o Joe fique zangado. E agora, quandu terminarmos essa prataria aqui, vamos lá pra parte velha da propriedade e vucê vai mi ajudá a culhê umas ameixas. Pur certu, vou prepará um montão di ameixa assada pra tua tia Hazel. Ela num vive dizenu qui ninguém faz ameixa assada como a velha Judy Plum? Priciso fazê jus ao meu nome.

– Ah, vamos logo com a prataria, Judy.

Pat adorava colher ameixas com Judy... De todos os tipos que cresciam em Silver Bush: rainhas-cláudias, amarelas, nectarinas.

– Ora, ora, eu nunca tô cum pressa, meu tesouro. Temos todo o tempo do mundo e, dipois, temos a eternidadi. Tem um bucado di trabalhu pra fazê, pra genti podê dá pra tua tia Hazel um casamentu dignu, mas tudo pricisa sê feito di forma decenti e ordenada.

4

Pat não conseguiu evitar se sentir agradavelmente animada quando descobriu que seria a dama de honra de tia Hazel. Por outro lado, sentiu tanta pena de Winnie por ser velha demais para ser dama e jovem demais para ser madrinha que seu próprio deleite quase foi prejudicado. Tia Hazel teria duas madrinhas, e elas usariam vestidos verdes, para imenso pavor de Judy, que declarava que o verde trazia azar para os casamentos.

– Ora, ora, certa vez, num casamentu lá no Velho Mundo, as madrinhas tavam tudo di verdi. E as criaturas fantásticas ficaram zangadas e jogaram uma praga na casa. Foi, sim.

- Como fizeram isso, Judy?
- Tô dizenu. Nunca mais si ouviu uma risada naquela casa... Ora, ora, essa é uma maldição terrível. Pensa só numa casa sem riso.
- E nunca mais teve riso lá, Judy?
- Nunca mais. Muito choro, mas nenhum riso. Ora, ora, era mesmo um lugar pesaroso!

Pat sentiu-se um pouco inquieta. E se nunca mais houvesse riso em Silver Bush? As risadinhas suaves do pai e as gargalhadas estrondosas de tio Tom... Os risinhos delicados de Winnie... O sorriso largo de Judy? Por outro lado, seu vestido era tão bonito... Um crepe verde-primavera delicado, com pala bordada e um ramallete de lindos botões cor-de-rosa no ombro. E um chapéu franzido verde com rosas na aba. Pat se divertiria com o traje, independentemente de qualquer maldição. Ela não percebia, como Judy, que o verde deixava seu rostinho pálido e encardido mais pálido e mais encardido. Pat ainda não tinha a centelha da vaidade. O vestido em si era tudo para ela.

O casamento seria à tarde, e o “cemitério nupcial”, como Winnie (que aos 10 anos vivia cometendo malapropismos) chamava, seria realizado na antiga igreja de pedras cinza em South Glen, que todos os Gardiner frequentavam desde que o mundo era mundo. Judy achou a decisão uma inovação.

– É verdadi qui, nus velhus tempus im Silver Bush, as pessoas costumavam si casá à noiti e passá a noiti toda dançanu. Pur outro lado, ninguém fazia essas belas viagens di lua di mel. Ora, ora, os pombinhos iam logo pra casa começá sua vida. Os tempos realmenti mudaram, e num foi pra milhó, acho eu. Apenas os episcopais si casavam na igreja. Pur certu, essa nunca foi uma tradição presbiteriana, não, senhor.

- Você é presbiteriana, Judy?

Pat ficou de súbito curiosa. Nunca pensara sobre a religião de Judy. Judy frequentava a igreja em South Glen com eles aos domingos, mas jamais se sentava no banco dos Gardiner... Sempre ficava na galeria, de onde podia ver tudo, segundo tio Tom.

– Ora, ora, sou tão presbiteriana quantu um irlandês podi sê – respondeu Judy com cautela. – Pur certu, nunca puderia ser realmenti presbiteriana, num sendo iscocesa. Mas, di todo modo, tô torcenu pra qui tudo dê certo e qui tua tia Hazel tenha mais sorte qui aquela prima distante du teu avô, quandu si casô.

– O que aconteceu com a prima distante do vovô, Judy?

– Ora, ora, nunca ti contaram? Parece qui ninguém mais vai ti contá as histórias da família si a velha Judy num contá. Ela murreu, pobrezinha, di pneumonia, um dia antes du casamento e foi interrada no vistido di noiva. Foi uma tristeza só, pois ela tinha demoradu muito pra si casá... Tava cum 30 anos, pelo menos... Num foi nada fácil si frustrá no último instante, como aconteceu. Oras, num chora, meu tesouro, pelo qui acunteceu há cinquenta anos. Ela provavelmente já taria morta di toda forma a essa altura, e talvez tenha sido poupada di um bucado de prublema, já qui o noivo era um home bronco qui só tava si casanu cum ela pelo dinheiro, pelo qui diziam. Aqui, vem mi ajudá a mexê esse bolo e vê si num fica tiranu ameixa dele pra cumê.

5

Na semana anterior ao casamento, a agitação era tremenda. Pat teve permissão para não ir à escola, em parte porque todos queriam que ela ajudasse nos afazeres e, em parte, porque ela, decerto, teria morrido se não pudesse auxiliar. Judy passou um bom tempo na cozinha, cozinhando e elaborando pratos, parecendo-se bastante

com uma velha bruxa preparando alguma poção nefasta. Tia Barbara veio ajudar, mas tia Edith fazia sua parte da comida em casa, porque não havia cozinha no mundo que fosse grande o bastante para acomodá-la com Judy Plum. Tia Hazel preparava a nata, e a mãe de Pat, as cintilantes geleias vermelhas. Isso era tudo que tinha permissão para fazer. Pensava-se que era trabalho suficiente cuidar de Naninha, como a bebê era chamada por todos, a despeito de toda a algazarra em relação ao nome. A mãe, pelo que Judy Plum dissera, não era mais a mesma desde que tivera aquela dor de cabeça terrível na noite em que Naninha fora encontrada no canteiro de salsinha, e eles precisavam cuidar dela.

Pat batia ovos e mexia inúmeras massas de bolo, alternando-se com Sid para comer as deliciosas sobras das tigelas. A casa estava repleta de aromas deliciosos, de manhã à noite. E, por todos os lados, era: “Pat, venha cá”, e “Pat, corra lá”, até ela ficar bastante assoberbada.

– Calma, calma – apaziguou Judy. – Usa a cabeça pra poupá as pernas, meu bem. Essa é uma grandi lição pra vucê aprendê. Tudo vai si incaixá nu momentu qui Deus julgá convenienti. Tão mesmo cobranu dimais di vucê, mas a Judy aqui vai garanti qui vucê num fique sobrecarregada. Pur certu, num sei como tua tia Hazel cunsequiria si casá sem a tua ajuda.

Eles não teriam manteiga no casamento se não fosse por ela, isso era fato. Judy guardou uma semana inteira de leite da vaca belga-azul e, no dia anterior ao casamento, começou a batê-lo na antiga batedeira a manivela, que se recusava a trocar por algo mais moderno. Judy bateu e bateu até Pat, ao descer até o porão frio e repleto de teias de aranha no meio da manhã, encontrá-la em frangalhos.

– A nata tá infeitiçada – explicou Judy, desesperada. – Meus

braços tão prestes a cair do corpo, e ainda num tem sinal nenhum de manteiga.

Estava fora de cogitação pedir à mãe que batesse a manteiga, e tia Hazel estava ocupada com uma centena de coisas. O pai foi mandado ao celeiro e concordou em tentar. Mas, após bater com vigor por meia hora, desistiu daquele trabalho fadado ao fracasso.

– É melhor dar a nata aos porcos, Judy – disse ele. – Teremos de comprar a manteiga na mercearia.

Aquela era uma desgraça completa para Judy. Comprar manteiga feita sabe lá Deus por quem na mercearia! Ela foi preparar o jantar, sentindo que os vestidos verdes eram responsáveis pela tragédia.

Pat desceu do barril de maçãs no qual estava agachada e começou a mexer. Era muito divertido. Sempre quisera bater a manteiga, mas Judy nunca permitira, porque, se a nata fosse batida em uma velocidade acima ou abaixo da ideal, a manteiga ficaria muito dura ou muito mole. Todavia, àquela altura, não importava, e ela podia bater tanto quanto quisesse. *Splash... Splash... Splash! Flop... Flop... Flop! Tum... Tum... Tum! Squish... Squish... Squish!* Girar a manivela ficava cada vez mais difícil, e Pat acabara de decidir que já era mais que suficiente, quando, subitamente, o creme ficou mais leve, e Judy desceu para chamá-la para jantar.

– Bati até ficar toda suada, Judy.

Judy ficou horrorizada.

– Suada, é? Nunca usa essa palavra, mocinha. Si lembra qui os Binnie podem *suá*, mas os Gardiner *perspiram*. E, agora, suponho qui eu tenha qui levá essa nata pros porcos. É uma pena, é, sim... Disperdiçá o leite da belga-azul... E tê qui comprá manteiga pra um casamento im Silver Bush! Mas o qui era di si esperá cum vestidos verdes, eu pergunto? Tudo mundo divia sabê...

Judy descobriu a batedeira e seus olhos quase caíram do rosto.

– E num é qui a pequena cunseguiu fazê manteiga? Tá aí, boiando no leitelho, manteiga di primeira qualidade. E cum esses bracinhos di 7 anos, senu qui nem eu nem o Alec Cumpridão demos conta du recadu. Ora, ora, espera até eu conta pra toda a família!

Provavelmente, Pat nunca mais teve um momento de tamanho triunfo em toda a vida.



Lá vem a noiva

1

Por fim, chegou o dia do casamento.

Pat estava ansiosa, fazendo contagem regressiva havia uma semana. Apenas mais quatro dias de tia Hazel em Silver Bush... Apenas três... Apenas dois... Apenas um... Pat teve a sorte de ter que dormir com Judy Plum na noite anterior, pois seu quarto estava sendo ocupado pelas visitas que tinham vindo de longe. Então, acordou com Judy antes de o sol nascer e correu para ver como o dia estava.

– Tempu secu! – exclamou Judy em tom de satisfação. – Eu tava cum um pouco di medu, ontem à noite, di qui chuvesse, porque tinha um anel im torno da lua, e é sinal di azar pra noiva, quandu a chuva cai, sem contar toda a lama e o barro. Agora, vou lá pra fora pedir pro sol nascer e, dipois, fazer a ordenha antis qui teu pai desça. O pobre home tá um caco, cum todo esse tumulto.

– O sol não vai nascer se você não pedir, Judy?

– No dia dum casamentu, eu qui num vou arriscá, meu tesouro.

Enquanto Judy ordenhava, Pat perambulou por Silver Bush. Quão estranha era a casa tão cedo pela manhã, antes de todos se levantarem! Era como se estivesse vigiando alguma coisa. É claro

que todos os cômodos estavam diferentes, por conta do casamento. O Salão Grande fora todo decorado com folhas do outono e crisântemos. As cortinas novas eram tão lindas que Pat ressentia o fato de os Binnie não terem sido convidados. Imagine a expressão de May quando as visse! Metade do Salão Pequeno estava ocupada por presentes. A mesa fora posta na sala de jantar na noite anterior. Como estava linda, com o vidro reluzente, os castiçais de prata, as velas altas e esguias, como feixes de luar, e as lindas cores das geleias.

Pat correu para fora. O sol, obediente ao comando de Judy, estava nascendo. O ar estava perfumado com o mel do outono. Todas as bétulas e papoulas no bosque branco exibiam folhas douradas. O jardim se cansara de florescer e jazia a descansar, mas as maravilhosas malvas-rosas pavoneavam-se sobre a velha represa de pedras. Uma neblina matinal suave pairava sobre o Morro da Névoa e tremelicava diante do sol. Que mundo lindo onde viver!

Então, Pat se virou e viu um gato magricelo, larápio, sem uma orelha... Um estranho em Silver Bush... Tomando o leite no pires deixado para as criaturas fantásticas. Essa era a verdade! Ela sempre suspeitara, mas ter *consciência* era doloroso. Será que não havia mais magia de verdade no mundo?

– Judy... – Pat estava quase em prantos quando Judy chegou ao poço com os baldes de leite. – As criaturas fantásticas *não* tomam o leite. É um gato... Como Sidney sempre disse.

– Ora, ora, si as criaturas num tavam cum sede esta noiti, pur que o pobre gatinhu num podi tomá, eu ti pergunto? Ele num precisa sobreviver? Eu nunca disse qui elas vêm toda noiti. Elas decerto têm outras ofertas.

– Judy, você realmente já *viu* uma criatura dessas tomando o leite? Jura por Deus?

– Ora, ora, e si num vi? Pur certu, minha vó viu. Lembro di ouvi-la contar. Um *leprechaun*, cum suas pequenas orelhinhas mexenu enquanto ele bebia. E ela quebrou a perna nu dia siguinti, foi o qui acunteceu. Vucê divia é ficá agradicida pur nunca ter visto um Homenzinho Verdi. Eles num gostam di ser vistos, eu ti garantu.

2

O dia foi uma mistura curiosa de dor e prazer para Pat. Silver Bush zunia de agitação, em especial quando Snicklefritz foi picado na pálpebra por uma vespa e precisou ser trancado no celeiro-igreja. E então todos foram se arrumar. Ah, casamentos eram *mesmo* excitantes... Sid tinha razão. Sua mãe estava com um vestido novo maravilhoso, da cor de um crisântemo laranja, e Pat sentia tanto orgulho dela que chegava a doer.

– Como é bom ter uma mãe bonita – exclamou ela, extasiada.

Pat estava orgulhosa de toda a família. Do pai, que passara uns bocados para conseguir encontrar uma gravata e que, na agitação, colocara o pé esquerdo da bota no pé direito e amarrara antes de perceber o erro, mas agora transbordava a dignidade Gardiner. Da querida Naninha, com suas meinhas de seda enroladas nos tornozelos, exibindo as perninhas fofas. De Winnie, que, no vestido amarelo, parecia um enorme amor-perfeito. E Sid e Joe, com os ternos novos e colarinhos brancos. Até mesmo de Judy Plum, que florescera de forma verdadeiramente majestosa. O vestido de festa saíra do baú marrom, bem como um xale de renda manchado de ferrugem e um *bonnet* acolchoado de cetim azul, uma relíquia do século anterior. Judy morreria se fosse vista em público sem um *bonnet*. Nada de chapéus modernos para ela. Ela também usava um par de sapatos de couro envernizado brilhante de salto alto.

Trajada desse modo imponente, Judy marchava para lá e para cá, supervisionando tudo e cumprimentando os amigos que chegavam com o que chamava de sua “voz de visitas” e pronunciando as palavras com a maior perfeição do mundo.

Tia Hazel e as madrinhas ainda estavam invisíveis no quarto do Poeta. A mãe de Pat a vestiu com o vestido e o chapéu verdes. Pat adorou... Mesmo assim, correu até o guarda-roupa em seu quarto e disse para o velho vestido de voal azul que ele ainda era seu preferido. Então, chegaram as tias; tia Barbara estava muito casamenteira no vestido e chapéu de renda bege que tia Edith achava jovial demais para ela. Ninguém podia dizer que o vestido de tia Edith era jovial, mas era muito bonito, e Pat quase explodiu de orgulho de toda a família.

Tio Brian, de Summerside, ia levar a noiva e as madrinhas para a igreja no automóvel novo, e quando elas desceram as escadas delicadamente foi um momento maravilhoso. Os olhos de Pat lacrimejaram de leve. Será que aquela criatura misteriosa, de cetim branco e com véu nebuloso, carregando um buquê lindo de rosas e lírios do vale, era sua querida e alegre tia Hazel? Pat sentia com se ela já estivesse perdida para eles. Mas tia Hazel permaneceu para trás para sussurrar:

– Coloquei no buquê os amores-perfeitos que você colheu, querida... São o meu “algo azul” que toda noiva deve usar. Muito, muito obrigada.

E então tudo ficou bem de novo por um tempo.

O pai de Pat levou sua mãe, Winnie, Judy e Joe na Lizzie, o Ford T de Silver Bush, mas Pat e Sid foram na “carroça” de tio Tom. Ele não tinha nenhuma “Lizzie” nem qualquer outra fêmea. Conduzia um fáeton espaçoso, com dois bancos, puxado por dois cavalos castanhos lustrosos com estrelas brancas na testa, e Pat gostava

dele muito mais que de qualquer outro veículo. Mas por que tio Tom estava demorando tanto a chegar?

– Vamos nos atrasar. Um milhão de carros e carroças já passaram por nós – comentou Pat, preocupada.

– Ora, ora, num ixagera, minina.

– Bem, cinco já passaram, de toda forma – reiterou Pat, com indignação.

– Lá vem ele – apontou Judy. – Tenha modos – acrescentou ela em um sussurro severo. – Nada di macaquices quandu as coisas ficarem mais solenes, num si isquece.

Pat, Sid e tia Barbara se acomodaram no banco de trás. Pat sentia-se muito importante e empertigou-se quando May Binnie a encarou com olhos invejosos de um automóvel que buzinou para eles. Em geral, ela e Sid iam a pé até a igreja por um atalho curto que atravessava os campos e passava por um riacho rodeado por flores conhecidas como “despedidas-

-de-verão”. A estrada, no entanto, também era bonita, com o restolho dourado e ensolarado dos campos, os corvos pretos lustrosos sentados nas cercas, os galhos carregados de maçãs sobre a grama dos pomares, os pastos pontilhados por ásteres, e o mar ao longe, todo azul e contente, com grandes esquadras de nuvens a navegar acima dele.

Depois veio a igreja lotada, em meio aos bordos e às bétulas... A organização da procissão... As pessoas em pé... Tia Hazel atravessando a nave no braço de seu pai... Jean Madison e Sally Gardiner atrás dela... Pat fechando galantemente a comitiva com seu cesto de rosas nas mãozinhas bronzeadas... O silêncio repentino... Em um primeiro momento, Pat estava perplexa demais para analisar as próprias sensações. Viu um feixe de luz avermelhada tocar o véu branco de tia Hazel... Viu as orelhas de

abano de Rob Madison... Viu os cabelos pretos como a noite de Sally Gardiner debaixo do chapéu verde... Viu as samambaias e as flores... E, de repente, ouviu tia Hazel dizendo “aceito” e olhando para o noivo.

Algo terrível aconteceu com Pat. Ela se voltou freneticamente para Judy Plum, que estava sentada logo atrás dela, no final do banco da frente.

– Judy, me empreste seu lenço. Vou chorar – sussurrou ela, em pânico.

Judy ficou toda arrepiada. Percebeu que uma situação desesperada exigia medidas desesperadas. Seu lenço era branco e enorme, que acabaria por engolir Pat por inteiro. Além disso, os Binnie estavam no fundo da igreja. Ela se inclinou para a frente.

– Si você deixá cair uma única lágrima siqué qui vá disgraçá Silver Bush, nunca mais na vida vou fritá ovo na manteiga pra você.

Pat aguentou firme. Talvez tenha sido a lembrança de Silver Bush, ou o ovo frito, ou uma combinação dos dois. Engoliu em desespero o caroço na garganta. Piscar os olhos rápido impediu que as lágrimas caíssem. A cerimônia terminara... Ninguém reparou naquela cena... E todos pensaram que Pat se comportou bem. As pessoas de Silver Bush ficaram muito aliviadas. Todas receavam, em maior ou menor grau, que Pat desandaria no último instante, assim como Cora Gardiner fizera no casamento da irmã, eclodindo em uivos histéricos bem no meio da oração e tendo de ser levada para fora pela mãe, visivelmente humilhada.

– Você si portô muito bem, querida – sussurrou Judy com orgulho.

Pat se conteve o suficiente para aguentar a recepção e o jantar, mas percebeu que não conseguia comer nem mesmo um pedacinho de frango ou a deliciosa “salada refrescante” que a mãe preparara. Estava de novo prestes a chorar quando alguém disse a tia Hazel:

– Como é ser Hazel Madison? Você já percebeu que agora é Hazel Madison?

Hazel Gardiner nunca mais! Ah, aquilo era demais!



Consequências

1

E, depois, a despedida! Pela primeira vez na vida, Pat descobriu como era se despedir de alguém que não iria voltar. Ela podia, entretanto, chorar, pois todos estavam chorando, inclusive Judy, que quase nunca chorava.

– Quandu sintu vontadi di chorá – ela costumava dizer –, simplesmenti mi sentu e dou umas boas risadas.

Ela não permitiu que Pat ficasse parada ali por muito tempo, vendo tia Hazel se afastar e perdida nas lágrimas infantis.

– Vê uma pessoa amiga si afastá até sumir di vista dá azar – alegou ela.

Pat virou-se e caminhou desoladamente pelos quartos vazios. Com tudo tão triste e desorganizado por todo lado, Silver Bush não parecia sua casa. Até mesmo as novas cortinas de renda pareciam compor aquele ambiente estranho. A mesa, tão bonita, estava terrível... Desarrumada... Cheia de restos... Bagunçada... Com a cadeira de tia Hazel afastada de maneira desleixada, não tendo sido tocada desde o momento em que ela se levantara. Os olhos castanhos de Pat se inundaram outra vez.

– Vem cumigo, quirida, e mi ajuda aqui – chamou Judy, a sábia

Judy. – Pur certu, tua mãe já foi deitá, dipois di toda essa algazarra, num é di si admirá. E a Winnie tá si contorcenu toda di dor di barriga, como era di esperar, consideranu o quantu ela si empanturrô. Intão num tem mais ninguém além di nós duas pra cuidá das coisas. Vamos deixá a sala di jantar como tá até de manhã, mas vamos arrumá as salas e os quartos. Pur certu, esta pobre casa tá parecenu cansada.

Judy se livrara do vestido de seda, dos saltos altos e da voz de visitas e usava novamente o velho vestido de droguete e os brogues, assim como o sotaque carregado. Pat ficou contente. Judy parecia muito mais caseira e companheira daquele jeito.

– Podemos colocar os móveis de volta no lugar? – perguntou ela, ávida.

De alguma forma, seria um alento ver o aparador e a velha cadeira de balanço, guardados por estarem sucateados demais, e os vasos de capim-dos-pampas, julgados ultrapassados, de volta nos devidos lugares.

– Ora, ora, faremos isso. E tudo vai ficá tão melancólico qui vai sê como si tua tia Hazel tivesse sido interrada, e não si casadu.

– Não estou com muita vontade de sorrir, Judy.

– E cum razão. Pur certu, eu mesma passei o dia todo rinu tantu qui parece qui fui transformada num gatu risonhu. Mas foi um casamentu isplêndidu, isso foi, como Jen Binnie jamais vai vê, mesmo com o namoradu da cidadi. E a cirimônia foi tão solene qui teria mi feito disistir di qualqué ideia di casamento, su eu tivesse alguma.

– Eu teria chorado e estragado tudo se não fosse por você, Judy, querida – comentou Pat em tom de gratidão.

– Ora, ora, eu num culpo vucê. Conheci, certa vez, uma madrinha bunita e já adulta qui disandô a chorar bem nu meu da cirimônia. As

coisas qui as pessoas disseram... Qui ela tava choranu porque num era ela quem tava casanu, senu qui a minina tava apenas muito emocionada. Nesse sintidu, foi milhó qui a madrinha qui começô a rir nu meu du casamentu da Rosella Gardiner. Ninguém sabia du qui ela tava rinu... Ela si recusava a dizer... Mas o noivo pensou qui era dele, e nunca mais voltô a falar cum ela. Isso deu início a uma cunfusão na família qui durou quarenta anos. Ora, ora, coisas piquenas qui têm um desfecho grandí!

Pat não pensava que ter uma madrinha rindo no meio da cerimônia fosse uma coisa pequena. Estava bastante contente por nada dessa natureza ter acontecido e ridicularizado o casamento de tia Hazel.

– Agora vem, vamos varrê tudo esses confetes primeiro. Era melhó na época im qui a gente jogava arroz, eu achu. As galinhas ganhavam uma bela refeição, afinal. Ora, ora, esta mesa tá parecenu uma relíquia da velha decência, num é mesmo? Tô venu qui um dos jarros bons di prata tá cum um amassado. Nu fim das contas, contudo, num chega nem perto da mesa dipois do casamentu da velha tia-avó Margaret, lá na fazenda di Bay Shore. Ora, ora, aquilo foi um pandemônio!

– O que aconteceu, Judy?

– O qui aconteceu? Qui bom qui vucê perguntou. Eles colocaram uma toalha cum franja na mesa pra dá um pouco mais di istilo e quando o primo du noivo... O velho Jim Milroy, como é chamadu hoje... Na época, ele era conhecidu como “Jim da barba”... Ora, ora, ele tinha uma barba magnífica. Pur certu, foi uma pena tirá só porque caiu di moda... Bem, onde eu tava? Ele foi si levantá da mesa cum pressa, como sempre, e num é qui um dos botões dele ficou preso na franja e acabou puxanu a toalha, com a louça e tudo? Jamais havia si visto uma bagunça tão grande. Eu tinha ido lá pra

Bay Shore pra dá uma mão pra eles, e eu e tua tia Frances limpamos toda a sujeirada. Ela num parava di chorá e si lamentá, e quem podia culpá a coitada? Toda aquela louça sofisticada im pedacinhos, e o carpete manchadu cum tudo qui foi derramado, sem falá do vistido da pobre noiva, qui foi arruinado porque uma xícara di chá virou no colo dela. Ora, ora, eu era uma moçoila na época e achei tudo muito ingraçadu, mas o pessoal di Bay Shore nunca mais foi o mesmo. Acho qui teremos uma noite chuvosa. O vento tá ficanu mais forte, e já tá iscuro como o breu.

Era um alento e tanto colocar as coisas de volta nos lugares. Quando elas terminaram, Silver Bush parecia o lar de Pat novamente. A escuridão tinha se instaurado, e a chuva estava começando a tamborilar nas janelas.

– Vamos pra cozinha agora, vou servi algo pra vucê jantá antes di cumeçá a prepará o pão. Percebi qui vucê num cumeu nada di todo aquele belo banquete. No fogão, tem uma panela quentinha di sopa di ervilha qui fiz pra mim. E achu qui sobrô um pouco di frango.

– Não tenho vontade de comer nada, agora que tia Hazel se foi – respondeu Pat, sentindo-se miserável outra vez. Aquele pensamento *continuará* retornando.

– Ora, ora, a tristeza farta é milhó qui a tristeza minguada, meu tesouro. Veja só, isso num é tão reconfortanti quantu dois gatinhus num cestu? Vamos deixá a escuridão du lado di fora. E tem um gatinhu muito eleganti, di terno cinza e camisa branca, qui atendi pelo nome di Quinta-Feira, com o coraçãozinho partidu pur ter sidu negligenciadu o dia todo.

Um uivo feroz ecoou lá fora. Cavalheiro Tom pedindo que abrissem a porta.

– Deixe-me abrir a porta para ele entrar, Judy – suplicou Pat.

Ela adorava abrir a porta para aqueles que estavam passando frio

lá fora. Pat segurou a porta aberta por um instante. Era uma noite turbulenta, após o lindo dia de sol. A chuva caía a cântaros. O vento surrava o bosque branco sem piedade. Snicklefritz uivava com pesar no celeiro-igreja, uma vez que Joe ainda não retornara da estação para confortá-lo.

Pat virou-se, estremecendo. A paz da velha cozinha era um contraste delicioso ao temporal lá fora. O fogão reluzia vermelho no escuro. Quinta-Feira estava encolhido debaixo dele, pensando que era assim que as coisas deveriam ser. Era tão bom estar naquele cômodo iluminado e quente, tomando a sopa de ervilhas quentinha de Judy e observando o reflexo da cozinha lá fora, pela janela. Pat adorava fazer isso. Parecia tão extraordinário e mágico... Tão real e, em contrapartida, tão irreal... Com Judy preparando o pão calmamente sob o bordo sacolejante perto do poço.

2

Pat adorava observar Judy preparar o pão e ouvi-la falar consigo mesma, como sempre fazia, enquanto amassava e batia. Esta noite, Judy rememorava o casamento na igreja.

– Ora, ora, ela tava cum uma roupa muito festiva pur fora, mas fico mi perguntanu o qui haveria por baixo. Pur certu, num seria di admirá qui num passassem duns retalhos... Bertha Holmes é qui é a discarada. Apenas 15 anos e já lançanu olhares pros garotos. Lembro dela nu casamentu da própria tia, quandu ela tinha mais ou menos a idade da Pat. Num parava di si jogá no chão, isperniar e gritá. Ora, ora, como eu quiria dar umas boas palmadas nela! Simon Gardiner tava muito bem aprumado hoje. Pur certu, quandu o vi, todo ingomadu e respeitável nu bancu da igreja, parecenu está fazenu um favor ao mundo pur tá vivo, foi difícil acreditar qui, na

última vez qui o vi, ele tava tão bêbado qui pensava qui a mesa tava increncanu cum ele e chorava feito um bebê porque ela certamente o pegaria, já qui tinha quatro pernas, e ele, apenas duas. Quase murri di rir! Ora, ora, as pessoas pouco sabem o qui as outras pensam delas na igreja. E qui tal o velho Man Taylor, chamanu a esposa di “meu docinho” dipois di trinta anos di casamentu? É uma manteiga derretida mesmo. Embora talvez seja milhó du qui o George Harvey e sua “velhinha”. Teve o velho Elmer Davidson, qui entrô aos tropeços dipois qui a cerimônia já tinha cumeçado e atrapalhou a solenidade. Ele si atrasaria até mesmo pra ressurreição, aquele lá. Mary Jarvis e seus gritos quandu eles assinaram os papéis! E ainda alegá qui tava cantanu. Cantanu, ora essa! As tias-avós da fazenda di Bay Shore tavam um pouco mais elegantes qui di costume... Uma forma di ixibi seu desprezo tanto pelos Gardiner quanto pelos Madison, imagino eu. Pur certu, é uma surpresa qui siqué tenham vindo. Ora, ora, mas o jantar foi um golpe e tanto pra elas. Já fazia muito tempo qui elas num viam um banqueti como aquele, acho eu. Ora, ora, mas e agora eu e a velha solteirona Sands estamos quites. Eu disse pra ela: “Enquanto houver vida, há esperança”. *Ela* sabia bem do qui eu tava falando, ah, sabia.

O corpo de Judy sacolejava com o riso silencioso enquanto ela amaciava o pão. Então, ficou séria.

– Ora, ora, tinha alguém nu casamentu qui nunca mais vai participá di outro. Kate MacKenzie recebeu o sinal.

– Que sinal, Judy? – indagou Pat, solene.

– Ora, ora, esqueci qui pessoinhas piquenas têm orelhas grandis, quirida. É du sinal da morti qui tô falanu. Mas ixisti vida. Sempre tem vida, morti e casamentu misturados. E foi um belo e alegre casamentu, apesar di tudo.

Pat estava quase dormindo. Os gatos pretos espezinhados estavam começando a marchar ao redor do tapete sob os olhos dela.

– Acorda, meu tesouro, e vai dormir na cama. Ouve só esse ventu. Teremos maçãs pra catar amanhã.

Pat ergueu os olhos, bocejando e acalentada. Afinal, a vida na amada Silver Bush estava seguindo adiante. O mundo não terminara só porque tia Hazel se fora.

– Judy, antes de eu ir para a cama, me conte outra vez sobre o homem que você viu ser enforcado na Irlanda.

– Ora, ora, essa é uma história terrível pra si ouvi antes di dormi. Deixaria teus pelos tudo arripiadu.

– *Gosto* de ficar com os pelos arrepiados. Por favor, Judy.

Judy sentou Pat em seu joelho.

– Me abrace forte, Judy, e me conte.

A história apavorante foi contada, e Pat, que já a ouvira uma dúzia de vezes antes, regozijou-se deliciosamente da mesma forma, como se fosse a primeira. Não havia dúvidas... Gostava de coisas “terríveis”.

– Pur certu, eu num divia tá ti contanu todas essas histórias sobre pessoas ruins – observou Judy, sentindo-se um tanto desconfortável, olhando para os olhos dilatados de Pat.

– É claro, Judy, que gosto mais de *viver* com pessoas boas que com pessoas más, mas gosto de *ouvir* sobre pessoas más mais que sobre pessoas boas.

– Bem, achu mesmo qui o mundo siria um tédio si ninguém fizesse coisas qui num divia. Sobre o qui é qui a gente ia cunversá? – comentou Judy, sem precisar de uma resposta. – Di toda forma, é pra cama qui temos qui ir agora. E faz uma oração pur todos os pobres fantasmas. Se Dick, o Aventureiro, ou Willy, o Chorão, ou

algun outro, ou eles dois, tiverem na cerca hoje, vão infrentá uma noiti bem molhada.

“Talvez eu não me sinta tão sozinha se fizer minhas orações duas vezes”, pensou Pat. Assim ela o fez, orando até mesmo pelo novo tio. Talvez como recompensa, adormeceu de pronto. Acordou uma vez durante a noite e foi inundada pela desolação. Mas, no escuro, ouviu o ronronar melodioso e sentiu o belo toque de um gatinho macio. Pat engoliu em seco. A chuva ainda lacrimejava nos beirais. Tia Hazel fora embora. Mas Silver Bush a abrigava em seu coração. Estar deitada na amada casa, protegida da chuva, com Quinta-Feira ronronando sob sua mão... Maçãs a serem colhidas no dia seguinte... Ah, a vida acenava novamente. Pat adormeceu reconfortada.



Passar o dia

1

Setembro chegou mais uma vez a Silver Bush... Um ano inteiro desde o casamento de tia Hazel, e agora parecia a Pat que tia Hazel sempre fora casada. Ela e tio Bob volta e meia vinham “para casa” fazer uma visita, e Pat era muito afeiçoada a tio Bob e gostava até de suas orelhas de abano. Além de que, na última visita, tia Hazel trouxera um lindo e pequenino bebê, com olhos âmbar acastanhados, como os de Pat. Naninha não era mais um bebezinho. Vivia perambulando pela casa com as pernas gordinhas e era decerto uma irmã de que se orgulhar. Aos 11 meses, já tinha todos os dentinhos. Era lindo observá-la acordar e debruçar-se sobre ela enquanto dormia. Ela parecia saber que você estava ali e sorria deliciosamente. Também tinha uma personalidade e tanto. Quando estava com 8 meses, dera uma mordida em tio Tom quando ele colocara o dedo em sua boca para ver se ela tinha algum dente. Ele logo descobriu.

Pat recebera um convite para passar um sábado na fazenda de Bay Shore, com a tia-avó Frances Selby e a tia-avó Honor Atkins... Sem contar o “primo” Dan Gowdy e uma tia ainda mais velha, que era mãe da tia-avó. A essa altura, a cabeça de Pat em geral ficava

enevoada, e não era de admirar, como Judy costumava dizer.

Pat adorava a expressão “passar o dia”. Parecia gloriosamente suntuoso “passar” um dia inteiro, permitindo que seus momentos escorressem um a um pelos dedos, como contas de ouro.

Ela não estava, contudo, animada para passá-lo em Bay Shore. Quando ela e Sid eram bem pequenos, chamavam Bay Shore, entre si, de “a casa não-toque-nisso”. Todos eram tão velhos lá... Havia dois anos, quando estivera lá com a mãe, lembrava-se de como tia Frances se enfezara porque, quando estavam caminhando pelo pomar, ela, Pat, colhera uma bela e succulenta ameixa vermelha de uma árvore carregada de frutos. E tia Honor, uma mulher alta, com cabelos brancos e olhos tão pretos quanto seu vestido, pedira que ela repetisse alguns versículos da Bíblia e ficara sinistramente chocada quando Pat cometeu alguns erros. As tias-avós sempre pediam para repetir versículos bíblicos... Era o que Winnie e Joe, que estiveram lá diversas vezes, costumavam contar... E nunca se sabia o que você ganharia ao final... Uma moeda, um biscoito ou um tapa na cabeça.

Mas ir *sozinha* a Bay Shore! Sidney também fora convidado, mas estava na casa de tio Brian, tratando dos dentes. Talvez fosse melhor assim, já que Sidney não era muito benquisto em Bay Shore, pois, na última vez em que estivera lá, adormecera à mesa de jantar e tombara de maneira ingloria da cadeira no chão, com uma taça que era relíquia de família nas mãos.

Pat discutiu a questão com Judy na sexta à noite, sentada nos degraus de arenito da porta da cozinha e estudando matemática para estar preparada para segunda-feira. Pat estava um ano mais velha e dois centímetros e meio mais alta, segundo as marcações que Judy fazia na velha porta da copa, onde media todas as crianças em seus aniversários. Estava bem concentrada nas

subtrações, e Judy a estava ajudando. Judy sabia somar e subtrair. Quando sua mente estava tranquila, conseguia multiplicar. Ela nunca tentara dividir.

A cozinha atrás delas estava tomada pelo aroma picante dos pickles de Judy. Cavalheiro Tom estava sentado na plataforma do poço, de olho em Snicklefritz, que tirava um cochilo na porta do porão, com um olho em Cavalheiro Tom. No canto do quintal, havia uma pilha esplêndida de lenha cortada, que Pat e Sid tinham juntado ordenadamente durante as noites de verão. Pat se vangloriava daquela pilha. Era tão profética de noites de inverno aconchegantes e alegres, quando o vento uiva e ruge por não conseguir entrar em Silver Bush. Pat estaria muito contente se não fosse pela visita do dia seguinte.

– As tias são tão... Tão imponentes – confessou a Judy.

Ela jamais ousaria criticá-las para a mãe, que era uma Selby e tinha muito orgulho da família.

– A avó delas era uma Childlaw – disse Judy, como se aquilo explicasse tudo. – Num tô dizenu qui elas num sejam um tanto carrancudas, mas já tiveram um bucado di funeral lá em Bay Shore. Tua tia Frances perdeu o marido antes di si casá com ele, e tua tia Honor perdeu o dela dipois di si casá, e elas nunca definiram quem teve o pior distinu. Elas também são um pouco sovinas, é prciso admitir, mesmo cum todo aquele dinheiru. Mas têm um coração muito bom e si preocupam muito cum todos os filhos da tua mãe.

– Não me importo com a tia Frances ou com a tia Honor, mas tenho um *pouquinho* de medo da tia-bisavó Hannah e do primo Dan – confessou Pat.

– Ora, ora, num prcisa tê. Talvez vucê siquer veja a velhinha. Ela num sai do quarto há dizesseis anos e já tá cum 93 de idade, isso mesmo, e são poucos os qui a veem. E o velho Danny é inofensivo.

Ele pegou no sono no topo da escadaria e rolou pra baixo quando era jovem. Nunca mais foi o mesmo. Alguns, no entanto, dizem que ele viu o fantasma.

– Ah, Judy, tem um fantasma em Bay Shore?

– Não mais. Mas tinha, muito tempo atrás. Ora, ora, eles tinham a maior vergonha dele.

– Por quê?

– Pensavam que ter um fantasma em casa era uma espécie de desgraça. Alguns consideram uma honra, mas eles, não. Num tempo diziam que o fantasma de Bay Shore num causava problema. Por certo, era um fantasma bom, amigável e sociável, mas num tinha o menor bom senso quanto a quando deveria aparecer. Parece que ele se sentia um tanto solitário. Ficava sentado na beirada da cama, olhando para eles pesadamente, como quem diz: “Por que é que você num conversa comigo?”. E, quando eles recebiam visita e estavam todos se divertindo, de repente se ouvia um suspiro profundo e lá estava o nosso caro fantasma. Depois de um tempo, ficou muito monótono. Mas o fantasma nunca mais foi visto depois que seu tio-bisavô faleceu e a tia-avó Honor assumiu a administração da casa. Achei que ela era sovina demais, até mesmo para um fantasma. Então você num precisa ficar com medo de vê-lo, mas é melhor num prestar atenção demais no vaso que faz caretas.

– Um vaso... que faz caretas!

– Por certo, meu tesouro. Fica na cornija da lareira da sala e, certa vez, fez uma careta para Sarah Jenkins, quando ela foi contratada para trabalhar lá e estava tirando o pó. A pobrezinha quase morreu de medo.

Aquilo era incrível. Contudo, no fim das contas, Pat achou que Judy era um tanto desdenhosa em relação ao pessoal de Bay Shore.

– Os móveis deles são majestosos, Judy.

– Majestosos, é? – Judy sabia muito bem que fora reprimida. – Ora, ora, num vem falá *cumigo* sobre o qui é majestoso. Pois num trabalhei nu Castelu di McDermott quandu era apenas uma garota? Majestoso, é? Colchas di renda e cetim, eu ti digo. E uma iscadaria di mármore cum balaustrada dourada. As refeições eram servidas im pratos di ouro puro, e havia vasos dourados repletos di champanhe. E trinta criadus, pelo menos. Pur certu, eles tinham criadus pra servi os outros criadus. O velho lorde mandava servi uma abundância di comida na louça adornada cum brasões dourados pro jantar de Natal. Ora, ora, o qui é a fazenda di Bay Shore perto disso, eu ti pergunto? E agora relembra os versículos qui vucê aprendeu no último domingo, caso tua tia Honor peça pra vucê recitar.

– Consigo repeti-los sem errar para você, Judy. Mas é muito diferente com a tia Honor.

– Pur certu, intão é milhó vucê fechá os olhos e fingi qui ela é uma cabeça di repolho, meu bem. Embora o velho Jed Cattermole num tenha achadu isso dela quandu ela o colocou no devido lugar nos encontros di avivamentu.

– O que ela fez, Judy?

– Fez? Vou contá pra vucê. O velho Jed si achava muito isperto porque num acreditava im Deus. Vivia si ixibinu e, certa noite, foi até um dos encontros di avivamentu qui o velho senhor Campbell promovia quandu era ministru im South Glen. Dipois di todos os testemunhos, o ousado Jed si levantou e disse: “Num acredito qui exista Deus nenhum, mas, si ixistir, Ele é um tirano cruel e irracional. E, vejam”, disse o Jed, istufanu o peito como um velho peru, “si ixisti um Deus, pur que ele num mi mata agora mesmo pelo qui eu falei? Eu O desafio a fazê isso”, disse o velho Jed, si sintinu mais

imponenti du qui nunca. Todos ficaram tão chocados qui dava pra ouvi um alfineti caí. E tua tia Honor si virou e dissi, friamenti: “Vucê realmente acha qui é tão importanti assim para Deus, Jedediah Cattermole?”. Todos riram. Já viu a cara di uma pessoa quandu alguém estoura seus lindos balões? Ora, ora, assim ficou o orgulhoso Jed. Ele nunca mais foi o mesmo. Agora, vucê terminô teus estudos e meus pickles tão prontos, intão vamos nos diverti um pouco assanu umas maçãs com cravos espetados nelas pra dar um aroma.

– Gostaria que Sid estivesse aqui – comentou Pat, suspirando. – Ele adora maçã com cravo. Você acha que ele estará de volta na noite de domingo, Judy? Não *posso* viver mais uma semana sem ele.

– Vucê é apegada demais ao Sid, meu tesouro. O qui vai fazê quandu vucês crescerem e tiverem qui si afastá?

– Ah, isso nunca vai acontecer, Judy. Sid e eu nunca vamos nos afastar. Nenhum de nós vai se casar, vamos ficar vivendo aqui, em Silver Bush, e cuidaremos de tudo. Já está tudo combinado.

Judy suspirou.

– Gostaria qui vucê num fossi tão apegada a ele. Pur que num arruma umas amigas na escola, como as outras garotas? Winnie tem uma porção.

– Não quero ninguém além de Sid. As meninas da escola são simpáticas, mas não amo nenhuma delas. Não *quero* amar nada nem ninguém além da minha própria família e de Silver Bush.

2

Como Pat precisava ir até a fazenda de Bay Shore, estava contente por ser naquele sábado em específico, pois seu pai ia

trocar por uma nova a velha cerca de tábuas que rodeava o pomar. Pat odiava ver a velha cerca sendo arrancada. Estava coberta por um musgo lindo e por cipós que tinham crescido em suas tábuas, e havia uma abundância de cominhos que chegava à altura da cintura.

Judy também tinha motivos para estar contente. A ordem fora emitida, e a enorme papoula do canto do quintal deveria ser cortada porque a raiz estava podre e, no próximo vendaval, poderia acabar caindo em cima do galinheiro. Judy combinara com Alec Compridão para cortá-la em um dia em que Pat não estivesse em casa, pois sabia que cada golpe do machado partiria o coração da pequena.

Joe levou Pat de automóvel até Bay Shore. Enquanto o veículo atravessava a viela, ela se debruçou para fora dele para acenar para Silver Bush. No varal, os macaquinhos fofos de Naninha sacodiam com o vento, parecendo, comicamente, três pequenas Naninhas dependuradas. Pat suspirou e resolveu aproveitar as coisas ao máximo. O dia estava lindo, tomado pelas neblinas outonais azuis e doces. A estrada para Bay Shore era, na maior parte, em declive, passando, durante um pedaço do caminho, por “desertos” de abetos, margeados por samambaias, loureiros de aroma adocicado e aglomerados de arbustos de frutinhas vermelhas. O mar azul e paciente se estendia ao fundo, e havia uma velha casa cinza diante do sol poente, tão próxima às ondas ronronantes que, nos dias de tempestade, suas gotas espirradas atingiam a escadaria de entrada... Uma casa velha e sábia, que sabia muitas coisas, era o que Pat sempre sentira. A antiga casa de sua mãe e, portanto, deveria ser amada, independentemente de se gostar ou não das pessoas que viviam nela.

Chegar a Bay Shore de automóvel sempre causava uma impressão e tanto. As tias saíram e os cumprimentaram de maneira

solene, e primo Dan acenou de um campo próximo, onde estava revirando o solo e formando belos sulcos vermelhos, perfeitamente nivelados e uniformes. Primo Dan tinha muito orgulho de sua aragem.

Joe foi embora, deixando Pat sozinha para encarar o tormento do processo de boas-vindas e examinações. As tias-avós eram tão rígidas quanto as anáguas brancas manchadas ainda usadas em Bay Shore. Para falar a verdade, as tias-avós não faziam a menor ideia do que dizer àquela menina amorenada de pernas compridas, pois a convidavam para visitar Bay Shore de vez em quando por acharem ser uma obrigação familiar. Então, Pat foi levada aos aposentos da tia-bisavó por alguns minutos. E foi com relutância. A tia-bisavó Hannah era tão misteriosamente velha... Uma criatura pequenina, encolhida e enrugada, olhando para ela em meio a uma montanha de cobertas, em uma cama enorme com dossel.

– Então essa é a menininha da Mary – disse uma voz aguda.

– Não. Sou Patricia Gardiner – respondeu Pat, que detestava ser chamada de “menininha”, mesmo que fosse pela mãe.

A tia-bisavó Hannah colocou a mão esquelética no braço de Pat e a puxou para perto da cama, observando-a com seus olhos azuis muito, muito velhos, tão velhos que a visão retornara a eles.

– Nada bonita... Nada bonita – murmurou ela.

– Talvez ela fique mais bonita do que a senhora imagina – ponderou tia Frances, como quem olha com determinação o lado positivo. – Ela está terrivelmente amorenada de sol agora.

O rostinho bronzeado de Pat, com a fina pele de cetim, corou. Ela não se importava por ser “nada bonita”, mas não gostava de ser criticada, de forma direta, daquele jeito. Judy diria que aquilo não eram bons modos. E, quando elas desceram para o pavimento térreo, tia Honor exclamou em tom de horror:

– Há um rasgo no seu vestido, menina.

Pat gostaria que elas não a chamassem de “menina”. Teria adorado mostrar a língua para tia Honor, mas essa também não seria uma demonstração de bons modos. Ficou parada, imóvel, enquanto tia Honor trazia linha e agulha e remendava o vestido.

– É claro que Mary não pode dar conta de tudo, e Judy Plum não se importaria nem que eles andassem todos esfarrapados – comentou tia Frances, como encontrando uma desculpa.

– Judy se importaria, *sim* – protestou Pat. – Ela é *muito* cuidadosa com nossas roupas e nossos modos. Esse rasgo no ombro se abriu no caminho para cá. Foi isso.

A despeito desse início um tanto desfavorável, o dia não foi tão ruim assim. Pat recitou os versículos corretamente, e tia Honor lhe deu um biscoito... E a observou comê-lo. Pat estava morrendo de sede, mas era encabulada demais para pedir um copo d’água. Quando chegou a hora do almoço, contudo, havia leite em abundância... Judy teria dito que era leite “desnatado”. Mas foi servido em uma linda jarra de vidro verde e dourada que fazia até o leite mais desnatado parecer uma nata. A mesa não era das mais fartas, pelos padrões de Silver Bush. A porção do prato de Pat não era grande coisa, mas foi servida em um prato com borda de folhas de outono pintadas... Um dos famosos pratos dos Selby, com cem anos de idade. Pat sentiu-se honrada e tentou não sentir fome. De sobremesa, comeu três das famigeradas ameixas vermelhas.

Depois do almoço, tia Frances alegou estar com dor de cabeça e disse que ia se deitar. Primo Dan sugeriu que ela tomasse uma aspirina, mas tia Frances o reprimiu com o olhar.

– Não é da vontade de Deus que eu tome uma aspirina para aliviar a dor que Ele me enviou – respondeu ela em tom altivo, afastando-se, com o frasco de sais aromáticos de vidro vermelho e rolha de

prata debaixo do nariz.

Tia Honor deixou Pat na sala e instruiu que ela se entretivesse. Foi o que Pat se pôs a fazer. Tudo lhe interessava, e agora que estava sozinha poderia se divertir. Ela já se perguntara como sobreviveria à tarde se tivesse que ficar sentada com as tias. Tanto ela quanto tia Honor ficaram aliviadas por se livrarem uma da outra.

3

A mobília da sala *era* majestosa e esplêndida. Havia uma maçaneta enorme de bronze polido na qual ela se viu refletida toda distorcida. A placa de porcelana na porta tinha rosas pintadas. As cortinas estavam fechadas, e ela adorava a luz verde fria que preenchia o cômodo... Fazia com que se sentisse uma sereia em um mar reluzente. Pat adorava a procissão de seis elefantes de marfim marchando pela cornija preta da lareira. Adorava as enormes conchas sarapintadas na *étagère*, que murmuravam as ondas do mar quando ela as levava ao ouvido. E havia o famoso vaso, cheio de penas de pavão, que fizera careta para Sarah Jenkins. Era de vidro branco e tinha umas marcas curiosas na lateral, que lembravam mesmo um rosto. Ele não fez, contudo, nenhuma careta para Pat, embora ela desejasse que fizesse. Havia uma galinha de porcelana vermelha e amarela, brilhante, sentada em um ninho amarelo, em uma mesa de canto muito maravilhosa. E as cortinas das janelas tinham barras de renda Battenburg. Certamente, nem mesmo o Castelo de McDermott poderia superar aquilo.

Pat teria gostado de ver todas as coisas escondidas da casa. Não a mobília ou os tapetes, mas as cartas guardadas em caixas antigas no pavimento superior e as roupas dos velhos baús. Mas isso era impossível. Não ousava sair da sala. As tias morreriam de pavor se

a pegassem perambulando pela casa.

Quando tudo no cômodo fora examinado, Pat se encolheu no sofá e passou uma hora olhando atentamente as fotografias dos álbuns antigos, com amarras desbotadas de veludo azul e vermelho e capas de couro articulado que se abriam e fechavam como um livro. Como eram engraçadas as velhas imagens, de saias cheias, mangas grandes e chapéus enormes bem no alto da cabeça! Havia uma de tia Frances nos anos 1880, em um vestido cheio de babados e um mantô, com os ombros inclinados e a barra quadrada... *E* uma sombrinha com rufos. Ah, era possível perceber como se sentia orgulhosa daquela sombrinha! Parecia engraçado pensar em tia Frances como uma garotinha com uma sombrinha cheia de babados.

Havia uma fotografia de seu pai... Um jovem sem bigode. Pat riu daquilo. Uma de sua mãe, também... Com o rosto redondo, franja e um laço enorme no cabelo. E uma do tio-avô Burton, que um dia foi embora e de quem “nunca mais se ouviu falar”. Como era fascinante essa frase! Até mesmo dos mortos se ouvia falar. Eles tinham funerais e lápides.

E lá estava tia Honor quando era bebê. Parecia-se com Naninha! Ah, será que Naninha *um dia* ficaria como tia Honor? Aquilo era impensável. Como as pessoas mudavam drasticamente! Pat suspirou.



Uma donzela desamparada

1

Ao anoitecer, surgiu a questão de como Pat iria para casa. Tia Frances, que era a cavaleira de Bay Shore, deveria levá-la. Mas ela ainda estava sofrendo as mazelas da vontade de Deus em seu quarto, e tia Honor não montava em um cavalo havia anos. Quanto ao primo Dan, não se podia confiar nele para ficar longe de casa com outras pessoas. Por fim, tia Honor telefonou para o vizinho mais próximo.

– Morton MacLeod está indo para a cidade. Pensei mesmo que fosse, já que é sábado à noite. Ele disse que pode deixá-la em Silver Bush. Você não se importa em ir até a propriedade dos MacLeod sozinha, importa-se? Chegará lá antes de escurecer.

Pat não se incomodava com nada além da perspectiva de ter que passar a noite em Bay Shore. Além disso, nunca sentiu medo da escuridão. Já ficara várias vezes sozinha no escuro. As outras crianças de sua idade tinham medo e fugiam correndo quando escurecia. Mas Pat nunca fora assim. Dizia-se, em Silver Bush, que ela era “filha de seu pai” nesse quesito. Alec Compridão sempre gostara de caminhar sozinho à noite... “Desfrutando a beleza da escuridão”, dizia ele. Havia uma lenda na família segundo a qual Pat

tinha, aos 4 anos, dormido a noite inteira no pomar sem que ninguém desse por sua falta, até Judy, que estava acordada cuidando de uma vizinha adoentada, voltar para casa ao amanhecer e causar o maior alvoroço. Pat se lembrava de maneira vaga da euforia da família quando foi encontrada e da alegria que inundou de rubor o rosto pálido e distraído da mãe.

Ela se despediu educadamente e partiu rumo à propriedade de MacLeod, onde foi recebida com más notícias. O carro de Morton estava “causando transtornos”, e ele desistira da ideia de ir para a cidade.

– Você precisará voltar a Bay Shore – dissera a mãe dele, gentil. Pat retornou devagar pela rua e, quando estava longe do alcance da vista da casa, perto de um bosque de abetos, parou para pensar. Não queria voltar para Bay Shore. A mera ideia de passar a noite no grande quarto de hóspedes, com a cama que parecia suntuosa demais para dormir, era insuportável. Não, ela iria para casa. Eram apenas cinco quilômetros... Ela caminhava isso todos os dias para ir e voltar da escola.

Pat começou sua jornada alegre e contente, sentindo-se muito independente, ousada e adulta. Judy ficaria chocada ao vê-la saltitar para dentro da cozinha e anunciar que voltara para casa a pé, lá de Bay Shore, sozinha e no escuro. “Ora, ora, qui minininha mais corajosa!”, diria ela em tom de admiração.

E então... A noite escura e fria pareceu ir ao seu encontro repentinamente... E, quando a estrada bifurcou, ela não sabia ao certo qual caminho tomar... O da esquerda? Ah, devia ser o da esquerda... Pat saiu correndo por ele, o pânico crescendo no coração.

Estava escuro agora... Bem escuro. E Pat de repente descobriu que estar sozinha em uma estrada estranha a três quilômetros de

casa era bem diferente de caminhar pelo pomar ou andar pela Whispering Lane ou pelo Campo da Lagoa, com as luzes familiares de Silver Bush sempre à vista.

As florestas e os bosques ao redor, que sempre pareceram tão amigáveis nos dias dourados de setembro, agora lhe eram estranhos. Os morros distantes de abetos pareciam ameaçadoramente mais próximos. *Será que aquela era a estrada certa?* Não havia luzes acesas em lugar nenhum. Será que ela pegara o caminho errado e aquela era a estrada de “ligação” que corria pelos fundos das fazendas entre as duas cidades? Será que um dia chegaria em casa? Será que veria Sid de novo? Será que ouviria a risada de Winnie e os gritinhos fofos de boas-vindas de Naninha? No último domingo, na igreja, o coral cantara: *A noite é escura e estou longe de casa*. Agora, ela sabia o que isso significava, enquanto começava a correr, desesperada. As bétulas brancas que ladeavam a estrada pareciam estar querendo pegá-la com mãos fantasmagóricas. O vento choramingava entre os abetos. Em Silver Bush, nunca se sabia ao certo de onde o vento viria... De trás do celeiro-igreja, como um gato saltitante... Da base do Morro da Névoa, como um passarinho cantante... Pelo pomar, como um colega... Sempre, no entanto, como amigo. Aquele vento não era amigo. Era ele quem estava chorando nos abetos? Ou será que era o Harpista Verde da história de Judy, que tocava sua harpa para atrair pessoas para o Mundo das Fadas, quisessem elas ou não? Todas as histórias de Judy, apreciadas e desacreditadas em casa, se tornaram amedrontadoramente reais ali. Aquelas sombras estranhas, escuras, sob as samambaias... Talvez fossem *mesmo* criaturas fantásticas. Judy dizia que, se você encontrasse uma criatura dessas, nunca mais seria o mesmo. Nenhuma ameaça poderia ser mais terrível para Pat. Mudar... Não ser mais a mesma!

Aquela nota aguda distante... Seria Peter Branaghan, de outra das histórias de Judy, lá nos morros, tocando a flauta para suas ovelhas-fantasmas? E ainda não havia luz nenhuma... Ela *devia* estar na estrada errada.

De repente, Pat se viu tomada pelo pavor da noite fria, do vento assustador e do mundo enorme, escuro e indefinido ao redor. Ela parou de repente e soltou um gritinho amargurado de desespero.

– Posso ajudar? – perguntou uma voz.

Alguém acabara de aparecer na curva da estrada. Um garoto... Não muito mais alto que ela própria... Com um brilho estranho nos olhos... E com uma mancha escura logo atrás dele, que parecia ser um cachorro. Aquilo era tudo que Pat conseguia ver. No entanto, ela se sentiu subitamente segura... Protegida. Ele tinha a voz muito agradável.

– Eu... Acho que estou perdida – respondeu ela, arfando. – Sou Pat Gardiner... E peguei a estrada errada.

– Você está na estrada de ligação – explicou o garoto. – Mas ela faz a curva e passa por Silver Bush. Só é um pouquinho mais longa. Sou Hilary Gordon... No entanto, todo mundo me chama de Jingle.

Pat soube logo de quem se tratava e sentiu-se acalentada. Ela ouvira Judy falar dos Gordon, que haviam comprado a antiga fazenda dos Adams, que fazia divisa com Silver Bush. Eles não tinham filhos, mas havia um sobrinho órfão que vivia com eles, e Judy disse que era provável que implicassem com ele por isso. Ele não frequentava a escola de North Glen, pois a velha propriedade dos Adams ficava no distrito escolar de South Glen, mas eles eram, de fato, vizinhos de porta.

Eles seguiram adiante. Não conversavam muito, mas Pat se sentia feliz agora, marchando ao lado dele. A lua surgiu e, sob sua luz, ela o observou com curiosidade. Ele usava óculos de cor escura, com armação feita de chifres. E uma perna de sua calça ia até o joelho, ao passo que a outra chegava ao tornozelo, o que Pat achou bastante péssimo.

– Pertença a Silver Bush, sabe? – comentou ela.

– Não pertença a lugar nenhum – falou com descaso Jingle em tom desamparado.

Pat queria reconfortá-lo por algo que não compreendia. Ela segurou sua mão... Era quente e agradável. Eles caminharam até sua casa daquele jeito. O vento... A noite... Tudo era amigável novamente. Os galhos escuros das árvores, remexendo-se sob o céu iluminado pelo luar, eram lindos... Os aromas picantes e amadeirados da estrada, deliciosos.

– Aonde vai aquela estrada? – perguntou Pat quando eles passaram por uma trilha convidativa obstruída pelo luar e pela sombra.

– Não sei, mas um dia vamos descobrir – prometeu Jingle.

Era como se fossem velhos amigos.

Então, as adoráveis luzes de Silver Bush surgiram atrás dos campos... A amada casa, transbordando sua luz convidativa. Pat poderia ter chorado de alegria ao vê-la de novo. Mesmo que ninguém ficasse muito contente em vê-la de volta, a casa ficaria.

– Muito, muito obrigada por me trazer em casa – disse ela, tímida, no portão do quintal da cozinha. – Eu estava morrendo de medo.

Então, ousadamente acrescentou, porque ouvira Judy dizer que uma garota sempre deveria conceder um agrado a um cavalheiro decente quando ele a levasse até em casa, e Pat, a fim de honrar Silver Bush, queria fazer a coisa certa:

– Gostaria que você viesse almoçar conosco na segunda-feira. Teremos frango, pois será Dia do Trabalho. Judy diz que trabalha nesse dia assim como em todos os outros, mas que sempre celebra com frango no almoço. Por favor, aceite.

– Eu adoraria – respondeu Jingle. – E fico feliz por eu e McGinty estarmos por perto quando você estava assustada.

– McGinty é o nome do seu cachorro? – indagou Pat, olhando para ele um tanto tímida. Snicklefritz e o velho Bruno do tio Tom eram os únicos cachorros que ela conhecia.

– Sim. Ele é o único amigo que tenho no mundo – contou Jingle.

– Além de mim – disse Pat.

Jingle sorriu de repente. Até mesmo sob a luz do luar, podia perceber que ele tinha um sorriso bonito.

– Além de você – concordou dele.

Judy apareceu na porta da cozinha, espiando o quintal.

– Preciso ir – disse Pat apressadamente. – Segunda-feira, então. Não esqueça. E traga McGinty também. Teremos alguns ossos.

– Cum quem é qui vucê tava di papo lá fora? – questionou Judy em tom curioso. – Pur certu, vucê divia tê-lo convidado pra entrá, pra fazermos uma análise du garotu. Além du que, vucê é um tantu nova pra namorá.

– Não era um namorado, Judy – exclamou Pat, escandalizada com a mera ideia. – Aquele era apenas o Jingle.

– Olha só pra ela. E quem é esse tal di Jingle, si num fô perguntá dimais?

– Hilary Gordon... E eu estava vindo sozinha para casa... E me perdi... Fiquei um *pouquinho* assustada, Judy... E ele vem almoçar aqui na segunda-feira.

– Ora, ora, rapidinha, vucê! – respondeu Judy, rindo, adorando ter algo para provocar Pat... Pat, que nunca pensou que poderia haver

qualquer outro garoto no mundo além de Sidney.

Mas Pat estava feliz demais para se importar. Estava em casa, na cozinha iluminada de Silver Bush. O pavor daquela estrada solitária desaparecera... Nunca existira. Era realmente lindo vir para casa à noite... Sair da escuridão e entrar na luz e no conforto do lar.

– Você guardou um pedaço de torta para mim, Judy?

– Ora, ora, guardei, sim. E num cunheço os mesquinhos di Bay Shore? Pur certu, e nunca si podi repeti o prato. Guardei mais qui um pedaço di torta pra você. O qui mi diz di salsicha e batata assada?

Durante o jantar, Pat contou a Judy tudo sobre seu dia e seu retorno para casa.

– Foi muita coragem tua si aventurá suzinha naquela estrada – disse Judy, do jeito que Pat previra. Aquela era a beleza de Judy. – Num tô dizenu, contudo, qui num tenha sido bom qui esse tal di Jingle tenha aparicado na hora qui apareceu. Num si esquece di cunvidá o garotu pra vir fazê um lanchinhu aqui di vez im quandu. Conheci o velho Larry Gordon quando ele morava na fazenda dos Taylor, além da mercearia. Ele é um muquirana, é isso qui ele é.

Judy tinha várias classificações para pessoas que não eram generosas. Você podia ser “comedido”... o que era louvável. Podia ser “mão fechada”... que estava no limite. Podia ser “sovina”... que era além do limite. Podia ser “muquirana”... que passava muito da conta. Mas Judy não conseguia resistir a dar uma cutucada furtiva em Pat.

– Suponho qui a minha modesta cuzinha seja bastante módica dipois du esplendor da fazenda di Bay Shore?

– A cozinha de Silver Bush é melhor até que a sala de visitas de Bay Shore – declarou Pat, embora sua declaração tenha sido um tanto sonolenta. O dia fora bastante agitado e extenuante para seus

8 anos de idade.

– Nunca joga pimenta nos teus próprios olhos, meu tesouro – advertiu Judy, enquanto levava Pat para o pavimento superior.

Sua mãe, que cantava para Naninha dormir, deu uma escapulida para perguntar a Pat se ela se divertira.

– A fazenda Bay Shore é um lugar adorável – respondeu Pat com sinceridade.

Era um lugar adorável. E Pat não magoaria os sentimentos da mãe por nada desse mundo, confessando que a visita à antiga casa dela não fora totalmente agradável. A mãe amava Bay Shore quase tanto quanto ela, Pat, amava Silver Bush. Adorada Silver Bush! Pat sentia como se os braços da casa a estivessem protegendo enquanto entrava de mansinho na terra dos sonhos.



O almoço está na mesa

1

Pat teve um péssimo domingo.

Quando descobriu que a velha papoula fora cortada, entristeceu-se, e nada a reconfortava.

– Veja bem, meu tesouro, qui bela a paisagem qui pudemos vê entre o galinheiro e o celeiro-igreja – ponderou Judy. – Aquele pidacinho do rio do Sul num dava pra vê daqui antis. Pur certu, e aqui tão tuas passas di dumingo. Agora, come e para di si lamentá por uma árvore velha qui divia ter sido derrubada dez anos atrás.

Judy sempre dava a todas as crianças de Silver Bush um punhado de uvas-passas como guloseima especial aos domingos. Pat comeu as suas entre soluços, mas foi só quando caiu a noite que admitiu que a paisagem recém-revelada era bonita. Então, sentou-se diante da janela redonda e observou a curva prateada do rio e outro morro azul distante, tão distante que deveria ser no limite do mundo. Mesmo assim, sentia falta do verde grandioso, amigável e sussurrante que sempre preencheria aquele vão.

– Nunca mais verei os gatinhos se perseguindo naquela árvore, Judy – lamentou ela. – Eles se divertiam tanto... Corriam por aquele galho grande e pulavam no telhado do galinheiro. Ah, Judy, eu não

fazia ideia de que as árvores envelheciam.

Na manhã de segunda-feira, ela se lembrou de que convidara Jingle para almoçar. Lembrou-se e ficou um tanto duvidosa. E se ele aparecesse com aquelas calças horrorosas, com parte da perna faltando? Ela não ousava, por medo de ser caçoada, pedir a Judy que colocasse qualquer coisa a mais na mesa. Ficou contente, no entanto, quando a viu colocando os talheres de prata e o segundo melhor jarro de nata.

– Para que todo esse esplendor? – quis saber Joe.

– Pur certu, num é qui o derriço da Pat tá vindo almuçá? – respondeu Judy. – Pricisamos nos apresentá da milhó forma pussível pra honrá a família.

– Judy! – gritou, furiosa. Nem agora nem no futuro ela toleraria que qualquer pessoa dissesse que Jingle era seu namorado. – Ele não é meu namorado! Nunca vou ter um namorado.

– “Nunca” é bastanti tempu – proclamou Judy filosoficamente. – É milhó prendê o Snicklefritz, Joe, pois, pelo qui sei, o garotu vai trazê o cachorro, e num queremos divergência di opinião entre eles.

Neste momento, Jingle e McGinty foram identificados, parados no portão do quintal, encabulados demais para entrarem na propriedade. Pat correu para recepcioná-los. Ele estava descalço, é verdade, mas de que importava? Todos os garotos de North Glen andavam descalços no verão... Embora não quando eram convidados para almoçar, talvez. Alguém fizera um corte horrível em seus cabelos castanhos. Seus olhos estavam invisíveis por trás dos óculos azuis, ele tinha o rosto pálido e a boca comprida demais. Decerto, não era bonito, mas Pat gostava dele mesmo assim. E também de McGinty, que agora podia ver se tratar de um filhote, ainda dando os primeiros passos na vida.

– O recheio não está com um cheiro ótimo? – perguntou Pat,

enquanto o conduzia até a cozinha. – E Judy fez um de seus bolos de maçã para a sobremesa. São deliciosos. Judy, este é Jingle... e McGinty.

A família de Silver Bush recepcionou Jingle com tranquilidade... Judy provavelmente os alertara. O pai de Pat perguntou se ele queria comer as partes mais claras ou mais escuras do frango, e sua mãe perguntou se ele aceitava nata e açúcar. Sempre se podia contar com o pai e a mãe, pensou Pat. Até mesmo Winnie foi adorável e serviu uma segunda fatia de bolo de maçã para ele. Que família maravilhosa!

Quanto a McGinty, Judy colocou uma grande travessa de carne e ossos para ele na porta do porão.

– Vai cumê, senhor Cachorro – disse a ele. – Garantu qui vai demorá muito até vucê tê uma refeição como essa lá na casa da Maria Gordon.

Depois do almoço, Jingle disse timidamente:

– Ouça... Vi alguns lírios lindos no campo dos fundos da nossa casa, do outro lado do riacho, ontem à noite. Vamos colher alguns.

Pat sempre quisera explorar o riacho que separava Silver Bush e a velha propriedade dos Adams, percorrendo um campo inteiro e curvando-se para entrar no território dos Adams. Nenhuma das crianças de Silver Bush jamais tivera permissão para atravessar o limite. Era sabido que o velho senhor Adams não queria “criançada perambulando por seus campos”.

– Você acha que seu tio vai se importar? – perguntou Pat.

No fim das contas, nem o tio nem a tia estavam em casa. Eles tinham ido passar o Dia do Trabalho com amigos.

– O que você teria comido se não tivesse vindo aqui? – indagou Pat.

– Ah, eles deixaram pão e melaço para mim – respondeu Jingle.

Pão e melão em um feriado! Isso era o cúmulo da “muquiranice”.

– Cuidado pra não si invenenarem com cogumelos – alertou Judy, entregando a eles uma sacola de pães de canela. – Eu conheci uma garota e um garoto qui, certa vez, comeram, pur inganu, um monte di cogumelos venenosos na floresta.

– E suponho que eles nunca mais tenham sido os mesmos? – comentou Joe provocativamente.

– Eles tão mortos desde então, si foi isso qui vucê quis dizê cum “num serem mais os mesmos” – respondeu Judy, bufando.

Assim que estavam longe da casa, a timidez de Jingle evaporou, e Pat descobriu que ele era uma companhia formidável... Tão formidável que ela sentiu uma sensação terrível de estar sendo desleal com Sid. Só conseguiu se conformar lembrando a si mesma de que sentia tremenda pena de Jingle, que não tinha amigos.

Foi Jingle quem propôs que eles batizassem o riacho de “Jordão”, pois ele “formava a fronteira”.

– Entre a minha fazenda e a sua – exclamou Pat, maravilhada. Ali estava um amigo que gostava de dar nome aos lugares, exatamente como ela.

– Vamos construir uma ponte de pedras para podermos atravessar com facilidade sempre que quisermos – sugeriu Jingle, que, evidentemente, concluía que eles a atravessariam com frequência.

Aquilo era divertido, e, quando a ponte ficou pronta, bonita e resistente, pois Jingle não toleraria uma construção malfeita, eles passaram a tarde passeando e jogando conversa fora. Seguiram o Jordão até a nascente, bem nos fundos da velha propriedade dos Adams, perto de campos que pareciam feitos de raios de sol e de silêncio, sobre cercas protegidas por alegres amontoamentos de solidagos, em meio a bosques sarapintados de sombras, com trilhas sinuosas que nunca seguiam o rumo que você esperava. Havia uma

infinidade de curvas adoráveis e pequenas cascatas no riacho, e o musgo em suas margens era esmeralda e dourado.

McGinty estava eufórico. Passear assim era a alegria da vida de um cachorro. Ele corria ensandecido à frente deles, então se sentava sobre as patas de trás para esperar que o alcançassem, com sua linguinha vermelha pendendo para fora da boca. Pat adorava McGinty; achava que o adorava mais que Snicklefritz, com seus pelos encaracolados, que, no fim das contas, era um cachorro de um dono só e um tanto rabugento com qualquer pessoa que não fosse Joe. McGinty era um cachorrinho tão fofo... Tão melancólico... Tão ávido por se amado, com suas bochechinhas brancas e as costas e orelhas de um tom castanho-dourado... Orelhas pontudas que se empinavam quando estava feliz e se abaixavam de leve quando se entristecia, e um rabo sempre pronto para abanar toda vez que alguém queria que abanasse.

2

No fim, eles encontraram um local espetacular... Uma lagoa profunda, tranquila, no meio do bosque, da qual o riacho fluía, alimentado por um gotejamento de água que escorria pelas pedras de um pequeno morro. Ao redor, abetos cobertos de musgo e bordos sussurrantes, com pequenos morrinhos abaixo deles, e, logo além, uma encosta arejada, com algumas estacas musguentas e tomadas pelo mato espalhadas aqui e ali, e um pássaro azul empoleirado na ponta de um piquete. Era tudo tão lindo que chegava a doer. Por que, Pat se perguntou, coisas belas doíam com frequência?

– Este é o lugar mais lindo que já vi – confessou Pat. – Quase... – acrescentou, lembrando-se do Campo Secreto.

– Não é? – respondeu Jingle, alegre. – Acho que ninguém sabe que existe. Vamos manter em segredo.

– Vamos – concordou Pat.

– Sempre me faz pensar em um poema que aprendi na escola... *A fonte retirada*... Já ouviu?

Jingle o recitou para ela. Ele devia ser inteligente, pensou Pat. Nem mesmo Sid conseguia recitar um poema longo de cor daquele jeito. E alguns dos versos a encantaram como um acorde musical... *Alegremente no vale da montanha... Clarins ecoam suavemente ao longe.* Mas o que significava *desperta os medos noturnos dos camponeses*? O que era “camponês”? Ah, apenas um fazendeiro... *Desperta os medos noturnos do fazendeiro*... Não, assim ficava engraçado demais. Melhor manter “camponês”. Ela e Jingle compartilharam uma daquelas gargalhadas que selam a amizade.

Eles ficaram sentados no morro, em meio à atmosfera doce, perfumada pela grama, e comeram seus pães de canela. Bem ao longe, além dos campos e dos bosques, conseguiam enxergar a planície azul do golfo.

– Veja, um diamante de fada! – exclamou Pat, apontando para um pontinho deslumbrante de luz que, às vezes, se podia ver em um campo distante, onde a aragem desenterrara um pedaço de vidro quebrado.

Jingle lhe ensinou a chupar o mel dos trevos. Eles encontraram, em uma antiga rocha plana coberta de musgo, cinco florzinhas amarelas que pareciam estrelas, e Jingle as observou, fascinado, por trás dos óculos enormes. Pat ficou contente por Jingle gostar de flores. Quase nenhum garoto gostava. Joe e Sid achavam que eram bonitas... Para garotas.

McGinty deitou-se com a cabeça nas pernas de Jingle e o rabo nos joelhos desnudos de Pat. Então, Jingle arrancou a casca do

tronco de uma bétula tombada no chão e, com a ajuda de algumas hastes de capim, fez, diante dos olhos dela, uma casinha maravilhosa... Com quartos, varanda, janelas, chaminés, toda completa. Era como mágica.

– Ah, como você faz isso? – indagou Pat.

– Vivo construindo casas – respondeu Jingle em tom sonhador, rolando McGinty para o lado e segurando os joelhos queimados pelo sol. – Na minha cabeça, digo. Falo que são minhas “casas dos sonhos”. Um dia, quando for adulto, vou construí-las de verdade. Vou construir uma para você, Pat.

– Ah, vai mesmo, Jingle?

– Sim, pensei em tudo na noite de sábado, depois que fui para a cama. E vou continuar pensando. Quando eu terminar, será a casa mais linda que você já viu, Pat.

– Não poderia ser mais linda que Silver Bush – retrucou Pat, com ciúme.

– Silver Bush é linda – admitiu Jingle. – Fico satisfeito quando olho para ela. Quase nenhuma outra casa faz com que eu me sinta assim. Quando olho para uma casa, quase sempre quero demoli-la e construir direito. Mas não mudaria nadinha em Silver Bush.

Muito esperto esse Jingle! Pat nunca nem sonhou em duvidar da opinião dele sobre casas depois disso.

McGinty virou-se de barriga para cima e pediu que alguém lhe fizesse carinho.

– Queria que tia Maria gostasse mais de McGinty – confessou Jingle. – Ela não gosta nem um pouco dele. No dia em que ele mastigou um dos guardanapos de pano bons, fiquei com medo de que ela o mandasse embora. Mas tio Lawrence disse que ele podia ficar. Tio Lawrence não se importa com McGinty, mas ri dele, e McGinty não suporta que riam dele.

– Nenhum cachorro suporta – concordou Pat com perspicácia, demonstrando seu extenso conhecimento sobre cachorros.

– McGinty tem que dormir, à noite, no galpão de palha. Uivou tanto esses dias que fui lá dormir com ele. Minha *mãe* permitiria que ele dormisse dentro de casa e trouxesse ossinhos.

– Pensei que sua mãe tivesse... morrido.

Jingle selecionou um talo de capim e começou a mastigá-lo, fingindo indiferença.

– Não, meu pai morreu. Morreu quando eu era bebê. Minha mãe se casou de novo. Eles moram em Honolulu.

– Você nunca a vê? – exclamou Pat, para quem Honolulu não significava coisa nenhuma. Mas algo no tom de Jingle a fez pensar que deveria ser bem longe.

– Só de vez em quando – respondeu Jingle, que não conseguia admitir que não se lembrava de ter visto a mãe alguma vez na vida.

– Sabe, o marido dela tem a saúde ruim e não consegue suportar o clima do Canadá. Mas escrevo para ela, é claro... Todo domingo.

Ele não contou a Pat que as cartas nunca eram enviadas, mas guardadas cuidadosamente em uma caixa debaixo da cama. Talvez um dia ele pudesse entregá-las à mãe.

– É claro – aquiesceu Pat, que aceitara a situação com a filosofia incondicional de seus 8 anos. – Como ela é?

– Ela é... Ela é muito bonita – disse Jingle com firmeza. – Ela... Ela tem cabelos claros dourados... E olhos grandes e azuis... Olhos azuis como a água lá longe.

– Como os de Winnie – comentou Pat, compreendendo.

– Gostaria que ela não vivesse tão longe – comentou Jingle, engasgando.

Ele engasgou com tanta valentia que engoliu o caroço na garganta. Quando se era um garoto crescido, com 10 anos, não se

devia chorar... Não diante de uma garota, de toda forma.

Pat não disse nada. Apenas colocou a mãozinha magra em cima da dele e apertou. Pat, até mesmo aos 8 anos, tinha toda a sabedoria do mundo.

Eles permaneceram sentados ali até esfriar e sombras azuis suaves pairarem sobre os morros distantes, além dos quais nenhum deles estivera, e breves arrepios tocarem a água verde-prateada da Fonte Retirada. Para outras pessoas, aquele poderia ser apenas o campo dos fundos da propriedade de Larry Gordon. Para Pat e Jingle, era, daquele dia em diante, um eterno mundo das fadas.

– Vamos dar um nome a este lugar, também – propôs Jingle. – Vamos chamá-lo de “Felicidade”. E vamos mantê-lo em segredo.

– Adoro segredos – concordou Pat. – É bom ter segredos. A tarde foi uma delícia.

3

Pat, e Jingle chegaram atrasados para o jantar, mas Judy serviu presunto frito e bolo de milho para eles na cozinha. Depois que Jingle e McGinty se foram, Judy perguntou a Pat como ela e seu “amigo menino” tinham passado a tarde. “Amigo menino” não era tão insultante quanto “derriço”. Pat, escolhendo uma palavra extensa para impressionar Judy, limitou-se a comentar, em tom arrogante:

– Nós nos descontraímos muito.

– Ora, ora, num tenho dúvidas. Pur certu, vucê iscolheu um bom garotu pra sê seu primeiro. Dá pra percebê qui ele tem uma boa linhagem.

Judy sempre se importara muito com a linhagem.

– Ele é terrivelmente desengonçado, Judy. – Pat pensou que, se o

criticasse, talvez conseguisse convencer Judy de que ele não era seu namorado coisa nenhuma. – Você viu como se bateu na porta quando estava saindo da sala de jantar e pediu desculpas?

– Ora, ora, é pur isso qui eu tô dizenu qui ele é um cavalheiru. Quem mais pidiria desculpas a uma porta?

– Mas ele foi tão estúpido que pensou ter trombado com uma pessoa.

– Ora, ora, ele num é estúpido a esse ponto. Não, não, meu tesouro, ele num é nem um pouco bobo, aquele rapaz. E tem ótimos modos. Ele cumeu a sopa sem tentá ingulir a culhé. Eu mesma nunca cunsegui insiná o Sidy a não fazê isso.

– Mas ele não é nem um pouco bonito, Judy... Não como o Sid.

– Ora, ora, admito qui os óculos conferem uma aparência isquisita pra ele. E aquele corti di cabelo “tigelinha” nunca favoreceu ninguém. Mas vucê reparou como as orelhas dele são bem coladinhas na cabeça? E a beleza tá nos olhos di quem vê. Lembra disso, senhurita Pat, quandu fô realmente iscolhê um home a sério. Ele é um tantu magricelu e disajeitadu, mas isso acaba si resolvenu quandu eles ficam mais velhos. É pussível percebê, só di olhá pra ele, qui ele num ganha cumida suficiënti. Sempre qui pudé, convida o mininu pra cumê aqui. Dizem mesmo qui a mãe nigligencia completamenti o pobrezinhu, di tão apegada qui é ao novo maridu.

– Você já a viu, Judy?

– Nunca... Ninguém pur aqui viu. Jim Gordon si casô cum ela e a trouxe da Nova Iscócia, e eles viveram aqui. Ele murreu pouco dipois qui o bebê nasceu, e a viúva num ficô di luto pur muito tempo. Ela si casô di novo quandu o piquenu Jingle num tinha nem completadu 2 anos e foi imbora pro interiô, larganu o bebê cum o tio. Jim Gordon era um home dos mais decentes qui ixistem, mesmo qui vivesse chuvenu nu molhadu. Achu qui ele si reviraria no túmulo

si soubesse qui é o Larry quem tá crianu o muleque. Larry puxou à mãe. O pai é qui era uma pessoa alegre, cum uma língua lisunjeira. Ele nunca falava cum ninguém sem fazê um elugio. Mas foi sussurrado até a morti.

– *Sussurrado* até a morte, Judy?

– Tô falanu. Ele partiu o coração di uma pobre moça, e ela murreu. Mas sua voz nunca mais saiu da cabeça dele dipois disso... Ela ficou sussurrando nu ouvidu dele até ele murrer, mesmo cum a nova isposa. Vucê divia tê-lo visto na igreja, cum a cabeça baixa, ouvinu algo qui nem o sermão nem o coral cunseguiam abafá. Ora, ora, essa história já é antiga e já foi isquicida. Poucas são as famílias qui num têm esqueletos no armário. Teve o Solomon Gardiner, lá im South Glen... O home qui difamô Deus.

– O que aconteceu com ele?

– Nada.

– Nada?

– Simplesmenti nada. Nada nunca mais aconteceu cum ele. O Home Lá di Cima o abandonô completamenti. Ora, ora, foi um baque e tantu pra família. Vem mi ajudá com os perus agora. Mas o qui é qui tá perturbanu vucê, quirida?

– Estou com receio, Judy... Talvez Jingle também tenha uma língua lisonjeira. Ele disse... Ele disse...

– Disimbucha.

– Ele disse que tenho os olhos mais lindos que ele já viu.

Judy riu.

– Pur certu, é um elugio e tantu. Quem vissi aquele garoto todo tímido no almoço diria qui ele num cunsequiria nem tocá um ganso. Os Gordon têm um pouquinho di sangue irlandês, herança da velha avó.

– *Você* acha que tenho olhos bonitos, Judy?

Era a primeira vez que Pat pensava em seus olhos.

– Você tem os olhos dos Selby, e a Winnie tem os olhos dos Gardiner, e ambos são dislumbrantis. Mas não precisa se preocupar com seus olhos por mais uns bons anos, e também não acredita em tudo que os garotos dizem pra você, meu tesouro. Lembra que te elogiar não custa nada pra ele.

Quando o belo bando de perus brancos de Judy fora tocado da cerca do cemitério até a granja, Sid chegara em casa no automóvel de tio Brian. Ficara sabendo sobre Jingle, mas agira com bastante tranquilidade... Pat sentiu um grande alívio, além de algo que não era exatamente alívio. Ela quase desejava que ele tivesse se incomodado um pouco. Será que não se *importava*?

– Ele precisa tanto de um amigo – explicou Pat. – Eu, agora, tenho três irmãos. Mas é claro que sempre o amarei mais, Sid.

– É melhor que ame mesmo, menininha – respondeu Sid. – Caso contrário, amarei May Binnie mais que você.

– É claro que jamais poderia amar alguém mais que minha própria família – comentou Pat, ainda em tom melancólico.

Mas Sid saía correndo para pedir algo para comer a Judy Plum. Estava animado, pois acabara de descobrir uma nova verruga na mão esquerda. Isso significava que ele enfim estava ganhando de Sam Binnie. Eles estavam quites havia um tempo.

Pat subiu as escadas sentindo-se um tanto solitária e sentou-se diante da janela redonda. A pequena lagoa perolada no campo refletia os abetos negros sob o pôr do sol vermelho. Por um instante, as janelas da Casa Comprida e Solitária ficaram iluminadas... Então, apagaram-se tristemente. Não havia nem um único gatinho sequer no quintal. Ah, quem dera Sid tivesse ficado com um *pouquinho* de ciúme de Jingle! Pat sabia como *ela* se sentiria se ele tivesse feito amizade com qualquer outra garota.

Imagine se ele um dia gostasse mais de May Binnie... A detestável May Binnie, com seus olhos pretos ousados. Por um segundo, Pat quase odiou a si mesma por gostar de Jingle.

Então, pensou em Felicidade e na água escorrendo risonhamente pelas pedras naquele lugar secreto.

“Jingle gosta dos meus olhos”, pensou Pat. “Amigos são legais.”



Magia negra

1

Foi na última semana de outubro que McGinty desapareceu. Pat ficou tão desolada quanto Jingle. Parecia, agora, que Jingle e McGinty sempre fizeram parte de sua vida... Como se nunca houvesse existido um tempo em que eles não iam até o Jordão toda tarde de sábado ou escapuliam para a cozinha de Judy nos “escureceres” frios, para uma noite de diversão e risadas. Para Jingle, que nunca tivera um lar de verdade, aquelas noites eram maravilhosas... Pequenos vislumbres de outro mundo.

A única mosca na sopa de Pat era o fato de que Sid e Jingle não se entenderam muito bem. Não que desgostassem um do outro; eles simplesmente não falavam a mesma língua. Se fossem mais velhos, talvez dissessem que entediavam um ao outro. Sid achava Jingle um garoto esquisito e devaneador, com suas “casas dos sonhos”, seus óculos escuros e suas roupas esfarrapadas, e expressava tudo isso em palavras. Jingle pensava que Sid era um tanto convencido, até mesmo para um Gardiner de Silver Bush, mas não dizia nada. Desse modo, acabou que Pat e Sid brincavam e passeavam juntos após a escola, mas as tardes de sábado, quando Sid preferia sair com Joe para trabalhar na fazenda, ela dedicava a

Jingle. Eles passavam a maior parte do tempo em Felicidade, e Jingle construiu uma infinidade de casas, e tinha uma nova ideia a cada semana para a casa que iria construir para Pat. Pat se interessava pelo projeto, embora, é claro, nunca fosse viver em qualquer outro lugar além de Silver Bush. Eles exploravam o bosque, o deserto e o riacho, mas Pat nunca levou Jingle ao Campo Secreto. *Aquele* era o segredo dela e de Sid, assim como Felicidade era seu segredo e de Jingle. Pat se deleitava com isso. Segredos eram tão maravilhosos... Ela costumava sentar-se na igreja e sentir pena das pessoas que não faziam ideia da existência do Campo Secreto ou de Felicidade.

McGinty os acompanhava por todos os cantos e era o cachorrinho mais feliz do mundo... Então... Não havia mais McGinty.

Pat encontrou Jingle em Felicidade uma tarde, com o rosto abaixado em meio às samambaias congeladas, soluçando como se seu coração fosse partir ao meio. A própria Pat sentia vontade enorme de chorar. Primeiro, porque aquela horrorosa da May Binnie dera uma maçã a Sid na escola, no dia anterior... Uma maçã linda, com as iniciais de Sid e dela (tamanho descaramento!) em verde-claro sobre a superfície vermelha. May colara as letras na maçã semanas antes, e aquele era o resultado. Sid ficou bastante eufórico com o presente, mas Pat teria enfiado a maçã no forno, se tivesse audácia suficiente. Sid a colocara na cornija na lareira da sala de jantar, e ela precisava olhar para ela em todas as refeições. Além disso, Sid estava irritado com ela aquela manhã, porque chovera na noite anterior.

– Você rezou pedindo chuva na quinta-feira à noite... Eu ouvi – reprimiu ele. – E *sabia* que eu queria que sexta-feira fosse um dia bonito.

– Não, Sid, não foi isso – respondeu Pat, choramingando. – Ouvi

papai dizer que as nascentes estavam muito secas... Inclusive aquela de Feli... A que dá vida ao nosso Jordão. Foi por isso que rezei pedindo chuva. Sinto muito, Sidy.

– Não me chame de Sidy – esbravejou Sid, que parecia todo cheio de mágoas naquele momento. – Você sabe que detesto.

– Nunca mais chamarei – prometeu Pat. – Por favor, não fique zangado comigo, Sidy... Digo, Sid. Não posso suportar.

– Bem, também não seja um bebê chorão. Você é pior que a Naninha – disse Sid.

Ele deu um abraço indiferente em Pat, que a reconfortou parcialmente. Apenas parcialmente. Ela saiu para ir até Felicidade sentindo-se um tanto aflita, mas a desolação de Jingle afastou todos os problemas de sua mente.

– Ah, Jingle, qual é o problema?

– McGinty foi embora – respondeu Jingle, endireitando-se.

– Embora?

– Embora... Ou está perdido. Foi comigo para a praia em Silverbridge ontem à noite e... E desapareceu. Não consegui encontrá-lo em lugar nenhum. Ah, Pat!

Jingle abaixou a cabeça de novo. Não se importava que o vissem chorar. Pat uniu suas lágrimas às dele, mas assegurou que McGinty seria encontrado... Precisava ser encontrado.

Uma semana terrível se seguiu. Não havia sinal de McGinty. Judy achava que o cachorro fora roubado. Jingle colocou cartazes nas lojas, oferecendo uma recompensa de vinte e cinco centavos (tudo o que tinha no mundo) para recuperar McGinty. Pat queria subir o valor para quarenta e cinco... Tinha uma moeda de dez centavos e certeza de que conseguiria emprestar mais uma de Judy. Mas Jingle não quis aceitar. Pat rezava todos os dias para que McGinty fosse encontrado e se sentava no meio da noite para orar novamente.

– Querido Deus, por favor, devolva o McGinty para Jingle. *Por favor*, querido Deus. O Senhor saber que ele é tudo que Jingle tem, já que a mãe dele mora tão longe.

E foi tudo em vão. Não havia sinal de McGinty. Jingle chegava em casa todas as noites sem ter o companheirinho marrom correndo pelo quintal para recepcioná-lo. Não conseguia dormir, pois ficava imaginando um cachorrinho perdido em uma noite desoladora de outono. Onde estava McGinty? Será que estava sozinho e com frio? Talvez não estivesse conseguindo o suficiente, ou alguma coisa, para comer.

– Judy, você não pode fazer nada? – suplicou Pat em desespero. – Você sempre disse que tem um pouquinho de sangue de bruxa. Disse, uma vez, que sua avó podia se transformar em gato sempre que quisesse. Não pode encontrar o McGinty?

Judy, que tinha, contudo, decidido que algo deveria ser feito antes que Pat morresse de preocupação, meneou a cabeça.

– Tenho tentadu, meu tesouro, mas sei quandu fui vencida. Si eu tivessi o livro di magia da minha vó, achu qui cunseguiria. Mas é o qui é. Meu conselho a vucê é qui vá visitá a Mary Ann McClenahan, na estrada di Silverbridge. Ela é uma bruxa du bem, acredito eu, embora eu num possa deixá di admitir qui é um pouquinho rechonchuda pra uma vassoura. Si ela num pudé ajudá, num sei quem mais poderia.

Pat fora forçada a deixar de acreditar em criaturas fantásticas, mas ainda mantinha a mente aberta em relação a bruxas. Elas certamente existiram, em certo momento. A Bíblia afirmava. E não se podia refutar o fato de que a avó de Judy fora uma.

– Tem certeza de que Mary Ann McClenahan é uma bruxa, Judy?

– Ora, ora, ela sempre sabe nu que vucê tá pensanu. Isso mostra qui ela é uma bruxa.

Pat correu para contar a Jingle. Ela o encontrou parado em uma pedra sobre o Jordão, fazendo uma careta feroz para o céu e sacudindo o punho para o alto.

– Jingle... Você não está... Rezando desse jeito, está?

– Não, estou apenas contando a Deus o que achei de tudo isso – respondeu Jingle em tom desesperado.

Ele concordou, contudo, em ir até a casa de Mary Ann McClenahan na tarde seguinte. Eles chamaram Sid para ir também (quanto mais gente, mais seguro), mas Sid estava treinando uma jovem coruja que encontrara no bosque branco e se recusara a ter qualquer contato com bruxas. Eles partiram com determinação, embora Joe, que estava indo arar o campo Torta de Carne, com as correntes dos cavalos tilintando lindamente, tivesse aconselhado que ficassem atentos.

– A velha Mary Ann assinou um pacto com o diabo, sabiam? *Eu* morreria de medo se ela me olhasse atravessado.

Pat não se assustava com facilidade e permaneceu tranquila. Se Deus, aparentemente, não prestava qualquer atenção às suas orações, que culpa ela tinha por ter que recorrer a uma bruxa?

– Lembrem di voltá antis di anoitecê – alertou Judy. – Pur certu, é noiti di *Samhain*, e todos os mortos estarão caminhanu pur aí. Contem toda a história a Mary Ann sem rodeios e façam o qui ela mandá.

Jingle e Pat desceram a rua onde o vento soprava as sombras das bétulas nuas, e montanhas de folhas mortas jaziam sob a sebe das árvores. O Morro da Névoa trajava um cachecol roxo quase invisível. Pat usava seu novo gorro vermelho e estava agradavelmente consciente dele em sua cabeça, a despeito de toda a ansiedade em relação a McGinty. Jingle caminhava ao seu lado, com as mãos enfiadas nos bolsos rasgados e as calças ainda mais

esfarrapadas batendo nas pernas desnudas. Pat nunca estivera com ele antes, na estrada principal, sob a luz do dia. Em Felicidade e nas curvas do Jordão, não importava como ele estava vestido. Mas ali... Bem, ela só torcia para que os Binnie estivessem fora da cidade, só isso.

2

A casinha caiada da senhora McClenahan, com a vibrante porta azul, ficava a mais de três quilômetros de Silver Bush, na estrada de Silverbridge. Um salgueiro enorme, do qual algumas poucas e desoladas folhas amareladas caíam no telhado cinza, fazia sombra nela toda, e havia uma pequena e pitoresca trapeira sobre a porta.

– Ah, Pat, olhe só aquela janela – sussurrou Jingle, em êxtase momentâneo, esquecendo-se até mesmo de McGinty. – Nunca vi uma janela tão bonita. Vou colocar uma na *sua* casa.

A janela até podia ser bonita, mas a paliçada estava bastante desgastada e o quintal que ela cercava era uma verdadeira floresta de bardanas. Pat concluiu que ser bruxa não parecia, afinal, ser um ofício muito rentável. Pensou, de forma perspicaz, que, se *ela* um dia assinasse um pacto com o diabo, teria feito um negócio melhor.

Jingle bateu à porta azul. Imediatamente, ouviu-se o som de passos lá dentro. Uma sensação arrepiante se espalhou por Pat. Talvez não fosse uma boa ideia se intrometer com o poder da escuridão. Então, a porta se abriu, e Mary Ann McClenahan estava ali, olhando para eles com os olhos pretos miúdos, rodeados por almofadas de gordura. Os cabelos bagunçados também eram pretos, como carvão, embora ela devesse ser tão velha quanto Judy. No geral, tinha aparência rechonchuda e festiva demais para uma bruxa, e o pavor de Pat se dissipou.

– Agora, quem são vucês e o qui querem cumigu? – indagou a senhora McClenahan, com sotaque três vezes mais forte que o de Judy.

Pat tinha aquele traço dos Selby de nunca desperdiçar palavras, fôlego ou tempo.

– Este é Hilary Gordon e ele perdeu o cachorro. Judy disse que, caso viéssemos aqui, talvez a senhora pudesse ajudar a encontrá-lo. Isto é, se for mesmo uma bruxa. É?

O olhar de Mary Ann McClenahan ficou de pronto reticente e misterioso.

– Quieta, criança... Num fala sobre bruxas desse jeito, sob a luz du dia. Num si sabe o qui podi acuntecê. E incontrá uma criatura perdida num é algo qui si possa fazê num piscá di olhos. Entrem... E é milhó vucês subirem cumigu até o sôtão, pra qui eu possa cuntinuá tecenu. Tô cusenu uma tualha di mesa pras fadas daqui. Todas as bruxas da Ilha do Príncipe Edward prometeram fazê uma peça pra elas. As pobres criaturinhas sonsas deixaram todas pra fora, na geada, na noiti di terça, e perderam tudo.

Eles subiram a escadaria estreita até um sôtão abarrotado, onde o tear da senhora McClenahan ficava ao lado da janela que chamara a atenção de Jingle. Na soleira, um gato preto perfeitamente limpo lambia o corpo todo para ficar ainda mais limpo. Seus olhos grandes, amarelos, com contornos pretos, brilhavam de modo um tanto desconcertante no escuro do sôtão. Apesar de ser o gato de uma bruxa, Pat gostava de olhar para ele. Como se sentiria se soubesse que aquele era seu adorado Domingo, que ela lamentara ter perdido e fora dado por Judy a Mary Ann McClenahan um ano antes, não sei dizer. Por sorte, Domingo crescera e não era mais possível reconhecê-lo.

A senhora McClenahan empurrou um banco e uma cadeira bamba

na direção das crianças e voltou para o tear.

– Pur certu, num posso perdê um sigundo siquer. É a tualha da própria rainha qui eu tô tecenu, e Sua Majestade vai ficá uma fera si eu num terminá a tempu.

Pat sabia muito bem que Mary Ann estava apenas tecendo um cobertor de flanela, mas não ia contradizer uma bruxa. Além de que... Talvez Mary Ann *fosse* transformá-lo em uma teia de aranha quando terminasse... Um daqueles emaranhados de névoa ornamental e pura beleza que se viam na grama e nos canteiros de samambaias nos bosques, em uma manhã de verão.

– Intão, vucês vieram mi procurá pra encontrá o McGinty du garotu – disse Mary Ann. – Ah, sei o nome dele... Sei di tudo. O gatu da tua tia Edith contou toda a história pro meu, na última quadrilha qui tivemos. Tua tia Edith é sufisticada dimais para nós, mas mal sabe ela pur onde é qui o gatu dela anda. Ainda bem qui vucês vieram na fase certa da lua. Eu num ia podê fazê coisa nehuma pur vucês na semana qui vem. Mas, agora, talvez haja uma chance. Pur que aquela sua mãe adorável nunca vem visitá vucê, jovem Hilary Gordon?

Jingle pensou que bruxas eram um tanto impertinentes. Contudo, se era preciso lidar com elas...

– Minha mãe vive longe demais para vir com frequência – explicou ele educadamente.

Mary Ann McClenahan ergueu os ombros gordos.

– Vucê tem o direito di inventá desculpas pur ela, jovem Hilary, mas tenho minha própria opinião cum relação a ela e vucê num precisa si zangá cumigu por falar isso, pois uma bruxa nunca si importa cum quem cum ela si zanga. E, agora qui já tirei isso du peitu, vou pensá no seu cachorro. Vou tê qui refleti um pouco.

A senhora McClenahan inclinou-se na direção de uma prateleira e

pegou dois punhados de uvas-passas de um saco de papel.

– Aqui, empanturrem seus corpinhos cum isto inquantu eu pensu um pouquinho.

O silêncio se instaurou por um tempo. As crianças se dedicaram à tarefa de comer e observar a senhora McClenahan balançar para a frente e para trás. Pat a contemplava com curiosidade. Será que ela tinha mesmo assinado um pacto com o diabo, como Joe dissera?

Então, a senhora McClenahan a encarou e acenou com a cabeça.

– Vucê tem uma piquena virruga no piscoço. Pur certu, essa é a marca da bruxa. O qui acha, minha criança? Num gostaria di sê bruxa? Pensa na diversão di vuá numa vassoura.

Pat *já* pensara no assunto. A ideia tinha seu charme, embora ela preferisse voar nas costas de uma andorinha, sobrevoando os campanários e os bosques de abetos durante a noite. Mas...

– Preciso assinar um pacto com o diabo? – sussurrou ela.

A senhora McClenahan confirmou solenemente com a cabeça.

– Eu iscolheria um belo demônio pretu e brilhanti pra vucê... Mas tenha em mente qui nem mesmo os demônios são como costumavam sê.

– Acho que sou nova demais para ser bruxa, obrigada – respondeu Pat com determinação.

A senhora McClenahan riu.

– Pur certu, são as bruxas jovens qui têm o pudê, minha criança. Num faz sintidu isperá até sê velha feito uma curuja. Pensa a respeito... Nem todas podem sê bruxas... Somos ixtremamenti ixclusivas. Agora, quantu a esse tal di McGinty. Quandu saírem daqui, subam o morro e girem três vezes, venerandu Norti, Sul, Lesti e Oesti. Intão, desçam o morro até Silverbridge. Há uma casa logo antis da ponte, cum uma porta vermelha como a da casa du teu tio Tom, só qui disbotada. Girem mais três vezes e batam duas vezes à

porta. E si alguém aparecê... Num tô dizenu qui alguém vai aparecê... Cruzem os dedos e perguntem: “McGinty tá aqui?”. Intão, si cunseguiem recuperá McGinty... Num tô dizenu qui vão cunseguir... Façam bom uso dessas perninhas e num façam perguntas. É tudo o qui posso fazê pur vucês.

– E quanto a senhora cobra pelo conselho? – indagou Jingle, sereno, pegando sua moeda de vinte e cinco centavos.

– Pur certu, num pudemos cobrá nada di genti cum virrugas. É claramenti contra as regras.

– Muito obrigada, senhora McClenahan – disse Pat. – Somos muito gratos à senhora.

– Vucês são crianças muito educadas – comentou a senhora McClenahan. – Si num fossem, Mary Ann McClenahan num teria ajudado a incontrá o cachorro. Eu tô totalmenti farta da ousadia e da impertinência da maioria da criançada pur aqui. Era differenti, quandu eu era jovem. Agora, si apressem... Pur certu, ninhuma pessoa em sã consciência si demoraria por aí depois di iscurecê na noiti di *Samhain*. Num esqueçam di dá os giros. Caso contrário, talvez fiquem procuranu por McGinty até os olhos caírem du rostu.

A senhora McClenahan ficou parada à porta observando-os se afastar. Então, disse algo muito estranho para uma bruxa:

– Qui Deus abençoe os piquininos.

Com isso, Mary Ann McClenahan foi até a casa do senhor Alexander, do outro lado da rua, e perguntou se podia usar o telefone para ligar para um amigo lá da ponte, por favor e obrigada.

3

O dia de outubro estava quase se pondo atrás dos morros escuros quando Pat e Jingle saíram da casa da senhora McClenahan.

Quando chegaram ao topo do morro, giraram três vezes e reverenciaram solenemente o Norte, o Sul, o Leste e o Oeste. Quando pararam diante da casa de porta vermelha em Silverbridge, giraram três vezes de novo. Se McGinty não estivesse no final daquela missão, não seria por eles terem falhado em cumprir de maneira escrupulosa o ritual da Bruxa McClenahan.

Quando Jingle bateu duas vezes, a porta se abriu com uma prontidão excepcional e o vão foi tomado por um homem gigantesco de meias, com espessos cabelos ruivos e barba ruiva de uma semana por fazer. Um cheiro muito forte emanou lá de dentro, lembrando Pat de algo que Judy servia de uma garrafa preta, de vez em quando, no inverno, para tratar resfriados.

Ambos cruzaram os dedos, e Jingle perguntou, com a voz rouca:

– McGinty está aqui?

O homem se virou e abriu uma portinha à sua direita. Lá dentro, em uma cadeira bamba, estava McGinty. A expressão de desolação nos olhos do pobre cachorrinho mudou para euforia. Em um único pulo, estava nos braços de Jingle.

– Ele chegou aqui certa noite, há mais ou menos uma semana – contou o homem. – Estava com muito frio e muita fome... E nós o acolhemos.

– Foi muita bondade sua – respondeu Pat, já que Jingle estava temporariamente sem palavras.

– E não foi? – disse o homem, sorrindo.

Algo nele fez Pat se lembrar do conselho da Bruxa McClenahan para eles fazerem bom uso das pernas.

– Muito obrigada – disse ela, puxando Jingle, ainda em transe, pelo braço.

A porta vermelha se fechou... A lua vermelha os fitava logo acima de um morro, entre dois pinheiros altos... E eles tinham um cachorro

extasiado de felicidade nos braços. Foi uma caminhada e tanto de volta para casa! O mundo todo reluzia. Eles atravessaram os campos por um atalho, com as sombras compridas correndo diante deles. Jingle caminhava envolto em uma espécie de euforia devaneadora, abraçando McGinty, mas Pat tinha olhos para todo o charme dos campos vazios e solitários de restolho, dos bosques onde os galhos se escondiam sob o céu pintado de branco pelo luar, e do vento que não passava de um sussurro quando eles saíram de casa, mas agora era selvagem, frio e ruidoso, soprando do mar. Passaram por Felicidade, onde os morrinhos estavam profundamente adormecidos, e pelo Jordão. Então, atravessaram o bosque branco por uma trilha que ziguezagueava sob as bétulas iluminadas pela lua até o quintal dos fundos da casa, onde Sid decorara as estacas do portão com lanternas de nabo maravilhosas, e Judy colocara seu pequeno castiçal de cobre, com base e alça, no peitoril da janela para recepcioná-los, e eles sentiram, lá do meio do bosque, o cheiro da carne de porco curada sendo frita. Então, a cozinha quente, repleta de aromas deliciosos; a recepção e a alegria de Judy; e a janta de carne de porco frita e batatas assadas com casca. Apenas eles três. Sidney e Joe estavam trabalhando no celeiro. Winnie saíra com uma amiga, a mãe estava no pavimento superior com Naninha, e o pai cochilava no sofá da sala de jantar.

Depois da janta, Pat e Jingle desceram até o grande e misterioso porão, assustador com suas sombras gigantes, para pegar maçãs, então todos se sentaram ao redor do fogão, que era tão bom quanto uma lareira, com suas portinholas que se abriram plenamente, e papearam. Era delicioso ficar sentado ali, tão aconchegante e quente, com o vento sinistro soprando lá fora... Tomado por vozes de fantasmas, disse Judy, pois era noite de *Samhain*. McGinty esparramou-se no tapete dos gatos pretos, com os olhos fixos em

Jingle, evidentemente com medo de dormir e, após acordar, perceber que tudo aquilo não passara de um sonho. Quinta-feira, que estava desaparecido havia um ou dois dias, reaparecera, um filho pródigo gorducho e pujante, e Cavaleiro Tom estava sentado no banco, refletindo. Como Puck de Rudyard Kipling, Cavaleiro Tom poderia ter permanecido um século sentado ali, apenas pensando.

– Estou muito feliz que tenha esfriado o suficiente para acendermos o fogo à noite – comentou Pat. – E, no inverno, será ainda melhor. Ficamos *tão* aconchegados no inverno...

Jingle não disse nada. Sua percepção das noites de inverno era bem diferente. Uma cozinha fria e suja... Uma lamparina a óleo acesa... Uma cama no sótão inacabado. Naquele momento, no entanto, seu cachorro estava de volta, e ele estava perfeitamente feliz. Ficar sentado ali, comendo maçãs com Pat enquanto Judy amassava e sovava o pão, era tudo que ele poderia querer.

– Ora, ora, num a chamam di “bruxa” sem motivo, aquela lá – disse Judy depois de ouvir toda a história. – Eu costumava conhecê os McClenahan muito bem, uns anos atrás. Tom McClenahan era um home decenti, imhora falasse pelos cutuvelos quandu disimbestava. E num falava nada bem, posso garanti. Uma vez, ele si zangou quandu Mary Ann caçoou dele pur causa da língua tagarela e jurou qui num falaria uma palavra siquer pur um mês. Ele cumpriu a promessa pur dois dias, mas nunca mais foi o mesmo. Era um esforço árduo dimais pra ele. Mary Ann sempre acreditô qui foi pur isso qui ele caiu mortinho, mais ou menos, um ano dipois. Ele era um ótimo violinista quandu era jovem, e tinha um violino qui podia fazê tudo mundo dançá.

– *Fazer* as pessoas dançarem, Judy?

– Tô falanu. Quandu as pessoas o ouviam tocá, *pricisavam* dançá.

Era um violino velho qui o pai dele tinha trazido da Irlanda. Pur certu, ele tentô usá o instrumentu no ministru, certa vez, aquele pândego.

– O ministro dançou?

– E num é qui dançô? Foi um escândalo e tantu. Mandaram chamá lá no Presbitério. Tom si ofereceu pra ir e tocá pra todos eles pra prová qui o pobre senhor MacPhee num tinha culpa, mas num quiseram recebê o home. Uma pena. Pensa na cena qui siria... Uma dúzia ou mais di ministrus, cum aquelas vestes cumpridas, tudo dançando ao som du violinu di Tom McClenahan. Ora, ora! No fim, eles deixaram o senhor MacPhee si safá e abafaram o caso tudo. Vucê já vai, Jingle? Bem, faz uma oração pur todos os pobres fantasmas e tem o mínimu di contatu pussível com bruxas daqui im diante. Uma vez só, num tem prublema ninhum, mas qui num vire um hábito.

Jingle foi embora, decidido a passar a noite no galpão de palha com McGinty, e a sonolenta Pat ficou feliz em ir para a cama.

– Por que você enche a cabeça dessas crianças com toda essa ladainha de bruxas, Judy? – perguntou Alec Compridão, meio rindo, meio reprimindo, lá da sala de jantar.

Ele fora censurado por Edith aquela tarde por permitir que Judy Plum enchesse seus filhos com tais mentiras e sentiu que estava na hora de uma de suas tentativas espasmódicas de controlá-la. Judy riu.

– Fica tranquilo, Alec Gardiner. Elas num acreditam piamente e si entretêm um bucado. Tenho certeza di qui a Mary Ann si divertiu um monte cum elas.

– O que fez você pensar em mandá-las procurá-la?

– Pur certu, eu já achava qui ela sabia onde o McGinty tava. Ela cunhece aquele pissual de Silverbridge qui roubô o collie du Rob

Clark e todas as galinhas da senhora Taylor na semana retrasada e qui já tava com tudo prontu pra vendê. Mary Ann é uma espécie di tia pur casamentu du tom Cudahy, da casa da porta vermelha. Mas é uma criatura di bom coração, ela é, e adora crianças, intão pensei qui ela podia ajudá. Ela tem um pouco di dinheiru guardadu, e os Cudahy andam na linha quandu ela dá as ordens. Tudo fica bem quandu acaba bem, afinal di contas, e num si aperreie porque as crianças tão achanu qui ela é bruxa. Pur certu, eu num enchi a tua cabeça com histórias di bruxas? E vucê, pur acaso, tem algum prublema pur causa disso, eu ti pergunto?



Bons modos

1

O verão daquele ano, ao menos nos primeiros meses, foi bastante ameno, e Pat e Jingle, ou Pat e Sid, dependendo da situação, mas raramente os três juntos, faziam longos passeios a seu bel-prazer, explorando novos refúgios e voltando a adorar os antigos, correndo em meio às bétulas do inverno, que usavam estrelas em seus cabelos nos crepúsculos precoces, retornando das excursões geladas com bochechas “vermelhas como maçãs”, para serem alimentados, mimados e, às vezes, repreendidos por Judy. Ao menos ela reprimia Sid e Pat quando achava que precisavam, pelo seu próprio bem, mas nunca ralhava com Jingle. Ele gostaria que ela ralhasse. Pensava que seria bom ter alguém que se importasse o suficiente com você para lhe dar uma bronca... Do jeito de Judy, com o riso disfarçado escondido por trás de cada palavra e pãezinhos de canela para aliviar os sentimentos maculados logo em seguida. Nem mesmo a tia lhe dava broncas... Ela meramente o ignorava, como se ele não existisse. Jingle costumava ir para casa após os sermões de Judy sentindo-se muito sozinho e perguntando-se como seria a sensação de ser importante para alguém.

Embora não tivesse nevado, estava frio o suficiente para congelar

a Lagoa. Sid ensinou Pat a patinar, e Jingle aprendeu por conta própria, com um antigo par de patins que Judy desencavou do ático para ele. Jingle patinando, com as longas pernas trajadas com as calças esfarrapadas de costume, o corpo magricelo envolto em um velho suéter “verde-amarelado”, cujas mangas a tia remendara de vermelho, e os cabelos mal cortados escapulindo por debaixo de um gorro antigo do tio, era uma imagem bastante esquisita.

– Ele não é engraçado? – comentou Sid, rindo.

– Ele não tem culpa da aparência que tem – defendeu Pat lealmente.

– Ora, ora, aquele garotu vai tê uma bela figura quando incorporá um pouquinho e tem mais inteligência nu dedu mindinhu du qui vucê tem no corpo todo, Sid, meu rapazinho bem-apessoado – disse Judy.

Então, a irracional Pat ficou furiosa com Judy por difamar Sid.

– Pur certu, minha vida aqui cum vucês num é nada fácil – disse Judy, suspirando. – Às vezes, fico pensanu qui eu divia ter aceitadu o velho Tom. Bem, pelo qui sei, ele ainda tá solteiru...

Com isso, Pat se debulhou em lágrimas e implorou a Judy que a perdoasse e nunca, nunca os deixasse.

Embora alguns delicados flocos brancos chegassem a tocar o rosto nos fins de tarde, foi só em dezembro que caiu a primeira nevasca de verdade, bem a tempo de deixar o mundo branquinho para o Natal, para imenso alívio de Judy, já que, segundo ela, um Natal verdejante era sinônimo de cemitério cheio. Pat sentou-se encolhida diante de sua janelinha redonda e observou os jardins, os campos e os morros ficarem brancos sob o véu misterioso da neve que caía e os pequenos ninhos vazios no bordo ao lado do poço se encherem com os flocos. Toda vez que olhava para fora, o mundo

estava mais alvo.

- Amo nevascas – comentou ela, extasiante, com Judy.
- Ora, ora, tem alguma coisa qui vucê num ame, meu tesouro?
- É bom amar as coisas, Judy.
- Si vucê não amá dimais. Se amá... Vai si machucá muito no fim.
- Não Silver Bush. Silver Bush jamais me machucaria, Judy.
- E quandu vucê pricisá i embora?
- Você sabe que nunca irei embora de Silver Bush, Judy... Nunca.

Ah, Judy, veja como o Morro da Névoa está branquinho. E como a Casa Comprida e Solitária parece só. Gostaria de poder ir até lá e acender uma lareira para esquentá-la. Ela se sentiria melhor.

– Ora, ora, vucê num acha qui casas realmente têm sentimentos, acha?

– Ah, Judy, tenho *certeza* de que têm. Jingle também acredita nisso. Sei que Silver Bush tem. Ela fica feliz quando estamos felizes e triste quando estamos tristes. E, se ninguém mais fosse viver nela, ficaria de coração partido. Sei que Silver Bush sempre teve um pouquinho de vergonha de mim, porque nunca consegui recitar um poema nas sextas à tarde na escola, como os outros. Mas, na sexta passada, consegui. Aprendi *A fonte retirada* com Jingle e me levantei para recitar... Ah, Judy, foi terrível. Minhas pernas tremiam tanto... May Binnie não parava de rir... E eu não conseguia falar uma única palavra. Estava quase voltando correndo para minha cadeira... Aí, pensei em Silver Bush e em como poderia voltar para cá e encarar a casa, sendo tão covarde. Então ergui a cabeça e recitei meu poema direitinho, e a senhorita Derry disse “Muito bem, Patricia”, e todos os estudantes aplaudiram. E, quando voltei para casa, tenho certeza de que Silver Bush sorriu para mim.

– Vucê é mesmo uma garota muito istranha – observou Judy. – Mas fico filiz pur num ter deixadu a May Binnie sair pur cima. Num

gostu muito daquela mocinha e num mi importu com quem ficá sabenu.

– Sid gosta dela – comentou Pat, com certo pesar.

2

Em pouco tempo, Silver Bush se tornou uma casa repleta de segredos. O mistério espreitava por todos os cantos, e Judy andava para lá e para cá como uma esfinge de bobes. Pat a ajudou a fazer o pudim e auxiliou Winnie e a mãe a decorar a sala de jantar e a enrolar nos corrimões folhagens verdes dos bosques ao redor do Campo Secreto. E também ajudou Sid a escolher seus presentes para todos, menos para ela, na loja de Silverbridge. Ela não se sentiu magoada quando ele escapuliu para o pavimento superior da loja, entrando em uma saleta onde as louças eram guardadas, e não perguntou a ele o que era aquele volume protuberante no bolso, quando retornaram para casa. Apenas ficou se perguntando, um tanto aflita, se o presente seria para ela ou para May Binnie.

Foi tão divertido voltar para casa da caixa de correio com os braços cheios de pacotes de papel pardo que não deveriam ser abertos até a manhã de Natal e que, então, revelavam lindas caixas de papel prateado amarradas com laços dourados. O Natal, em si, foi um dia maravilhoso. Jingle e McGinty foram jantar com eles, mas por pouco. Pat ficou tão zangada por Judy lhe dizer que não se esquecesse de convidar seu “derriço” que não disse nada a Jingle até o “escurecer” da noite de Natal. Aí, cedeu repentinamente e correu até o sótão para colocar uma vela na janela. Não havia telefone na casa dos Gordon, e ela e Jingle combinaram que, quando ela queria muito vê-lo, deveria colocar uma vela acesa na janela do sótão. Jingle não se demorou e, assim, conseguiu

aproveitar um jantar de Natal de última hora.

Era a primeira vez na vida que Jingle tinha um Natal de verdade, e McGinty quase morreu com o jantar que teve. Todos ganharam presentes... Até mesmo Jingle. Judy deu a ele um par de meias, e Pat lhe deu um cachorrinho de porcelana branco com olhos azuis e um laço cor-de-rosa no pescoço... O melhor que pôde comprar, depois de comprar os presentes de toda a família com seu orçamento limitado. Ninguém sabia de que aquilo serviria para Jingle, mas aquela noite ele dormiu com o bibelô debaixo do travesseiro e sentiu-se mais aquecido por ele que pelas meias de Judy.

Sua mãe não lhe mandara nada... Nem mesmo uma carta. Quando se lembrou daquilo, foi necessário todo o reconforto que o cachorrinho de olhos azuis podia proporcionar para deter as lágrimas. Ele tentava inventar desculpas para ela. Talvez, em Honolulu, a ilha do verão eterno, o Natal não fosse celebrado.

Sidney deu a Pat um jarro com borda dourada... Um jarro rechonchudo e marrom que parecia, de alguma forma, ter engordado de tanto rir. Pat adorou, mas achou o presente que ganhou de Jingle o mais maravilhoso de todos. Uma casinha de bonecas que ele mesmo fizera e que era, de fato, uma peça de artesanato muito mais incrível do que Pat poderia imaginar. Alec Compridão assoviou quando viu, e tio Tom disse “Minha nossa!”.

– Eu não tinha dinheiro para comprar um presente para você – explicou Jingle, que gastara sua solitária e havia muito preservada moeda de vinte e cinco centavos em um cartão para a mãe –, então fiz isso.

– Gosto mais de coisas feitas que de coisas compradas – respondeu Pat. – Ah, que chaminés lindas... E janelas de verdade, que *abrem*.

– Isso não é nada em comparação à casa que um dia vou construir para você, Pat.

O Dia de Natal foi como todos os agradáveis Natais em Silver Bush. A única coisa excitante foi uma briga terrível na cozinha entre Cavalheiro Tom e Snooks, a coruja de estimação. Snooks já era quase um bicho de estimação da família, àquela altura. Aturava e era aturada por Quinta-Feira e Snicklefritz, mas ela e Cavalheiro Tom haviam declarado guerra um contra o outro assim que se viram. Cavalheiro Tom foi bicado e refugiou-se ignominiosamente debaixo do fogão, mas não sem antes arrancar algumas penas da ave.

Certa noite, na semana seguinte, Pat exclamou com animação para Judy:

– Ah, Judy... Judy... Estou com uma dor de crescimento!

Ela nunca tivera dores de crescimento antes, e tanto ela quando Judy receavam que ela não fosse crescer direito. Alec Compridão expôs, preocupado, seu medo com o reumatismo, mas Judy riu dele e passou metade da noite acordada massageando alegremente as pernas de Pat.

– Você vai dá uma espichada esta primavera e vai crescê feito erva daninha depois disso – prometeu Judy. – Pur certu, é mesmo um alívio pra mim, sabe? Vou ti contá. Num quero nenhuma minina nanica em Silver Bush.

3

Depois do Natal, a neve se foi e os ventos de janeiro choringavam sobre os pastos congelados e pelas árvores frias e cinzentas. Apenas os picos vermelhos dos sulcos no Campo da Torta de Carne tinham pequenas penas brancas sobre eles, e uma grinalda persistente escorria pela face Norte do Morro da Névoa.

As noites de janeiro eram agradáveis em Silver Bush. Tio Tom vinha visitar, e ele e o pai de Pat sentavam-se ao lado do fogão de Judy para conversar, enquanto Pat, Jingle e Sidney ouviam, e Winnie e Joe faziam as lições na sala de jantar. Eles falavam sobre política, porcos e, por fim, migravam para histórias da família e anedotas da comunidade. As paredes caiadas da velha cozinha ecoavam suas risadas. Às vezes, tio Tom se zangava e a sombra de sua enorme barba tremia de indignação na parede. Mas os surtos de tio Tom nunca duravam muito. Bastava bater o punho na mesa uma vez e tudo ficava bem de novo.

Às vezes, sua mãe aparecia com Naninha e se sentava com eles por um tempo, sendo simplesmente linda. Ela nunca falava muito. Talvez não tivesse muita chance, com Judy, o pai e tio Tom. Mas, de vez em quando, ela olhava para Pat, Sidney e a pequena Naninha com uma expressão que fazia crescer um caroço na garganta de Jingle. Imagine só ter uma mãe que olhasse para você daquele jeito!

– Judy – disse Pat após uma daquelas noites, quando foi dormir com Judy porque Winnie recebera uma amiga. – Não sei como o paraíso poderia ser melhor que isso aqui.

– Ora, ora, dá pra acreditá nessa minina? – respondeu Judy, escandalizada. – Pur certu, vucê acha qui vai tê um ventu chorsu desse choraminganu lá nu céu?

– Ah, gosto desse vento, Judy. Faz tudo parecer mais aconchegante... Ficar deitadinha aqui, encolhida e quentinha, e pensar que ele não pode nos esfriar. Ouça como ele atravessa debulhando o bosque branco, Judy. Agora, por favor, Judy, me conte uma história de fantasma. Fazia tanto tempo que eu não dormia com você... Por favor, Judy. Uma história que me deixe toda arrepiada.

– Eu já ti contei como a Janet McGuigan voltô pra buscá a aliança

di casamentu uma noiti dipois di ser enterrada, porque o viúvo tirô du dedu dela antes di colocá a mulhé no caixão, pensanu qui podia usá com a segunda isposa? Ora, ora, os McGuigan são precavidos assim mesmo.

– Como souberam que ela voltou para buscar?

– Tô falanu. A aliança num tava mais na caixinha du Tom McGuigan na manhã siguinti. Mas, seis anos dipois, quandu ele comprô um lote num cimitério novo, eles foram levá o caixão dela pra lá e ele quebrô... Era um desses caixões baratinhus, sabe? E lá tava a aliança, nu dedu da moça. Ora, ora, o cumedido Tom nunca mais foi o mesmo.

Fevereiro e, ainda, nada de neve. Judy começou a falar sobre se preparar para bordar uma enorme toalha de mesa para a sala de jantar, maior ainda que a de tia Edith, da qual ela tinha tanto orgulho.

– Ora, ora, vou baixá um pouquinho a bola dela – prometeu Judy.

Sua panela de tintura estava sempre no fogão. Ela era especialista em tinturas caseiras. Nada de tinturas “compradas” para Judy. Elas desbotavam em um ano, declarava ela. Líquen, musgo, cascas de árvore... Amoras que rendiam tinturas roxas... A parte interna da casca das bétulas para o marrom... Tintura verde dos troncos de salgueiro... Amarelo dos álamos. Judy conhecia todas as plantas, e ela e as crianças iam longe para procurá-las.

Então, março chegou, com seus ventos loucos e galopantes e o aniversário de casamento dos pais de Pat. Os Gardiner sempre celebravam aniversários com uma espécie de reunião familiar. Naquele ano, as famílias de tio Brian e de tia Helen Taylor eram as convidadas. Deveriam chegar à tarde e jantar à noite... Uma inovação que fez a cabeça de Judy girar.

– Ora, ora, essas visitas num eram o qui eu isperava – murmurou

ela, descontente.

Pat estava tranquila, embora não estivesse tão animada para a festa com a mesma euforia de sempre. Tio Brian não era seu amigo, porque sempre que ia a Silver Bush dizia a seu pai:

– Se fosse você, faria algumas mudanças por aqui.

E tia Helen também estava vindo... A rica tia Helen, irmã de seu pai, mas tão mais velha que parecia mais tia dele que irmã. E tia Helen, pelo que Judy dizia, estava vindo para levar Winnie ou Pat para Summerside para uma visita.

Pat esperava e rezava para que tia Helen não a levasse. Não queria sair de Silver Bush... Ora, ela nunca passara uma noite fora em toda a vida. Seria terrível. Mas como a alegrava fazer pequenos afazeres domésticos pela adorada casa. Desempoeirar, polir, cozinhar e cumprir tarefas. Ajudar a pegar a louça de porcelana canelada do casamento da mãe, com o amor-perfeito dourado na lateral das xícaras e no centro dos pratos. Ela e Winnie tiveram permissão para arrumar o Quarto do Poeta e deixar a cama deslumbrante, com uma colcha de renda e almofadas em formato de flor. Judy cozinhou sem parar, e Naninha provou tudo que apareceu em sua frente, inclusive um trinco congelado. Depois disso, parou de colocar coisas na boca por um tempo, passando a viver de leite maltado.

Quando chegou o dia do banquete, Pat fez questão de colocar o vestido *georgette* azul. Não gostava dele tanto quanto do vermelho, mas era sua vez, e ele não deveria ser negligenciado. Como torcia para que tia Helen não a escolhesse! A apreensão tirou toda a alegria da festa para Pat. E se fingisse estar doente? Não, talvez Judy lhe desse óleo de castor, como fizera na última vez em que Pat tivera resfriado.

– Por que você não me dá um pouquinho daquilo que tem na sua

garrafa preta, Judy? – protestara Pat. – O cheiro é melhor que o do óleo de castor.

– Ora, ora. – Judy parecia muito dissimulada. – É forti pur dimais pra uma minininha como vucê...

– *O que* tem naquela garrafa, Judy?

– Ora, ora, semana passada mesmo eu interrei um gatu qui murreu pur ser curioso – respondera Judy. – Nem mais um pio, mocinha, e toma logo esta colherada aqui.

Até mesmo tia Helen seria melhor que óleo de castor. Talvez ela estivesse doente e não pudesse vir. Seria errado, pensou Pat, rezar para que alguém estivesse doente? Não muito doente... Só um pouquinho... Apenas o suficiente para fazer a pessoa não querer sair de casa em um dia frio e tempestuoso de março.

Pat amarrou um cachecol azul na cabeça, e ela e Jingle subiram até o sótão do celeiro-igreja, onde podiam observar a chegada das visitas pela janela da sacada, enquanto McGinty caçava ratos imaginários sobre a palha ou se deitava diante deles e se fingia de morto quando se julgava negligenciado. Cada automóvel ou carroça que passava pela rua fazia Pat se encolher de medo de que fosse tia Helen. E ela de fato chegou... No automóvel de tio Brian... E atravessou o jardim.

– Ela parece uma chaleira – comentou Pat ressentidamente.

E a filha de tio Brian, Norma, estava com eles. Pat torcia para que Norma também não fosse. Não gostava da garota porque diziam que era mais bonita que Winnie.

– Não acho que ela tenha nem metade da beleza de Winnie – afirmou ela.

– *Você* está linda com esse cachecol azul, Pat – declarou Jingle em tom de admiração.

O que teria sido gentil, se ele tivesse parado por ali. Mas ele

continuou e disse algo que arruinou tudo.

– Pat... Quando crescermos... Você aceita ser *minha* garota?

Pat, sem perceber que, aos 9 anos, recebera praticamente o primeiro pedido de casamento, ficou vermelha de raiva.

– Se voltar a dizer algo assim de novo, Hilary Gordon, nunca mais falo com você pelo resto da vida – esbravejou ela.

– Ah, tudo bem, não queria deixá-la zangada – respondeu Jingle com tristeza. – Você não gosta de mim?

– É claro que gosto de você. Mas *nunca* serei a garota de *ninguém*.

Jingle parecia tão desolado que Pat ficou ainda mais zangada... E cruel.

– Se fosse ser a garota de alguém – declamou ela com determinação –, essa pessoa precisaria ser bonita.

Jingle tirou os óculos.

– Não estou mais bonito agora? – indagou ele.

Estava. Pat nunca vira os olhos dele antes. Eram grandes, cinzentos e firmes, com um brilho em algum lugar por trás daquela firmeza. Mas Pat não estava no clima para admirá-los.

– Não muito. Seu cabelo é desgrenhado, e sua boca, grande demais. Sid diz que é preciso uma régua imensa para medi-la.

Com isso, Pat sacodiu a poeira da palha dos pés e foi embora, indignada.

– Talvez ela mude de ideia – disse McGinty.

– Vai ter que mudar – respondeu Jingle.

4

O dia, contudo, continuou irritante para Pat. Ela se desentendeu com Norma assim que a menina entrou na casa. Norma andava

para lá e para cá agitando os famosos cachos ruivos, com o nariz empinado e os olhos castanho-esverdeados cheios de desprezo.

– Então *esta* é Silver Bush – comentou ela. – É um lugar muito ultrapassado.

Mais uma vez, Pat enrubesceu de raiva.

– Venezianas dão certa *personalidade* a uma casa – respondeu ela.

– Ah, não estou falando das venezianas. Temos venezianas na nossa casa também... Ainda mais verdes que as de vocês. Você deveria ver a *nossa* casa. Vocês não têm um terraço... Ou mesmo uma garagem.

– Não. Mas temos um cemitério – retrucou Pat, triunfante.

Norma ficou um pouco perplexa. Não podia negar a questão do cemitério.

– E vocês não têm um quarto do Poeta, ou uma janela redonda – prosseguiu Pat, ainda mais provocativamente.

A menção à janela inspirou Norma.

– Vocês não têm *nem* uma única janela de sacada – exclamou ela.

– Nem umazinha. Nós temos três... Duas na sala de visitas e uma na sala de jantar. É tão *engraçado* ver uma casa sem uma janela de sacada.

Ouvir que Silver Bush era “engraçada”! Pat não conseguiu suportar. Deu um tapa no rosto alvo e rosado de Norma... Um tapa forte.

Então aconteceu o que Judy chamava de “pandemônio”. Norma abriu um berreiro e se debulhou em lágrimas. A mãe de Pat ficou horrorizada... O pai ficou chocado... Ou fingiu ficar. Judy apareceu e arrastou Pat até a cozinha.

– Qui bela cena vucê causô!

– Não me importo... Não me importo... *Não* vou deixar que ela

caçoe de Silver Bush – respondeu Pat aos soluços. – Estou contente por ter dado um tapa nela. Pode me dar a maior bronca do mundo. Estou *contente*.

– Mas qui ousadia! – exclamou Judy. Então, subiu até seu quarto, sentou-se no baú azul e riu até chorar.

– Ora, ora, e num é qui a riquintada senhorita Norma teve o qui merecia uma vez na vida? Cum toda aquela petulância, as chacotas e as críticas à casa ondi o pai dela foi criadu!

Pat foi proibida de jantar na sala de jantar. Como castigo, precisou comer na cozinha. Para ser punida por ter defendido Silver Bush. Aquilo era demais.

– *Prefiro* comer aqui com você, Judy, sempre – disse ela, soluçando. – Mas são os meus *sentimentos* que estão feridos.

No entanto, havia alento em Gileade. Tia Helen ficou tão chocada com o comportamento de Pat que convidá-la para ir a Summerside estava fora de cogitação. Winnie foi com ela. Pat fez as pazes com a família... Nenhum deles simpatizava muito com a mimada Norma... E ela, Sid e Judy limpavam os ossinhos dos perus sacrificados antes de ir para a cama, enquanto Judy lhes contava tudo sobre a avó de Norma do lado materno.

– Ora, ora, era uma mulhé muito da isquisita e vivia dizenu umas coisas malucas. O pobre maridu demorô pra murrê, e ela importunô a vida dele até o último suspiro. “Se ele vivê bastante, nunca mais terei outro home”, ela volta e meia dizia pra mim, dum jeito triste. E num teve mesmo. Ele aguentô até ela num tê mais chance nenhuma, e a Judy Plum aqui num teve pena nenhuma dela, posso garanti.



A sombra do medo

1

Assim que Winnie foi com tia Helen, o inverno chegou. A janela redonda de Pat estava encoberta pela neve; Whispering Lane estava tomada por enormes morros brancos, pelos quais o pai de Pat e tio Tom abriram com a pá um caminho estreito fascinante, até chegar ao portão. As pilhas de rocha da Parte Antiga do pomar se transformaram em pirâmides de mármore. O Morro da Névoa brilhava como prata. Pat lembrou-se de que o Campo Secreto deveria estar lindo, com a Rainha do Bosque e a Princesa das Samambaias montando guarda.

No cemitério, a neve chegava quase ao nível das estacas.

– Pur certu, até mesmo Dick, o Aventureiro vai achá difícil saí da cova – comentou Judy, muito ocupada provendo conforto para as “criaturinhas” com frio... Gatos, cachorros, galinhas e crianças.

Pat gostava de grandes nevascas. Em especial, adorava aninhar-se nas cobertas quentes e macias e observar, do quarto aconchegante, a imensa noite invernal escura lá fora, abraçando sua garrafa de água quente. Uma garrafa de água quente era sempre algo agradável. Você podia pressionar os dedos dos pés nela; quando os pés estivessem tão quentes quanto possível, você

podia segurá-la nos braços; por fim, podia encostá-la nas costas, naquele ponto frio. E, quando percebesse, já era manhã, e o sol estava brilhando em meio à neve... E a garrafa d'água jazia desagradavelmente como um rato morto atrás de você.

Também era gostoso ter um quarto só para você. Mesmo assim, Pat sentia imensa falta de Winnie... O azul risonho de seus olhos... A música prateada de sua voz.

– Mais duas semanas, e Winnie estará em casa – lembrou ela exultantemente.

Foi na escola que ficou sabendo. É claro que foi May Binnie quem lhe contou.

– Então sua tia Helen vai adotar Winnie.

Pat ficou apenas olhando para ela.

– Não vai, não.

May riu.

– Interessante você não saber. É claro que vai. É excelente para Winnie, pelo que disse minha mãe. E talvez tivesse sido você, se não tivesse dado um tapa no rosto de Norma.

Pat ficou parada, encarando May. Algo esmagara seu espírito como a luz cinza e fria que inundava o mundo antes de uma nevasca de novembro. Estava anestesiada demais até mesmo para ressentir o fato de que Sid devia ter contado a May sobre o tapa que dera em Norma. Não havia espaço para qualquer outro pensamento terrível além daquele. Ainda era o intervalo da tarde, mas Pat correu até a varanda, pegou o chapéu e o casaco e correu para casa, tropeçando aos montes na estrada cheia de raízes expostas e curvas. Ah, como queria chegar em casa e ver a mãe... A mãe, não Judy. Judy dava conta dos pequenos infortúnios, mas, para isso, tinha que ser a mãe... Para lhe dizer que aquela notícia pavorosa não era verdade... Que ninguém jamais pensaria em fazer Winnie ir

morar com tia Helen.

– Ora, ora, e o qui traz vucê pra casa tão cedo? – exclamou Judy quando Pat entrou aos tropeços, meio congelada, na cozinha. – Vucê nunca caminhô tanto na estrada desse jeitu... E o teu tio Tom ia buscar vucês tudo no fim du dia.

– Onde está minha mãe? – questionou Pat, ofegando.

– Tua mãe, é? Pur certu, teu pai e ela foram até Bay Shore. Telefonaram pra cá avisanu qui tua tia Frances tá com pneumonia. O qui é qui ti aconteceu, criança?

Pela primeira vez, no entanto, Pat não tinha nada a dizer para Judy. A pergunta que tinha para fazer não podia ser feita a Judy. Judy, um tanto vexada, a deixou em paz, e Pat ficou perambulando pela casa vazia como um fantasma inquieto. Ah, como estava vazia! Ninguém ali... Nem a mãe, nem o pai, nem Naninha. Nem Winnie! E talvez Winnie nunca mais fosse retornar. Imagine só se sua risada nunca mais fosse ouvida em Silver Bush!

“Alguma coisa acunteceu na iscola”, pensou Judy, inquieta. “Isperu qui ela num tenha si bicado cum aquela professora. Jamais vou entendê pur que é qui foram contratá a filha du velhu Arthur Saint como professora, cum aquele cabelu da cor di tijolo.”

Pat não conseguiu jantar. Chegou a hora de ir para a cama, mas os pais ainda não tinham voltado. Pat chorou até pegar no sono. Acordou, contudo, no meio da noite... Sentou-se... Lembrou-se da situação e sentiu-se enjoada. Tudo estava silencioso. O vento cessara, e Silver Bush estalava por causa do frio. Pela janela, ela conseguia ver a luz fraca das estrelas sobre os pinheiros escuros que cresciam ao longo do canal entre Silver Bush e os pastos de Swallowfield. Pat descobriu, naquele instante, que as coisas sempre pareciam piores no escuro. Sentiu que não poderia viver nem mais um minuto sem saber a verdade.

Determinada, saiu da cama e acendeu a vela. Determinada, a pequena figura de branco marchou pelo corredor silencioso, passando pelo quarto de Joe e pelo quarto do Poeta, até chegar ao quarto dos pais. Sim, eles estavam em casa, dormindo profundamente. Uma Naninha cheirosa e adorável dormia no berço, mas, pela primeira vez, Pat não se importou com ela.

Alec Compridão e a exausta esposa, que tinham acabado de pegar no sono depois de um retorno gelado por estradas perigosas, foram despertados por um rostinho desesperado debruçado em cima deles.

– Filha, qual é o problema? Você está doente?

– Ah, pai, tia Helen vai adotar Winnie? Não vai, não é, pai?

– Escute aqui, Pat. – O pai ficou austero. – Você veio até aqui e nos acordou só para perguntar isso?

– Ah, pai, eu *precisava* saber.

A compreensiva mãe colocou a mão magra no bracinho trêmulo de Pat.

– Querida, ela não vai adotar sua irmã... Mas ficará com ela por um tempo e a mandará para a escola. Seria decerto ótimo para Winnie.

– Quer dizer... Que Winnie não vai voltar para cá?

– Ainda não está decidido. Tia Helen apenas insinuou a ideia. É claro que Winnie virá para casa com *frequência*...

2

A semana que se seguiu, de dias sombrios e torturantes, foi a mais difícil da vida de Pat. Ela não conseguia comer, e a imagem da cadeira de Winnie vazia durante as refeições a levava às lágrimas. Sua família estava tendo dificuldade em dar desculpas para o que

julgava ser um comportamento irracional.

– Agrada a minina um bucadinho – suplicou Judy. – Ela tá toda agitada e tristonha, perdida nessa vida. Tá cumenu menos qui um passarinho.

– Você a mima demais, Judy – reprimiu Alec Compridão. Ele já perdera a paciência com o chororô de Pat.

– Tudo fica milhó cum um agradinho di vez em quandu – defendeu Judy lealmente.

Ela tentou, mesmo assim, fazer Pat pensar com mais racionalidade.

– Vucê num qué qui a Winnie receba educação?

– Ela pode ser educada em casa – respondeu Pat, aos prantos.

– Num é a mesma coisa. Ora, ora, vucê divia sabê qui os Gardiner num são como os Binnie. “Num vamus educá a Suzanne”, foi o qui a madame Binnie mi disse. “Assim qui ela terminasse a faculdadi im Queen’s, si casaria, e tudo o dinheiru iria pro ralo.” Não, não, meu tesouro, os Gardiner são uma raça differenti di gatu. Winnie tá cum 13 anos. Pur certu, logo ela vai querê cumeçá a istudá pra faculdadi, e o qui é qui a filha du velhu Arthur Saint vai insiná pra ela, mi diz? Vucê nunca vai mi convencê di qui ela sabe uma palavrinha siqué di latim e di francês.

– O inglês basta para qualquer pessoa – protestou Pat.

– Logo, logo vucê vai discubri qui num basta pra entrá em Queen’s – respondeu Judy. – Winnie vai pudê frequentá as iscolas di verão di Summerside, e tua tia Helen vai dá pra ela mais du qui o teu pai um dia vai podê, cum esta fazenda piquena e vucês cinco vivendo à custa dela. Agora, chega di si apuquentá, meu tesouro, vem cortá uns retalhos pra mim inquantu eu bordo um pouquinho.

Então, chegou uma carta de tia Helen para o pai da família. Pat, com as mãozinhas cerradas atrás das costas, para que ninguém as

visse tremendo, ficou parada em silêncio, enquanto Alec Compridão, deliberadamente demorando em colocar os óculos, analisar o selo, comentar que Helen sempre tivera a letra bonita, procurava uma faca para abrir o envelope... Pegou a carta. Do lado de fora, no quintal, alguém ria. Como alguém ousava rir em um momento como aqueles?

– Helen diz que Brian trará Winnie para casa no sábado – anunciou ele casualmente. – Parece que ela desistiu da ideia de amadrinhá-la. Achei mesmo que isso aconteceria. É isso.

“Oh, *devo* estar nas nuvens”, pensou Pat enquanto corria para contar a Judy. Judy admitiu ter ficado satisfeita.

– Achu qui é milhó assim. Helen sempre foi meio rabugenta. E achu qui num é uma boa ideia separá a família antis du necessário.

– A família não é uma das coisas mais lindas do mundo, Judy? – exclamou Pat. – E, ah, olhe só para o Cavalheiro Tom. Ele não está sentado de um jeito fofo?

– Ora, ora, essa minina dianti di mim é diferenti daquela qui tava aqui di manhã. Tudo ti agrada agora, até mesmo o jeitu qui o gatu ajeita as carnes – Judy disse aos risos, extremamente feliz por ver sua menininha alegre de novo.

Pat correu para fora para contar a novidade ao bosque branco e aos bordos sem folhas sob o pôr do sol. Olhou com os olhos cheios de amor para a velha casa, com o telhado coberto de neve, trajando sua capa de árvores que a rodeavam na noite ainda agradável de inverno. Até mesmo no inverno, Silver Bush era linda, por causa do que abrigava e das esperanças que continha.

Então, ela voltou para dentro da casa, subiu até o sótão e acendeu uma vela para Jingle. Jingle fora seu único alento na última e horrorosa semana. Nem mesmo Sid parecia tão preocupado quanto a se Winnie voltaria ou não para casa. Ele esperava que ela

voltasse, é claro, mas não perdera o sono por causa disso. Jingle sempre assegurara a Pat que ela voltaria. Quem, pensava ele, não voltaria a Silver Bush se pudesse? Então, agora ele fora até lá para partilhar da alegria de Pat. Os dois caminharam à beira do Jordão até Felicidade. O campo estava enterrado na neve, mas a Fonte Retirada ainda corria em todo o frescor, com diversas gotas congeladas ao redor. Como era belo aquele mundo prateado... Como eram belos os morros brancos nevados! Eles só retornaram para casa perto das oito horas e Judy os repreendeu.

– Num vô permiti qui vucê fique batenu perna pur aí com o Jingle qui for, si num cunsigni chegá im casa e i pra cama num horário decenti.

– Qual é um horário decente para ir para a cama, Judy? – retrucou Pat, rindo. Todas as palavras eram uma risada para Pat aquela noite. E, ah, como a janta estava saborosa!

– Pur certu, agora vucê fez uma pergunta qui nunca foi respondida – aquiesceu Judy, rindo.

O sábado chegou com mais vento e neve. Ah, não poderia cair um temporal no dia em que Winnie estava voltando para casa. Talvez tio Brian não a trouxesse, se chovesse. No fim da tarde, contudo, o sol surgiu por trás da nuvem de tempestade e tornou o mundo deslumbrantemente justo. Os cômodos de Silver Bush estavam todos iluminados por uma luz dourada do céu limpo do Ocidente. Todos os jardins, quintais e pomares brincavam com as sombras espetaculares das árvores desnudas.

E, então, eles chegaram, bem no ápice do vibrante pôr do sol invernal. Winnie estava muito feliz por tia Helen ter decidido não a amadrinhar.

– Ela disse que rio demais e isso a irritava – contou ela a Pat. – Além disso, coloquei pimenta nas batatas, em vez de sal, no dia em

que a criada dela não estava em casa... Ah, por engano, é claro. Aquilo selou o destino. Ela disse que serei uma péssima dona de casa.

– Silver Bush está *contente* em ouvir sua risada – sussurrou Pat, abraçando-a com força.

A tempestade retornou aquela noite. Pat acordou e ouviu... Lembrou--se de que tudo estava bem e voltou a dormir, tranquila. Que diferença fazia, agora, se chovesse a cântaros? Todos os entes queridos estavam por perto, em segurança sob o mesmo teto afável. O pai, a mãe e a pequena Naninha... Joe e Sidney... Judy, no próprio ninho, com Cavalheiro Tom encolhido a seus pés... Quinta-Feira e Snicklefritz atrás do fogão da cozinha. E Winnie estava em casa... Para ficar!



Elizabeth surge

1

– Sinto cheiro de primavera! – exclamou Pat, repleta de entusiasmo, cheirando o ar certo dia... O dia em que descobriu os primeiros raminhos verdes de cominho nas beiradas de Whispering Lane. Naquela mesma noite, os sapos começaram a cantar no Campo da Lagoa. Ela e Jingle os ouviram enquanto estavam indo de Felicidade para casa sob o “escurecer”.

– Adoro sapos – comentou Pat.

Jingle não sabia ao certo se gostava de sapos. A música deles era tão triste, ressonante e distante que sempre o fazia pensar na mãe.

Nunca, refletiu Pat, olhando em retrospecto sua longa vida de quase 9 anos de idade, a primavera fora tão linda. Nunca os campos extensos e ondulantes de Silver Bush estiveram tão verdes; nunca as vibrações alegres da música no bordo perto do poço fora tão doce; nunca as noites perfumadas pela fragrância dos lilases foram tão maravilhosas; e nunca antes houve algo tão lindo quanto a jovem cerejeira silvestre em Felicidade ou a pequena ameixeira branca que se debruçava sobre a cerca do Campo Secreto. Ela e Sid voltaram para fazer uma visita ao campo em uma tarde de domingo, para ver como ele suportara o inverno. A primavera

sempre chegava lá antes de chegar a qualquer outro lugar. Os abetos os cumprimentaram graciosamente, e a ameixeira silvestre foi outro segredo adorável a ser compartilhado.

Tudo era tão *limpo* na primavera, pensou Pat. Nada de ervas daninhas... Nada de mato comprido... Nada de folhas no chão. E, por toda a casa, pairava o aroma dos cômodos recém-limpos, pois Judy e a mãe de Pat estavam arrumando, esfregando, lavando, passando e polindo havia semanas. Pat e Winnie as ajudavam à noite, depois da escola. Era delicioso deixar Silver Bush tão linda quanto possível.

– Pur certu, tô cumeçanu a sinti a febre da primavera nos meus ossos – disse Judy certa noite.

No dia seguinte, ela estava de cama, com gripe; toda a família pegou... De leve, com uma exceção. Pat ficou muito doente... “Cum a mesma intensidadî cum qui senti tudo, a pobrezinha”, pensou Judy... E não se recuperou rápido. Tia Helen apareceu um dia, sem avisar, decretando que

Pat precisava de uma mudança. Em um piscar de olhos, foi decidido que Pat

iria para Elmwood por três semanas.

Pat não queria ir. Nunca passara uma única noite longe de Silver Bush, e três semanas de noites pareciam uma eternidade. Mas ninguém prestou atenção aos seus protestos, e a temida manhã em que o pai a levaria para Summerside chegou. Jingle foi até Silver Bush, e eles tomaram café da manhã juntos, sentados nos degraus de arenito, enquanto o sol nascia vermelho atrás do Morro da Névoa e as cerejeiras que ladeavam o canal exibiam seus botões perolados sob o céu azul...

Pat estava mais conformada, tendo começado a sentir certa animação em razão de todo o alvoroço criado por sua causa. Afinal,

era bom se sentir tão importante. Sid estava triste... Ou com inveja... E Jingle estava, sem sombra de dúvida, desolado. Naninha chorava porque enfiara, na linda cabecinha loura, que algo aconteceria a Pat. E Judy vivia dizendo para ela não se esquecer de escrever. Esquecer! Quais as chances?

– E você precisa escrever para mim, Judy – exigiu Pat, em tom ansioso.

– Ora, ora, num tenhu a letra muito boa pra ficá iscrevenu cartas – respondeu Judy indecisamente. A verdade era que Judy não escrevia cartas havia mais de vinte anos. – Achu qui vô tê qui dependê du restu du pissual pra mi comunicá, mas num vai deixá di mi mandá notícias di vez im quandu, di toda forma.

Pat colocara as três bonecas preferidas para dormir na casinha de bonecas e pediu a Judy que a guardasse no baú azul. Despediu-se com lágrimas nos olhos de todos os cômodos da casa e de cada árvore próxima o suficiente para ouvir seus gritos, bem como para o próprio rosto na água do poço. Snicklefritz, McGinty e Quinta-Feira foram abraçados e banhados em lágrimas. Então, chegou a árdua tarefa de se despedir de todos. A última imagem que Judy viu de Pat foi de um rostinho um tanto trágico espiando pela janela do banco de trás do automóvel.

– Pur certu, esta casa ficará muito solitária até ela voltá – comentou Judy, suspirando.

2

Pat mal chegara a Elmwood e já escrevia uma carta dramática à mãe, implorando para voltar para casa. Aquela primeira noite foi bastante terrível. A cama grandona e antiquada, com a rede amarelada dependurada no dossel, era tão enorme que ela se

sentia perdida. E, em casa, a mãe ou Judy estariam paradas à porta da cozinha mandando todos que estavam lá fora, no escuro, entrar.

– Ai, ai.

Pat soltou um breve ganido de aflição ao pensar nisso. Mas...

“É só uma visita. Logo voltarei para casa... Daqui a apenas vinte e um dias...”, com coragem lembrou a si mesma.

Sua carta seguinte a Judy foi mais animada. Pat descobrira que havia algumas coisas agradáveis em visitar Elmwood. A casa de tio Brian era bastante próxima, e tia Helen era surpreendentemente gentil e simpática na própria casa. Era bastante excitante ir para a cidade todos os dias e ver todas as coisas fascinantes nas vitrines das janelas. Às vezes, Norma e Amy a levavam até lá nas noites de sábado, quando as vitrines estavam todas iluminadas e pareciam um mundo de fadas, em especial a do boticário, onde havia lindas garrafas coloridas de azul, vermelho e roxo.

“A casa de tia Helen é muito sofisticada”, escreveu Pat, que começara a também perceber que gostava de escrever cartas. “É muito mais esplêndida que a de Bay Shore. E a de tio Brian é ainda mais requintada. Mas jamais deixarei Norma saber que acho isso, porque ela sempre se gabou da casa. Ela me disse: ‘Não é mais bonita que Silver Bush?’, e respondi: ‘Sim, muito mais bonita, mas nem de longe tão simpática.’

“Agora gosto mais de tio Brian. Ele apertou minha mão como se eu fosse adulta. Norma é orgulhosa como sempre, mas Amy é adorável. Tia Helen tem um cachorro de gesso na cornija da lareira da sala de jantar que é muito parecido com Sam Binnie. Tia Helen diz que todas as macieiras de Amasa Taylor quase foram devoradas até a morte por ratos no último inverno. Ah, Judy, espero que nossas maçãs nunca sejam roídas por ratos. Por favor, diga ao papai que não dê nome ao bezerro ruivo até eu voltar para casa.

Não vai demorar muito agora... Apenas catorze dias mais. Não se esqueça de dar leite ao Quinta-Feira todas as noites, Judy, e, por favor, coloque um pouquinho de nata. As columbinas e os corações-sangrentos já floresceram? Espero que Naninha não cresça demais até eu voltar.

“Tia Helen me deu um vestido novo. Disse que é um vestido sereno. Não gosto muito de vestidos serenos. E não se comem passas por aqui aos domingos.

“Tia Helen é uma dona de casa perfeita. Os vizinhos dizem que se pode comer angu diretamente no chão da casa dela, mas ela nunca coloca sal suficiente no angu, então não gosto de comê-lo onde quer que seja.

“Tio Brian diz que Jim Hartley vai acabar mal. Jim vive na casa ao lado, e é instigante olhar para ele e imaginar que fim ele vai ter. Você acha que ele pode ser enforcado, Judy?

“Tia Helen me deixa tomar chá. Diz que é besteira essa ideia atual de não permitir que as crianças bebam chá.

“O velho primo George Gardiner me disse que não me pareço muito com a mamãe. Disse que ela era uma beldade, quando jovem. Me senti como se ele estivesse decepcionado comigo. Ele elogiou Norma e Amy pela beleza. Não me importo que ele elogie a beleza delas, mas não posso suportar que elogie a casa. Acho as tais janelas de sacada horrorosas.

“Ah, Judy, espero mesmo que tudo esteja igual em Silver Bush quando eu retornar.”

Era extremamente excitante receber cartas de casa... *Senhorita Patricia Gardiner, Elmwood, Summerside*. Jingle escrevia as melhores cartas, pois ele lhe contava coisas que ninguém mais pensava em contar... Como o pessoal de Silver Bush estava incomodado com os esquilos no sótão e como Judy estava

efetivamente enlouquecendo... Como o loureiro florescera em Felicidade... Quais macieiras tinham mais botões... Como Joe cortara os bigodes de Cavalheiro Tom, mas Judy garantira que cresceriam de novo... Como a gata do celeiro tivera filhotes... E, o mais maravilhoso de tudo, como a fazenda da Casa Comprida e Solitária fora vendida a um homem estranho que moraria lá. Pat ficou eufórica com a notícia; ao mesmo tempo, era terrível pensar que essas coisas estavam acontecendo e ela não estava lá para ver.

– Só mais dez dias – disse Pat, olhando para o calendário. – Só mais dez dias e estarei em casa.

Judy não escreveu, mas mandou recados nas cartas de todos. “Diga que a casa está muito solitária sem ela” foi de que Pat mais gostou e “aquele seu derriço magricelo está todo borocoxô” foi de que menos gostou.

Pat achou muito cansativo o chá da tarde de tia Jessie, que ela organizou para uma amiga que a estava visitando. Norma e Amy estavam envolvidas demais nas próprias coisas para se importar com ela, sua cabeça doía com a tiara, as luzes e a conversa... “Elas parecem os gansos de tio Tom quando todos começam a grasnar juntos”, pensou Pat indelicadamente. Escapuliu para o pavimento superior para procurar por um lugar silencioso onde pudesse se sentar e sonhar com Silver Bush e acabou encontrando o “cafofo” de tio Brian no fim do corredor. Mas, quando abriu a cortina para se acomodar no sofá perto da janela, viu que já estava ocupado. Uma garotinha mais ou menos da sua idade estava encolhida no canto... Uma menina que chorara, mas que agora olhava para Pat com olhos meio suplicantes, meio desafiadores... Olhos lindos... Grandes, sonhadores, cinza... Os olhos mais lindos que Pat já vira, com cílios longos eriçando-se ao redor deles... Pat não sabia dizer o

que era... Só sentiu a estranha sensação de sempre ter conhecido aquela menina. Talvez a estranha sentisse algo semelhante enquanto olhava nos olhos de Pat. Ou talvez fosse o sorriso de Pat... O “sorrisinho de Pat Gardiner” já estava, sem que Pat soubesse, se tornando uma tradição de família. Em todo caso, ela sacudiu os cachos castanhos grossos, caminhou alguns passos e apontou para o outro canto do sofá com um sorriso acolhedor no rostinho de flor. Elas se tornaram melhores amigas antes mesmo de falarem uma com a outra.

Pat entrou e se acomodou. A cortina pesada de veludo azul se mexeu atrás dela, isolando-as do mundo. Lá fora, os galhos de um pinheiro protegiam a janela. Elas estavam sozinhas juntas. Olharam uma para a outra e tornaram a sorrir.

– Sou Patricia Gardiner, de Silver Bush – apresentou-se Pat.

– Sou Elizabeth Wilcox... Mas me chamam de Bets – disse a menina.

– Ora, esse é o sobrenome do homem que comprou a fazenda da Casa Comprida e Solitária em North Glen – exclamou Pat.

Bets assentiu.

– Sim, é meu pai. É por isso que estive chorando. Eu... Eu não quero morar lá... Tão longe de todo mundo.

– Não é longe de mim – comentou Pat avidamente.

Bets pareceu se reconfortar com aquilo.

– Não é? Mesmo?

– Apenas uma caminhada de gato, como Judy costuma dizer. Basta subir um morro a partir de Silver Bush. E é uma linda casa antiga. Eu a adoro. Sempre quis ver suas luzes acesas. Ah, fico feliz que você esteja indo morar lá, Bets.

Bets piscou para afastar as últimas lágrimas dos olhos e pensou que talvez ela também estivesse feliz. Elas ficaram sentadas ali,

juntas, até ouvirem gritos procurando por elas pela casa e Bets ser arrastada pela tia que a levaria para o chá. Àquela altura, ela e Pat sabiam tudo que havia de relevante para saber sobre o passado uma da outra.

3

“Ah, Judy”, escreveu Pat aquela noite, “encontrei a amiga mais incrível. O nome dela é Bets Wilcox e ela está indo morar na Casa Comprida e Solitária. Logo as janelas de lá estarão iluminadas. O nome completo dela é Elizabeth Gertrude, e ela é linda, bem mais bonita que a Norma, e nós prometemos que sempre seremos leais uma à outra, até que a morte nos separe. Pense só, Judy, ontem, neste mesmo horário, eu nem sequer sabia que uma pessoa assim existia no mundo. Tia Helen diz que ela é muito frágil e que foi por isso que o pai dela vendeu a fazenda, que era meio abafada e úmida, e ele acha que a fazenda da Casa Comprida vai ser mais saudável.

“Nunca pensei que poderia gostar de uma pessoa que não é da minha família tanto quanto gosto de Bets. Foi Norma quem nos encontrou no sofá perto da janela, e acho que ela ficou com ciúme, porque fungou e disse: ‘Farinha do mesmo saco, imagino’, e, quando eu disse que sim, ela disse para Bets: ‘Você não deve roubá-la de Hilary Gordon. Ela é a garota dele, sabia?’. Respondi (com muita dignidade, Judy): ‘Não sou não. Somos apenas bons amigos’. Contei a ela sobre Jingle, e ela disse que deveríamos tentar tornar a vida dele mais feliz, e acha uma bobagem tremenda falar sobre um garoto como se ele fosse seu namorado se ele é apenas um amigo, e disse que não podemos pensar em namorados por pelo menos mais uns sete anos. Eu disse que nunca vou pensar

em meninos, mas Bets disse que talvez seja bom ter um namorado depois de crescer.

“Mas, ah, Judy, ainda não contei o mais estranho. Bets e eu nascemos no mesmo dia. Isso significa que somos mais ou menos gêmeas, não é? E nós duas amamos poesia *com fervor*. Bets falou que o senhor George Palmer, que vive na fazenda ao lado da deles, encontrou o filho escrevendo poesia e bateu nele por causa disso. Bets vai me emprestar um livro chamado *O ensopado de mel da condessa Bertha*. Ela disse que tem um fantasma adorável na história.

“Ah, Judy, depois de amanhã, estarei em casa. Parece bom demais para ser verdade.”

4

– A melhor parte de fazer uma visita é voltar para casa – disse Pat.

Tio Brian a levou até Silver Bush à noite. Para ele, aquilo significava uma pausa agradável de meia hora após um dia cansativo no escritório. Para Pat, significava um retorno esplendoroso do exílio. Estava escuro, e ela só conseguia ver as luzes das fazendas de North Glen, mas já conhecia todas. A luz do senhor French, a dos Floyd, a de Jimmy Card e as luzes de Silverbridge bem ao longe, à direita; a luz dos Robinson... Os Robinson passaram meses fora, mas deviam estar em casa novamente. Como era bom ver a luz acesa na velha casa deles! As estradas escuras eram estranhas, mas era sua própria estranheza... Uma estranheza que Pat conhecia. E, então, a rua de casa... Aquele não era o assovio de Joe? E as velhas árvores amigas acenando para ela... E a casa, com todas as luzes acesas para recepcioná-la... Cavalheiro Tom sentado na estaca do portão e toda

a família correndo para encontrá-la... Exceto o pai, que teve de ir a uma reunião política em Silverbridge. E Naninha, que estava com 2 anos e ainda não dizia nenhuma palavra, para a aflição secreta de todos, de repente gritou “Pat” clara e distintamente. Jingle e McGinty também estavam lá, bem como o jantar na cozinha, com pãezinhos crocantes e corados e uma truta frita que Jingle pescara no Jordão para ela. Judy usava um novo vestido de droguete e estampava o maior sorriso do mundo. Nada mudara. Pat tinha um medo secreto de que talvez eles tivessem trocado os móveis de lugar... De que os gatinhos na pintura talvez tivessem crescido, ou que o rei Guilherme e seu cavalo branco tivessem atravessado o Boyne. Como era lindo ver a lua surgindo sobre os campos. Ela adorava ouvir os cachorros de North Glen latindo uns para os outros nas fazendas.

– Joe cortou mesmo os bigodes do Cavalheiro Tom, Judy?

– Pur certu, cortô, sim, aquele muleque travessu. Nunca si viu um bicho tão isquisito, mas os pelos tão crescenu di volta.

– Vou ter que me familiarizar com tudo de novo – comentou Pat de maneira alegre. – Papai chegará em casa antes de eu ir para a cama, Judy?

– Pouco provável – respondeu Judy, que tinha motivos para querer que Pat tivesse uma boa noite de sono antes de se encontrar com Alec Compridão.

Seu quarto amado... Um quartinho feliz, agradável e silencioso... E a caminha, esperando por ela. E o deleite de se levantar pela manhã e ver tudo sob a luz do dia. O jardim crescera inacreditavelmente, mas ele a conhecia... Ah, sim, ele a conhecia. Ela caminhou por tudo e beijou todas as árvores, até mesmo o pequeno abeto carrancudo do portão, do qual nunca de fato gostara, por ser tão rabugento.

Mandou um beijo para a Pat do poço. A vida era *tão* doce.

E então viu o pai vindo do celeiro!

Eles a reconfortaram depois de um tempo, embora Judy tenha chegado a achar que ela os venceria. Alec Compridão precisou prometer que deixaria o bigode crescer de novo imediatamente para fazê-la parar de chorar.

– Pur certu, falei pra vucê qui ia sê um choque pra minina – disse Judy, repreendendo a Alec Compridão. – Vucê sabe como ela tem dificultadi pra aceita qualqué mudança e divia ter isperadu ela tê o prazê di voltá pra casa antes di raspá tudo.

Foi uma Pat desolada que atravessou a Whispering Lane para ver o pessoal de Swallowfield e rever o tio e as tias que sentiram muito sua falta. Ainda era, no entanto, uma delícia estar em casa. E ainda bem que tio Tom não raspava a barba *dele*!



O resgate de Pimenta

1

Para falar a verdade, Alec Compridão nunca mais deixou o bigode crescer depois, no fim das contas. Quando questionou Pat a sério sobre o assunto, ela, já tendo se acostumado a vê-lo sem bigode, decidiu que gostava dele daquele jeito. Além disso, como contou com sinceridade a Judy, era melhor para beijar o rosto dele. Ela chorou outra vez no dia em que os famosos cachos dourados de Winnie foram enfim cortados... Cortados bastante curtos. No entanto, quando Winnie já estava com os cabelos curtos havia uma semana, parecia que sempre fora daquele jeito.

A desaprovação de Judy durou mais tempo.

– Ficô parecenu um mininu – reclamou ela, enquanto colocava os cachos podados delicadamente em sua “caixinha de tesouros”. – Ora, ora, eu é qui num sei o qui essas mininas di hoje tão fazenu. Tentanu si transformá em homes, mas sem muito sucesso. Pur certu, todas elas istarão carecas feitu batata quandu tiverem 50 anos, e isso é um alento.

Para Pat, pior que o corte de cabelo foi a ideia que Winnie teve, certo dia na Escola Dominical, de ser missionária quando crescesse e ir para a Índia. Pat passou semanas se preocupando com isso, a

despeito da teoria de Judy.

– Ora, ora, num si avexe tanto cum isso, minha quirida Patsy. Ela só iria daqui a dez anos, pelo menos, e, até lá, muita água vai rolá pelo Jordão. Intão, senta aí, come um pidacinho du meu pão doce e num pensa mais nas ideias românticas da Winnie quanto à religião.

– Suponho que seja muito cruel da minha parte não querer que ela seja missionária – concluiu Pat com um suspiro. – Mas a Índia fica tão longe... Você acha, Judy, que seria errado rezar para que Winnie mude de ideia antes que ela cresça?

– Ora, ora, eu num mi meteria cum esse tipo di oração – respondeu Judy, parecendo muito sábia. – Nunca si sabe o qui é qui pode acuntecê, minha quirida Patsy. Já vi muitas respostas isquisitas a preces assim. Apenas confia na chance di qui a Winnie vai mudá di ideia pur conta própria. É uma aposta certa cum qualqué minina.

Pat comeu seu pão doce... Feito de uma receita de Judy trouxera da Austrália e se recusava a compartilhar com qualquer pessoa. Ela prometera, no entanto, deixá-la como herança para Pat.

A qual ainda nutria uma tristeza.

– O senhor James Robinson cortou aquela fileira de abetos que margeava a cerca do pasto dele. Não posso perdoá-lo por isso.

– Olha só pra ela. Pur certu, e o home agora num tem o direito di fazê o qui bem intende na própria propriedade? Dificilmente, contudo, vamos vê um Robinson plantanu outra árvore pur aí. Não essa família. É mais fácil cortá e destruí.

– As árvores eram tanto minhas quanto dele – protestou Pat. – Ele não as amava como eu. Eu costumava observar o sol nascer vermelho por trás delas pela manhã, quando estava acordada. Eram tão lindas, distintas e escuras contra a luz. E você não se lembra delas durante o degelo do último inverno, Judy? Como pareciam

uma fileira engraçada de velhinhas pegas de surpresa por uma tempestade, sem sombrinha, caminhando uma atrás da outra?

O dia em que os Wilcox se mudaram para a fazenda da Casa Comprida foi maravilhoso para Pat, e, pela primeira vez desde que se entendia por gente, uma luz brilhou em suas janelas aquela noite. Aquilo lhe deu pequenos arrepios de deleite para ajudar a amiga Bets a se instalar. O senhor e a senhora Wilcox eram pessoas reservadas que adoravam Bets e faziam tudo o que ela queria. Isso poderia ter deixado algumas crianças mimadas, mas Bets era doce e íntegra demais por natureza para ser mimada com facilidade. Ela pôde escolher o papel de parede do próprio quarto, e Pat foi a Silverbridge com ela para ajudá-la na escolha. Ambas gostaram do mesmo... Um verde-claro com botões de rosa estampados. Pat já conseguia imaginá-lo nas paredes daquele quarto comprido, escurecido pelas sombras dos pinheiros, que fora designado a Bets.

– Ah, esta casa está tão feliz por ter pessoas vivendo nela outra vez

– exclamou ela, exultante. – Sempre será a Casa Comprida, mas não será mais solitária.

Judy ficou secretamente contente por Pat, por fim, ter uma amiga de sua idade. Sempre se preocupara com o fato de Pat não ter amigas. Winnie tinha meia dúzia, mas Pat, embora se entendesse bastante bem com as garotas da escola, nunca se aproximara muito de nenhuma delas.

– Bets é a menina mais bonita da escola agora – contou ela a Judy, toda orgulhosa. – May Binnie não é páreo para ela... E, ah, como May a odeia! Mas todos os outros a adoram. Eu a amo *tremendamente*, Judy.

– Num achu bom amá demais essa minina – alertou Judy. – Dimais num é bom, Patsy, quirida.

– Como se alguém pudesse ser amado demais! – desdenhou Pat. Mas Judy meneou a cabeça.

– Ela num vai chegá a tê cabelos brancos, aquela lá. Pur certu, aquele rostinho dela tem um rubor qui num é normal – murmurou para si mesma, pensando nas bochechas muito coradas e no brilho estranho que ia e vinha nos olhos de Bets, como se ela tivesse alguma fonte secreta de felicidade que ninguém mais conhecia. Talvez o charme de Bets estivesse nesse olhar. Pois charme ela tinha. Todos sentiam, velhos e moços.

– Algumas garotas da escola sentem inveja porque Bets é *minha* amiga – afirmou Pat. – Já tentaram diversas vezes roubá-la de mim. Mas Bets e eu permanecemos unidas. Somos mesmo gêmeas, Judy. E todos os dias descubro algo novo sobre ela. Às vezes, nos chamamos de Gertrude e Margaret. Lamentamos muito pelos nossos segundos nomes, porque nunca são usados. Achamos que se sentem mal por isso. Mas esse é um dos nossos segredos. Gosto de segredos *bons*. May Binnie me contou um segredo na semana passada, e era um segredo horrível. Ah, Judy, você não está feliz porque os Wilcox foram morar na Casa Comprida?

– Tô, sim. É ótimo tê bons vizinhos. E George Wilcox é um home bastanti inofensivu. Mas o pai dele, o velho Geordie, era um verdadeiro terror quandu era jovem. Uma vez, duranti um dos surtos dele, eu o vi pegá o pudim da panela e jogá na porta. E como era teimoso! Quandu decidiram na igreja qui as pissoas diviam si ajuelhá pra rezá, vucê acha qui nosso caro Geordie obedeceu? Di jeito nenhum. Ele ficava im pé, duro feito um pau, di costas pro ministru, cum as pernas bem afastadas, olhanu furioso pra congregação. Ora, ora, ele tá no céu agora, pobrezinhu, e ispero qui deixe os anjos fazerem o trabalho deles em paz.

– Você se lembra de cada coisa engraçada sobre as pessoas,

Judy – observou Pat, rindo.

– Lembru, é? Pur certu, o qui eu mi lembro du primo do Geordie, Matt Wilcox, num é nada ingraçadu. *Ele* tinha um ou dois parafusos a menos. Achava qui era assumbradu pur um demônio.

– Assombrado por um demônio?

Pat se arrepiou de verdade.

– Tô falanu. Mas a família num dava muita importância até ele começá a ouvi a criatura falá. Dizia qui as cunversas eram muito interessantes. Levaram o moço prum sanatório, mas ele num si importô nem um pouco, porque o demônio foi cum ele. Ele viveu lá por anos, bem feliz e contente, enquanto o deixaram ficar quieto na dele, ouvinu. Intão, um dia, encontraram o home choranu rios. “Pur certu”, disse ele, “meu demônio voltô pra casa dele e agora o qui é qui vou fazê pra mi distraí eu num sei.” Levaram o home pra casa, perfeitamente curado, mas ele sempre dizia qui num tinha graça nenhuma em nada du qui as pissoas falavam pra ele, pelo resto da vida. Dizia qui sentia falta do tempero du... Ora, ora, di um lugar qui eu num vô falá pra vucê, Patsy, quirida.

– Suponho que você esteja falando do inferno – respondeu Pat, para horror de Judy. – Tenho certeza de que já ouvi essa palavra várias vezes. O empregado de tio Tom vive dizendo para as pessoas irem para lá. Tio Tom diz que ele não consegue evitar.

– Ora, ora, talvez num cunsiga. Ele é neto do velhu Andy Taylor, e o velho Andy tinha um dom pra praguejá. Pur certu, ninguém mais tinha gana di tentá dipois di ouvi o qui o velho Andy podia fazê. Ele vivia praguejando e rindo, aquele velho patife. “Inquanto eu pudé ri das coisas, fico bem sem Deus”, dizia ele. “Quandu num pudé mais ri, recorrerei a Ele”, dizia. Quandu o filhu dele murreu, ele riu e disse: “Pobrezinho, foi poupadu di um montão de prublema”, foi o qui ele disse. Quandu a mulhé dele murreu, ele disse: “Tá aí um erro qui foi

corrigido”, foi o qui ele disse. Mas, quando o velhu John Ensaboado, qui ele odiava e com quem passô a vida toda trocanu farpa, caiu da carroça e quebrou o piscoço, ele disse: “Isso é ingraçado demais pra ri”, foi o qui ele disse. “Vou pra igreja mi torná religioso”, foi o qui ele disse. E nunca perdeu um domingo desde aquele dia, até morrer.

2

Pat nunca tivera um verão tão feliz. Era delicioso ter alguém com quem voltar da escola. Sid passava cada vez mais tempo na companhia de outros garotos, embora ele e Pat ainda tivessem suas lindas horas de explorar os campos, ou caçar ovos no celeiro, ou procurar por perus fugitivos ao entardecer.

Às vezes, Bets ia até Silver Bush, onde ela e Pat brincavam entre as bétulas. Volta e meia, Judy permitia que elas jantassem por lá. Era tão romântico e aventureiro fazer as refeições ao ar livre, encerrando com uma sobremesa de groselhas vermelho-rubi servidas em folha de alface. Ou então elas se sentavam sob o luar à porta da cozinha e ouviam as histórias de Judy sobre fantasmas, criaturas fantásticas, ancestrais da família e “pessoas cinzentas” que assombravam os pomares de maçã ao amanhecer e ao anoitecer. Não era de admirar que Pat precisasse acompanhar Bets até a Casa Comprida depois disso. Pat se regozijava tanto nas histórias de Judy que ficava apenas eufórica. Bets também ficava eufórica, mas, se o pai e a mãe conhecessem a extensão do repertório de Judy, talvez não fossem tão complacentes com as visitas dela a Silver Bush.

Elas ajudaram Judy a fazer queijo... Pela última vez. Fora emitida a ordem de que todo o leite deveria ser enviado para a fábrica, e o queijo, comprado lá.

– Ah, Judy, *gostaria* que as coisas não precisassem mudar.

– Mas elas mudam, Patsy, querida. A vida é assim. E teu pai precisa di todo o dinheiru qui pudé cunsigui pelo leite. Pur outro lado, nunca mais vai tê um único pidacinho di queiju decenti im Silver Bush. Fábrica di queijo, ora essa! – ralhou Judy rebeldemente.

Às vezes, Pat subia até a Casa Comprida... Por uma trilha fascinante em meio aos campos do morro... Uma trilha na qual você sempre se sentia feliz, como se as fadas a tivessem traçado. Encontrava algo novo para amar toda vez que a percorria... Algum cantinho coberto de samambaias, ou um tronco cheio de musgo, ou uma árvore bebê. Bastava seguir a Whispering Lane, atravessar o jardim de tio Tom até o fim, e lá estava a trilha. O primeiro “posto avançado” naquela terra de fadas era uma touceira enorme de abetos, onde Pat em geral se demorava para “catar” goma para mastigar. Aí, vinha o riacho... Um córrego pequenino que desaguava no Jordão... Com uma bétula prateada debruçando-se sobre a ponte de troncos. Além dele, um prado transversal seduzia com suas margaridas e um velho pinheiro no topo, que, para Pat, parecia sempre estar esperando por algo. Então, passava-se por um canal planáltico onde se podiam colher buquês de morangos de hastes longas nas fissuras e observar os vales e bosques que se estendiam até o mar. Às vezes, Bets descia para encontrá-la ali... Ou acenava de uma de suas janelas enquanto Pat atravessava os abetos do morro. Então, Silver Bush e o mundo que Pat conhecia sumiam de vista, e, diante deles, viam-se os campos pontilhados de arbustos da fazenda da Casa Comprida e as curvas cintilantes do rio de Silverbridge. E era simplesmente maravilhoso estar vivo.

A tragédia daquele verão foi a morte de Quinta-Feira. O pobre Quinta-Feira estava desaparecido havia alguns dias e fora encontrado imóvel e duro, certa manhã, na plataforma do poço,

tendo se arrastado até em casa para morrer.

– Judy, como é terrível que os gatos não vivam tanto quanto nós – comentou Pat, suspirando. – Quando você se afeiçoa a eles... eles morrem. Judy, você acha que o pobre Quinta-Feira sofreu muito para morrer?

Pat amargurou bastante, mas Quinta-Feira passara bastante tempo longe de casa aquele verão (às vezes, por semanas a fio), e Sal e Pimenta, dois filhotes adoráveis, um cinzento e outro cinza e branco, com rostinho delicado, tomaram conta do coração de Pat, como consolo. Foi feito um funeral comovente, no qual Sid e Jingle carregaram o caixão, e Sal e Pimenta, com relutância, atuaram como parentes entristecidos, com laços pretos enormes amarrados no pescoço. Pat e Bets fizeram coroas de flores silvestres para o gatinho falecido. Pat queria enterrá-lo no cemitério, entre Willy, o Chorão e Dick, o Aventureiro, porque era como se ele fosse um membro da família, mas Judy ficou horrorizada com a ideia. Então, enterraram Quinta-Feira na pequena clareira entre os abetos onde os outros gatos de Silver Bush dormiam o sono eterno. A esperta Bets escreveu um epitáfio em verso para ele, e Jingle o entalhou em uma tábua. O funeral de Quinta-Feira sempre foi lembrado nos anais de Silver Bush porque Naninha, inadvertidamente, sentou-se em um cardo e apenas Pat conseguiu confortá-la. Naninha sempre recorria a Pat para remediar seus pesares.

– Acho que posso, ao menos, pôr flores no túmulo de Quinta-Feira – disse Pat, em tom um tanto desafiador. Ela teve dificuldade em perdoar Judy por negar o cemitério a Quinta-Feira.

3

Aconteceu uma situação terrível no entardecer suave e dourado

em um dia chuvoso, quando Pimenta caiu no poço. Pimenta tinha o dom de se meter em encrencas. Na noite do domingo anterior, subira nas costas de Judy e dançara em seus ombros enquanto todos estavam reunidos no Salão Pequeno para as orações da família. Sid rira muito alto, e o pai ficara muito zangado.

Pimenta estava desaparecido certa noite, quando Pat foi colocar sua tigela de leite na plataforma do poço, e, quando ela o chamou, gritos chorosos ecoaram em algum lugar. Mas *onde*? Pat e Bets procuraram por todos os lugares onde um gato poderia estar, mas nada de Pimenta. Apenas aquelas lamúrias desoladoras que ora pareciam vir do céu, ora do bosque branco, ora do cemitério.

– Pur certu, o bichu tá infeitiçadu – exclamou Judy. – Num pode tá tão longe assim, mas num sei dizê ondi.

Bets finalmente solucionou o mistério.

– Ele está no poço – gritou ela.

Pat correu até lá com um grito de desespero. Não se podia ver nada nas profundezas escuras, mas era certo que Pimenta estava em algum lugar lá embaixo. Quando elas olharam dentro do poço, os gritos redobram.

– A água é calma como um relógio – garantiu Judy. – Onde foi qui o diabinho si meteu? Ora, ora, tô venu. Olha só pros olhinhos dele, brilhanu. Ele deve tê caído na água, mas cunseguiu subi, corajoso qui é, naquele pidacinhu saltadu di pedra entre as rochas e a água. Ouve só. Ele vai si esgoelá tudo. E é bom qui chore mesmo, porque vai sê um milagre cunseguir uma maneira di chegá até ele, já qui teu pai e os mininus tão lá em Bay Shore e num devem volta antes da meia-noite. É mesmo um pandemônio.

– *Não podemos* deixá-lo lá a noite toda! – gritou Pat, aflita.

Ela correu até o sótão para acender a vela de sinalização. Tomara que Jingle visse! Jingle estava passando boa parte das noites

tirando larvas dos abetos em um campo enorme que o senhor Gordon queria que fosse limpo, mas viu a luz de Pat enquanto voltava para casa e, em poucos minutos, ele e McGinty estavam no quintal de Silver Bush. Quando percebeu qual era o problema, McGinty sentou-se e passou a uivar de forma antífona aos gritos de Pimenta. Era um dueto pesaroso.

– Ah, Jingle, você consegue salvar o Pimenta? – suplicou Pat.

Jingle era um cavaleiro errante bastante cômico, é verdade, com as calças esfarrapadas, os óculos de armação escura e os cabelos desgrenhados, mas atendeu ao pedido de socorro da donzela pronta e pragmaticamente. As três crianças, ajudadas por Judy, arrastaram uma escada do celeiro e conseguiram, sabe lá Deus como, enfiá-la no poço. Lá foi Jingle, enquanto Pat e Bets impediam que McGinty saltasse atrás dele. Momentos terríveis de suspense. Logo ele reapareceu segurando um gatinho desesperado e ensopado, que expressou logo sua gratidão mordendo de modo feroz o pulso de seu resgatador.

– Ora, ora – grunhiu Judy –, tô mi sintinu exausta. Foi um dia terrível. Naninha infiou os dedinhos no espremedô, Snicklefritz cumeu uma das botas do teu pai e a curuja do Siddy foi sabe lá Deus pra onde. E agora – concluiu ela em tom de desespero –, vamos tê qui pegá água lá no Jordão até cunsigui limpá o poço. Vai sabê quantas lagartixas vamos tê qui inguli por causa disso.

– Lagartixas!

– Tô falanu. O avô du velhu senhor Adams num inguliu uma lagartixa um dia, quandu foi tomá água du riachu? Pur certu, ele nunca mais foi o mesmo... Vivia sintinu o bichu si remexenu dentro dele, quandi tava di istômago vaziu.

Pat pensou, com certo nojo, que Jingle vivia tomando água do Jordão... Embora em geral fosse da fonte d'água na rocha em

Felicidade. Ela imediatamente sentiu algo errado no estômago. Mas talvez fosse apenas o fato de que estava vazio. Eles trancaram Pimenta no silo para secá-lo e foram para a cozinha jantar a torta de carne que Judy preparara. Depois de tanto alvoroço, era preciso fazer uma refeição...

Aquela noite, contudo, Pat teve um sonho terrível de que tinha engolido um sapo!

4

Pat encontrou outra alegria na vida... Passar a noite toda na casa de Bets. A primeira vez foi no início de dezembro, quando Judy ficou feliz em mandá-la para a Casa Comprida assim que ela chegou da escola, porque Alec Compridão estava matando porcos e Pat não gostava nem um pouquinho quando os porcos eram mortos, embora, como Judy sarcasticamente apontou para ela, isso não a impedisse de consumir com muito gosto as salsichas e o presunto frito resultantes do lamentado falecido.

Pat subiu até a Casa Comprida por uma estrada encoberta pela neve recém-caída. Toda vez que se virava para olhar a própria casa, o mundo estava um pouquinho mais branco. Bets, que não fora para a escola aquele dia, esperava por ela debaixo do pinheiro. Logo acima delas, a Casa Comprida, em meio às coníferas, era como uma ilha escura em um mar de neve.

Havia algo naquela casa comprida e de teto baixo, com a trapeira no telhado, que agradava Pat. E o quarto de Bets era maravilhoso, com duas mansardas na lateral e uma em cada ponta. Era muito sofisticado, Pat contou a Judy, com um “conjunto de móveis” de verdade e um espelho comprido, no qual as fascinadas meninas podiam se ver dos pés à cabeça. A janela do lado Oeste estava

coberta por videiras, que agora não tinham folhas, mas formavam uma cortina rajada verde no verão, e a do lado Leste tinha vista para uma enorme macieira. Pat e Bets ficaram sentadas ao lado do pequeno fogão e comeram maçãs até chegar ao ponto de alguém pensar que iriam explodir. Então, deitaram-se na cama e se acomodaram para uma daquelas conversas acalentadoras para o coração de garotinhas desde tempos imemoriais.

– É muito mais fácil trocar confidências no escuro – confessou Pat a Judy. – Consigo contar *tudo* para Bets no escuro.

– Ora, ora, eu num contaria *tudo* pra ninguém – alertou Judy. – Não tudo, meu tesouro.

– Para ninguém além de Bets – concordou Pat. – Bets é diferente.

– Diferenti demais – murmurou Judy, tomando o cuidado de não deixar Pat ouvir.

Ficar deitada ali, com o sussurro suave dos pinheiros lá fora, e trocar “segredos” com Bets, segredos adoráveis, não como os de May Binnie, era delicioso. Bets estivera recentemente em um casamento da família Wilcox, e Pat queria saber tudo... A misteriosa noiva branca como pérola, os vestidos lindos das madrinhas, as flores, o banquete.

– Você acha que *vamos* nos casar um dia? – sussurrou Bets.

– *Eu* não vou – afirmou Pat. – Jamais poderia ir embora de Silver Bush.

– Mas você não iria gostar de ser uma velha solteirona, não é? – retrucou Bets. – Além disso, seu marido poderia morar com você em Silver Bush, não poderia?

Essa era uma ideia nova para Pat. Parecia bastante interessante. De alguma forma, quando se estava com Bets, tudo parecia possível. Talvez esse fosse mais um aspecto de seu charme.

– Nascemos no mesmo dia – continuou Bets –, então, se um dia

nos casarmos, devemos tentar nos casar no mesmo dia.

– E morrer no mesmo dia. Ah, isso não seria romântico? – exclamou Pat em um suspiro de êxtase.

Pat acordou durante a noite com uma pitadinha de saudade de casa. Será que Silver Bush estava bem? Saiu da cama e correu até a trapeira mais próxima. Respirou no vidro congelado até criar um “buraco” por onde espiar... E prendeu a respiração de deslumbramento. A neve cessara, e uma lua enorme brilhava nos morros frios e nevados. Os pinheiros polvilhados de flocos pareciam estar cobertos de flores feitas de luar, as macieiras pareciam ornamentadas com filigranas prateadas. O espaço aberto do terreno brilhava com diamantes enormes. Como Silver Bush era linda vista de cima sob a luz do luar no inverno! Será que Naninha estava coberta e aquecida? Ela *costumava* se descobrir... Será que a mãe estava melhor da dor de cabeça? Lá ao longe, além de Silver Bush, estava a pobre, raquítica e feiosa casa dos Gordon, que ninguém jamais amara. Jingle estaria dormindo no sótão acima da cozinha àquela hora. Durante todo o verão, ele dormira no galpão de palha com McGinty. Pobre Jingle, para quem a própria mãe nunca escrevia! Como uma mãe podia ser assim? Pat quase odiou voltar para a cama e perder tanta beleza. Sempre parecia um desperdício dormir durante uma noite de luar. De alguma forma, aqueles morros distantes pareciam muito diferentes sob a luz da lua. Os versos que ela e Bets tinham aprendido “de cor” na escola aquele dia vieram-lhe à mente:

Venha, pois a noite tortura

E o luar congelado agoniza

Buraco, fenda e fissura

Nos sinistros morros de Ardisa.

Ela os repetiu a si mesma com um êxtase estranho e intenso, que

nunca sentira antes... Algo mais profundo que o corpo ou a mente, tocando um santuário interno do ser do qual aquela criança nunca tivera consciência. Talvez aquele momento fosse, para Patricia Gardiner, o velho “despertar da alma”. Durante toda a vida, ela refletiu sobre aquele momento como uma espécie de marco... Aquela vigília breve e cintilante na trapeira da Casa Comprida.



Judy se enfeza

1

– Tão nua quanto no dia em que nasceu – concluiu tia Edith... E não disse mais nada. Achava, todos achavam, que não havia mais nada a ser dito.

Sua mãe parecia horrorizada e envergonhada. Os tios Tom e Brian pareciam horrorizados e achando certa graça. Tia Jessie parecia horrorizada e desgostosa. Norma e Amy pareciam horrorizadas e presunçosas. Winnie parecia horrorizada e irritada. Seu pai, Joe e Sid pareciam horrorizados.

Pat estava diante dessa corte familiar, com a mão de tia Edith no ombro, tentando, sem sucesso, conter as lágrimas. Era para chorar mesmo, pensava a família; contudo, as lágrimas dela não eram de vergonha ou de medo, como supunham, mas de arrependimento por algo maravilhosamente lindo que tia Edith destruía... Algo que jamais poderia ser substituído. Era por isso que Pat chorava; ela ainda não percebera a gravidade da situação.

Durante uma semana, Pat ficara muito sozinha. Bets estava longe, fazendo uma visita. Jingle e Sid estavam ocupados fazendo feno; e Judy, entre todas as possibilidades impensáveis, estava fora. Judy nunca se ausentara de Silver Bush, pelo que Pat podia se lembrar.

“Férias” eram algo desconhecido no calendário de Judy.

– Pur certu, eu jamais trabalharia si cunseguisse incontrá alguma outra coisa pra fazê – dizia ela –, mas o mistério é qui nunca cunsigno.

Houve um problema em Bay Shore. Primo Danny quebrara a perna e tia Frances estava adoecida, então Bay Shore emprestara Judy de Silver Bush para remediar a emergência. Pat achou essa situação particularmente terrível. Sentia falta de Judy o tempo todo. A casa nunca parecia completa quando ela não estava por lá, e mesmo o deleite de ter a mãe na cozinha a maior parte do tempo e de ajudá-la em todos os afazeres domésticos não compensava de fato. Além disso, Cavalheiro Tom também não estava por lá. Desaparecera no mesmo dia em que Judy fora levada a Bay Shore, e o quintal dos fundos e a cozinha, sem Cavalheiro Tom, eram lugares solitários. E o que Judy diria quando voltasse para casa e visse que seu gato sumira? Talvez pensasse que Pat se esquecera de alimentá-lo.

Pat se consolou trabalhando com fervor no jardim, decidida a deixar Judy satisfeita quando retornasse. Noite após noite, Pat levava baldes d’água até lá. Gostava de tirar a água do poço. Era divertido ver o balde descendo sobre aquele círculo de céu azul e com o próprio rosto refletido no fundo do poço. E, então, quando o balde chegava na água, ver tudo se desmanchando, como se um espelho tivesse sido quebrado. Depois de puxar a última baldada, Pat se debruçava sobre a borda e observava a água se acalmar lentamente e a Pat do Poço retornar, muito trêmula no início, ficando cada vez mais clara e distinta, apenas com tremulações ocasionais quando uma gota d’água caía de uma samambaia.

Pat adorava regar o jardim... Dar algo de beber às coisas após um dia quente. Em primeiro lugar, ela sempre regava os queridinhos de

Judy... A fileira de violetas sob a janela da cozinha que Judy chamava de “erva-da-trindade”... Um nome tão belo! Depois, a touceira de malvas, as cravinas brancas e vermelhas perto da granja dos perus e as peônias do portão. Então, todas as outras flores... E as rosas por último, porque gostava de demorar com elas, em especial as brancas com um toque de dourado em seu coração e o canteiro de amores-perfeitos em um canto distante, que pareceu florescer apenas para ela.

Naquela noite em particular, Pat estava em uma situação complexa. Chovera tanto na noite anterior que o jardim não precisava ser regado e, quando o “escurecer” chegou, não havia nada a fazer e ninguém com quem conversar. Era, no entanto, uma noite de verão de glamour, mistério e encantamento, e Pat se entregou a ela enquanto corria, com os cabelos esvoaçando, pelas bétulas brancas sob a luz do luar, até chegar, na parte sudeste, a uma pequena clareira salpicada por margaridas, deitadas em meio às avenças como uma lagoa fria de luar.

Ela parou para assimilar a beleza daquela cena. Cada vez mais, naquele ano de seu décimo aniversário, Pat sentia-se responsiva à beleza do mundo ao redor. Estava se tornando uma paixão para ela.

A lua subia sobre o Morro da Névoa... A lua que Pat achava, quando era pequenininha, ser um mundo lindo, onde tudo era felicidade. Pequenas poças de sombra jaziam aqui e ali pela fazenda, em meio aos campos de feno tosquiados. Havia um campo enorme de feno que ainda não fora tocado; ondas de vento sopravam sobre ele sob a luz enevoada. Além dele, havia um campo onde os alegres bezerros caminhavam em meio aos ranúnculos enormes... As únicas criaturas vivas em vista, se pudéssemos ter certeza de que aquelas sombras na beirada do bosque branco eram *mesmo* sombras, e não coelhinhos dançando.

Uma noite quente e inquietante... Uma noite que por certo pertencia às fadas, pois, naquele momento, Pat conseguia acreditar plenamente que elas existiam. Algum encantamento se apossara dela e penetrara em suas veias. Ela se lembrou de uma história de Judy sobre uma princesa enfeitiçada que dançava sob o luar todas as noites de lua cheia no vale de uma floresta, e uma ânsia repentina a possuiu, fazendo-a querer dançar também. Por que não? Não havia ninguém para ver. Seria lindo... Lindo.

Pat despiu-se. Não havia muito a tirar... Já estava descalça. O vestido de algodão azul e as pequenas peças íntimas foram descartadas, e ela ficou parada em meio às sombras, uma pequena e desavergonhada dríade, tremendo com um êxtase estranho, e até então desconhecido, enquanto os dedos pálidos da lua a tocavam por meio das árvores.

Ela entrou na clareira de margaridas e começou a dancinha que Bets lhe ensinara. Uma brisa soprou nela por entre os corredores das bétulas cintilantes. Será que, se erguesse as mãos, a brisa as seguraria? Um perfume suave e delicioso emanou das avencas molhadas pelo orvalho sobre as quais ela dançava; ao longe, uma risada se espalhava pela noite... Uma risada fraca e delicada, que parecia vir da Fonte Retirada. Ela se sentia tão leve, como se fosse mesmo feita de luar. Ah, nunca existira um momento como aquele! Ela parou na ponta dos pés entre as margaridas e abriu os braços para permitir que o fogo frio daquela lua linda e graciosa banhasse seu corpinho magro de criança.

– Pat! – gritou tia Edith, com quarenta pontos de exclamação na voz.

Pat voltou à Terra estremecendo. O sonho inebriante terminara. O horror da voz de tia Edith a envolveu como uma capa de vergonha. Ela nem sequer conseguia encontrar palavras para falar.

– Coloque suas roupas – ordenou tia Edith friamente.

Não cabia a ela lidar com aquela situação. Isso era trabalho para Alec Compridão. Pat vestiu-se em silêncio e seguiu tia Edith pelo bosque branco até o Salão Pequeno, onde o restante dos moradores de Silver Bush estava reunido entretendo a família de tio Brian, que chegara para uma visita. É claro, pensou Pat desoladamente, que Norma e Amy, que nunca saíam da linha, estariam lá para presenciar sua humilhação.

– Como você *pôde*, Pat? – perguntou a mãe, repreendendo.

– Eu... Eu queria me banhar no luar – respondeu Pat aos soluços.

– Não achei que causaria nenhum mal. Não achei que alguém fosse me ver.

– Nunca ouvi falar de qualquer criança decente que se banhasse ao luar – disse tia Jessie.

E, então, tio Tom soltou uma gargalhada.

2

O castigo de Pat, que a família de Silver Bush julgou ser bastante brando, considerando a gravidade da ofensa, foi, para Pat, a pior coisa que poderia ser concebida. Eles resolveram “dar um gelo” nela. Por uma semana, ela não deveria falar com ninguém em Silver Bush, e ninguém deveria falar com ela, exceto quando fosse mesmo necessário.

Pat sobreviveu, nunca soube como, por três dias. Pareceu uma eternidade. Pensar que nem *Sid* falava com ela! Oras, Sid fora o que ficara mais furioso. Sua mãe e seu pai pareciam sentir pena dela, mas permaneceram firmes. Quanto a Winnie... “Ela me olha como se eu fosse uma estranha”, pensou a pobre Pat.

Ela fora proibida de brincar com Jingle, que foi até Silver Bush na

noite seguinte sem saber de nada. Ele ficou indignado, e Pat o reprimiu por isso.

– Minha família tem o direito de me corrigir – disse a ele em tom arrogante.

Entretanto, chorou todas as noites até pegar no sono. Na terceira noite, foi para a cama tristonha, depois de dar um beijo de boa-noite em todas as flores e nos dois gatinhos. O térreo estava todo iluminado e alegre, pois tio Tom e seu pai gargalhavam na cozinha, Winnie praticava as lições de canto no Salão Pequeno, Joe e Sid brincavam de “pega” na sala de jantar, e Naninha ria e gorgolejava com sua mãe na varanda da frente. Apenas ela, Pat, não fazia parte de nada daquilo. Era rejeitada.

Pat acordou no escuro... E sentiu cheiro de presunto frito! Sentou-se na cama. O relógio do Salão Pequeno marcava doze horas. Quem poderia estar fritando presunto em Silver Bush à meia-noite? Ninguém além de Judy... Judy devia estar em casa!

Pat saiu da cama sem fazer barulho, para não acordar Winnie... Winnie, que nem sequer *perguntaria* o que ela estava fazendo se acordasse. Inspirando aquele odor característico, Pat desceu as escadas da casa silenciosa. Torceu para que Judy não lhe desse um gelo também e pensou que o coração talvez parasse de doer por um tempinho se pudesse sentir os braços de Judy a abraçando.

Com delicadeza, abriu a porta da cozinha. Que bela imagem! Lá estava a velha Judy, fritando um pedaço de presunto para si mesma, a alegre sombra se movimentando em todas as direções nas paredes da cozinha e no teto enquanto ela se movia para lá e para cá.

E... Seria possível? Lá estava Cavalheiro Tom, sentado inescrutavelmente no banco, observando-a. Como tudo aquilo era pacífico, reconfortante e caseiro!

A cena que decorrera duas horas antes, naquela mesma cozinha, quando Judy chegara em casa e perguntara se estava tudo bem com as crianças, contudo, não fora nada pacífica. Quando lhe contaram que Pat estava de castigo e por que, Judy, como ela dizia, perdeu as estribeiras. Uma “balbúrdia” como aquela jamais acontecera em Silver Bush. Todos se envolveram.

– Imagine se ela tivesse sido *vista*, Judy – protestou a mãe de Pat.

– Ora, ora, mas num foi, num é? – retrucou Judy com desdém.

– Apenas por tia Edith...

– Ora, ora, agora é *tia* Edith? – disse Judy, bufando. – E intão foi a nossa cara *Edith* qui arrastô a minina pra casa e contô tudo na frente do Brian e daquela isposa chique dele, é isso qui vucês tão mi dizenu? Bem típico dela. Uma pena qui uma coisinha ínfima dessas num pudesse tê sidu resolvida na família. E puni a criaturinha di coração tão puro cum tamanha crueldade! Vucê realmente num é muito espertu, Alec Cumpridão. Uma bronca taria di bom tamanhu, mas tortura a pobrezinha pur uma semana, senu qui ela é tão afeiçoada a vucês tudo! Vô é ti dizê, Alec Cumpridão, qui vucê num mereci a filha qui tem.

– Bem... – respondeu Alec Compridão, bastante intimidado. – Não acho que o estrago tenha sido tão grande assim. Vamos descontinuar o castigo pelo restante da semana.

– Não sei o que deu naquela menina para fazer algo assim – comentou a mãe de Pat.

– Ora, ora, é o ladu francês da minina qui tá afluando, eu ti garantu – afirmou Judy.

– Certamente não é o lado quacre – ponderou tio Tom, rindo.

– Judy!

Pat estava nos braços de Judy, rindo e chorando. Foram cinco minutos gloriosos. Até mesmo Cavalheiro Tom demonstrou um

pouquinho de empatia.

Por fim, Judy soltou Pat e fingiu austeridade.

– Num queru sê severa cum vucê, Patsy, mas o qui é qui passô por essa tua cabecinha? Foi uma cena e tanto, a qui o teu pai pintô pra mim, di vucê dançanu no bosque sem roupa nenhuma.

– Ah, Judy, eu nunca tinha visto uma lua como aquela... E estava fingindo ser uma princesa enfeitada... E tio Tom *riu* de mim. Isso estragou tudo, Judy... Mas *estava* tudo tão lindo antes de a tia Edith chegar...

Havia um traço de poesia selvagem em Judy que a fez compreender. Ela abraçou Pat com afeição ferrenha.

– Ora, ora, eu dei uma bela duma bronca nele, fique sabenu. Quandu mi enfezo, num sobra pedra sobre pedra. Chega di dá gelo na minha pobre Patsy. Mas é milhó vucê num fazê mais coisas esquisitas pur um tempo.

– O problema é que *eu* não acho que as coisas que faço são esquisitas – disse Pat em tom sereno. – Elas me parecem bastante racionais. E tia Edith foi simplesmente... Ridícula.

– Isso é a mais pura verdade. Ora, ora, deve tê sido um choque e tantu praquela velha alma. Ela já si isqueceu di qui um dia foi jovem, aquela lá. Mas é milhó vucê toma cuidado, Patsy, e, si tivé qualqué vuntade di tomá banho di lua, vucê mi avisa qui vô enchê uma jarra di luá pra despejá em cima di vucê. E, agora, senta aí e come um pidacinho di presuntu cumigo e mi conta tudo qui aconteceu por esses dias. Pur certu, é bom tá em casa di novo.

– Ah, Judy, de onde veio o Cavalheiro Tom? Ele sumiu daqui desde que você foi para Bay Shore.

– Sumiu, foi? Pur certu, ele tava sentado na porta di entrada da casa quandu eu saí di Bay Shore, cum a cara mais lavada du mundo. *Eu* é qui num vô perguntá pur ondi ele andô. Talvez num

goste da resposta. Infim, ele tá aqui e eu tô aqui... E tem um lindo vestido cor-di-rosa todo bordado cumigo qui a tua tia Honor mandô pra vucê. A Norma vai murrê di inveja quandu pusé os olhos nele.

– Vou passar o resto da noite com você, Judy – declarou Pat com determinação.



Sob uma nuvem

1

Quando, no meio de setembro, Alec Compridão subitamente anunciou que, como a colheita terminara, ele pretendia fazer uma viagem para o Oeste para visitar um irmão que se mudara para lá anos antes, Pat encarou a notícia com mais tranquilidade do que eles imaginavam. Era bastante terrível, é claro, pensar que o pai ficaria longe por um mês inteiro, mas, como ele mesmo dissera, se não fosse, também não poderia voltar. Havia o retorno dele para ansiar e planejar, e, nesse meio-tempo, a vida foi bem agradável em Silver Bush. Pat gostava das noites de outono porque as lareiras ficavam acesas. Jingle estava construindo uma elegante casa de passarinhos para ela, para ser colocada no bordo, perto do poço, quando estivesse pronta, e o senhor Wilcox ia levar Bets e ela à Exposição em Charlottetown. Pat nunca fora a uma. Para os jovens cidadãos de North Glen, uma visita à Exposição configurava um evento tão excitante e animador quanto uma viagem à Europa ou “à costa” para os mais velhos. Socialmente, você não fazia parte do grupo se não tivesse ido à Exposição. Tiveram as semanas daquela expectativa deliciosa... A Exposição em si... E, depois, as semanas da lembrança igualmente deliciosa. Levando tudo em consideração,

Pat estava bastante contente com a ausência do pai. Era Judy quem parecia enxergar a situação de forma mais sombria... Pat não conseguia entender o motivo. Na semana anterior à partida de Alec Compridão, Judy passara um bom tempo conversando e discutindo consigo mesma. Frases soltas volta e meia chegavam aos ouvidos de Pat.

– Num sei o qui si passa na cabeça, às vezes. É como si eles fossem vítima dum feitiçu maluco di tempo em tempo... Um pouquinho di Dick, o Aventureiro surginu nele, tô falanu... É a maldição du pé inquietu... Ora, ora, é fácil dimais viajá pur aí, hoje im dia. Pur certu, esse é o prublema com o mundo.

Todavia, quando Pat lhe perguntou qual era o problema, a resposta de Judy foi um breve:

– Num mi faz pergunta qui eu num conto mintira.

Alec Compridão partiu em uma manhã ventosa e nublada de setembro. Tio Tom e as tias vieram até Silver Bush para se despedir. Todos estavam um tanto sérios. O “Oeste” era bastante longe... As despedidas foram um tanto estremecidas.

– Qui o Bom Home Lá di Cima nos abençoe cum boa saúde – murmurou Judy enquanto voltava para a cozinha e fechava ruidosamente as tampas do fogão.

Pat entrou no automóvel e seguiu com o pai até o final da estrada. Então, saiu e observou o carro sumir de vista, aí voltou para casa com uma sensação angustiante. Naquele momento, o sol apareceu por trás de uma nuvem preta e despejou sua radiância em Silver Bush. Pat tornou a perceber como sua casa era linda, aninhada sob o morro azul enevado, com o fundo de árvores douradas.

– Ah, como você é linda! – exclamou ela, estendendo os braços na direção de Silver Bush.

As lágrimas que encheram seus olhos não eram causadas pela

partida do pai. Ela foi atingida pela dor veloz e deliciosa que a beleza sempre causava... Sempre lhe causaria. Era quase uma angústia, enquanto durava... Mas, ao mesmo tempo, era paradisíaca.

Ainda bem que Pat foi à Exposição antes de ouvir as péssimas notícias. Tivera dois dias gloriosos com Bets... E, como nem mesmo os deuses podem retomar as dádivas concedidas, ela sempre os teria, embora, por um tempo, tenha parecido que não tinha nada... Que não teria nada, jamais... Além de dor e medo.

Mais uma vez, foi May Binnie quem lhe contou... Que seu pai pretendia comprar uma fazenda no Oeste e se mudar para lá!

Uma onda estranha gelada, que nunca sentira antes, inundou Pat.

– Não é verdade – choramingou ela.

May riu.

– É, sim. Todo mundo sabe. Winnie sabe. Suponho que eles tenham ficado com receio de contar a você, por medo de você fazer um escândalo.

Pat fitou com fervor os olhos pretos ousados de May.

– Eu não a odiaria por ter me contado isso, May Binnie, se não tivesse *gostado* de contar. Mas vou *contar a Deus sobre você esta noite*.

May tornou a rir... Aparentando certo desconforto. O que chamava de “surto” de Pat Gardiner sempre a deixavam desconfortável. E quem sabia o que Pat poderia contar a Deus sobre ela?

Pat foi para casa com a agonia gelando e adoecendo até o âmago de seu ser.

– Mãe, não é verdade... Não é... Diga que não é!

A mãe olhou compassivamente nos olhos torturados de Pat. Eles tinham tentado guardar segredo, esperando que talvez nunca precisassem contar a ela. Talvez o pai não gostasse do Oeste. Mas,

se gostasse, precisariam ir. Quando o tranquilo Alec Compridão tomava uma decisão, não havia como dissuadi-lo, como todos em Silver Bush sabiam.

– Não sabemos, querida. Seu pai está pensando no assunto. Ficou tentado a ir quando Allan foi, anos atrás, mas não podíamos deixar os pais dele, na época. Agora... Não sei. Seja forte, Pat, querida. Estaremos todos juntos... O Oeste é um região esplêndida... Mais oportunidades para os meninos, talvez...

Ela parou. Era melhor não dizer mais nada naquele momento.

– Intão vucê ficô sabenu? – foi tudo o que Judy disse quando Pat entrou, branca feito papel, na cozinha.

– Judy, isso não pode acontecer... Simplesmente não pode. Judy, Deus não permitiria que algo assim acontecesse.

Judy meneou a cabeça.

– O Alec Compridão é quem vai dicidi. Deixa Deus fora dessa, Patsy, meu tesouro. Ora, ora, este é um mundo masculinu, é sim, e nós, mulheres, apenas vamos levanu.

– Será o fim de tudo, Judy.

– Receio qui vai sê pior qui isso – murmurou Judy. – Receio qui vai sê o início de muitas coisas novas. Pur certu, meu coraçãozinho vai si parti.

Ela não disse isso alto. Pat não deveria saber que Judy não iria para o Oeste com eles até ser totalmente necessário. Para Judy, a ideia de deixar Silver Bush era tão terrível quanto era para Pat, e ela não podia deixar a Ilha. Judy tinha uma convicção secreta de que, se os Gardiner fossem para o Oeste, ela terminaria seus dias na fazenda de Bay Shore, assumindo a parte de Danny e tomando conta da velhinha que viveria para sempre... E consumindo sua alma com saudade e solidão.

– Ora, ora, eles são tudu qui eu tenhu – lamentou ela. – E tudu qui

pidi foi pra continuá trabalhanu pra eles inquantu istivesse sob o mesmo teto. Ao diabo cum Alec Cumpridão, suas ideias e sua teimosia... Justo ele, qui num cunsignia infrentá nem uma mosca. Mas tá no sangue deles ser desse jeitu quandu infiam uma ideia na cabeça. O velho tio-avô de Alec era igualzinhu, só qui tinha um pouquinho di juízo, e, quandu pensava qui quiria i pra algum lugá, sabia qui num divia, e aí raspava a cabeça todinha e só podia i quandu o cabelu crecessi di volta. Quandu crescia, o pirigo já tinha passadu. Quantas vezes num ouvi o velho avô Gardiner contar isso. Era como uma piada da família.

– Quando saberemos, Judy?

– Num sei ti dizê, quirida. Alec Cumpridão dissí qui iscriviria assim qui tivesse tomadu uma decisão. Qui Deus faça esse dia chegá logo! Num tem nada qui a genti possa fazê além di isperá.

Pat estremeceu. Aquelas palavras eram tão terríveis e tão verdadeiras. Como alguém podia esperar? O dia de amanhã seria ainda mais cruel que o de hoje.

2

Nas semanas que se seguiram, Pat sentiu-se como se seu coração estivesse sangrando gota a gota. Parecia sozinha em sua angústia. Sid até esperava que o pai não decidisse ir embora para o Oeste, mas não estava bastante incomodado com aquilo. Joe, de fato, *esperava* ir. Winnie pensava que poderia ser divertido. A mãe *parecia* ser indiferente, com sei jeito costumeiramente calmo e delicado. Até mesmo Judy estava muito calada e não dava voz nem a arrependimentos nem a esperanças. Bets e Jingle estavam ambos desesperados, mas Pat descobriu que não podia conversar com eles sobre o assunto. Acabava ficando intenso demais.

Ela conseguiu, de alguma forma, sobreviver aos dias de escola e então perambulava por Silver Bush como um fantasma infeliz. Não conseguia ler. Os livros que amava não passavam de palavras impressas. Ela e Bets estavam no meio da leitura de *O vento nos salgueiros*, lendo-o sob o Pinheiro Observador no topo do morro, mas agora a obra jazia esquecida na estante da Casa Comprida. Ela não conseguia mais brincar com Bets ou Jingle... Não conseguia suportar, sabendo que talvez precisasse deixá-los para sempre em breve. Não conseguia brincar com Sid porque Sid *conseguia* brincar e demonstrava, portanto, que não estava se sentindo tão mal quando deveria. Não conseguia brincar com Sal e Pimenta, porque eles eram alegres demais. McGinty era o único animal que parecia entender a situação. Ele e Jingle eram uma dupla moribunda.

Pat dormia mal e não comia quase nada.

– Ela tá ficanu magra demais – comentou a preocupada Judy com a senhora Gardiner. – Pur certu, num tem carne nenhuma nus ossinhos dela. Eu achu qui si o Alec Cumpridão arrastá essa minina pro Oeste, vai acabá matanu a pobrezinha. Ela num consegue vivê longi di Silver Bush. Pur certu, ela ama cada centímetru desta casa.

– Gostaria que ela não amasse tanto – respondeu a mãe de Pat, suspirando. – Mas ela é nova... Vai esquecer. Os mais velhos...

Ela parou abruptamente. Assim era ela. Nunca demonstrava o que sentia. Essa era uma tradição de Bay Shore. Os mais emotivos e expressivos Gardiner, às vezes, pensavam que ela não tinha “sentimentos”.

Já Pat tinha muitos, e muito ruins. Tudo que via a machucava. Doía estar na casa... Pensar naqueles amados quartos frios... Talvez sem ninguém para se importar em acender o fogo neles. Talvez, não houvesse luz nas janelas à noite... Na casa que sempre

transbordara de luz, nada de plumas de fumaça saindo pelas chaminés; ninguém observando a beleza pela janela redonda. E se houvesse pessoas nela... Ela também odiava esse pensamento. Quem dormiria em seu quarto? Quem comandaria a cozinha de Judy?

Do lado de fora, era ainda pior. O jardim ficaria tão sozinho... Ninguém lá para amar ou cumprimentar as flores. Os narcisos e as columbinas floresceriam na primavera, mas ela não estaria lá para ver. As abelhas zuniriam nas campânulas, e ela não estaria lá para ouvir. Os álamos sussurrariam, mas ela não os ouvira sussurrar. Os pequenos botões carmesins nasceriam nas roseiras, mas ela não os colheria. Talvez as pessoas que fossem morar em Silver Bush arrancassem todo o jardim. Pat ouvira tio Brian dizer, certa vez, que aquilo não passava de uma selva e que Alec Compridão deveria limpar tudo. Eles mudariam e arrancariam tudo. Ah, ela não podia suportar!

Por outro lado, de alguma forma, o jardim jamais seria deles. Anos depois, Pat disse sobre aquele tempo:

– Eu sabia que eles jamais teriam a alma de Silver Bush. *Ela* sempre seria minha.

Mas ela não estaria lá. Não haveria mais refeições alegres na velha cozinha... Não haveria mais anedotas de Judy nos degraus de arenito... Não haveria mais perseguições de gatinhos nos velhos celeiros... Não haveria mais dias e noites deliciosas na Casa Comprida... Não haveria mais peregrinações pelo Jordão... Nada de Felicidade... Nada de Campo Secreto... Nada de Morro da Névoa. Não haveria qualquer morro nos prados.

Aquilo *só podia* ser um sonho. Ah, quem dera ela conseguisse acordar!

Tantas coisas venenosas estavam sendo ditas na escola... As

meninas falavam com tanta casualidade sobre a ida dos Gardiner para o Oeste... Algumas, com certa inveja, como se fossem gostar de ir também. Jean Robinson disse que tudo o que queria é que sua família pudesse ir embora daquele “poço de tédio”.

Então, um dia, May Binnie disse que seu pai decidira comprar Silver Bush!

– Se ele comprar, vamos consertar tudo, pode ter certeza – disse ela a Pat. – Ele disse que vai arrancar toda aquela parte antiga do pomar, arar e plantar feijões. Vamos construir uma varanda aberta, é claro. E meu pai disse que vai cortar todas aquelas bétulas. Ele disse que não é saudável ter árvores demais.

Apenas a maldade pura poderia tê-la feito dizer *aquilo*. Pat foi se arrastando para casa.

– Os Binnie vão cortar todas as nossas bétulas, Judy.

– Ora, ora, talvez o Bom Home Lá di Cima tenha alguma coisa a dizê sobre *isso* – comentou Judy sombriamente.

Seu velho coração fiel estava, contudo, pesado. Ela sabia que Mac Binnie já considerava Silver Bush sua e andava contando a todos sobre todas as “melhorias” que pretendia fazer.

– “Milhorias”, é? – questionara Judy. – Pur certu, é melhó ele fazê umas milhorias nos modos dele e daquelas filhas dele, si é melhoria qui ele tá querendo fazê, aquele velho cabeça di ventu. A própria sinhora Binnie podia dá uma milhorada. Imagina só, ela na minha cozinha, pálida du jeito qui é, sem contá ela reinando na mesa da sala di jantá, onde um Selby de Bay Shore costumava sentá. Ora, ora, esse mundo tá virado di cabeça pra baixu, tá, sim, e num vai milhorá tão logo.

– Eu estava tão feliz pouco tempo atrás, Judy. E, agora, nunca mais serei feliz de novo.

– Ora, ora, “nunca” é tempo demais, meu tesouro.

– Odeio a May Binnie, Judy... *Odeio!*

– Pur certu, Patsy, quirida, é milhó deixá esse nigócio di “odiá” pra lá. A vida é curta demais pra perdê tempu odianu. Pur outro ladu, si a gente tivessi um pouquinho mais di tempu... Aqueles Binnie mereciam um bucadinho di ódio.

– Quem dera tivesse alguma coisa que pudéssemos fazer para impedir... – comentou Pat, aos soluços.

Judy meneou a cabeça.

– Mas num tem... Não nu Canadá, di toda forma. Issu é o pió desses países novos, ondi nem Deus nem o diabu tiveram tempu di organizá as coisas direito. Agora, si tivessi um poço dus desejus pur aqui, qui nem tem lá na minha casa, na Irlanda, vucê podia cunsertá tudu num piscá di olhos. Tudu qui pricisava fazê é fazê o pedido quandu a lua nascessi e prontu.

Aquela noite, Pat foi até Felicidade e fez o pedido diante da Fonte Retirada. Não custava nada.

Era horrível viver com medo... E suspense. A primeira carta do pai chegou quando Pat estava na escola, e Judy lhe contou, assim que chegou em casa, que ainda não havia novidades. Alec Compridão achava o Oeste uma bela região. Allan prosperara. Mas ele ainda não decidira... Estava procurando... Saberá dizer na próxima carta.

– Intão, vamos cuntinuá firmes, Patsy, minha quirida. Ainda há isperança.

– Tenho medo de ter esperança, Judy – confessou Pat, apavorada.

– *Dói* demais ter esperança. Seria muito pior quando chegasse a hora de ter que abrir mão da esperança.

– Ora, ora, mas vucê é jovem demais pra pensá *assim* – murmurou Judy.

Ela amassou e sovou o pão, desejando que a massa fosse Alec Compridão. Ora, ora, como quiria infiá um pouquinho di juízo na

cabeça dele! Cum aquela bela fazenda da Ilha e uma família linda, ficá sonhanu im abri mão di tudu e si aventurá num lugar novo na idadi dele!

3

A carta seguinte chegou. Era um sábado, e Pat acordara em meio a um amanhecer cinzento. A chuva nas janelas era sombria. Todos em Silver Bush esperavam receber uma carta do pai de Pat aquele dia, embora ninguém tivesse dito nada, e Pat sentia que a chuva era um mau presságio.

– Ora, ora, si anima, Patsy, quirida – disse Judy. – Pur certu, mi lembu dum poema qui aprendi quandu era minina... “Uma manhã iscura e sombria, muitas vezes, anuncia um belo dia”. Eu mesma já vi acuntecê várias vezes.

Parou de chover ao meio-dia, embora as nuvens pesadas e escuras permanecessem pairando sobre o bosque branco. Pat observava do jardim quando o velho carteiro se aproximou da caixa de correspondências. Era um homenzinho velho e curvado, com uns fiapos de barba branca, conduzindo uma carroça puxada por um velho alazão. Parecia incrível pensar que seu destino estava na sacola dele. Ela desceu a rua devagar, como uma mariposa, sem saber se queria ou não ver a carta. Seria terrível demais esperar para abrir, mas ao menos eles enfim *saberiam*.

A carta estava lá. Pat a pegou e leu... *Senhora Alex B. Gardiner, Silver Bush, North Glen, Ilha do Príncipe Edward*. Toda a sua vida após a carta parecia a Pat algo terrivelmente intrigante e diabólico. O que poderia (ou não) estar naquele pedaço de papel? Ela se lembrou de que, quando era bem pequena, ficara morrendo de

medo de um aviso de “letra morta”. Achou que se tratasse de uma carta enviada por uma pessoa morta. Mas aquilo era ainda pior.

Ela voltou pela rua. No meio do caminho, parou em uma pequena reentrância na cerca tomada pelo branco e amarelo das “semprevivas” que florescia em setembro. Seus joelhos tremiam.

– Oh, querido Deus, por favor, não permita que haja qualquer notícia ruim nesta carta – sussurrou ela. E, então, em tom desesperado, porque o velho Alec Gardiner, de South Glen, tinha uma filha que também se chamava Patricia, mas que já estava na meia-idade e era casada, não podia haver erro: – Querido Deus, aqui é a Pat do Alec Compridão, de Silver Bush, não apenas a Pat do Alec.

De alguma forma, todos estavam na cozinha quando Pat entrou. Judy sentou-se em uma cadeira um tanto subitamente. Bets acabara de chegar, tendo descido o morro a toda velocidade quando vira o carteiro. Jingle e McGinty estavam perto da porta. McGinty estava com as orelhas abaixadas. A mãe, com os olhos brilhando muito e um círculo ruborizado incomum em cada bochecha, pegou a carta e olhou para todos os rostos tensos e cheios de expectativa... Menos para o de Pat. Não conseguia suportar olhar para Pat.

Era mil vezes pior que quando haviam recebido a carta sobre Winnie.

– Todos nós precisamos ser tão fortes quanto possível se papai disser que vamos partir – disse ela com delicadeza.

Ela abriu a carta com firmeza e passou os olhos pelo papel. Parecia que até mesmo as árvores lá fora tinham parado para ouvir.

– Graças a Deus – sussurrou ela.

– Mãe...

– O papai está voltando. Não gostou do Oeste tanto quanto da Ilha. Ele disse: “Ficarei muito feliz em estar de novo em casa”.

E, naquele exato momento, como esperando pelo sinal, o sol rompeu a barreira de nuvens sobre Silver Bush, e a cozinha foi inundada por luzes dançantes e sombras élficas de folhas.

– Então é isso – disse Joe, um tanto entristecido. Ele assoviou para Snicklefritz e saiu.

Pat e Bets choravam descontroladamente nos braços uma da outra. Judy se levantou com um grunhido.

– Ora, ora, pra que esse chororô tudu, eu pergunto? Pensei qui vucê taria dançanu di alegria.

– Você também está chorando, Judy.

Pat riu em meio às lágrimas.

– Pur certu, é esse meu coração di manteiga. Nunca pude vê ninguém choranu qui já cumeçu a chorá também. Pois já num chorei um bucado em funeral di gente qui num importava nem um pouquinho pra mim? Sou tão sublimi qui nem a rainha podia ser parente minha. Ora, ora, e são as minhas tortas di limão qui tão pretas qui nem carvão aqui no forno. Bom, achu qui vou tê qui fazê outra fornada. Já tivemos muitas boas refeições nesta casa e, pelo Bom Home Lá di Cima, vamos tê muitas mais. Foi uma semana difícil, mas, às vezes, tudo acaba bem, basta tá vivo pra vê.

Pat vestiu a alegria como se fosse uma roupa. Perguntou-se se alguém já havia morrido de felicidade.

– Eu simplesmente não conseguiria suportar, Pat, se você fosse embora – confessou Bets, aos soluços.

Jingle não disse nada. Fungara com desespero, tendo decidido que não deixaria *ninguém* vê-lo chorar. Estava, naquele momento, deitado com o rosto para baixo sobre a hortelã que margeava o Jordão, e McGinty poderia contar o que ele estava fazendo. Mas McGinty não estava preocupado. Suas orelhas estavam eriçadas, pois ele sabia que, de alguma forma, a despeito dos ombros

trêmulos, o amigo estava feliz.

4

Pat desceu o morro dançando aquela noite, os pés mal pareciam tocar o chão. Parou debaixo do Pinheiro Observador para admirar Silver Bush. Todo seu amor por aquele lugar brilhava como uma rosa no rosto. A fazenda nunca parecera tão linda e amada. Como era bom ver a fumaça saindo da chaminé! Como pareciam alegres e confortáveis os velhos e amplos celeiros abarrotados, onde centenas de gatinhos que ainda não tinham nascido brincariam! O vento cantarolava por todos os lados em meio às árvores. Acima dela, um céu claro, intenso e adorável. Todos os campos para os quais ela olhava eram amigos. Os ásteres da trilha eram como letras do poema em seu coração. Ela parecia se mover e respirar em um transe de felicidade. Era um junco em uma lagoa de luar... O vento em um jardim silvestre... As estrelas e as luzes de casa... Era Pat Gardiner, de Silver Bush!

- Ó querido Deus, este mundo é tão maravilhoso – sussurrou ela.
- Qui belo horário pra aparecê pro jantá – ralhou Judy.
- Eu estava tão feliz que me esqueci do jantar. Ah, Judy, amarei este dia para sempre. Estou tão feliz que estou até um pouco assustada... Como se não fosse *certo* ficar tão feliz.
- Ora, ora, bebe toda a felicidade qui vucê pudé, minha quirida, quandu o cálice é levado à tua boca – aconselhou Judy, sábia. – Agora, come um pouquinho e, dipois, já pra cama. Já butei a tua mãe pra durmi quandu a Naninha pegô no sono. *Ela* num tava durminu muito ultimamente, eu bem sei, imbora os Selby guardem seus pesares só pra si. Ora, ora, intão num é dessa vez qui a madame Binnie vai ditá as regras pur aqui. E o qui é que vucê acha

disso, Cavalheiro Tom?

– Não sei se vou conseguir dormir muito esta noite, Judy. É uma delícia estar tão feliz a ponto de não conseguir dormir.

Mas Pat estava dormindo feito pedra quando Judy entrou no quarto para ver se as irmãs tinham pegado um cobertor extra para a noite fria de setembro.

– Ora, ora, ela nunca mais vai sê jovem assim – sussurrou Judy. – Ela si aburreceu tanto nesses últimos dias qui a alma até mesmo dos mais jovens envelheci. Quem dera alguém pudessi dá uma bela surra nu Alec Cumpridão, como quandu ele era um mininu!



“Sou tão feia assim, Judy?”

1

Pela primeira vez, Pat estava se arrumando para ir a uma festa... Uma festa de verdade, à noite, que tia Hazel estava promovendo para duas sobrinhas do marido, que os estavam visitando. Era o que tio Tom chamava de “festa em dose dupla”... Garotas e garotos da idade de Winnie e Joe para Elma Madison e crianças de dez a doze para Kathleen. Sid fingiu detestar aquilo tudo e jurou que não iria até o último minuto, quando mudou de ideia... Talvez porque Winnie o reprimiu por estar amuado porque May Binnie não fora convidada.

– Pur certu, num si podia isperá qui ela fosse convidada – comentou Judy, soberba. – Desdi quandu os Binnie tão nu mesmo patamá qui os Gardiner? Ou mesmo qui os Madison, eu pирguntu?

Pat ficou muito contente quando Sid resolveu ir, pois Bets estava de cama, com dor de garganta, e Jingle, embora tenha sido convidado, não podia ou não queria ir, porque suas únicas roupas decentes haviam ficado extremamente apertadas. Ele estava torcendo para que a mãe mandasse dinheiro para roupas novas no Natal, mas o Natal passara, como de costume, sem qualquer presente ou carta dela.

– É maravilhoso ter quase 11 anos – disse Pat a Judy em tom

exultante. – Sou quase uma das garotas grandes agora.

– É mesmo – respondeu Judy, suspirando.

Era excitante se arrumar para uma festa de verdade. Winnie já fora a várias, e uma das atividades preferidas de Pat era sentar-se na cama e observá-la se arrumar. Mas arrumar a si mesma era incomparável!

– O amarelo é a tua cor, meu tesouro – disse Judy, quando Pat colocou o vestidinho de voal amarelo. – Pur certu, quandu tua mãe falô di pegá o verdi, eu bati o pé. “Um vistido verdi é sufficienti pra vida toda”, foi o qui eu disse pra ela. “Num si lembra di todo o azar qui a minina teve pur causa daquele du casamento? Era só ela colocá aquele vistido qui alguma coisa acuntecia.”

– Isso é verdade, Judy, agora que parei para pensar. Estava usando aquele vestido quando quebrei o prato Crown Derby da mamãe... E briguei com Sid... Nunca tínhamos brigado antes... E encontrei o buraco na minha meia na igreja... E coloquei pimenta demais nos nabos no dia em que tia Frances veio almoçar aqui...

– E, di tuda forma, eu também falei, pra selá a discussão: “Verdi num cumbina cum a pele dela”. Intão é amarelo mesmo, e vucê tá uma florzinha dançanti assim.

– Mas não vou dançar, Judy. Não sou grande o suficiente. Só vamos brincar de jogos. Realmente espero que ninguém queira jogar “bate palma”. Você sabe, aquele jogo em que uma pessoa sai da sala e tem que adivinhar quem a escolheu como parceira para ficar lá fora. Aí, se você erra, os outros batem palma. Volta e meia joga-se isso na escola, e eu odeio... Porque... Porque, Judy, nenhum dos garotos me escolhe para ir para fora da sala. Não sou bonita, sabe?

Pat disse aquilo sem nenhuma amargura. A falta de beleza jamais a preocupou. Mas Judy meneou a cabeça.

– Achu qui siria milhó eles isperarem vucê sê moça feita antis di falarem isso. Agora, vamos passá um pouquinho di pirfumi nu teu lenço...

– Passe um pouco atrás das minhas orelhas, também... Por favor, Judy.

– Num vô fazê isso. Passá pirfumi atrás da orelha num é nada decenti. Uma gotinha no teu lenço e, quem sabe, uma nu babadu du vistido. Toma aqui uma gola di pelo di raposa pro piscoço. E tá pronta. Agora, mantém essa cabeça erguida e num si isquece di qui vucê é uma Gardiner. Vucê vai recitá um poema, pelo qui fiquei sabenu?

– Sim. Tia Hazel pediu. Tenho praticado com os arbustos de abeto atrás do galinheiro. Bets iria cantar, se não estivesse mal da garganta. É tão triste que ela esteja doente... Seria maravilhoso ir à nossa primeira festa juntas. Sei que me sentirei sozinha. Não conheço muitas garotas de Silverbridge. E sentirei tanta falta de Bets. Ela é adorável, Judy. Dizem que Kathie Madison é bonita, mas tenho certeza de que não é mais bonita que Bets.

Joe, Winnie, Sid e Pat se amontoaram no trenó para ir até Silverbridge pelo cristal fino e azul da noitinha de inverno, passando por vias onde árvores esguias e rendadas formavam sombras sinistras sob o rosa e dourado do céu. Aquilo foi divertido... E, no início, a festa também estava divertida. Kathleen Madison era *mesmo* bonita... Era a menina mais bonita que Pat já vira. Uma garota com cachos fechados de um dourado escuro brilhoso, pele de leite e rosas, boca tal qual um botão de flor e olhos azul-esverdeados brilhantes. Pat ouviu Chet Taylor, de South Glen, dizer que valia caminhar quase cinco quilômetros para vê-la.

Sem problema nenhum. Aquilo não incomodou Pat. A noite corria bem. As meninas de Silverbridge eram simpáticas e agradáveis.

Eles acabaram jogando “bate palma”, e Mark Madison chamou Pat para ficar do lado de fora com ele, então não importava se meia dúzia de outros garotos estava disputando Kathie. Ah, festas *eram* divertidas!

Então, em um momento cruel, o laço do cabelo de Pat caiu e ela correu para o pavimento superior para recolocá-lo. Kathie Madison também estava lá, remendando a renda do vestido. Quando Pat estava em pé diante do espelho, Kathie veio até ela e parou ao seu lado. Não havia nenhuma malícia em particular em Kathie. Ela gostava de Pat Gardiner, como quase todas as meninas. Mas, por azar, Mark Madison era o único garoto que ela queria como parceiro no “bate palma”. Então, ela foi até lá e parou ao lado de Pat.

– A festa está ótima, não está? – disse ela. – Seu vestido é muito bonito. É só... Você acha que amarelo combina com uma pele tão morena?

Algo aconteceu com Pat, quando olhou para si mesma e para Kathie no espelho... Algo terrível, que nunca acontecera antes. Não era inveja... Foi um desespero repentino e horrível. *Ela era feia!* Parada ali, ao lado daquela garota encantadora, ela era feia. Cabelos avermelhados... Rosto moreno... Uma boca que não passava de uma linha reta longa demais... Pat estremeceu.

– Qual é o problema? – perguntou Kathie.

– Nada. Só bati o ossinho do cotovelo – respondeu Pat valentemente.

Entretanto, tudo explodira como uma bolha. Não havia mais diversão para ela aquela noite. Ela chegou a odiar Mark Madison. Ele devia tê-la chamado para ficar do lado de fora com ele por pena... Ou porque tia Hazel ordenou que o fizesse. Ela não conseguiu comer o jantar maravilhoso de tia Hazel, e a recitação do poema foi péssima porque, como tio Robert pontuou, ela não

demonstrara nenhum vigor. Vigor! Pat sentia que nunca mais teria vigor outra vez. Só queria poder voltar para casa e chorar. Ela chorou, em silêncio, enquanto eles retornavam para casa sob a noite cintilante de geada sem vento, pelas estradas iluminadas pelo luar e repletas de sombras, entre árvores de veludo preto. Toda a beleza da noite se perdera para Pat, que não conseguia ver nada além dela mesma e de Kathie paradas lado a lado no espelho.

Quando chegou em casa, entrou de mansinho no quarto do Poeta para olhar mais uma vez para si mesma. Sim, não havia dúvida. Ela era feia. Não ser muito bonita não era um problema. Quando tio Brian disse, na última vez em que estivera visitando, ao ir embora: “Tente estar mais bem-apessoada quando eu voltar”, Pat rira com os outros... Todos, exceto Judy, que o encarara com frieza.

Mas ser feia... As lágrimas empoçaram nos olhos de Pat. Ela nunca se achara feia até se ver ao lado de Kathie. Agora *sabia*. Que péssima maneira de terminar uma festa tão boa! E pensar que o verde é que dava azar! Nada de pior poderia ter acontecido com ela se estivesse vestindo verde. Era *ela* quem tinha azar. Ninguém jamais a amaria... Bets não poderia, de fato, gostar de uma amiga feia... Jingle devia estar caçoando dela quando lhe dissera que ela tinha nariz fofo e olhos lindos... Olhos... De um tom entre o castanho e o amarelo... Pareciam mesmo como os de um gato, ao lado das esferas azuis enormes de Kathie. E seus cílios!

“Mesmo que meus cílios fossem longos, não conseguiria piscá-los como ela faz”, pensou Pat desconsoladamente, esquecendo-se de que Kathie os tinha “piscado” em vão para Mark Madison.

A cama de Pat ficava ao lado da janela, onde ela podia ver o sol nascer... Se acordasse cedo o suficiente. Ela acordou cedo o bastante na manhã seguinte, mas a luz vermelha intensa que penetrava pelas árvores e a que tocava os campos brancos

nevados não a animaram. Ela disse poucas palavras no café da manhã. Disse secamente a Judy que a festa fora “muito boa”. Foi para a escola, indiferente às cores atmosféricas naquele dia opala de inverno e à dança da neve solta sobre os prados. Manteve-se afastada de todas as garotas que também estavam na festa. Elas discutiam a beleza de Kathleen. Pat não conseguia suportar.

Ela nunca sentira inveja da aparência de outra garota antes. Bets era bonita, e Pat sentia orgulho dela. Ela decerto detestava Norma, mas isso era porque diziam que ela era mais bonita que Winnie. Ela se perguntou se Jingle a achava *muito* feia. Lembrou-se da cromolitografia de uma garota bonita da sala de visitas dos Gordon, que ela sabia que Jingle adorava. Pat não sabia que ele a adorava porque alguém lhe dissera que a garota parecia sua mãe. Pelo que Pat se lembrava, a imagem parecia Kathie. Pat se contorceu.

Será que todos a achavam feia? Aquele homem velho que aparecia uma vez por semana sempre a chamava de “linda”. Por outro lado, ele chamava todo mundo de “linda”. Ela nunca se achara bonita... Nunca pensara muito em sua aparência. E, agora, não conseguia pensar em outra coisa. Ela era feia... Ninguém jamais gostaria dela... Sid e Joe teriam vergonha da irmã feia...

– Patricia, você terminou a redação?

Patricia não terminara. Como se podiam escrever redações quando o coração estava partido?

2

Havia visitas para o jantar aquela noite, e Judy estava ocupada demais para prestar atenção em Pat, embora a observasse de soslaio. Pat tinha de lavar a louça do jantar. Ordinariamente, fazia da atividade uma verdadeira saga. Gostava de lavar louças bonitas.

Pat adorava fazer tudo na casa, mas, acima de qualquer coisa, adorava a louça. Era tão divertido deixá-la limpa e brilhante na água quente e ensaboada. Ela sempre lavava as peças favoritas primeiro. As de que não gostava, esperava até estar pronta para elas; e era divertido imaginar sua ira estúpida e colérica enquanto elas esperavam, esperavam e esperavam e viam que as outras tinham preferência. Aquele prato marrom velho horroroso com as bordas lascadas... Como ele ficava furioso! “É a *minha* vez agora... Sou um velho prato da família... Não serei tratado dessa forma... Estou em Silver Bush há cinquenta anos... Aquela coisinha metida, com os ‘não me esqueças’ na borda, só está aqui há um ano.” Mas ele sempre precisava aguardar até o final, a despeito das lamentações. Aquela noite, Pat o lavou primeiro. Pobrezinho, não podia evitar ser feio.

Ela ficou contente de poder ir logo para a cama e se recolheu quando o luar ainda se misturava ao crepúsculo, quando as sombras roxas se aglomeravam sob a proteção dos morros de neve atrás do poço e o vento Oeste no bosque branco retorcia impiedosamente as bétulas.

Então, Judy, que ordenhava no quintal, invadiu o quarto com ar resolutivo.

– O qui é qui tá aburrecenu vucê, Pat? Pur certu, si vucê tá si sintinu du jeito qui a tua cara demonstra, intão o negóciu é grave. Andanu pur aí sem dizê uma única palavrinha e olhanu no espelho o tempo todo, como si tivessi procuranu pur umas rugas. Disimbucha, quirida.

Pat sentou-se.

– Ah, Judy, é horrível ser feia, não é? Sou *tão* feia assim, Judy?

– Ah, intão é *isso*? Ora, ora, e quem é qui disse qui vucê é feia, posso sabê?

– Ninguém. Mas, lá na festa, Kathie Madison ficou do meu lado na frente do espelho... E vi por mim mesma.

– Ora, ora, num são poucas as mininas qui pareceriam mais ordinárias qui o usual du ladu da bela Kathleen. Num tô neganu qui ela é bunita. Assim como a mãe também era. Mas, mesmo assim, num cunsigniu mais maridus du qui a irmã, qui era comunzinha... Só um, e qui nem era grandi coisa, podi acreditá. Mesmo cum toda aquela formusura, ela foi vendê seu peixe num mercado ruim. Num é a beleza qui garanti um bom casamento como regra, Patsy, minha quirida. Teve a Cora Davidson, pur ixemplu, lá di Bay Shore. Ela era tão linda qui si dizia qui os homes eram tudo louco pur ela. Mas a verdadi, Patsy, quirida, e foi a própria mãe dela qui mi contô, é qui só um home pidiu a mão dela im casamento. Ele fez o pidido na quarta-feira e, na quinta, levaram o home pra um asilo di genti doida. Ah, podi acreditá. E você, alguma vez, ouviu o qui acunteceu no jantá di casamento da irmã dela, a Annie? Mandaram fazê o bolo em Charlottetown uma semana antes, pra sê mais chique qui os vizinhos, e, quando a noiva foi cortá uma fatia, um monti di ratu saiu di dentro du bolo e cumeçou a corrê pela mesa! Ora, ora, foi uma gritaria só! Paricia mais um velório qui um casamento! Os Davidson passaram um tempão sem saí pur aí di nariz impinado, podi acreditá.

De nada adiantou. Pat não seria distraída por qualquer história que Judy lhe contasse aquela noite.

– Ah, Judy, odeio pensar que sou tão feia que minha família sentirá vergonha de mim... As pessoas vão me chamar de “aquela Gardiner feinha”. Semana passada, no leilão de tortas em Silverbridge, ninguém quis comprar a torta de Minnie Fraser porque ela é muito feia...

A voz de Pat sumiu e se transformou num soluço. Judy percebeu

que seria necessário tratar a questão com engenhosidade. Sentou-se na cama de Pat e a encarou com muita afeição. Aquela minininha adorável, com seu sorriso largo e simpático, como se estivesse abraçando o mundo todo, e toda a doçura daqueles olhinhos castanho-dourados! Pensanu qui era feia! Voltanu pra casa di sua primeira festinha com o coraçãozinhu partido no meio!

– Num tô dizenu qui vucê é bunita, Patsy, mas tô, *sim*, dizenu qui vucê tem uma aparência distinta. Vucê ainda num é moça formada. Espera alguns anos até teu corpo ficá proporcional. Cum esses teus olhos e um pouquinho di sorte, vucê vai cunsigui um marido milhó qui muitas dessas mininas.

– Ah, Judy, não estou pensando em maridos – ralhou Pat, impaciente em meio aos soluços. – E não quero ser incrivelmente linda. Bets e eu lemos uma história, na semana passada, sobre uma garota que era tão linda que multidões se aglomeravam para vê-la, e um rei morreu de amor por ela. Eu não iria querer isso. Só quero ser bonita o suficiente para que as pessoas não se incomodem ao olhar para mim.

– E quem é qui si incomoda di olhá pra vucê? Eu bem quiria sabê – retrucou Judy com firmeza. – Si aquela fedelha mitida da Kathie Madison dissi alguma coisa pra maguar os teus sentimentos...

– Não foi o que ela disse, Judy, mas mais a maneira como falou. “Uma pele tão morena”... Como se eu fosse indiana. Ah, Judy, minha pele não vai ficar “proporcional”, vai?

– Tem quem pense qui uma pele morena é bem mais bunita qui todas essas carinhas branquinhas e rosadas pur aí. Ela vai ficá cheinha di sardas no verão, aquela lá.

– E eu nem sequer sou inteligente, Judy. Só consigo amar as pessoas... E as coisas.

– Ora, ora, esse é um dom maravilhoso... E qui num é tudo mundo

qui tem, meu tesouro. Agora, vamos analisá os teus traços, cum muita calma e justiça. Vucê tem olhos bunitos, como o Jingle já disse...

– E um nariz fofo, ele disse, Judy. Tenho *mesmo*?

– Tem, sim... E sobrancelhas dilicadas... Ora, ora, pois vucê tem um bucado di pontos positivos... E orelhinhas lindas, como pequenas conchas cor-di-rosa. Garantu a vucê qui a Kathie num pode si gabá muito das orelhas... Sendo uma Madison.

– Os cabelos dela escondiam boa parte, mas consegui ver um pedacinho de uma... *Era* mesmo saliente – confessou Pat.

– Tô falanu! Podi sê qui a tua boca seja um pouquinho larga, mas vucê num vê o jeito qui ela si curva nos cantinhos quandu vucê ri, minha quirida. Ora, ora, vucê ri dum jeitu encantador, Patsy. E esses tornozelos aristocráticos! Aposto qui a Kathie tem carne dimais nos tornozelos.

– Sim, Kathie tem *mesmo* tornozelos gordos – lembrou Pat, sentindo-se alentada. – Mas ela tem cabelos tão lindos. Olhe só para os meus... Lisos feito alga e avermelhados.

– O teu cabelo tá ficanu cada vez mais iscuro cum o tempu, meu tesouro. Pur certu, e é di admirá qui vucês tenham pele e cabelo, correnu discalças sob o sol e o ventu qui nem vucês fazem. Tua mãe e as irmãs dela sempre usavam chapéu, podi acreditar.

– Ah, Judy, isso seria horrível. *Adoro* o sol e o vento.

– Ora, ora, intão num reclama da tua pele sê morena e o teu cabelo, disbotado. Si vucê come o bolo, ele vai acabá. Suponho qui seja mais saudável.

– Winnie tem uns cachos tão lindos... Não sei por que não tenho.

– Winnie si pareci cum os Selby, e você, cum os Gardiner. Já a tua mãe... Ora, ora, ela tinha uns cachos permanentis, mas tua tia Jessie num cunsignia tê cachos, num importava o qui fizessi. Mas

vucê tem tua própria graça, e uma língua doce como violetas, quando cumeça a falá... E, quandu vucê sorri, teus olhos brilham como os da tua avó Gardiner... E ela era a velhinha mais linda qui já vi na vida. E vucê tem um jeito di olhá pras coisas, e dipois abaixá os olhos, pra intão olhá di volta, qui vai arrasá corações um dia. Já vi a expressão du pobre Jingle quandu vucê olha pra ele desse jeitu.

– Judy... Tenho mesmo?

– Ora, ora, talvez eu num devessi tá contanu isso... Mas vucê vai discubri cedo ou tarde. Tô falanu, Patsy, quirida, um olhar como o teu vale todos os olhos azuis e todas as bocas rosadas du mundo. Tua mãe também tinha. Ora, ora, *ela* sabia fazê bom uso dele.

– Papai diz que mamãe era realmente bela quando era jovem, Judy.

– Bom, ele fala isso purque foi muito difícil conquistá ela.

– Mas ela era bonita, Judy.

– A irmã dela, tua tia Doris, num era bunita, podi acreditá, e teve mais derriços qui a tua mãe. Pur certu, achu qui é purque ela sempre parecia tão sonolenta qui os homes quiriam acordá-la. Era a priguiçosa entre as mininas di Bay Shore, mas era a segunda prifirida di tudo mundo, depois da tua mãe. Tua tia Evelyn tinha os braços e ombros mais bunitos di todas... E vucê também vai tê, um dia, quirida, quando tivé mais carne nesses teus ossinhos. Já a tua tia Flora... *Ela* era a namoradeira. Tentava flertá cum tudo mundo qui aparicia. Agora, isso num é nada bom, Patsy, quirida. Poucos querem si casá cum mulhé assim... Lembra disso quando chegá a tua hora.

– Kathie me disse que Jim Madison subiu até o topo da árvore mais alta de Silverbridge para tentar pegar uma estrela para ela.

– Ora, ora, e ele cunseguiu pegá a estrela, quirida? Ixistem infinitas maneiras di si ixibi. Agora, vá durmi cum esse coraçãozinhu

tranquilo. Achu qui vucê agora tem uma opinião milhó di si mesma, num é?

– Muito melhor, Judy. Acho que fui bastante tola. Mas parecia mesmo tão morena...

– Pur certu, vou contá um velho segredu di beleza pra vucê, Patsy, quirida. Quando a primavera chegá, corre lá pra fora cedinho pra lavá o rosto cum o orvalho da manhã. Num tô dizenu qui a tua pele vai ficá alva e rosada qui nem a da Kathleen, mas vai ficá macia qui nem seda.

– É mesmo, Judy?

– Pur certu, pois num tá no meu livro di Cunhecimento Útil? Amanhã mostro pra vucê.

– Por que você não fez isso, Judy?

– Ora, ora, nada puderia fazê qualqué diferença nessa minha velha pele di elefanti. É prciso cumeçá cedo. Georgie Shortreed si mantevi bunita desse jeito, ah, foi, sim, e si casô muito bem, mesmo senu duma família cheia di velhas solteironas inrugadas feitu maracujá. Já cuntei pra vucê a história di como a irmã dela, Kitty, perdeu sua única chance? Pur certu, pois ela num jogô uma panelada di água da louça num pretendenti certa noite, pur acidenti, quandu ele tava paradu na porta da cozinha tentanu angariar coragem pra batê? Era um rapaz ousado di 50 anos com um fraco pur mulheres feias e qui num era acostumado a usá roupas chiques. Ele foi imhora e nunca mais voltou. Pudera! O milhó terno dele ficou cuberto di banha... Os Shortreed costumavam mesmo abri a porta e jogá a água da louça pra fora. Já contei pra vucê como o velho pai delas, o Dick Shortreed, brigô com o vizinho, Ab Bollinger, pur causa duma galinha?

– Não.

Pat aconchegou-se no travesseiro, sentindo-se feliz novamente e

pronta para se deliciar com as histórias de Judy.

– Eles brigaram durante três anos pur causa duma galinha e acabaram inu pra justiça... Foram vê o juiz, di toda forma... E viraram a piada da região. E, dipois di terem gastadu dinheiru suficianti pra comprá cem galinhas, a filha desse mesmo Ab Bollinger si casô cum o filho du Dick Shortreed, e os dois selaram a paz entre as famílias matanu a galinha pro jantá di casamento. Acho qui a carne já divia tá dura, àquela altura.

Depois que Judy saiu, Pat foi até a janela, onde o luar brilhava sobre as vidraças congeladas. Winnie ainda não subira, e a noite estava muito calma. Pat podia ver os campos de neve cristalizada, as sombras na Whispering Lane e as franjas prateadas de gelo no celeiro-igreja. Uma luz brilhava na trapeira do quarto de Bets, lá na Casa Comprida. Ela fizera as pazes com o mundo. De que importava se não era de grande beleza? Tinha a beleza dos prados cintilantes... De segredos da lua nos campos e nos bosques... De sua amada Silver Bush.

Mesmo assim, foi um alento quando voltou a se deitar, lembrando-se de que Kathie tinha as orelhas dos Madison.



Praias de romance

1

– Pur certu, vai chuvê antes di anoitecê – comentou Judy ao meio-dia. – Vê como dá pra enxergá o Morro da Névoa com clareza.

Pat torcia para que não chovesse. Ela e Jingle tinham planejado ir até a praia. Era uma espécie de regalo para Pat, pois, embora se pudessem ver o grande golfo ao Norte e a curva azul do porto ao Leste de Silver Bush, a praia ficava a quase dois quilômetros e meio dali, e as crianças de Silver Bush não costumavam descer até lá com frequência. Pat sentia que precisava de algo para alegrá-la. Buttons, o filhote de gato mais fofo que Silver Bush já vira (a bem da verdade, todos eram), morrera aquela manhã sem motivo aparente. Todas as suas aventuras estavam encerradas... Brincar sob o “escurecer”... Subir em árvores... Caçar pequenos ratos na floresta da Parte Antiga... Relaxar nas lápides. Pat, em meio às lágrimas, enterrara o gatinho que ainda ontem era tão lindo.

Além disso, estava “de mal” com Sid por causa do sapo dele. Pat sempre sentira pena de seres aprisionados, e Sid prendera aquele pobre sapo em um balde, no quintal, por uma semana. Toda vez que Pat olhava para o bichinho, ele parecia encará-la com olhos suplicantes. Talvez fosse um pai ou uma mãe, ou um marido, ou

uma esposa lá na lagoa. Ou talvez fosse apenas um amigo de quem se sentia muita falta. Então, Pat o levou para o Campo da Lagoa, e Sid não falava com ela havia dois dias.

Durante toda a tarde, as ondas de calor tremelicavam no Campo Ranúnculo, e o sol “sugava água”... Como se algum Tecelão distante do Oeste estivesse fiando fios cintilantes de chuva entre o céu e o mar. Mas ainda era uma bela tarde quando Jingle, Pat e McGinty partiram para a costa, embora lá embaixo houvesse pontos de neblina aqui e ali, com pequenos pinheiros destacando-se espectralmente entre eles.

– Num vão si afogá – alertou Judy, como sempre fazia quando alguém ia até a praia. – E cuidadu pra num caírem dus penhascos, ou ficarem presos na maré, ou serem atrupeladus pur um automóvel quandu chegarem na estrada da praia, ou...

Mas eles já estavam longe demais para ouvir os outros “ous” de Judy.

Pat adorava aquela estrada vermelha comprida que se estendia até chegar ao mar, contorcendo-se inesperadamente só porque queria, em meio a “desertos” de abetos, onde louros-ovelhas roxos margeavam o caminho, e ulmárias e alecrins-de-são-josé cresciam rentes às cercas. “Beije-me-rápido”, era como Judy chamava os alecrins-de-são-josé. Pat gostava mais desse nome, mas não podia dizê-lo na frente de um garoto. Eles caminharam com pressa, chupando o mel dos trevos vermelhos, com um cachorrinho serelepe e contente saltitando diante deles com a língua de fora. Às vezes, conversavam e, às vezes, não. Era disso que Pat gostava em Jingle. Não era preciso falar com ele, a menos que se quisesse.

Na metade do caminho para a praia, eles precisaram fazer uma parada no senhor Hughes, a quem Jingle tinha um recado do tio. A casa dos Hughes estava caindo aos pedaços, mas tinha algumas

janelas luzentes engraçadas de que Jingle gostava. Jingle sempre prestava atenção em janelas. Elas lhe causavam uma fascinação peculiar. Ele defendia que as janelas de uma casa a enlevavam ou arrasavam.

– Será que coloco janelas assim na sua casa, Pat?

Pat riu. Jingle colocara todos os tipos possíveis de janelas naquela casa imaginária.

Ela teria preferido esperar do lado de fora e observado as janelas, mesmo que mais de uma das vidraças estivessem quebradas e remendadas com trapos, enquanto Jingle dava o recado, mas ele a arrastou para dentro. Jingle sabia que havia três meninas Hughes lá dentro e não as encararia sozinho.

O senhor Hughes estava no quintal, então pediram que eles se sentassem e esperassem até ele voltar. Nenhum dos dois se sentia confortável. A cozinha dos Hughes estava no que Judy teria chamado de “ístadu deplorável”, e um enxame preto de moscas acomodara-se na louça suja sobre a mesa de jantar. Sally, Bess e Cora Hughes estavam sentadas em uma fileira atrás da mesa, sorrindo para as visitas... Um sorriso malicioso que de jeito nenhum reconfortaria pessoas tímidas ou sensíveis. Pat só as conhecia de vista, mas já ouvira falar delas.

– Qual de nós vai se casar com você quando você crescer? – disse Bess a Jingle com um sorriso travesso nos olhos verdes.

O rosto de Jingle ficou desconfortavelmente ruborizado. Ele remexeu os pés descalços e não respondeu.

– Ah, então você é tímido? – comentou Sally, rindo. – Vejam como ele está ficando vermelho, meninas.

– Vou pegar minha fita para medir a boca dele – disse Cora, mostrando a língua para Jingle.

Jingle parecia acuado e desesperado e continuava em silêncio...

Não conseguia falar, provavelmente. Pat estava furiosa. Aquelas meninas estavam fazendo troça de Jingle. Ela se lembrou de uma palavra que o ministro usara no sermão no último domingo. Não fazia ideia do que significava, mas gostava de como soava. Era muito digna.

– Não se importe com elas, Jingle. Não passam de protoplasmas – disse ela com desdém.

Por um momento, funcionou. Então, o temperamento Hughes voltou à tona.

– Magrelo! – gritou Bess.

– Camarão! – gritou Cora.

– Cara de lua! – gritou Sally.

E:

– Você não precisa subir nas tamancas, Pat Gardiner – disseram todas juntas.

– Ah, não estou zangada, se é isso que querem dizer – respondeu Pat, fria. – Só tenho pena de vocês.

Isso irritou as meninas Hughes.

– Pena de nós? – Bess riu afetadamente. – Melhor sentir pena da velha bruxa Judy. Ela vai direto para o Lugar Ruim quando morrer. As bruxas vão.

Toda a dignidade fora por água abaixo. Pat inclinou a cabeça.

– Judy não é bruxa. E acho que seu pai é primo da Mary Ann McClenahan, não é?

Não havia como negar. Mas Sally revidou.

– Por que sua mãe nunca vem ver você? – perguntou a Jingle.

– Acho que isso não é da sua conta – respondeu Pat.

– Eu não estava falando com você, *senhorita* Gardiner – retrucou Sally. – Melhor ficar de bico fechado.

– Ora, ora, que bagunça é essa?

A senhora Hughes entrou na sala com um velho chapéu de feltro no topo da cabeça cheia de cabelos grossos. Acomodou-se em uma velha poltrona de pelúcia e olhou repreensivamente para todos.

– Quem é que andou atazanando você, Jingle? Suponho que as meninas o estivessem provocando. Decerto não sei por que vocês não podem agir como se tivessem sido *educadas*. Não ligue para as besteiras delas, Jingle. Elas gostam de se divertir um pouquinho demais.

Divertir! Como se insultar as visitas fosse diversão! Mas o senhor Hughes por fim chegou. Jingle repassou o recado do tio, e eles se foram. McGinty já fora havia muito tempo e esperava por eles na estrada da praia.

– Vamos esquecer isso tudo – sugeriu Pat. – Não vamos estragar nossa caminhada pensando nelas.

– Não é *elas* – disse Jingle, desolado demais para se importar em ser gramaticalmente correto. – É o que elas disseram sobre... Sobre minha mãe.

2

Estava tão delicioso na praia que eles logo se esqueceram do episódio dos Hughes. Passaram pelos velhos abetos judiados pelo vento da Enseada Pequena e correram até a orla, onde o vento e a arrebentação chamavam um pelo outro. Barcos pesqueiros passaram feito assombrações. Bem ao longe, as ondas trovejavam na cumeada, mas ali o mar se aninhava e ronronava. Eles atravessaram as piscinas em meio às rochas. Construíram “castelos marítimos” com conchas e algas. Por fim, sentaram-se em uma rocha vermelha em uma pequena curva abaixo dos “cabos” vermelhos e olharam ao longe, para o roxo suave do crepúsculo que

se retirava para uma praia mágica além da borda do mundo.

– Você gostaria de ir lá longe, Pat?

– Não. – Pat estremeceu. – Eu estaria longe demais de casa.

– Acho que *eu* gostaria – disse Jingle em tom sonhador. – Há tantas coisas no mundo que quero ver... Os grandes palácios e catedrais que os homens construíram. Também queria aprender a construí-los. Mas...

Jingle parou. Sabia que não adiantava nutrir esse tipo de esperança. Precisaria, até onde podia imaginar, passar a vida carregando rochas ou arrancando ervas daninhas das jovens árvores de abeto na fazenda do tio.

– Joe costumava dizer que seria marinheiro, como tio Horace – comentou Pat. – Dizia que odiava a fazenda, mas não tem tocado mais no assunto ultimamente. Meu pai nunca deu ouvidos a ele.

– As aulas começam na semana que vem – lembrou Jingle. – Odeio ir para a escola. A senhorita Chidlaw vai querer que eu participe da turma do preparatório... E de que adianta? Não vou entrar na Universidade de Queen's... Nunca.

– Você quer ir, Jingle?

– É claro que quero. É o primeiro passo. Mas... Não posso.

– No ano que vem, vão querer que *eu* participe do preparatório, mas não vou – afirmou Pat com determinação. – Não quero ir para a universidade. Vou ficar em Silver Bush e ajudar Judy. Ah, o aroma de sal no ar daqui não é delicioso, Jingle? Gostaria que pudéssemos vir à praia com mais frequência.

– Os pontos de névoa lá no porto parecem fantasmas, não parecem? E veja aquele navio solitário lá longe... Parece que está flutuando no limite do mundo. Está vindo uma neblina do mar. Acho melhor irmos, Pat.

Havia apenas um porém para a partida deles. Enquanto estavam

sentados ali, a maré subira. Estava quase nos pés deles. As rochas nos picos dos cabos já estavam sob a água. De repente, olharam pálidos um para o outro.

– Nós... Nós não podemos dar a volta nos cabos – observou Pat.

Jingle olhou para as rochas acima deles. Será que conseguiriam escalar? Não, não ali. Eram íngremes demais.

– Vamos... Nos afogar, Jingle? – sussurrou Pat, agarrando-se a ele.

Jingle colocou o braço em torno dela. Precisava ser corajoso e tranquilo pelo bem de Pat.

– Não, é claro que não. Está vendo aquela pequena caverna no cabo? Podemos subir até lá. Tenho quase certeza de que a maré nunca sobe a ponto de chegar àquela altura.

– Ah, você não tem como ter certeza – disse Pat. – Lembre-se das histórias de Judy de pessoas que ficaram presas na maré e se afogaram.

– Isso era na Irlanda. Nunca fiquei sabendo de ter acontecido aqui. Venha... Rápido.

Jingle pegou McGinty no colo e eles correram pela água, que, àquela altura, já chegava aos joelhos. Duas crianças bastante assustadas subiram até a pequena caverna. Para falar a verdade, não precisavam sentir medo. A caverna ficava bem acima do limite da maré. Nenhum deles, contudo, tinha plena certeza disso. Eles se sentaram amontoados, com McGinty entre eles. Ao menos McGinty estava tranquilo. Planícies indianas e nevascas laponas eram a mesma coisa, quando as duas pessoas que ele amava estavam com ele.

O pânico de Pat aquietou após alguns minutos. Ela sempre se sentia segura com Jingle. E não era provável que a maré fosse subir tanto. Contudo, quanto tempo levaria até conseguirem escapar? O

peçoal de casa ficaria morrendo de preocupação. Quem dera tivessem se lembrado do alerta de Judy!

A despeito de tudo, no entanto, o lado romântico da situação agradava Pat. Estar isolada em uma caverna na praia era tão romântico quanto poderia ser. Quanto a Jingle, se tivesse certeza de que eles estavam plenamente seguros, ele estaria contente. Tinha Pat só para ele... Algo que não acontecia com muita frequência desde que Bets se mudara para a Casa Comprida. Não que não gostasse de Bets. Mas Pat era a única garota com quem Jingle nunca se sentia encabulado.

– Se aquelas meninas Hughes horrorosas pudessem nos ver agora, como ririam – comentou Pat, rindo. – Lamento ter deixado que me irritassem. Judy diz que nunca devemos nos rebaixar a ponto de nos irritarmos com *gentalha*.

– Não fiquei irritado – garantiu Jingle –, mas o que disseram sobre minha mãe machucou. Porque... É *verdade*.

Pat apertou a mão dele com empatia.

– Tenho certeza de que um dia ela virá, Jingle.

– Já desisti de ter esperança – afirmou Jingle com amargor. – Ela... Ela nem sequer me mandou um cartão no último Natal.

– Ela não responde às suas cartas, Jingle? Nunca?

– Eu... Eu nunca mando as cartas, Pat – confessou Jingle desoladamente. – Nunca mandei nenhuma. Escrevo todo domingo, mas as guardo em uma caixa em um baú antigo. Ela nunca respondeu à primeira que mandei... Então nunca mais mandei nenhuma.

Pat não conseguiu evitar. Sentia tanta pena de Jingle... Escrever aquelas cartas, domingo após domingo, e nunca mandá-las. Impulsiva, colocou o braço em torno do pescoço dele e deu um beijo em sua bochecha.

– Não existe ninguém como você no mundo todo, Pat – disse Jingle, sentindo-se reconfortado.

– Com certeza – disseram as batidas do rabo de McGinty.

As praias distantes agora não passavam de pontos de areia cinza. As sombras escuras da noite iminente os rodeavam.

– Vamos brincar de faz de conta para passar o tempo – sugeriu Pat. – Vamos imaginar que as pedras dançam...

– Vamos imaginar coisas sobre aquela casa velha lá em cima – propôs Jingle.

A casa velha ficava no topo do cabo da direita. Não era uma das casas de pescadores salpicadas pela praia. Duas gerações atrás, fora construída por um inglês excêntrico que trouxera a família da Inglaterra e vivera misteriosamente ali. Ele parecia ter bastante dinheiro, e vários eventos animados viviam acontecendo na casa até sua esposa morrer. Então, ele foi embora da Ilha tão de repente quanto chegara. Ninguém queria comprar uma casa naquele local, e a propriedade foi degradando-se. As janelas estavam quebradas... As chaminés haviam tombado. O vento e a neblina agora eram os únicos habitantes em cômodos que um dia ecoaram música, riso e pés dançantes. Sob as sombras aglomeradas, a velha casa tinha a aparência condenada que até mesmo um imóvel comum assumia sob a noite que caía... Como se abrigasse segredos sombrios... Façanhas sinistras das quais não havia registro na história.

– Será que alguém foi assassinado naquela casa? – sussurrou Pat, sentindo um arrepio delicioso.

Eles povoaram a casa com as formas das pessoas que um dia tinham vivido lá. Inventaram as coisas mais perversas. O inglês matara a esposa... Jogara a defunta do penhasco... Enterrara o corpo sob a casa... O fantasma dela caminhava por aí em noites como aquela. Em noites de tempestade, a casa ecoava choros e

lamúrias... Em noites de luar, ficava repleta de *sombras*... Sombras inquietas, desassossegadas. Eles ficaram morrendo de medo, e McGinty, animado com suas vozes, uivou pesarosamente.

De repente, estavam com medo demais para continuar a brincadeira. Estava escuro... Escuro demais para avistar o golfo, embora conseguissem ouvi-lo. Um esguicho gelado de chuva era por vezes soprado para dentro da caverna. As ondas soluçavam na praia solitária. O próprio vento parecia tomado pelas vozes dos fantasmas que tinham criado. Aquele era um local assustador... Pat se aconchegou em Jingle.

– Ah, gostaria que aparecesse alguém – sussurrou ela.

Com frequência, desejos não se tornam realidade no mesmo instante, mas o de Pat se tornou. Uma luz sacolejante fraca apareceu na água... Chegou mais perto... Um barco, com um velho pescador grisalho dentro dele. Jingle gritou ferozmente, e o barco entrou no cabo. Andrew Morgan ergueu um lampião e olhou para eles.

– Minha nossa! O pequeno Gordon e a pequena Gardiner! O que estão fazendo aí? Ficaram presos na maré, foi? Bom, para a sorte de vocês tive a ideia de descer até a Enseada Pequena para comprar um pacote de sal. Ouvi esse cachorro aí uivando e pensei que seria melhor dar uma olhada. Desçam aqui... Com cuidado... Sim, isso mesmo. E aonde vocês querem ir?

3

Duas crianças muito agradecidas foram devidamente entregues em terra firme e não perderam tempo em retornar para casa. Uma chuva límpida deliciosa caía, mas eles não se importaram. Entraram eufóricos na cozinha de Judy... Saindo do frio, da chuva e do escuro

e entrando no aconchego do lar. Ora, a casa estava de braços abertos para eles!

Judy ficou horrorizada.

– Vucês tão geladus até os ossos! Pneumonia, no mínimo.

– Não, de verdade, Judy, nós nos mantivemos quentes porque viemos correndo. Não dê bronca, Judy. E não conte a ninguém. Mamãe viveria preocupada toda vez que fôssemos à praia. Vou colocar um vestido seco e Jingle pode colocar uma camisa do Sid. E você vai nos dar um lanche, não vai, Judy? Estamos famintos feito ursos.

– Ora, ora, e podiam tê si afugado... Ou, si o velho Andy Morgan num tivesse aparecido... Pur certu, uma vez na vida aquele velho bobo tava nu lugar certu... Vucês iam tê qui ficá lá até a maré baixá... Um belo dum escândalo.

– As meninas Hughes teriam transformado a história em um escândalo, de toda forma – comentou Pat, rindo.

– Aquele bando! – disse Judy em tom desdenhoso, depois de ouvir a história. – Pur certu, e aquela tal di Sally passou a falá dimais dipois qui cunsertô a língua. Foi infeitiçada pur uma cobra quandu tinha 3 anos e passou anos sem cunsigui falá direito.

– Enfeitiçada por uma cobra?

– Tô falanu. Inrolada na porta da casa tava a cobra, e a Sally olhanu nos olhos dela. A mãe da Sally golpeou o bicho cum um pidaço di pau, e a minina gritô como si ela é qui tivesse apanhadu. O velho Hughes mesmo qui me contô a história, intão deixou vucês dicideirem quantu é verdade. Talvez eles tivessem vergonha pur ela falá errado... Mas nunca é bom encará cobras, e uma coisa é certa... Sally ficou cum o sibilo do bicho na voz até cumpletá 6 anos. Mary Ann McClenahan dizia qui ela era uma criança trocada. Eles num têm muito orgulho do parentesco cum ela, podi acreditá. Mas...

Minha memória tá ficanu ruim demais... Du qui foi qui vucê chamê as mininas mesmo?

– Protoplasmas – esclareceu Pat, cheia de orgulho.

– Ora, ora, é exatamenti o qui elas são, agora qui parei pra pensá – disse Judy, assentindo com a cabeça. – Agora, sentem aí e comam o lanche. Já coloquei tua mãe na cama, nem falei pra ela onde é qui vucê tinha ido, intão num mi volte mais pra casa cum histórias qui nem essa.

– Você sabe que seria um tédio se nada fora do comum acontecesse, Judy. E, se nunca tivermos qualquer aventura, não teremos nada de que nos lembrar quando ficarmos velhos.

– É muito sensata essa minina – observou Judy em tom admirado.



O que Judy acharia disso?

1

Quando Pat foi passar uns dias com tia Hazel em Silverbridge, em setembro, foi de bom grado, pois alguns dias de exílio de Silver Bush não eram mais tão terríveis quanto costumavam ser, e a casa de tia Hazel era um lugar agradável de visitar. Contudo, justo quando a visita estava perto do fim, chegou a notícia de que Naninha e Sid estavam com sarampo, e Pat não deveria voltar para casa até passar o risco de ela se contaminar, aí a história era outra. No entanto, não havendo muito o que fazer, Pat deu um jeito de se entreter razoavelmente e consolou os espasmos de saudade de casa escrevendo cartas para todos.

(Carta a Bets. Com gatinhos pretos
e graciosos por toda a borda)

“Adorada Elizabeth,

Acho que ‘adorada’ é uma palavra mais carinhosa que ‘querida’, não acha? É meu aniversário, e seu aniversário, e não é uma pena não podermos passar o dia juntas? De toda forma, mesmo que não possamos estar juntas, passei o dia todo

pensando em você e amando você. Você não adora o fato de nosso aniversário ser em setembro? Acho que foi uma das melhores coisas que aconteceram comigo, porque setembro é meu mês preferido do ano. É um mês tão simpático, e é como se o ano tivesse parado de se apressar e conseguisse um tempinho para pensar em você.

Bets, pense um pouco. Temos 12 anos. Parece que eu era criança há tão pouco tempo. E pense: em nosso próximo aniversário, seremos adolescentes. A tia solteirona do tio Robert disse que, quando você entra na adolescência, os anos voam e, quando menos percebe, já envelheceu. Não consigo acreditar que um dia ficaremos velhas, Bets... Você consegue?

Gosto bastante daqui. A casa de tia Hazel é adorável, mas tudo seria mais bonito se você pudesse compartilhar comigo. A janela do meu quarto tem vista para o pomar, e à esquerda fica um belo vale, repleto de sombras e abetos jovens. Quando digo 'jovens', estou me referindo apenas aos abetos. Acho que sombras são sempre velhas. São lindas, mas acho que sempre tive um pouco de medo delas, por serem tão velhas. Tia Hazel riu quando falei isso e disse que noções desse tipo eram resultado de todas as histórias de seres fantásticos que Judy Plum enfiou em nossa cabeça, mas não acho que tenha qualquer relação. É só que as sombras sempre me pareceram estar vivas, em especial quando o luar e o crepúsculo se misturam.

Pego a estrada com bastante frequência para ir até a casa do irmão de tio Robert, para brincar com Sylvia Cyrilla Madison. Gosto desse nome. Tem um som gostoso, ondulado, gorgolejado, como um riacho. Ela é uma boa garota, mas jamais gostarei de qualquer outra pessoa tanto quanto gosto de você, Bets. Gosto de Sylvia Cyrilla, mas amo você. Sylvia Cyrilla acha

o Sid muito bonito. Por algum motivo, não gosto quando ela o elogia. Quando a irmã mais velha dela, Mattie, disse a mesma coisa, me senti orgulhosa. Mas detestei ouvir Sylvia Cyrilla falar aquilo. Por quê?

O irmão mais velho de Sylvia Cyrilla, Bert, disse a ela que sou uma 'coisinha fofa'. Mas ele provavelmente só falou isso por educação.

Tia Hazel está me ensinando a fazer fudge e a costurar. Gosto de fazer coisas assim, mas Sylvia Cyrilla diz que é antiquado. Diz que as garotas agora devem ter uma carreira. Ela terá uma. Mas não tenho certeza se quero uma. Alguém precisa fazer fudge, e já reparei que Sylvia Cyrilla gosta de comê-lo tanto quanto todo mundo.

Jen Campbell é a melhor amiga de Sylvia Cyrilla. É divertida, mas não gosta de perder em nada. Quando contei que Sid e Naninha estavam com sarampo, ela disse, cheia de orgulho: 'Já tive caxumba, sarampo, febre escarlate e infecção de ouvido, tudo no mesmo ano, e, agora, preciso tirar as amígdalas'. Fez eu me sentir bastante inexperiente.

Jen diz que gostaria de ter nascido menino. Eu não gostaria, e você? Acho adorável ser menina.

Estou escrevendo esta carta no sótão de tia Hazel e está chovendo. Adoro ficar no sótão quando está chovendo, e você? Adoro essa escuridão chuvosa e doce lá fora. A chuva parece tão amigável quando é suave. Tio Rob diz que sou um 'gato de sótão', mas o motivo pelo qual gosto de ficar aqui é porque consigo ver o porto de uma janela e Silver Bush da outra. Daqui, parece apenas um pontinho branco diante do bosque de bétulas. Não consigo ver sua casa, mas consigo ver o Morro da Névoa, só que a Norte de mim, e não a Leste. Isso me dá uma sensação

esquisita de 'Alice através do espelho'.

Esta noite, há sombras ventosas voando sobre o porto, sob a chuva... Como asas enevoadas enormes e longas. Sinto uma sensação estranha quando olho para elas... É quase doloroso, mas adoro. Ah, Bets, querida, não é lindo estar viva e ver as coisas dessa forma?

Vou lhe contar um segredo. Não contaria a qualquer outra pessoa no mundo além de você. Sei que não vai rir, e não posso suportar guardar segredos de você.

Acho que me apaixonei no domingo passado, às oito horas da noite. Tia Hazel me levou a um concerto de música sacra em Silverbridge, apresentado por três homens cegos. Um tocava piano, outro tocava violino e o terceiro cantava. O canto dele era simplesmente paradisíaco, Bets, e ele era lindo demais. Tinha cabelos escuros, nariz bonito e olhos azuis maravilhosos, embora fosse cego. Quando começou a cantar, senti uma sensação estranha na boca do estômago. Pensei que talvez estivesse 'recebendo a religião', como Judy diz, mas percebi de repente o que tinha acontecido comigo, pois meus joelhos estavam tremendo. Perguntei a Judy, certa vez, como poderíamos saber quando nos apaixonamos, e ela disse: 'Você vai senti as pernas tremenu um pouquinho'.

Ah, como desejei poder fazer algo esplêndido para que ele me notasse; morreria por ele. Fiquei contente por tia Hazel ter aromatizado minhas mãos com água de toalete antes de sairmos e por estar usando meu vestido e meu colarzinho azul, mesmo que ele não pudesse ver. Teria sido terrível me apaixonar usando roupas velhas ou estando resfriada, como a pobre Sylvia Cyrilla. Ela passou a noite toda fungando e assoando o nariz.

Ah, jamais me esquecerei, Bets. O problema foi que não durou.

Tudo havia terminado na manhã de segunda-feira. Isso pareceu terrível, pois, no domingo à noite, pensava que duraria toda a eternidade, como dizem os livros. Não sinto nada daquilo agora, embora fique um tanto zozza só de lembrar. Será que sou instável? Detestaria ser instável.

Não será ótimo quando eu puder voltar para casa e nós pudermos nos ver novamente? Estou riscando cada dia que passa no calendário e rezando todas as noites para que ninguém mais em Silver Bush pegue sarampo. Por favor, não leia nenhuma poesia sob o Pinheiro Observador até eu voltar. Não posso suportar pensar em você lá sem mim.

Preciso ir para a cama agora e tirar meu ‘sono da beleza’, como diz tio Rob. Gosto das palavras ‘sono da beleza’. Não deve soar tão maravilhoso para você, querida, porque você já é bonita, mas pobre de mim!

Seria muito bom ter um marido cego, pois ele não se importaria com minha falta de beleza. Mas suponho que nunca mais o verei de novo.

Pense em mim em todos os momentos possíveis.

Sua Patricia.

P.S.: Tia Hazel disse que eu deveria cortar os cabelos. Mas o que Judy acharia disso?”

2

(Carta à mãe)

“Minha queridíssima mãe,

Estou fingindo que a senhora está aqui, mãe, e que sinto seu braço em torno de mim. Estou morrendo de saudade de vocês todos. Há algo de agradável na maioria dos dias, mas vocês

parecem tão distantes à noite... Você sente minha falta? E Silver Bush sente minha falta? Amada Silver Bush. Quando subi até o sótão esta noite e olhei para ela, estava tudo morto e escuro. Então, a casa ganhou vida, com luzes em todas as janelas, e pensei que conseguia ver todos vocês lá, além de Judy e do Cavaleiro Tom, e acho que chorei um pouquinho.

Fiquei muito feliz em saber que Sid e Naninha estão se entendendo bem. Espero que Naninha não se esqueça de mim. Fico feliz por você ter colocado a carta no forno para que eu não entrasse em contato com germes, porque seria terrível se, justo quando estivesse pronta para ir para casa, eu acabasse pegando sarampo aqui. Queridíssima mãe, espero que a senhora não tenha nenhuma de suas terríveis dores de cabeça enquanto eu estiver longe.

Leio meu capítulo da Bíblia todas as noites, mãe, e faço minhas orações. A senhorita Martha Madison está aqui para uma longa visita. Tio Robert a chama de 'Tia Solteirona' pelas costas e dá para perceber, pelas iniciais maiúsculas, que ela assumiu totalmente o papel. Toda noite, ela entra no meu quarto e pergunta se fiz minhas orações. Não gosto que estranhos se intrometam nas minhas orações. Logo fará um ano que papai voltou para casa do Oeste, mas ainda agradeço a Deus todas as noites. Apenas não consigo agradecer o suficiente. Jen diz que ela tem primas no Oeste e que é uma região esplêndida... Provavelmente é... Mas não é Silver Bush.

Tem uma coisa de que gosto muito aqui, mãe. O tapete de pele de ovelha ao lado da minha cama. É tão gostoso sair da cama e enterrar os dedos em um tapete de pele de ovelha, muito melhor que um tapete de oleado ou mesmo de crochê. Posso ter um tapete de pele de ovelha, mãe? Isto é, se Judy não for ficar

magoada.

Recebi uma carta linda da Bets hoje. Mãe, realmente amo a Bets. Fico muito contente por ter uma amiga tão incrível. Existe algo na voz dela que me faz pensar no vento que sopra em Silver Bush. E os olhos dela são como os seus, que parecem sempre saber algo bom.

A senhora é a melhor mãe do mundo. Gosto de escrever cartas porque é mais fácil escrever que dizer coisas.

Mãe, será que meu novo vestido de inverno pode ser vermelho? Adoro cores vibrantes como vermelho. Sylvia Cyrilla diz que gostaria de ter um vestido novo toda semana, mas eu, não. Gosto de usar minhas roupas por tempo o bastante para me afeiçoar a elas. Detesto pensar que meu vestido marrom do ano passado ficou pequeno demais para mim. Passei por tantos bons momentos naquele velho vestido... Não deixe Judy pegar nenhuma das minhas roupas velhas para bordar até eu voltar para casa. Sei que ela está de olho na minha blusa amarela com gola de marinheiro, mas você consegue alongar as mangas, não consegue, mãe?

Uma lua linda está surgindo lá no céu do porto esta noite, embora o vento pareça um pouco triste aqui do sótão. Judy contou que, certa vez, quando eu tinha 3 anos e vi a lua cheia, eu disse: 'Ah, vê o homem carregando o lampião lá no céu?'. Eu disse isso mesmo?

A Tia Solteirona disse que gosta de colocar lavanda nos lençóis. Quando eu disse que sempre colocamos cravo doce nos nossos, ela torceu o nariz. Tia Hazel disse, ontem, que eu podia fazer maçã crocante para o almoço, mas não consegui fazer direito, com a Tia Solteirona observando e analisando meus erros. Então não ficou boa, e me senti humilhada.

Acho que a mãe de Sylvia Cyrilla idolatra sua sala de visitas. Ela a mantém trancada e com as cortinas fechadas, e só visitas especiais podem entrar. Fico feliz que vivamos na casa toda, mãe.

A Tia Solteirona disse que gearia esta noite. Ah, espero que não. Não quero que as flores fiquem queimadas antes de eu voltar. Por outro lado, reparei hoje que as folhas amarelas começaram a cair dos álamos, então o verão chegou ao fim.

Acabei de mandar um beijo pela janela para que o vento o leve até a senhora. E estou mandando muitos beijos por esta carta, um beijo para cada um de vocês e para cada coisa da casa, e um beijo especial para o pai e a Naninha. Não é ótimo que o amor não torne a carta mais pesada? Se tornasse, esta carta ficaria tão pesada que eu não conseguiria bancar o envio.

O novo bebê de tia Hazel é fofo, mas não tão bonito quanto Naninha era. Ah, mãe, realmente não há ninguém como as pessoas de Silver Bush, não é mesmo? Acho que somos uma família tão especial! E a senhora é a melhor pessoa de todas.

Sua filha devotada,

Pat.

P.S.: Tia Hazel disse que eu deveria cortar meus cabelos. A senhora acha que a Judy se importaria? Sylvia Cyrilla disse que a mãe dela chorou por uma semana quando ela cortou, mas que agora ela gosta.

P.G.”

3

(Carta a Sid)

“Queridíssimo Sid,

Fico muito feliz em saber que você está melhorando e conseguindo comer. A Tia Solteirona diz que não deveriam deixar você comer muito quando está se recuperando do sarampo, mas acho que Judy sabe mais que uma Tia Solteirona. Odiei ficar sabendo que você estava doente e eu não estava aí para abanar a febre do seu rosto ou fazer qualquer outra coisa por você. Mas sei que Judy cuidará de você se a mãe não puder deixar a Naninha sozinha.

Gosto daqui. É uma casa simpática e agradável, e tia Hazel me deixa ficar acordada até as nove e meia. Ficarei feliz, contudo, quando voltar para casa. Espero não pegar sarampo, mas acho que seria excitante ficar doente. Seria o maior alvoroço em torno de mim. Quando você se recuperar, precisamos voltar ao nosso Campo Secreto para ver como estão nossos abetos.

Sylvia Cyrilla diz que Fred Davidson e sua irmã Muriel costumavam ser tão próximos um do outro quanto eu e você, mas eles brigaram e agora não se falam mais. Ah, Sid, nunca vamos brigar. Eu não suportaria.

É claro que eles são meros Davidson.

Sylvia Cyrilla diz que os Peterson, de South Glen, tiveram um grande susto ontem. Achavam que Myrtle Peterson tinha fugido para se casar. Mas, no fim, ela só tinha se afogado. E Sylvia disse que May Binnie é sua garota. Ela não é, certo, Sid? Você jamais ficaria com uma Binnie. Eles não são da nossa classe.

Gostaria que você se casasse com Bets quando crescer. Eu não me importaria que ela viesse morar em Silver Bush. Ela a amaria tanto quanto eu, e tenho certeza de que seria uma excelente esposa para você. E sei que ela não se importaria se eu vivesse com vocês.

Se o gato cinza e branco do celeiro tiver filhotes, diga a Joe para guardar um para mim.

Logo será a época da aragem. Estarei em casa a tempo de ajudar na colheita das maçãs. Bert Madison está me ensinando a fazer um nó de marinheiro, e vou lhe mostrar como se faz, mas você não mostrará a May Binnie, não é, Sid?

Sua querida irmã,

Pat.

P.S.: Tia Hazel disse que eu deveria cortar os cabelos. Você acha que eu ficaria melhor? Mas o que Judy acharia disso?”

4

(Carta a Jingle)

“Querido Jingle,

Foi maravilhoso de sua parte me escrever com tanta frequência. Fico feliz que esteja sentindo minha falta. Ninguém de Silver Bush disse estar com saudade de mim. Suponho que Sid e Naninha estivessem doentes demais, e Winnie e Joe agora são grandes demais, então acho que não importa muito para eles.

Estou no sótão. Gosto de sentar aqui e observar as árvores ficando pretas no vale dos abetos e ouvir o vento gemendo nas chaminés. Esta noite é daquelas em que Judy o chama de ‘vento fantasma’. Ele me faz pensar naqueles versos de poema que você leu na última vez em que estivemos em Felicidade.

O vento da meia-noite chega selvagem e temido

Avolumado pelas vozes dos falecidos.

Esses versos sempre me provocam um arrepio delicioso, Jingle, e fico contente que você também sinta isso. Sid acha que é besteira. Ri de mim quando fico imaginando o significado das coisas que as árvores sempre dizem e pelo que alguns ventos vivem lamentando. Mas você nunca ri de mim, Jingle. Todas as noites aqui, antes de dormir, fico deitada na cama e acho que consigo ouvir a água caindo na pedra musgosa na querida Felicidade.

Como está McGinty? Dê um abraço nele por mim. A Tia Solteirona tem um cachorro, mas sinto pena dele. Ela nunca o deixa sair do alcance da vista, e o pobrezinho não tem nada além de um rato de borracha para brincar. Na casa de Sylvia Cyrilla tem vários cachorros, o cachorro de Bert, o cachorro de Myrtle e o cachorro da família, mas nenhum é tão querido quanto McGinty. O pai de tio Rob, que mora aqui na mesma rua, tem um cachorro, mas não é divertido. Tio Rob diz que ele sempre está tão cansado que precisa se apoiar na cerca para latir. Por falar em cachorros, encontrei um poema maravilhoso no livro de recordações de tia Hazel chamado O pequeno cachorro-anjo. Chorei quando li, porque pensei em você e em McGinty. Eu conseguia ver o McGinty escapulindo pelos portões do Céu, por baixo das pernas de São Pedro, para 'latir boas-vindas a você na escuridão arrepiante'. Ah, Jingle, tenho certeza de que cachorrinhos fofos como McGinty têm alma.

Fico pensando o que você acharia da casa de tia Hazel. Acho que diria que é alta demais. Mas é de fato muito bonita por dentro. Só que não tem degraus nos fundos para sentar, nem janela redonda, nem relógio parado.

O que você acha, Jingle? O velho senhor Peter Morgan, lá do porto, me disse que foi pirata quando jovem, que enterrou um

tesouro que vale milhões na ilha das Índias Ocidentais e que nunca mais conseguiu encontrar o local. Se tivesse me contado isso quatro anos atrás, eu teria acreditado nele, mas ele esperou tempo demais. Gostaria que fosse tão fácil acreditar nas coisas quanto costumava ser.

A cerca atrás da casa de tio Robert é a divisa entre Queen's e o condado de Prince. É extremamente excitante, Jingle, pensar que podemos entrar em outro condado apenas pulando uma cerca. De alguma forma, espera-se que tudo seja diferente. Subo nela todo dia só para ter uma sensação gostosa de aventura. Tia Hazel disse que não é preciso muito para me animar, mas acho que isso é bom. Como seria a vida sem algumas euforias? E como seria a vida sem Bets, Jingles, Sids, Judys e Silver Bushes?

Sua amiga, Pat.

P.S.: Tia Hazel diz que acha que eu deveria cortar os cabelos. Você gostaria de mim de cabelos curtos, Jingle?"

5

(Carta a Judy, com os comentários de Judy)

"Minha amada Judy,

Parece que faz anos que saí de casa e sinto muita falta de vocês todos e da nossa velha cozinha. A cozinha de tia Hazel é muito moderna, mas não é tão aconchegante quanto a nossa, Judy. Quando sinto saudade de casa à noite, subo até o sótão e observo as luzes de Silver Bush e imagino o que todos estão fazendo. Vejo você sovando pão na cozinha, falando sozinha (e qui tal essa?). E Cavalheiro Tom refletindo em seu banco. (Pur

certu, vucê é mesmo um grande pensadô, Tom. Eu divia contá pru mundo qui vucê pensa mais num dia du qui a maioria das pessoas pensa numa semana.) *Não há gatos aqui porque a Tia Solteirona do tio Robert visita com muita frequência e passa muito tempo aqui, e ela não gosta de gatos. Não gosto muito da Tia Solteirona. (Ora, ora, num dá pra culpá vucê pur isso, Patsy.) Ela é muito rústica. Sei que não sou muito bem-apeçoada, mas não tenho um nariz igual ao dela. Tudo, até mesmo o cabelo dela, parece ser assustado e ter vontade de sair correndo. (Pur certu, é uma bela observação.) Mas sinto um pouco de pena dela, Judy (ora, ora, esse coraçãozinhu afetuoso), porque ela é muito sozinha. Não tem ninguém e nenhum lugar para amar. Isso deve ser terrível.*

Tia Hazel tem uma colcha azul maravilhosa, com retalhos em formato de leque, na cama do quarto de visitas. E o tapete de rosa que você bordou para ela está no chão da sala de estar. Ela tem muito orgulho dele e o exhibe a todos. (Ora, ora, intão pareci qui eu tô fazenu meu nome.) Ela não tem uma sala de visitas, senão teria colocado lá. Ter salas de visitas não está mais na moda, Sylvia Cyrilla disse. Não sei o que ela diria se soubesse que temos duas. (Pur certu, quem si importa cum o qui ela diria? Uma sala de visitas pareci muito mais sufisticado qui uma sala di estar.)

Minha mãe disse que posso ter um vestido novo vermelho este inverno, Judy. E espero que ela me deixe ter um chapéu vermelho para usar com ele. (Ora, ora, isso seria muito chique.) Jen Davidson disse que terá dois chapéus novos. Falou que as Davidson sempre têm. Bem, não se pode usar mais de um chapéu por vez, não é, Judy? (Muito filosófica essa minina.) A Tia Solteirona torce o nariz quando falo de roupas, mas tia Hazel

disse que é porque ela não tem dinheiro para comprar e que, se tio Robert não a ajudasse todos os anos, ela não teria roupa nenhuma para vestir. (Pur certu, as pessoas nem devem querê tê muitas roupas pra visti hoje im dia, a julgá pelo qui tenho visto nos catálogos di moda.)

Ah, Judy, querida, a Tia Solteirona disse que não é certo contar histórias de seres fantásticos e que nem mesmo o Papai Noel existe. (Ignora essa mulhé amargurada.) Mas vou continuar acreditando em anéis de fadas, ferraduras penduradas em portas e bruxas em vassouras. A vida é tão mais excitante quando se acredita nas coisas. Se você acredita em algo, não importa se existe ou não. (Pur certu, ela podia vencê um debate cum um advogado da Filadélfia, a minha minina.)

Aqui, não comemos qualquer coisa entre as refeições, Judy. Suponho que seja mais saudável, mas, quando chega a hora de ir para a cama, realmente sinto falta dos seus ovos na manteiga. Acho que fazer um lanchinho antes de ir para a cama é saudável. (Pur certu, e todas as pessoas sensatas pensam assim.) Por outro lado, tia Hazel é um boa cozinheira. Faz o bolo ribbon, de baunilha, mais delicioso do mundo. Gostaria que você aprendesse a fazer esse bolo, Judy. (Ora, ora, bolo ribbon, é? Eu tô velha dimais pra aprendê novos truques culinários.) Mas as tortas de mirtilo dela não são tão boas quanto as suas, Judy. São doces demais. (Ora, ora, quanta bajulação! Ela tá querenu mi deixá di bom humor.) A mãe da Sylvia Cyrilla sabe fazer um creme coagulado inglês delicioso. (Creme coaguladu, é? Eu sabia fazê creme coaguladu antes de ela tê nascido. Mas mi diga di onde é qui o creme deve saí, si cada gotinha di leite tá senu mandada pra fábrica di queijo?) Mas ela não é uma boa cozinheira em outros sentidos. A comida dela parece boa, mas

sempre tem algo errado no sabor. Pouco sal ou sal demais, ou falta de tempero, ou algo assim. (Falta vigor, meu tesouro, esse é o problema. Num tem vigor.)

O primo do pai da Sylvia Cyrilla tentou cortar o pescoço na semana passada, mas Sylvia Cyrilla disse que ele não conseguiu, e eles o levaram para o hospital e costuraram o corte. (Devi sê o Alvin Sutton. Pur certu, ninhum dos Suttons jamais si saiu bem em qualqué coisa qui tenha feito.)

Os sogros de tia Hazel, o senhor e a senhora James Madison, moram aqui, na mesma rua. Volta e meia vou lá levar recados. O senhor James não simpatiza comigo porque não consigo comer um prato inteiro de angu. Diz que é uma comida digna de um rei. Mas não sou rei. (Angu, é? Pur certu, num tô menosprezanu o angu, mas num dá pra dizê qui o velho e raquítico Jim Madison é um bom garoto-propaganda.) Eles têm muito orgulho da filha mais velha, Mary. Ela tem diploma de mestrado, ganhou algumas bolsas importantes e é professora na universidade. Suponho que seja bom ser tão inteligente assim, Judy. (Ora, ora, mas mi pareci qui ela num cunseguiu si casá, contudo.) O senhor James gosta de provocar a esposa. Quando o pai de Sylvia Cyrilla perguntou a ele se ele se casaria de novo, ele riu e disse que sim, mas não com a mesma mulher. A senhora James, no entanto, não riu. (Ora, ora, talvez ela soubessi qui era metadi brincadeira e totalmenti verdadi.) Dizem que o senhor James era muito aventureiro quando jovem, mas ele diz que, se não fosse, hoje não haveria histórias para contar sobre ele... Ele não passaria de um velho avô sem graça.

Tenho colecionado histórias desde que cheguei aqui, Judy, para ter muitas para contar quando for velha como você. Tem uma sobre um fantasma em uma fazenda que pertence ao tio de

Sylvia Cyrilla que tem bigode. Digo, o fantasma tem bigode. Não é engraçado? Consegue imaginar um fantasma de bigode? (Pur certu, cunheci um fantasma na Irlanda qui era careca. Nunca si pode imaginá as aberrações qui incontramus pur aí.) E Jen Davidson tem um primo que sempre chorava quando estava bêbado. Pensei que era porque lamentava estar bêbado, mas Jen disse que era porque ele não podia se embriagar com mais frequência. O velho senhor McAllister, lá da ponte, veio visitar o senhor James na segunda passada e disse que teria vindo no domingo, mas tinha passado o dia todo lutando contra Satã. Você acha que ele realmente estava fazendo isso, Judy, ou só estava sendo poético? (Ora, ora, achu qui ele divia está tentanu si intendê cum a mulhé. Ela arruma briga até cum um colchão di pena, aquela lá. Pur certu, ele só si casô cum ela pur accidenti. Quandu fez o pidido, isperava qui ela dissesse ‘não’ e, quando ela disse ‘sim’, o pobre Johnny McAllister teve a maió surpresa da vida.) O irmão dele era um homem horroroso e morreu afrontando Deus. (Num si podi isperá qui um McAllister tenha boas maneiras, nem mesmo no leito di morte, Patsy, quirida.) Os irmãos Maltby resolveram sua rixa depois de passarem trinta anos sem se falar. Não acho que sejam muito interessantes agora. Tio Rob disse que fizeram as pazes porque se esqueceram pelo que brigaram, mas, se alguém conseguisse se lembrar, começariam tudo de novo. E o senhor Gordon Keys, lá da ponte, mantém a esposa na linha fazendo bordados toda vez que ela não faz o que ele manda. Ela odeia vê-lo bordando, então cede.

A história mais engraçada que coletei até agora é a seguinte. Muitos anos atrás, o velho Sam McKenzie estava muito doente em Charlottetown e todos pensavam que ele ia morrer. Ele era

muito rico e influente, então o senhor Trotter, o agente funerário, sabia que a família queria um belo caixão para ele e importou, imediatamente, um muito sofisticado, para ter à mão, pois o inverno estava sendo muito rigoroso e ele receava que o estreito pudesse congelar qualquer dia. Então o velho Sam melhorou e o pobre senhor Trotter ficou com um caixão caríssimo nas mãos e sem potenciais clientes para comprá-lo. No entanto, ele não disse nada e um dia, alguns meses depois, o velho Tom Ramsay, que também era rico e influente, bateu as botas quando ninguém esperava. Aí, o senhor Trotter disse à família que tinha apenas um caixão à altura do falecido à disposição, e eles compraram. E o velho Tom Ramsay foi enterrado no caixão de Sam McKenzie. O segredo vazou depois de um tempo, e os Ramsay ficaram furiosos, mas não podiam desenterrá-lo.

Essa é a história mais engraçada, porém a melhor é sobre o senhor George McFadyen, que morreu quatro anos atrás e foi para o céu. Em um primeiro momento, ele não conseguia encontrar nenhum ex-morador da Ilha, mas, após um tempo, descobriu que havia vários deles, só que estes precisavam ficar trancafiados por medo de que tentariam retornar à Ilha. O senhor James Madison me contou isso, mas não explicou como ficou sabendo da experiência do senhor McFadyen. De toda forma, tenho certeza de que eu me sentiria assim, Judy; se fosse para o céu, iria querer tentar voltar para Silver Bush.

Fiquei com medo, ontem à noite, porque o vento estava tão forte que derrubou algumas das nossas árvores. Se Joe guardar um filhote de gato para mim, não se esqueça de dar um pouco de nata a ele, Judy. Jen Davidson tem uma tia que está no quarto casamento. (Ora, ora, imagina só as mentiras que essa uma deve tá contanu pros homes!) Jen parece ter orgulho dela, mas tio Rob

diz que ela deveria ser mais econômica com os maridos, já que não há muitos disponíveis por aí. Acho que ele disse isso para provocar a Tia Solteirona. Madge Davidson vai se casar com Crofter Carter. (Pur certu, ela adora uma boa compra, sinão num teria ido atrás dele. Já houve um tempo em qui um Davidson si recusava a andá du mesmo lado da rua qui um Carter.) Ross Halliday e Marinda Bailey, de Silverbridge, estão casados. Foram noivos por quinze anos. Suponho que tenham se cansado. (Pur certu, e Marinda Bailey sempri dissí qui num si casaria até si acostumá cum a ideia. Ela sempri foi meio fraca da cabeça, aquela lá. Mas os homes parecem gostá desse tipo, tô falanu. Ela nunca foi bunita, mas a influência importa mais qui o mérito, e, si o Ross tá finalmenti filiz, quem é Judy Plum pra questioná?) A senhora Samuel Carter morreu, e o funeral será na sexta-feira. Eles já tiveram um número gigantesco de funerais por aqui, pelo que disse Sylvia Cyrilla, mas o senhor Carter diz que funerais não são tão caros quanto casamentos, no fim das contas. (E isso é mais verdadeiro ainda quandu vucê pricisa sustentá o genro, como é o caso do Sam Carter. Podi acreditá.)

Espero que você não fique cansada de ler esta carta enorme, Judy. Escrevi um pouquinho dela todos os dias, durante uma semana, e coloquei no papel tudo que veio à minha cabeça. Logo estarei em casa e poderemos conversar sobre tudo isso. Não deixe que ninguém mude qualquer mobília da casa enquanto eu estiver fora. Se esta carta está parruda, é apenas porque estou mandando muitos abraços a você por ela.

Sua adorada Patsy.

P.S.: Tia Hazel diz que acha que meus cabelos crescerão mais escuros se eu cortar. Você acha que é verdade, Judy?

P.”

(Pur certu, é uma bela duma carta qui ela iscreveu. Esta casa fica tão vazia sem os pezinhus dançantis e aquela risada gostosa dela. Aquele jeitinho qui ela tem di sorri pra vucê, como si vucês partilhassem di alguma brincadeirinha pessoal, vai levar essa minina longe. Mas, no ano qui vem, vamos tê tempo di sobra pra falá sobre cortá o cabelo. Pur certu, prciso botá esta carta na minha caixinha.)



Três filhas da mesma raça

1

Se os anos não voavam depois que se completavam 12 anos, como a Tia Solteirona tristemente previra, eles de fato pareciam passar mais rápido. Pat e Bets mal conseguiam acreditar que seu aniversário de 13 anos estava tão próximo, quando a mãe de Pat lhe disse que Joan e Dorothy estavam vindo de St. John para uma visita e que seria bom fazer uma festinha para elas.

– Podemos fazer no seu aniversário. É aniversário de Bets também, então matamos dois coelhos com uma cajadada só – concluiu a mãe alegremente.

Pat não era muito afeita a festas... Não tão afeita quanto Judy gostaria que fosse. Também não estava muito animada com a visita de Joan e Dorothy Selby, embora estivesse curiosa. Ouvira falar muito, vez ou outra, da beleza de Dorothy. Tanto Joan quanto Dorothy tinham fotos suas em um jornal da sociedade, retratadas como “as adoráveis filhas do senhor e da senhora Albert Selby, de Linden Lodge”. Era natural querer ver com os próprios olhos se Dorothy era tão bela quanto diziam as fofocas familiares.

– Não acredito que ela seja mais bonita que Winnie.

– Ora, ora, provavelmente não, si a Winnie si arrumasse como

ela... Pur certu, às vezes são as belas penas qui tornam os pássaros bunitos. Mas teu tio Albert era um rapaz bem-apessuadu e dizem qui a Dorothy puxou pra ele. Ele num passa muito tempo im casa. Si casô cum uma mulhé jovem qui acha qui as coisas são intediantes pur aqui.

– Joan e Dorothy estão sendo educadas em um internato de freiras

– comentou Pat. – Suponho que sejam extremamente inteligentes.

Judy bufou.

– Ora, ora, num si podi infiá inteligência na cabeça das pessoas, nem mesmo num internatu. Temos um *pouquinho* di inteligência aqui em Silver Bush. Num deixa qui elas intimidem vucê, Pat, cum os modos requintadus e a criação du internatu. Di todo modo, imagino qui sejam mininas boazinhas, e, como são tuas únicas primas do lado da tua mãe, ispero qui vucê prezi pur elas.

Joan e Dorothy estavam em Silver Bush havia menos de vinte e quatro horas, e Pat já decidira em segredo que não “prezaria” por elas. Talvez, embora jamais fosse admitir, ela estivesse com um pouquinho de inveja de Dorothy, que por certo fazia jus à reputação de sua beleza. Ela *era* mais bonita que Winnie... Embora Pat nunca fosse conseguir admitir que ela era mais bonita que Bets. Seus cabelos eram de um tom castanho-escuro, escorrendo graciosamente pela testa, e faziam os de Pat parecerem ainda mais avermelhados e desbotados. Tinha olhos castanhos aveludados que faziam os olhos âmbar de Pat parecerem quase amarelos. Tinha mãos lindas... Que levava ao rosto com muita frequência e fazia as de todos os demais parecerem magricelas e queimadas de sol. Joan, que era inteligente e não particularmente bela, tinha muito orgulho da aparência de Dorothy e se gabava um pouquinho disso.

– Dorothy é a garota mais bonita de St. John – disse ela a Pat.

– Ela é muito bonita – admitiu Pat. – Quase tão bonita quanto Winnie e Bets Wilcox.

– Ah, Winnie! – Joan parecia surpresa. – Winnie é bastante bem-apessoada, é claro. Você também poderia ser, se seu cabelo não fosse tão longo e liso. É tão vitoriano.

Joan provavelmente não sabia ao certo o que “vitoriano” significava, mas ouvira alguém dizer essa palavra e pensou que impressionaria aquela prima bastante independente do interior.

– Judy não quer que eu corte os cabelos – respondeu Pat com frieza.

– Judy? Ah, aquela criada velha e excêntrica de vocês. Você permite que ela mande em você desse jeito?

– Judy não é criada – esbravejou Pat furiosamente.

– Não? O que ela é, então?

– É da família.

– Vocês não pagam uma remuneração a ela?

– Eu... Eu acho que sim.

– Então ela é criada. É claro que é bastante adorável que você a ame como ama, mas minha mãe diz que não é muito bom dar tanta importância aos criados. Eles acabam se esquecendo de seu lugar. Judy não é muito respeitosa, pelo que percebi. Mas, é claro, é diferente no interior. Ah, *olhe só* para Dorothy, perto dos lírios. Não parece um anjo?

Pat se permitiu uma pitada de impertinência.

– Ouvi dizer que meninas bonitas nunca se tornam mulheres bonitas. Você acha que isso é verdade, Joan?

– Minha mãe era uma garota bonita e é uma mulher bonita. Minha mãe era uma Hilton de Charlottetown – respondeu Joan com arrogância.

Pat não sabia nada sobre os Hilton de Charlottetown, mas

percebia que Joan estava se pavoneando, como Judy diria.

Isso foi quando elas já estavam em Silver Bush havia dias. Tinham sido muito educadas no primeiro dia. Silver Bush era um lugar tão *charmoso*... O jardim era tão “pitoresco”... O celeiro-igreja era tão “pitoresco”... O cemitério era “impagável”. Qual era o problema? Pat soube em um piscar de olhos. Estavam menosprezando o jardim, o poço e o celeiro. E o cemitério!

– Suponho que vocês tomem água da torneira – disse ela desdenhosamente.

– Ah, você é *muito* engraçada, querida – respondeu Dorothy, abraçando-a.

Contudo, depois disso, elas não foram mais tão condescendentes. Todas já haviam se analisado e formado opiniões que durariam algum tempo. Pat até gostava de Dorothy, mas Joan era “abominável”.

– Quem dera você pudesse ver *nossos* crisântemos – disse ela quando Pat mostrou o jardim a elas. – Meu pai sempre ganha todos os prêmios com eles no Festival Horticultural. Por que tio Alec não corta aquele abeto velho? Faz sombra demais no canto.

– Aquela árvore é amiga da família – respondeu Pat.

– Eu não plantaria violetas naquele canto – sugeriu Dorothy. – Plantaria no lado Oeste.

– Mas as violetas sempre ficaram naquele canto – retrucou Pat.

– Como esse portão range! – comentou Joan, estremecendo. – Por que vocês não o lubrificam?

– Ele *sempre* rangeu – disse Pat.

– Seu jardim é pitoresco e um tanto matoso. Deveria ser limpo – afirmou Dorothy quando elas saíram de lá.

Pat aprendera algumas coisas desde que dera aquele tapa em

Norma. Pela honra de Silver Bush, nenhuma visita deveria ser insultada. Caso contrário, não haveria como saber o que ela teria feito com Dorothy.

As coisas não eram melhores dentro de casa. Joan teria mudado toda a mobília se aquela fosse a *sua* casa.

– Sabe o que eu faria? Colocaria o piano *naquele* canto...

– Mas ele *pertence* a este canto – retorquiu Pat.

– A sala ficaria muito melhor, querida, se vocês mudassem apenas algumas coisinhas – explicou Joan.

– A sala *odiaría* se fosse mudada – exclamou Pat.

Joan e Dorothy trocaram olhares surpresos pelas costas dela. E Pat sabia disso. Mas ela as perdoou porque elogiaram Bets. Bets, segundo elas, era adorável, com seu jeito meigo.

– Ora, ora, ela tem um bom coração; é claro qui tem boas maneiras – disse Judy.

Pat se afeiçãoou mais a Joan quando ela admirou a casa de passarinhos que Jingle lhe dera. Jingle tinha o dom e construía maravilhosas casas de passarinhos. No entanto, quando as meninas conheceram Jingle, Joan perdeu toda a graciosidade. Dorothy foi gentil com ele... Talvez um pouco gentil demais... Mas Joan só enxergou o cabelo mal cortado e as roupas esfarrapadas. E Dorothy enraiveceu Pat dizendo, depois:

– É incrivelmente bondoso de sua parte ser gentil com aquele pobre garoto.

Inferiorização! Essa era a palavra. Ela também inferiorizara Jingle. E, no entanto, Jingle gostou de ouvir Dorothy tocar piano. Não se podia negar que ela tocava bem. A performance de Winnie não foi nada perto da dela. Ambas as meninas Selby eram musicistas... Joan praticava violão dia e noite, e Dorothy “exibia” suas belas mãos no piano.

– É di si pensa qui ela vai acabá quebrando as teclas – murmurou Judy, que não gostava de ver Winnie sendo tão eclipsada.

2

Então a visita não foi um sucesso total, embora os mais velhos, à exceção de Judy, achassem que as meninas haviam se entendido às mil maravilhas. Pat achou um tanto difícil manter Joan e Dorothy entretidas... E elas precisavam ser entretidas o tempo todo. Não podiam procurar diversão por conta própria, como ela e Bets faziam. Pat lhes mostrou o cemitério e apresentou todos os campos por seus nomes, da Parte Antiga à Whispering Lane. Até tentou não se importar quando Sid levou Dorothy para a parte dos fundos e lhe mostrou o Campo Secreto. Mas doeu profundamente.

Ela sabia que a família pensava que Sid estava “interessado” em Dorothy. Talvez aquilo fosse melhor que ele se interessar por May Binnie. Pat não queria que Sid se interessasse por ninguém.

– Você só está com ciúme de Dorothy porque Naninha se afeioou a ela – galhofou Sid.

– Não estou... Não estou, não – esbravejou Pat. – É só que... Era um segredo *nosso*.

– Estamos ficando grandes demais para ter campos secretos e toda essa bobagem – retrucou Sid em tom adulto.

– Detesto crescer – choramingou Pat. – Ah, Sid, não me importo que você goste de Dorothy... Fico feliz que goste dela... Mas *ela* não se importou com aquele campo.

– Não se importou mesmo – admitiu Sid. – Perguntou o que víamos nele para que fosse segredo *nosso*. E o que víamos *mesmo*, Pat, afinal?

– Ah!

Pat sentia-se desolada. Se Sid não conseguia *ver* o que eles viam, não se podia forçá-lo.

Joan e Dorothy não deram a mínima para a casa de jogos no bosque das bétulas; não gostaram de brincar com filhotes de gatos no celeiro (dois gatinhos alaranjados de rabos peludos não despertaram seu interesse, embora Dorothy fizesse coisas para distraí-los quando havia qualquer garoto por perto. Ela os aninhava no peito e chegou até a beijar o topo de suas cabecinhas redondas e aveludadas aquecidas pelo sol...).

– Só pra fazê os garotus desejarem sê filhotes di gatu – murmurou Judy.

Elas não entendiam nada de “aventuras de faz de conta”. Não gostavam de pescar no Jordão com minhocas compridas e gordas; não conseguiam passar horas sentadas em uma cerca, uma rocha ou um galho de macieira para conversar sobre as coisas que haviam visto, como Pat e Bets faziam. Não viram nada interessante em se sentar no túmulo de Willy, o Chorão e procurar pela primeira estrela a surgir no céu. À noite, Joe as levava para dar uma volta de automóvel, e a festa incitou certa excitação. Elas usaram vestidos que nunca haviam sido vistos antes em North Glen e foram lembrados por anos pelas garotas que os viram. Mas estavam entediadas, embora tentassem esconder educadamente.

De *uma* coisa elas gostavam, no entanto... Sentar-se na cozinha ou na escada dos fundos, sob os crepúsculos de setembro, quando o céu estava tomado pelo brilho suave do sol que se punha atrás dos morros escuros e os galhos das bétulas no grande bosque acenavam como se mandassem beijos para o mundo, ouvindo as histórias de Judy enquanto comiam maçãs vermelhas e extremamente doces. Era o único momento em que Pat e as primas de fato se gostavam... Elas também não recusavam, embora

Dorothy achasse muito “pitoresco” comer na cozinha, os “lanchinhos” de Judy depois da contação de histórias. Pat as pegou trocando olhares surpresos diante dos ovos fritos e dos bolinhos de bacalhau de Judy, mas elas elogiaram tanto seu pão doce e seus *donuts* que o coração de Judy amoleceu um pouquinho em relação a elas. Judy sentia-se bastante culpada por não gostar mais das meninas depois de ter ficado tão ansiosa para que Pat gostasse delas. Cavalheiro Tom, que nunca reparava em ninguém além de Judy, pareceu se afeiçoar a Joan e a seguia por aí. Pat pensou que Judy ficaria com ciúme, mas não ficou nem um pouquinho... Aparentemente.

– Ele sabe qui ela pricisa sê vigiada, aquela uma – disse Judy.

– É gostoso aqui no verão – admitiu Joan em uma dessas noites –, mas deve ser muito entediante no inverno.

– Não é, não. O inverno aqui é delicioso. Ficamos tão aconchegados – respondeu Pat.

– Vocês nem sequer têm uma fornalha – retorquiu Joan. – Como não morrem de frio?

– Temos fogareiros em todos os cômodos – disse Pat, cheia de orgulho. – E muita lenha da boa... Veja a pilha lá. Conseguimos *ver* nosso fogo. Não precisamos nos sentar perto de um buraco no chão para nos aquecermos.

Joan riu.

– Temos radiadores a gás, tolinha... E lareiras abertas. Você é *mesmo* engraçada, Pat... É tão sensível em relação a Silver Bush... É de se pensar que acha que este é o único lugar que existe no mundo.

– E é... Para mim – declarou Pat.

– Joe não pensa assim – contou Joan. – Já conversei com ele quando saímos para passear de automóvel. Ele não está contente

aqui, Pat.

Pat ficou olhando para ela.

– Joe lhe disse isso?

– Ah, não em tantas palavras, mas percebi. Acho que nenhum de vocês realmente entende Joe. Ele não gosta do trabalho de fazenda... Quer ser marinheiro. É um garoto com sentimentos muito profundos, Pat, mas não gosta de demonstrá-los.

– Imagine só explicar Joe para mim! – reclamou Pat para Judy depois que as meninas já tinham ido para a cama no quarto do Poeta. – Sei que Joe tem umas ideias bobas sobre ser marinheiro, assim como ela também tem, mas o pai disse que logo ele terá mais bom senso. Tenho certeza de que Joe nunca vai querer ir embora de Silver Bush.

– Vocês num podem ficá todus aqui pra sempre, minha quirida – advertiu Judy.

– Mas não precisamos pensar nisso por mais alguns anos ainda, Judy. Joe tem apenas 19 anos. E Joan está se exibindo por achar que “o entende”!

– Ora, ora, é aí qui o calo aperta – observou Judy, rindo.

– E ela me perguntou hoje se eu não achava que Dorothy tinha uma risada linda. Ela disse que Dorothy é conhecida pela risada. Concordei, só para ser educada, Judy...

– Ora, ora, quem dera a genti num pricisasse sê educado! Por outro lado... É prciso.

– Mas não acho que a risada de Dorothy seja, nem de longe, tão bonita quanto a de Winnie, Judy.

– Pur certu, as duas têm a risada dus Selby, e num dá pra sabê qual delas tá rinu si ela num tivé na tua frente. Mas sei qui nem ela nem Joan si convenceriam disso. O prublema, meu tesouro, é qui vucê e a Joan são parcidas dimais em muita coisa, pur isso num si

intendem muito bem.

Pat não disse a Judy que aquilo a magoou. Joan tinha lhe dito:

– No fim das contas, aquele seu Jingle tem um sorriso bonito.

– Ele não é o *meu* Jingle – respondeu Pat secamente.

E que diferença fazia para Joan se Jingle tinha ou não um sorriso bonito? Ela não zombara dos cabelos dele, dos óculos e das calças rasgadas? E também rira da barba de tio Tom e do livro de Conhecimento Útil de Judy. Um era “vitoriano” e o outro, “ultrapassado”. Elas também foram condescendentes com tia Edith e tia Barbara... Eram “velhinhas pitorescas tão fofas”. Pat nunca prestara tanta atenção na mancha de goteira no teto da sala de jantar e nos pontos desgastados do carpete do Salão Pequeno até ver Joan reparando neles, e também não percebera como as telhas do telhado da cozinha estavam ficando cobertas de musgo até Joe comentar, simpaticamente, que até gostava de casas antigas.

– *Nossa casa é, na verdade, meio nova demais. É de estuque branco com telhado vermelho... Um tanto chamativa. Papai diz que vai suavizar com o tempo.*

– Nunca gostei de casas novas – confessou Pat. – Não têm fantasmas.

– Fantasmas? Mas você não acredita em fantasmas, Pat, acredita?

– Não quis dizer fantasmas... Não exatamente.

– O que quis dizer?

– Ah... Apenas que... Quando uma casa foi habitada por muitos anos... *Algo* das pessoas que moraram nela *fica* na casa.

– Você é muito fofa! – exclamou Dorothy.

Pat regozijou-se na liberdade e no silêncio depois que elas foram embora. Era totalmente delicioso estar sozinha outra vez. Os livros espalhados por todos os lados foram devolvidos aos devidos lugares; o quarto do Poeta não estava mais abarrotado de vestidos, sapatos, escovas e colares alheios.

– Não é uma delícia estarmos aqui sozinhas, sem gente estranha?

– disse ela a Judy enquanto estavam sentadas na escada.

Uma noite de entardecer prateado pairava sobre o bosque, e o dourado pálido e perfeito das folhas trêmulas dos álamos dera lugar à sombra. O ar plácido ainda estava carregado pelo trovão distante e abafado da arrebentação. Cavalheiro Tom acomodara-se na plataforma do poço, e os dois gatinhos alaranjados piscavam os olhos brilhantes e ronronavam carinhosamente no colo de Pat.

– A mãe disse que lamenta por eu não amar minhas primas. Eu as *amo*, Judy, mas não *gosto* delas.

– Ora, ora, três são mesmu dimais – respondeu Judy. – Duas mininas podem si dá muito bem, mas, quando tem uma terceira, e todas di personalidadi, alguém vai acabá si ofendenu. Já vi acontecê várias vezes.

– Gosto da Joan, em parte... Mas ela fazia com que me sentisse tão *desimportante*, Judy. Ela me esnobava.

– Pur certu, ela esnobaria até a lua, aquela lá. Mas é uma minina inteligenti, afinal.

– E ela se exhibia... Se exhibia, *sim*.

– Os Hilton sempri gustaram di causá certo alvoroço. E vucê mesma num isnobô e si ixibiu um bucadinho, Patsy, quirida? Num tô dizenu qui vucê num tenha sofrido. Num ixistem muitas famílias qui num tenham essas piquenas disavenças. Até mesmo os Selby, sem mencioná os Gardiner. É prciso fazê concessões. Acho qui vucê ia gustá mais das mininas si num sintissi tantu ciúme, Patsy...

– Eu não estava com ciúme, Judy!

– Ora, ora, seja sincera agora, meu tesouro. Vucê tava com ciúme da Joan porque o Joe gostou dela e tava cum ciúme da Dorothy porque o Sid e a Naninha gostaram dela. Vucê também tem seus defeitos, Patsy, assim como elas.

– De toda forma, não minto. Elas disseram à mãe, quando foram embora, que adoraram passar esse tempo aqui. Não adoraram. Isso foi mentira, Judy.

– Ora, ora... Uma mintira educada... E talvez nem seja mintira. Elas tiveram seus mumentos de diversão, acho eu.

– Enfim, tem uma palavra que nunca mais quero ouvir na vida, Judy, e é “pitoresco”.

– “Pituresco”, é? Pur certu, quandu Joan chamou o Cavalheiro Tom di “pituresco”, posso jurá qui o bichu piscô pra mim. Eu podia ter dito pra senhorita Joan qui o próprio vô dela foi pituresco nu dia im qui foi fazê um discurso numa reunião du partidu conservadô e a isposa dele, qui era uma Tolman liberal, si inclinô pra frente da cadeira di trás dele e puxou o home pelo rabo du casacu. Deu pra ouvi o barulho pur tudo o salão. Ela num deixô ele dizê uma palavra sequer. Ora, ora, pituresco!

– Às vezes, Judy, elas me deixavam furiosa... *Por dentro.*

– Mas vucê guardô aí dentro. Isso mostra qui vucê tá aprendenu. É isso qui tudo mundo pricisa aprendê, meu tesouro, si quisé vivê em paz com as pissoas. Furiosa pur dentro, é? Pur certu, eu ficava furiosa pur dentro tudo dia, quando elas cumeçavam a si ixibi na minha cuzinha. E aquela Joan falanu di acompanhá a “ívolução du tempo”. Pur certu, pensei cumigo mesma, si corrê em círculos atrás du próprio rabo é acompanhá o tempo, vucê é a pissoa certa pra isso. E também achu qui tuas tias lá de Bay Shore eram iguaizinhas quandu eram mininas, e achu qui as famílias devem permanecê

unidas, e qui a vida vai levanu toda a nossa istupidez imhora. Eu num mi admiraria si vucê encontrasse essas mininas di novo, quandu tiverem mais maduras, e vucês si intendessem perfeitamente bem.

Pat ouviu essa previsão em um silêncio cético. Olhou para a Casa Comprida, onde a luz da janela de Bets brilhava como uma estrela amiga em um morro escuro.

– De todo modo, estou contente por eu e Bets estarmos sozinhas de novo. Bets é a única menina que quero como amiga.

– O qui é qui vucê vai fazê quando ela crescê e fô imhora?

– Ah, mas ela nunca vai embora, Judy. Mesmo que se case, vai continuar vivendo na Casa Comprida, pois é filha única. E sempre estarei aqui, e nós sempre estaremos juntas. Está tudo combinado.

Judy suspirou e meneou a cabeça.

– Num diz essas coisas em voz alta, Patsy... Não em voz alta, quirida. Pur certu, nunca si sabe quem podi tá ouvínu.



Sol de mentira

1

– Pat, você pode me encontrar em Felicidade agora? – perguntou Jingle ao telefone.

Os Gordon enfim tinham mandado instalar um telefone, e Jingle e Pat se certificaram de que o aparelho fosse bem aproveitado.

Pat sabia, pela voz de Jingle, que algo excitante acontecera... Excitante e agradável. O que poderia ser? Coisas excitantes e agradáveis eram tão raras na vida do pobre Jingle. Ela foi até Felicidade com tanta pressa que chegou lá antes de Jingle e ficou esperando por ele em uma clareira cheia de samambaias em meio aos morrinhos. Jingle se demorou atrás de uma barreira de jovens abetos para observá-la... Os olhos castanho-dourados fixos sonhadoramente no céu... Um sorriso provocador ocasionado por pensamentos ocultos ainda remanescente em sua boca... Apenas um traço suficiente de sorriso para fazer o coração de Jingle agir de forma esquisita toda vez que o via. Em que ela estava pensando? Em que *as garotas* pensavam? Jingle se pegou desejando saber mais sobre elas em geral.

Pat desviou o olhar do céu e viu um Jingle que nunca vira antes, com olhos tão radiantes que seu brilho reluzia até mesmo por trás

dos óculos escuros.

– Jingle, você está como se... Como se tudo tivesse se tornado realidade.

– E se tornou... Para mim. – Jingle se jogou no chão e apoiou o rosto nas mãos bronzeadas. – Pat... Minha mãe está vindo... Amanhã!

Pat arfou.

– Ah, Jingle! Finalmente! Que maravilha!

– O telegrama chegou ontem à noite. Liguei na mesma hora para Silver Bush, mas Judy informou que você não estava. Aí esta manhã tive que sair às cinco horas para levar um carregamento de queijo da fábrica para a cidade. Acabei de retornar... Queria que você fosse a primeira a saber.

– Jingle... Fico tão feliz!

– Eu também... É só que, Pat... Gostaria que ela tivesse mandado uma carta avisando que estava vindo em vez de ter enviado um telegrama.

– Ela provavelmente não teve tempo. Onde ela estava?

– Em St. John. Ah, Pat, imagine só... Estou com 15 anos e nunca vi minha mãe... Não a ponto de me lembrar dela. Nem mesmo uma fotografia... Não faço a menor ideia de como ela realmente é. Há muito tempo... Você se lembra, Pat, do dia em que descobrimos Felicidade? Eu disse a você que ela tinha olhos azuis e cabelos dourados. Mas só imaginei isso porque ouvi tia Maria dizer, certa vez, que ela era “bonita”. Talvez não seja assim.

– Tenho certeza de que ela é linda, não importa a cor dos cabelos e dos olhos – garantiu Pat.

– Desde que vi a Madona nas Nuvens no seu Salão Pequeno, imaginei minha mãe daquele jeito. É claro que ela deve estar mais velha... Minha mãe tem 35 anos. Não consegui dormir ontem à noite

pensando na vinda dela. Não sei como vou conseguir esperar até amanhã. Ontem à noite, achava que não conseguiria esperar por *dois* dias.

O rosto magro e delicado de Jingle estava sonhador e distante. Pat olhou para ele, transbordando de empatia. Sabia quanto aquilo significava para ele.

– Eu sei. Judy diz que, quando era pequena e me prometiam alguma coisa para “amanhã”, eu não parava de importuná-la perguntando “onde estava o amanhã”. O *seu* amanhã está em algum lugar, Jingle... Neste exato minuto, deve estar em algum lugar. Não é bom pensar assim?

– Hoje, passei o dia todo perdido em um sonho, Pat. Não parecia real. Já li o telegrama uma centena de vezes, só para ter certeza. Quem dera tivesse sido uma carta, Pat... Uma carta que ela escreveu... *Tocou*.

– Ela estará aqui, em pessoa, amanhã, e isso será melhor que qualquer carta. Quanto tempo ela vai ficar?

– Não sei. Ela não disse nada além de que estará aqui. Espero que fique por *semanas*.

– Talvez... Talvez ela leve você embora, Jingle.

Pat estava levemente sem ar. A ideia lhe ocorrera como um raio. Era um pensamento nada agradável. Jingle indo embora? O Jordão sem Jingle! Felicidade sem Jingle! Um calafrio estranho pareceu começar dentro dela e se espalhar por todo o corpo.

Jingle meneou a cabeça.

– Acho que não... De alguma forma, eu... Não acho que quero ir. Mas vê-la... Sentir os braços dela em torno de mim uma única vez! Contar tudo a ela. Vou entregar todas as cartas a ela, Pat. Eu as tirei da caixa ontem à noite e li todas. As primeiras, quando tinha que escrever em letra de forma, eram muito engraçadas. Mas uma mãe

não as acharia engraçadas, acharia? Uma mãe iria gostar delas, não acha?

– Tenho certeza de que ela vai amar. Não conseguiria evitar.

Jingle soltou um suspiro de satisfação.

– Você entende muito mais de mães que eu, Pat. Teve uma durante toda a vida.

Pat piscou os olhos alucinadamente. Chorar seria absurdo. Mas foi tomada, de súbito, por uma pena imensa por Jingle... Cujas mães nunca viera visitá-lo... Que tinha *anos* de cartas escritas e jamais enviadas... Lamentava pela mãe que não as recebera.

Tudo ficaria bem depois daquilo, contudo.

– Você precisa vir até minha casa ver minha mãe.

– Ah, mas, Jingle, não quero ir. Vocês vão querer ficar sozinhos.

– Na maior parte do tempo, suponho. Mas quero que você a conheça... E quero que ela conheça você. E vamos trazê-la aqui para mostrar Felicidade para ela, não vamos, Pat? Você se importa?

– É claro que não. E é claro que ela vai querer conhecer, pois é um lugar que você ama.

– Não tive tempo de fazer nada para ela...

– Você pode montar um lindo buquê para ela, Jingle. Ela vai adorar.

– Mas não tem nenhuma flor bonita no nosso terreno.

– Venha até minha casa amanhã cedo e colha algumas no nosso jardim. Monto o buquê para você... Tem uns mosquitinhos brancos lindos que floresceram. Você pode escolher as flores e eu monto o buquê. Judy diz que tenho talento para flores. Jingle, qual é o nome da sua mãe?

– Senhora Garrison – respondeu Jingle com amargura. Era odioso, para ele, que o sobrenome da mãe não fosse o mesmo que o seu. – O primeiro nome dela é Doreen. É um nome bonito, não é?

– Então a mãe do Jingle finalmenti tá vindo pra vê o mininu? – disse Judy quando ficou sabendo da notícia. – Bem, já tava mais du qui na hora. Achu qui o Larry Gordon deve tê iscrito pra ela. Eu o ouvi falanu qui já tava na hora dele sabê quais eram os planos dela pro garotu, si é qui ela tem algum. A professora lá di South Glen quiria qui ele fizesse o preparatório este ano, mas o Larry disse qui num ia servi di nada. Eles num podem isperá qui e/e banque as contas di Queen's, visto qui mal cunseguí bancá o próprio sustento todo ano.

– Então... Você acha... Você não acha que a mãe de Jingle está vindo só porque queria vê-lo? – perguntou Pat lentamente.

– Num tô dizenu qui num tá. Mas vucê sabe qui ela nunca quis vê o mininu, pur mais di uma dúzia di anos. Di toda forma, talvez ela tenha mudado di ideia, e vamos torcê muito pur isso, Patsy, porque eu tô achanu qui o pobre Jingle deve tá faceiro qui só cum a vinda dela.

– Está, sim... Ah, Judy, isso significa tudo para ele. Talvez... Quando ela o *vir*...

– Talvez – concordou Judy, duvidando muito.

2

Jingle chegou cedinho pela manhã para montar o buquê para a mãe. Colocara a melhor roupa, que, havia um ano, era curta demais para ele. A tia cortara seus cabelos e fizera um trabalho ainda pior que de costume. Mas seu rosto estava radiante de animação, e, pela primeira vez, ocorreu a Pat que Jingle não era um garoto feio. Se não fosse por aqueles óculos horríveis!

– Jingle, tire os óculos antes de sua mãe chegar. Não vai prejudicar seus olhos se for só um pouquinho.

– Tia Maria não iria gostar. Pagou pelos meus óculos, sabe, e diz que preciso usá-los o tempo todo, senão seria desperdício de dinheiro. Ela... Ela sabe que eu o detesto, acho... E é, na verdade, por isso que fica tão irritada quando não o coloco. Quando minha mãe ficar só conosco... Quando formos a Felicidade... Eu tiro. Pat, imagine só a mãe... Minha própria mãe... Em Felicidade!

Eles passaram um bom tempo na montagem do buquê. Jingle era uma pessoa difícil de agradar. Só flores totalmente perfeitas podiam fazer parte... E nada de delfínios.

– Delfínios são tão soberbos... – afirmou Jingle. – E não têm perfume. Apenas flores perfumadas, Pat. E alguns abrótanos. Você sabe que Judy os chama de “amor de rapaz”. Então devem ir no buquê da minha mãe.

Jingle riu, um tanto encabulado. Não se importava, contudo, que Pat o achasse sentimental.

– Vamos colocar algumas folhas de rosas rubiginosas... Têm um aroma delicioso de maçã. Quem dera houvesse mais rosas. É cedo demais para elas... Mas estes botõezinhos cor-de-rosa estão lindos... E aqueles brancos, com o meio cor-de-rosa. Havia uma rosa avermelhada ontem à noite... Apenas uma, na roseira nova do meu pai. Ele disse que eu podia ficar com ela. Mas choveu, e ela amanheceu toda feia e destruída. Quase chorei. No entanto, aqui tem um botão vermelho grande da floreira de Winnie que vou colocar no seu casaco, Jingle.

– Só mais duas horas – comentou Jingle. – Pat, quero que você venha até minha casa logo após o almoço, antes de ela chegar. Você vem?

– Ah, Jingle... Você não quer estar sozinho quando a vir pela primeira vez?

– Se eu *pudesse* estar sozinho... Mas tio Lawrence e tia Maria

estarão lá... E de alguma forma... Não sei... Apenas sinto que gostaria que você também estivesse lá, Pat.

No fim das contas, Pat foi, tremendo dos pés à cabeça de euforia... E de uma curiosidade considerável. Colocara bobes nos cabelos na noite anterior, para ficar o mais bonita possível para a mãe de Jingle, mas o resultado fora bastante armado e exagerado.

– Estaria bonito se fosse mais curto, Judy – murmurou ela com rebeldia. – Rodeanu a tua cabeça como uma auréola – retrucou Judy com sarcasmo.

Pat fez uma trança apertada e colocou o novo pulôver azul que Judy tricotara para ela, com a saia azul-escovinha. Será que a mãe de Jingle a acharia meramente uma caipira descabelada do interior?

– Acho que ela não vai nem pensar em mim – disse Pat, alentando a si mesma. – Estará focada demais em Jingle.

Jingle esperava com seu buquê, com os lábios tensionados para esconder o tremor. O velho automóvel de Larry Gordon passou ruidosamente pelo portão.

– Aí vem ela – disse Pat... Palavras mágicas, ofegantes.

E ela veio. Eles a viram sair do carro e caminhar pela viela de pedras. Jingle pretendia correr para encontrá-la, mas percebeu que não conseguia se mover. Ficou estupidamente parado ali, com a respiração acelerada, o buquê tremendo nas mãos. Aquela era sua mãe? Aquela?

Pat a enxergou com mais clareza que Jingle. Alta, esguia, graciosa como uma flor, com um vestido de *chiffon* esvoaçante feito uma névoa azul; cabelos claros, louro-prateados, escorriam por toda sua cabeça, como um véu, sob o chapéu inclinado de penas azuis macias; olhos azul-esverdeados que nunca pareciam enxergar você, mesmo que estivessem olhando para você, sob sobrelanceiras tão finas quanto uma linha desenhada com fuligem; uma boca que

arruinava tudo de tão vermelha e arqueada. Ela podia ter saído diretamente da capa de uma revista. Linda... Ah, sim, muito linda! Mas não, de certa forma, como uma mãe!

“Gosto de mães que se *parecem* com mães”, foi o que Pat pensou. Aquela mulher parecia, em um primeiro momento, uma garota.

Doreen Garrison atravessou a viela, olhando com certa curiosidade para os dois parados à porta. Jingle falou primeiro:

– Mãe! – exclamou ele.

Era a primeira vez que dizia aquilo. Soou como uma oração.

Uma centelha de surpresa cintilou nos olhos irrequietos de Doreen Garrison... Uma pitada de riso estremeceu seus lábios carmin.

– Não vá me dizer que você é o meu bebê Jingle? Ora, ora... Você já é quase um adulto, querido.

Ela parou e deu um beijo suave, frio como a neve, no rosto dele.

Ela não o reconhecera! Pat, olhando para Jingle, achou terrível ver a felicidade se esvaír do rosto de uma pessoa daquele jeito.

– Isto é para a senhora... Mãe.

Jingle estendeu o buquê para ela com o braço rígido. Ela olhou para as flores... Pegou o buquê... De novo, deu um risinho trêmulo insincero... Aquilo *não* era, Pat pensou, uma risada. Jingle se encolheu como se ela tivesse batido em suas orelhas.

– Meu anjinho, o que vou fazer com esta coisa enorme? Como foi que você conseguiu colocar tantas flores nele? Deve pesar uma tonelada. Coloque em algum lugar, querido, e levarei um botão comigo quando for embora. Não tenho muito tempo... Tenho que pegar o barco noturno e preciso ter uma longa conversa com tio Lawrence. Não fazia ideia de como você estava crescendo.

Ela colocou uma das mãos longas, magras e alvas, com as unhas lixadas e pintadas, no ombro dele e o fitou com olhos apreciadores.

– Você está um pouco magricelo, não está, meu anjo? Está

comendo o suficiente? Suponho que esteja naquela idade em que todos os garotos são magricelos mesmo. Tire esses óculos horrorosos. Você precisa mesmo deles? Tem feito exames de vista nos últimos tempos?

– Não – respondeu Jingle. Ele não acrescentou “mãe” dessa vez.
– Esta é Pat Gardiner – complementou em tom constrangido.

A senhora Garrison olhou para Pat, que teve a convicção instantânea de que suas meias estavam torcidas, e seus cabelos, bagunçados, como os de um habitante das ilhas do Arquipélago de Ottawa. De alguma forma, eles acabaram todos sentados na sala de visitas dos Gordon. Ninguém sabia o que dizer, mas a senhora Garrison tagarelava frivolumente, dizendo coisas delicadas e insinceras para o senhor e a senhora Gordon, com a voz airosa, mexendo tanto as mãos que era impossível não olhar para elas e ver como eram bonitas. Pat pensou nas mãos de sua mãe... Um pouco magras, um pouco calejadas, palmas um tanto enrijecidas pelos anos de trabalho. Mãos, entretanto, que você gostaria que o tocassem. Não conseguia imaginar que qualquer pessoa pudesse gostar do toque das mãos da senhora Garrison.

Jingle ficou olhando para o carpete, mas Pat, depois de superada a timidez, fitava a senhora Garrison com bastante frieza. Linda... Muito linda... Mas o que havia de errado com o rosto dela? Anos depois, Pat encontrou uma palavra para ele... Um rosto *montado*. Anos depois, ela ficou sabendo que aquela mulher se esforçara tanto para permanecer jovem e bela para um marido cuja atenção vivia sendo levemente atraída por toda mulher bonita que encontrava que acabou perdendo a essência. Ela era como uma sombra... Linda... Ilusória... Irreal. E aquela era a mãe de Jingle... Que chamava todos, inclusive Larry Gordon, de “meu bem” e que vez ou outra dirigia algumas palavras ao filho, como alguém que

joga um osso a um cachorro faminto. Pat não conseguia perceber a intensidade da vergonha que Doreen Garrison sentia na presença do filho esquecido, não amado. Mas sabia que a mãe de Jingle não ficaria ali nem um minuto a mais que o necessário.

– Que cachorrinho mais feio! – exclamou Doreen, rindo, quando McGinty correu até Jingle.

McGinty fora preso no estábulo, mas conseguiu escapar. Sabia que era preciso.

– Você de fato gosta de cachorros, Jingle, meu bebê? Vou lhe mandar um bom cachorro.

– McGinty é um bom cachorro. Não quero outro – respondeu Jingle, ruborizando ao extremo.

Pat levantou-se para ir para casa. Jingle a acompanhou até a porta.

– Ela... Ela é bonita, não é? – perguntou ele em tom triste.

– A mulher mais bonita que já vi – concordou Pat com sinceridade.

Quando ela olhou no rosto de Jingle, não pôde evitar se lembrar da rosa avermelhada, tão linda à noite, tão destruída e despedaçada na manhã seguinte. Odiava Doreen Garrison... Odiou-a por anos... Até aprender a sentir pena dela.

– Você volta assim que puder, Pat? Você sabe... Quero mostrar Felicidade para ela. É tanto sua quanto minha.

Pat prometeu. Sabia que Jingle tinha consciência de que a mãe não ligaria a mínima para Felicidade e sabia que ele não queria ficar sozinho com ela. Mas Pat aprendeu, aquele dia, que se podem descobrir muitas coisas que nunca são postas em palavras.

3

Ela retornou no meio da tarde e encontrou Doreen Garrison pronta

para partir.

- Mas... Mãe... – Jingle pareceu se forçar a dizer aquela palavra.
- Pat e eu queremos lhe mostrar Felicidade. É um lugar tão lindo.
- Felicidade? Por que vocês o chamam assim, seus fofinhos?
- Porque é um lugar tão lindo que imaginamos que ninguém poderia ser infeliz lá – explicou Pat.

O divertimento brilhou nos olhos de Doreen Garrison... Os olhos que Jingle costumava fingir serem azuis como um céu estrelado.

– Como é maravilhoso não saber nada sobre a vida e conseguir imaginar tudo – comentou ela airosamente. – Não posso visitar essa Felicidade, Jingle, meu bebê... Como poderia atravessar de salto alto esses campos cheios de tocos? Além disso, não posso arriscar perder o barco. Se perdesse, perderia também o navio em São Francisco. Jingle, meu bebê, sua postura está errada... Isso... Melhor assim. E você fica *tão* melhor sem óculos. *Nunca* mais os coloque de volta, meu querido. Eu disse a seu tio para levá-lo a um bom oculista e, se você realmente precisar de óculos, comprar óculos decentes para você. Ele também vai lhe comprar umas roupas melhores e levá-lo ao barbeiro em Silverbridge... Ali está o automóvel... Bem...

Ela fitou Jingle com olhos incertos, como se pensasse que deveria beijá-lo de novo. Mas havia algo na expressão de Jingle que não encorajava beijo nenhum. Doreen Garrison sentiu-se aliviada. O dia fora, de fato, péssimo... Ela se sentia tão constrangida, tão desconfortável diante daquele adolescente com aquelas roupas e aqueles cabelos absurdos que nem sequer conseguia falar. Como seu adorável bebezinho transformara-se naquela criatura? Seu dever, contudo, estava cumprido... O futuro dele estava garantido... Lawrence cuidaria de tudo.

Ela fez um afago na cabeça de Jingle.

– Tchau, querido. Lamento muito não poder ficar. Não cresça *tanto* nos próximos doze anos, por favor, meu anjo. Tchau... Nora, certo?

– Tchau – respondeu Pat em tom arrogante, desconcertantemente convicta de que Doreen Garrison nem reparou que ela estava sendo arrogante.

Ela atravessou a viela de pedras como um passarinho contente por escapar da gaiola, deixando um rastro de um perfume exótico para trás. Jingle ficou parado na escada, observando-a se afastar. Sua rainha maculada, descoroadada, que ocupara por tanto tempo o trono secreto de seu coração. Será que ela olharia para trás e acenaria para ele? Não, ela se foi. O buquê ficou na mesa do corredor. Ela nem sequer se lembrara de pegar um botão. O abrotano já estava murcho e desbotado.

– Então, o que achou de sua mãe? – perguntou tia Maria.

Jingle se encolheu. A voz áspera e grosseira dela ribombou desagradavelmente nos nervos fragilizados dele.

– Eu... Eu a achei muito bonita – respondeu ele.

Era abominável ter que mentir sobre a própria mãe.

Tia Maria ergueu os ombros ossudos.

– Bem, ela se encarregou do seu futuro, de toda forma. Você fará o preparatório ano que vem e vai para a faculdade depois. Ela disse que você pode ser o que quiser, e ela bancará as contas. Quanto às suas roupas... Ela encheu de defeitos, como se ela tivesse comprado... Você vai ganhar dois trajes novos... *Sob medida*. Nada de roupas de segunda mão para o filho *dela!* *Humpt!*

Tia Maria desapareceu, indignada, cozinha adentro.

Jingle olhou para Pat com olhos opacos e mortos. A garganta dela pareceu se fechar.

– Você vai comigo até Felicidade depois da janta? – perguntou ele baixinho. – Tem algo que quero que faça para mim.



Cinzas às cinzas

1

Em Felicidade, Jingle estava deitado com o rosto virado para baixo, em meio às samambaias, quando Pat chegou lá. Um cachorrinho de coração enorme estava sentado ao lado dele, parecendo proteger um pacote de papel pardo sobre a grama.

Pat agachou-se ao lado dele, sem dizer nada. Começava a aprender como as pequenas tragédias da vida eram repletas de silêncio. Desejou desesperadamente poder ajudar Jingle de alguma forma. Judy gostava de contar uma história de muito tempo atrás, de quando Pat tinha 4 anos e estava começando a ser ensinada a dizer “por favor”. Um dia ela não conseguia se lembrar da expressão. “Quais são aquelas palavrinhas que fazem as coisas acontecer, Judy?”, perguntara ela. Ah, quem dera houvesse uma palavra mágica agora... Uma palavra que consertasse tudo para Jingle.

Aquela tarde estava muito agradável em Felicidade. O céu estava límpido, claro, azul-prateado, pontuado por pequenas nuvens que pareciam botões de flor. O aroma do cravo pairava no ar. Um canto de Felicidade estava sob a sombra do bosque; o restante, inundado pelo pôr do sol vermelho-vinho. Havia o riso delicado do riacho oculto e a beleza das florzinhas brancas em formato de estrela que

ladeavam as margens. A única coisa visível que não era bonita era uma clareira enorme no bosque do morro, onde Larry Gordon cortara lenha para o inverno. Era horrível ver espaços vazios, onde árvores haviam sido cortadas. Árvores *precisavam* ser cortadas... As pessoas precisavam de lenha... Mas Pat nunca conseguia ver a feiura resultante sem se entristecer. É claro que, com o tempo, elas ficariam lindas de novo. Grandes tufos de samambaia cresceriam nos tocos golpeados... As curvas dos fetos se desenrolariam sobre as trilhas abertas... Bétulas esguias e álamos brotariam à medida que os anos passassem. Talvez as feridas e cicatrizes na vida humana também fossem assim.

– Gostaria que meu desejo não tivesse se tornado realidade, Pat. Era muito mais bonito quando não era verdade – disse Jingle de repente, mexendo-se até apoiar a cabeça no colo de Pat.

– Eu sei – respondeu Pat suavemente.

Com as mãozinhas bronzeadas, que eram carinhosas, gentis e sábias, ela acarinhou a cabeça de cabelos grossos. Seu toque relaxou a tensão da amargura de Jingle.

– Ela... Ela me deu dez dólares, Pat. A nota queimou meus dedos quando peguei. E vou fazer faculdade. Mas ela não teve nenhum interesse pelos meus planos. Mostrei a casa que desenhei para ela... Ela apenas riu.

– Jingle, acho que sua mãe ficou tão... Surpresa por encontrar você tão crescido que se sentiu... Ela não sentiu... Enxergou você como um estranho. Na próxima vez que ela vier, pode ser que seja bem diferente.

– De quem é a culpa se sou um estranho para ela? E jamais haverá uma próxima vez... Eu soube no momento em que ela foi embora. Ela não me ama... Nunca me amou. Agora, sei disso. Talvez sempre tivesse sabido, se não fosse um tolo.

Pat não conseguia suportar a desolação no tom de voz dele. Ela acariciou sua cabeça outra vez.

– *Eu* te amo de toda forma, Jingle... Quase... *Tanto* quanto amo Sid.

Jingle segurou a mão que acarinhava sua cabeça e apertou com força contra a bochecha molhada pelas lágrimas.

– Obrigado, Pat. E... Pat, você pode me fazer um favor? Pode me chamar de “Hilary” a partir de agora? Eu... Eu... De alguma forma, “Jingle” é um apelido estúpido para um garoto crescido.

Pat sabia que a mãe arruinara o apelido para ele. Aquele costumava ser um nome carinhoso que ela lhe dera. Decerto, ela devia amá-lo naquela época.

– Vou tentar... Só não se zangue se eu chamar você de “Jingle” de vez em quando, até me acostumar com o novo nome.

Em seu coração, ela estava dizendo: “Vou *chamá-lo* de ‘Hilary’ diante dele, mas sempre pensarei nele como Jingle”.

– Eu disse que havia algo que queria que fizesse para mim, Pat – continuou Jingle, em tom estranho, áspero. – Eu... Não entreguei aquelas cartas a ela. Vou acender um fogo naquela pedra... Você queima as cartas para mim?

Pat assentiu. Sabia que não havia mais nada a ser feito com aquelas cartas. Jingle acendeu o fogo, e Pat abriu o pacote e alimentou as chamas famintas... Uma oferenda do amor, da fé e da esperança desperdiçados de um garoto. Pat odiava queimá-las. Parecia algo terrível a fazer. Os pedacinhos de cartas escritas quando ele era um garotinho e era difícil conseguir papel... Em uma folha arrancada de um antigo livro escolar ou no verso de um jornal descartado... Às vezes, até mesmo em um pedaço cuidadosamente cortado e dobrado de papel de embrulho. Uma mãe deveria estimá-las como verdadeiras joias. Mas Doreen Garrison jamais as leria.

Uma pena! Volta e meia, uma frase surgia na pilha de cinzas trêmulas... Pat não pôde deixar de ler... *Minha querida mãezinha... Talvez a senhora venha me ver em breve... Fiquei em primeiro na turma a semana inteira, mamãe querida. A senhora não está contente?* Pat cerrou os dentinhos brancos em uma fúria fútil contra o destino.

Depois que a última carta foi queimada, Pat juntou a pilha de cinzas e as espalhou no riacho.

– Pronto, está feito. – Hilary se levantou; parecia mais velho, o maxilar muito tensionado; havia um tom diferente em sua voz, daqueles que refuta infantilidades. – E agora... Bem, vou fazer faculdade... E serei arquiteto... E serei bem-sucedido.

Eles caminharam de volta em silêncio pelas curvas repletas de samambaias do Jordão. A lua surgia, e os morcegos estavam à solta. Uma coruja gritava sinistramente de um morro de abetos além de Felicidade. Uma grande estrela dourada pairava sobre Silver Bush. Eles se despediram na ponte. Pat olhou nos olhos dele.

– Boa noite, Jingle, querido... Digo, Hilary.

– Boa noite, Pat. Você tem sido uma rocha. Pat... Seus olhos são lindos... Lindos.

– Ah, é apenas o luar – disse Pat.

2

Pat ajudou Judy a lavar os baldes de leite e a colocar todos os pintinhos amarelos fofos no galinheiro enquanto contava a ela sobre Doreen Garrison.

– Ah, Judy, ela foi... Ela foi...

– Meio impafiada – sugeriu Judy.

– Não, não, não é isso... Ela foi gentil conosco como se fôssemos

estranhos... Mas... Simplesmente como se não acreditasse que estávamos ali. Eu não conseguia imaginar que havia mães assim no mundo, Judy.

– Ora, ora, vucê sabe muito pouco di como são as mães, benditas sejam. E vucê num podi remediá as coisas qui o Bom Home Lá di Cima criô, intão pra que si preocupá? Apenas faz uma oração pur todos os órfãos e fica agradicida pur tua mãe ter raízes.

– Raízes?

– Pur certu, esse é o prublema cum Doreen Garrison. Ela num tem raiz nenhuma. Nada pra ancorá a pobre mulhé e protegê-la du ventu. Pur certu, e pode ser qui ela seja uma dessas “mães mudernas”, como tão chamanu pur aí.

– Senti, Judy, que ela se lembrou dele contra a própria vontade e que se esqueceria de novo assim que o perdesse de vista.

– Tô falanu. Maria Gordon dissí, certa vez, qui a viúva du Jim era tão boa em isquecê as coisas qui num quiria lembrá qui era como si nunca tivesse sabido. Sinto muito pelo Jingle. É milhó vucê chamá-lo pra almuçá amanhã e dá pra ele um pidacinho di rocamboli di amora. Pur certu, vou fazê um só pra isso.

– Ele quer ser chamado de Hilary de agora em diante, Judy. E... É uma coincidência estranha... Semana passada, Bets e eu decidimos que, depois disso, nos chamaríamos de Elizabeth e Patricia. Mas, é claro – acrescentou Pat rapidamente –, não esperamos que as outras pessoas nos chamem assim.

– Ora, ora, é bom mesmo, meu tesouro, purque, pra mim, vucê é a Pat e nunca vai sê outra coisa qui num seja Pat.

– Pat de Silver Bush – declamou Pat com alegria.

Era lindo ter uma casa, amor e laços familiares. Bravo-e-Feroz, o gatinho daquele verão, entrou voando do quintal. Pat o pegou e o afagou, fazendo-o ronronar algumas vezes. Não importava quais

coisas terríveis acontecessem, ainda havia gatos no mundo.

Sob o luar, ela caminhou pela Whispering Lane, desceu a trilha do campo e subiu o morro. Prometera a Bets contar sobre a mãe de Jingle... Ao menos o que Jingle permitisse que ela contasse. Bets devia saber da situação para não magoar os sentimentos de Jingle.

Pat chegou ao Pinheiro Observador primeiro e ficou parada debaixo dele, com o rosto encostado em seu tronco áspero, enquanto esperava. Primeiro, a lua estava envolta em uma nuvem de névoa, e Pat regozijou-se ao sentir uma sensação suave de magia e fascínio. Era uma noite maravilhosa... Uma noite em que talvez enxergasse os duendes. Ela costumava acreditar neles muito tempo atrás, e aquele foi um dos momentos em que ainda acreditou. Aquela não era uma criaturinha do luar, com um chapéu pontudo com sininhos, sentada em uma cerca? Não, apenas um pedaço de casca de árvore seca vibrando ao vento. A brisa doce e suave soprava dos prados secretos nos fundos das fazendas. Então, a lua saiu de trás da nuvem, e os pequenos abetos espalhados ao longo das cercas se tornaram manchas de sombras negras de formatos místicos. Lá embaixo, as casas dormiam em jardins iluminados pela lua. Bem ao longe, uma trilha de luar brilhava no mar como o vestido de seda de uma mulher. Pat sentia-se irmã de toda aquela beleza do mundo. Quem dera todos pudessem sentir aquela euforia secreta e satisfatória! O pobre Jingle devia estar encolhido no galpão de palha com McGinty, tentando esquecer o coração partido. Parecia cruel sentir-se feliz quando ele estava desolado, mas não adiantava tentar não se sentir assim quando a noite estava repleta de fascínio, e Silver Bush, com todo seu amor, jazia a seus pés. (Era possível ouvir o assovio gracioso de Joe e o latido de Snicklefritz mesmo àquela distância.) E quando se estava esperando pela melhor amiga que qualquer pessoa poderia querer. Ali, saltitando pela trilha, veio

Bets, parte da beleza da noite.

– Precisamos amá-lo ainda mais, para compensá-lo – disse Bets após ouvir toda a história...

Tudo, exceto as cartas queimadas, que Pat sabia que deviam permanecer um segredo entre ela e... Hilary.



O caminho dele está no mar

1

Houve um conselho familiar em Silver Bush quando a escola recomeçou, em setembro. Definiu-se que Pat deveria entrar para a turma do preparatório e preparar-se para os exames da Universidade de Queen's no ano seguinte. Pat protestou... Mas o pai foi implacável. Permitira que Winnie não fizesse o preparatório, pois percebera que os cachos dourados da garota ocultavam um cérebro que jamais conseguiria distinguir entre um particípio e um infinitivo, mas o histórico de Pat na escola, embora nunca tivesse sido brilhante, era acima da média. Portanto, ela iria para a universidade, estudar para conseguir uma licença como professora.

– Você ficará com a escola de North Glen e morará em casa – disse o pai.

Esse era o único lampejo de esperança que Pat enxergava em todo aquele plano desalentador. Ela correu para a cozinha e vomitou seu descontentamento e sua rebeldia para Judy.

– Ora, ora, você num qué sê educada, Patsy, quirida?

Não havia problema em ser instruída... Mas ir embora de casa era errado.

– Não pareço ser como as outras garotas, Judy. Todas querem ir

para a faculdade e ter uma carreira. Eu não quero... Só quero ficar em Silver Bush e ajudar você e minha mãe. Tem trabalho para mim aqui, Judy... Você sabe que tem. A mãe não é forte. Quanto a ser educada... *Serei* educada... O amor educa, Judy.

– Ora, ora, você não tá errada nisso, minha minina. Mas existem muitas outras coisas a serem levadas em consideração. Dinheiro não dá em árvore, querida.

– Como seria bom se desse!

Por um instante, Pat distraiu-se com a visão de pequenas notas de dólares penduradas nas pontas de galhos de árvores, como botões de flores.

– Seu pai não é rico... E uma família como esta custa caro, à medida que as crianças vão crescendo e precisam de umas roupas bonitas. Vocês precisam se preparar para ajudar o home um pouquinho, até se casarem ou irem embora daqui.

– Não quero que nenhum de nós se case ou vá embora.

– Você tá sendo totalmente irracional, querida.

Pat começava a suspeitar de que estava mesmo sendo irracional... De que precisaria encarar esses fatos em algum momento. Por exemplo, Winnie tinha um pretendente. Não “pretendentes”... Tivera pretendentes por mais de um ano, e Pat se acostumara a vê-los ir e vir e às conversas resultantes de Winnie sobre seus “encontros”... Mas “um” pretendente. Frank Russell, dos Russell de Bay Shore, parecia ter superado todos os outros, e Winnie começara a corar ao extremo toda vez que Joe a provocava em relação a ele. Pat odiava Frank com tanto afinho que mal conseguia ser educada com ele. Judy perdeu a paciência com ela.

– Você precisa ter mais bom senso, Pat. O jovem Frank é um belo dum partido. Os Russell tão muito bem de vida. Filho único, mãe já falecida, e todas as garotas de Bay Shore tentam fisgar o menino. A

Winnie entraria lá na velha casona dos Russell im Bay Shore como uma rainha, sem siquer tê uma sogra pra torcê o nariz si ela mudá um sofá di lugar. Além di ser perto daqui, é claro.

– Winnie é nova demais para *pensar* em se casar – protestou Pat.

– Pur certu, a minina tá cum 18 anos. Vai levá um tempo pra si casá... Ela pricisa respeitá o tempo certo du corteju. Pur outro lado, os Russell são pessoas sérias, e o jovem Frank tá cum aquele brilho nos olhos. Tô ti falanu. Ele sabe ondi prucurá uma boa isposa.

– Ele não é muito inteligente – desdenhou Pat.

– Vê só o qui vucê tá falanu! Ele podi num sê di lê poesia ou construí casas, como o teu Jingle, suponho eu, mas intendi bastanti di pulítica, como o Alec Cumpridão logo percebeu, e aposto qui vai tá lá no Parlamentu antis mesmo di ficá careca. Num pricisa sê muito intelligenti pra isso. A própria Winnie num é das mais istudiosas, pobrezinha, mas na Ilha toda num ixisti ninguém qui faça os biscoitinhos qui ela faz. Ela vai sê uma excelenti dona di casa naquela mansão. Tô falanu.

Pat não queria ouvir. A ideia de Winnie um dia sair de casa, independentemente de quantos dias aquele cortejo levasse, ainda era intolerável. Ela continuava odiando Frank, mas se resignou com o ensino preparatório e até começou os estudos com certa determinação sinistra de ter um bom desempenho, pelo bem de Silver Bush. Ela sabia que as pessoas pensavam que a família de Silver Bush não tinha ambição. Joe se recusara a frequentar a escola depois que completou 15 anos; Winnie sempre fora “burra” quando se tratava de lições escolares; Sid estava decidido a aprender as tarefas da fazenda e nada mais. Então, cabia a ela restabelecer o crédito dos Gardiner no universo escolar.

– Ainda bem que Bets também está na turma do preparatório, Judy. Passei um bom tempo com medo de que não estivesse... O

pai disse a ela que ela não era forte o suficiente. Mas Bets o importunou tanto que ele cedeu. Se Bets estiver comigo quando eu for para Queen's, não será tão ruim assim... Supondo que eu consiga entrar.

– Suponu, é? Pur certu, num há muita dúvida quantu a isso, visto como vucê é isperta e tudo mais quandu decide fazê alguma coisa. Quandu vejo vucê trabalhanu naquelas lições istranhas di “algébra”, fico até zonza. Quandu si trata di geometria, nem mesmo o Cavalheiro Tom cunsequiria intendê.

– Geometria é minha aula preferida, Judy. Bets não gosta... Mas adora todo o restante que eu adoro. Planejamos estudar juntas todas as noites durante o inverno. Vamos estudar com afinco por duas horas e depois conversar.

– Eu acredito. Vucês duas num cunseguem controlá a língua.

– Sim, mas, Judy, tem vezes em que simplesmente não conversamos. Apenas ficamos quietas pensando. Às vezes, nem sequer pensamos... Apenas ficamos *quietas*. Estar juntas basta. E, ah, Judy, Bets e eu...

– Já ouvi vucês si chamanu di “Elizabeth” e “Patricia”.

Pat riu.

– Tentamos. Mas não deu certo. “Elizabeth” e “Patricia” pareciam ser duas estranhas... Não nos reconhecemos. Como estava dizendo... Bets e eu começamos a ler a Bíblia inteirinha. Não vamos pular nem um único capítulo, nem mesmo aqueles nomes terríveis nas Crônicas. Você não faz ideia de como a Bíblia é interessante, Judy, quando você a lê apenas como uma história.

– Ora, ora, num faço, é? E eu pur certu num li a Bíblia antes di vucês serem nascidas ou siqué serem cogitadas? Mas *pulei* os nomes. Tinham uns trava-línguas complicados dimais pra mim. Fico pensanu si num deram uns apilidos pra eles naqueles tempos. Vucê

sabia, Patsy, quirida, qui, toda vez qui a mãe do Jeosafá o chamava pra almuçá, dizia o nome todo?

2

O outono foi passando, e as folhas de bordo avermelharam ao redor do Campo Secreto; samambaias secaram em Felicidade; o Jordão corria para o mar entre fileiras de ásteres roxos; luas-das-colheitas douradas observavam acima do Morro da Névoa. Um setembro gracioso e um outubro tranquilo foram sucedidos por um novembro suave e triste, quando longas fileiras sedosas de chuva desabavam sobre as encostas ressequidas.

Então, um dia, sem qualquer alerta, aconteceu a primeira separação da família em Silver Bush.

Todos, exceto Joe, tinham passado a manhã e a tarde de sábado na fazenda de Bay Shore... Onde nada mudara, pelo que Pat se lembrava. Era um “mundo onde todas as coisas pareciam as mesmas”. Ela começava a amar Bay Shore por sua imutabilidade... Parecia ser o único lugar em que se poderia confiar um mundo mutante. Tia Frances e tia Honor estavam “majestosas” como sempre, embora tivessem desistido de pedir a Pat que recitasse versos da Bíblia e de bater na cabeça dela quando a desaprovavam. Elas ainda a desaprovavam em muitas coisas, mas Pat gostava até mesmo da desaprovação, porque, se fosse diferente, seria uma mudança. Primo Danny ainda tinha um sorriso maligno. A tia-bisavó ainda estava viva... Com 98 anos... E nem um dia mais velha, era o que parecia, nem mais elogiosa... Toda vez que via Pat, repetia “Nada bonita”, no mesmo tom rabugento, como se Pat fosse totalmente culpada por aquele fato. O vaso que fizera careta para Sarah Jenkins continuava no mesmo suporte, e as maçanetas

polidas continuavam tão brilhantes que refletiam o rosto das pessoas. Os elefantes de marfim branco nunca terminaram sua marcha pela cornija da lareira, e a galinha de porcelana vermelha e amarela evidentemente nunca conseguira chocar seus ovos.

Bets fora com eles, o que só deixava o dia ainda mais agradável. Era tão divertido mostrar tudo a ela. As tias gostaram dela... Mas quem poderia não gostar de Bets? Até mesmo a tia-bisavó a fitara com admiração com os velhos olhos brilhantes e se esquecera, por um instante, de dizer que Pat não era nada bonita.

Quando retornaram a Silver Bush, Pat precisava subir o morro com Bets. Esfriara, e a primeira neve do inverno começara a cair em meio ao crepúsculo, quando Pat entrou na cozinha. Ela percebeu de pronto que algo estava errado... Terrivelmente errado. A mãe estava branca feito papel... Winnie chorava... E Judy, de todas as pessoas, chorara. Sid parecia se esforçar para não chorar. O pai estava parado ao lado da mesa, segurando uma carta na mão. Snicklefritz estava sentado ao seu lado, olhando para ele com olhos mudos e suplicantes. Cavalheiro Tom parecia não estar satisfeito com as coisas. Até mesmo Bravo-e-Feroz, que não costumava se deixar abalar, estava agachado debaixo do fogão, com ar apologetico.

Pat olhou ao redor. Todos estavam ali... Exceto... Exceto...

– Onde está Joe? – perguntou ela.

Por um momento, ninguém falou. Então, Winnie disse, aos soluços:

– Ele se foi.

– Se foi? Para onde?

– Para o mar. Foi para o porto esta noite e partiu no navio de Pierce Morgan para as Índias Ocidentais.

– E eu sem suspeitá di nada... Como sou istúpida – choramingou Judy. – Nem mesmo quandu ele entrô aqui, todo isquisitu, e dissi qui

ia rapidinho até Silverbridge. Pur certu, si eu soubessi o qui ele tinha em mente, teria mantido ele aqui até a maré mudar...

– Isso não teria ajudado – ponderou Alec Compridão, saindo do torpor. – Ele partiria cedo ou tarde. Já faz um tempo que sei disso. Por outro lado, era tão jovem... E partir assim, sem falar com um de nós... Foi cruel da parte dele. Calma, Mary.

A mãe de Pat se virara e enterrara o rosto no ombro do marido, aos prantos. Alec Compridão a levou para fora da cozinha. Winnie e Naninha os seguiram. Sid saiu, e Pat caiu no choro nos braços de Judy.

– Judy, não consigo suportar... Não consigo suportar! Joe indo embora... E desse jeito.

– Pur certu, foi cruel, como disse teu pai. Os jovens, às vezes, são cruéis... Num sabem... Eles num sabem. Agora, num deixa teu coração si despedaçá, quirida. Lembra qui é mais difícil pra tua mãe du qui pra qualqué outro di vucês. O Joe vai voltá, um dia...

– Mas nunca mais para *ficar*, Judy... Nunca para ficar. Ah, sempre odiarei este dia... Sempre.

– Ora, ora, num seja cínica – disse Judy, que aprendia palavras novas à medida que as crianças faziam as lições, mas nem sempre compreendia o significado exato. – Qual o sintido im odiá o pobre du dia? Vucê precisa encará a realidadi. É a história du Dick, o Aventureiro e du tio Horace, tudo di novo... Pur certu, e Joe sempre foi mais paricido cum o Horace du qui cum o próprio pai. Ele sabia qui, si tentasse si dispidi, o Alec Cumpridão ia tentá dissuadi. Agora, cata teus cacos, Patsy, pelo bem da tua mãe. O Siddy tá aqui pra dá continuidade, e ele é um rapaz isperto. Ama a fazenda como Joe nunca amou e sabe até dirigi automóvel, qui é uma coisa qui o Bom Home Lá di Cima nunca quis qui qualqué pessoa fizesse. Viu o bilhete qui ele deixô na mesa du Alec Cumpridão? Não? Tem um

recado pra vucê lá... “Diz pra Pat ser boazinha com o Snicklefritz”... E tinha um pra mim também, um chiste. Joe vivia fazenu chacotas, mininu mais quiridu. “Diz pra Judy garanti qui aqueles filhotes da pintura dela tejam criscidos quandu eu voltá.” Pur certu, ele vivia rinu dus pobres gatinhus.

Pat passou um bom tempo sem conseguir rir outra vez. Foi a última em Silver Bush a aceitar o inevitável. Eventualmente, resignou-se, sentindo vergonha por ser assim. Entretanto, o inverno chuvoso já estava na metade quando ela deixou de ter noites de insônia, quando caía alguma tempestade, e passou a ansiar com prazer pelas cartas de Joe, com selos fascinantes do exterior, que Naninha colecionava com orgulho. As cartas transmitiam o glamour dos portos estrangeiros e de terras distantes, o encanto da aventura e dos navios de velas brancas, e Pat não conseguia evitar a própria euforia. De alguma forma, embora não acreditasse que fosse possível, Silver Bush seguiu adiante sem ele. Sid havia, de maneira muito madura, assumido o lugar dele... Para falar a verdade, Sid ficou contente por ter uma desculpa para parar de frequentar a escola... A mãe voltou a sorrir, Frank Russell consolou Winnie, todos pararam de prestar atenção para ver se ouviam o assovio alegre que com tanta frequência ecoava sob o crepúsculo nos velhos celeiros. Até mesmo Snicklefritz parou de parecer desolado e de se encher de expectativa toda vez que ouvia passos na viela de pedras.

Mudança... E, pior que mudança, esquecimento! Parecia terrível, para Pat, que as coisas pudessem ser esquecidas. Ora, eles eram tão ruins quanto a família de Silverbridge, que tinha um filho na Califórnia, um na Austrália, um na Índia e um em Petrogrado e parecia não se importar nem um pouco.

– Ora, ora, como é qui a gente puderia segui vivenu si num

isquecesse, meu tesouro? – ponderou Judy.

– Mas o Natal foi péssimo – respondeu Pat, suspirando. – A primeira vez que não estávamos todos aqui. Não pude evitar pensar em uma coisa que um dia ouvi você dizer... Que, a partir do momento em que alguém não estivesse presente no Natal, provavelmente a família nunca mais estaria toda reunida. Não consegui comer... E não sei como os outros conseguiram.

– Mas vucê si lembra di como entrô di mansinho na cuzinha na hora di durmi e nós cumemos tudo até limpá os ossinhos? – retrucou Judy, sorrateira.

3

Tudo passa. O inverno se transformou em primavera antes que eles percebessem. Todos estavam alegremente ansiosos pela vinda de Joe para casa. Março trouxe uma carta entristecedora dele. Ele não iria para casa do navio de Pierce Morgan. Embarcara em uma viagem para a China. Bem, aquilo foi uma decepção... Mas logo março se tornou abril, com energia renovada e sapos musicalizando o campo da Lagoa, e todos os galhos de macieira que tinham caído durante os temporais de inverno foram juntados e queimados. Sid e Pat fizeram isso, e acenderam uma fogueira gloriosa à noite, com Bets e Hilary. Quando apagou, Pat não pôde caminhar com Bets até sua casa, porque Sid a acompanhou. Pat não se importava... Estava feliz demais porque Sid parecia estar bastante interessado em Bets aquela primavera.

– Ele já se cansou da May Binnie, Judy. Não seria maravilhoso se ele um dia se casasse com Bets?

– Ora, ora, vai cum calma nesse trabalho di cupido – respondeu Judy sarcasticamente.

Além disso, era gostoso se sentar com Hilary no túmulo de Willy, o Chorão, rodeados pelo brilho da brasa latente lá no pomar, e conversar sobre as coisas. Pat aprendera a chamá-lo de Hilary... Até começava pensar nele como Hilary, embora, em momentos de maior animação, o nome antigo escapasse. Judy nunca conseguiu chamá-lo de qualquer outra coisa. Para ela, ele sempre seria Jingle.

– Esses fofos – dizia ela para Cavalheiro Tom, olhando para eles da cozinha. – Fico mi perguntanu o qui a vida reserva pra eles. E quanto tempo eles têm pra serem jovens dispreocupados.

Cavalheiro Tom não lhe dizia.

Abril virou maio, com uma explosão branca das cerejeiras em Felicidade, narcisos jovens dançando por todo o jardim, e pinhas verdes brotando nos canteiros de íris. Todos os dias, Pat fazia uma descoberta diferente.

– As pessoas se esquecem, durante o restante do ano, de como a primavera é maravilhosa, então acaba sendo uma surpresa toda vez – dizia ela.

E, por fim, maio virou junho, com ameixeiras silvestres estendendo os braços sobre Whispering Lane, ondas roxas de lilases florescendo na cerca do quintal, e os amores-perfeitos brancos de Judy todos desabrochados... Amores-perfeitos brancos grandes, aveludados... E, por todos os lados, todos os diferentes tons de verde no jovem bosque primaveril dos morros.

– A primavera é mais bonita em Silver Bush que em qualquer outro lugar, Judy. Veja só que íris linda... Branca como a neve, com uma pitada de azul nas bordas das pétalas. É a íris de Joe... Ele a plantou na primavera passada... E, agora, onde ele está?

– Du outro lado du mundo, provavelmenti. Diz pra mim, Patsy, quirida, vucê cunsegui intendê como é qui eles num caem, lá no lado dibaixo? Nunca cunsegui infιά isso na minha cabeça.

Pat tentou explicar, mas Judy meneou a cabeça grisalha, perdida em um labirinto de incerteza.

– Ora, ora, é minha própria estupidez, eu sei.

– Não, a culpa é minha, Judy. Estou com dor de cabeça esta noite.

– Pur certu, vucê tem istudadu demais. Aquela tal di “algébra”, num achu qui seja apropriada pra mininas. Vucê passa manhã, tardi e noiti istudanu aquilo.

– *Preciso* estudar, Judy... O exame de admissão é daqui a um mês, e *tenho* que passar. O pai e a mãe sofrerão muito se eu não passar. Não tenho medo da matemática, sempre gostei de aritmética, especialmente. É só que... Você se lembra de como eu costumava sentir a maior pena do A, do B e do C porque eles precisavam “trabalhar” demais. O D parecia ter uma vida mais fácil.

– Pur certu, e mi lembriu di como vucê costumava olhá pra mim e dizê: “Será qui o A *nunca* tem folga, Judy?”. Acho qui vucê vai tirá notas altas em tudo.

– Não, sou um zero à esquerda em História. Não consigo me lembrar de datas.

– Datas, é? E quem si importa cum datas? Qui diferença faz quandu as coisas acunteceram, desde qui tenham acuntecido?

– Os avaliadores acham que faz diferença, Judy. As únicas duas datas de que tenho total certeza são que Júlio César chegou à Grã-Bretanha em 55 a.C. e que a Batalha de Waterloo aconteceu em 1815. Fora isso, todo o resto é nebuloso.

– Meu próprio bisavô faleceu na Batalha di Waterloo – comentou Judy. – E deixô minha bisavó viúva cum nove crianças piquenas. Mas, afinal, o qui é uma viúva agora no mundo dipois da Grande Guerra? Vucê si lembra di alguma coisa da guerra, Pat?

– Eu tinha 5 anos quando o armistício foi assinado. Lembro-me dos fogos de artifício na ponte... E, vagamente, das pessoas

conversando a respeito antes disso. Parece que foi um sonho. Você nunca toca no assunto, Judy.

– Pur certu, eu sentia a maior culpa porque num tinha ninguém da minha família pra ir... E, por sorte, Sidy e Joe eram piquenos. Tua mãe, tua tia Hazel e eu só cusemos meias pros soldados e permanecemos firmes. É uma época qui num gosto di lembrá, cum tudo mundo si queixanu du cáiser, e teu tio Tom e teu pai lamentanu porque eram velhos demais pra ir, e nós tudo acordadu di noiti, cum medo di qui encontrassem uma brecha, apesar du qui diz a Bíblia da Família. E, ao mesmo tempo, tudo mundo cum um pouco di vergonha no coração pur num ter mandado nenhum canadense pro exército britânico. Num dá pra negá qui teve uns momentos di diversão, cum todas as mininas andanu pur aí cum os garotos di uniforme cáqui, cheias di orgulho, e teu tio Tom cantanu um hino di ódio no quintal dos fundos de Swallowfield toda manhã antes du café. Pur certu, si eu num ouvisse o home berranu “Prifiro murrê nas trincheiras a vivê sob o domínio alemão” inquanto eu tava ordenhando as vacas, curria até lá pra vê si ele num tava cum lumbago. Ele ficou todo animado quandu anunciaram a eleição pro governo, em 1917... Pur certu, eu tinha medo di qui ele ixpludisse di raiva. Quandu ele encontrô a tua tia Edith rezanu pra qui talvez voltassem atrás, ficou totalmenti indignadu. “Eleições num são vencidas cum preces”, disse ele e, intão, a arrastou pra votá, mesmo cum ela protestanu, o caminho todo, qui aquilo num era coisa di mulhé. Nunca vimos um pandemônio tão grandi. Sandy Taylor, di Bay Shore, chamou o primeiro filho di John Jellico Douglas Haig Lloyd George Bonar Law Kitchener. Vucê devia ter visto a expressão du ministru quandu ele foi batizadu. E, dipois disso, passaram a chamá o mininu di “Ripa” pelo resto da vida, porque ele era magro demais. Diziam, também, qui o Ralph Morgan si casô com a Jane

Fisher só pra iscapá du alistamentu. Pur certu, num sou eu quem vai julgá os matrimônios dos outros, Patsy, e nunca julguei, mas mi parecia milhó infrentar o cáiser e toda a tropa dele du qui casá cum uma Fisher. Talvez o Ralph tenha chegado à mesma conclusão. Quandu fizemos uma homenage aos rapazes qui murreram, ele soltou um suspiro e dissi pra mim: “Ah, Judy, *eles tão em paz*”, foi o qui ele dissi. Ora, ora, são águas passadas, e ispero qui o mundo tenha mais bom senso e nunca mais crie um caos como aquele di novo, especialmente agora qui as mulheres podem votá.

– O velho Billy Smithson, de Silverbridge, não concorda com você, Judy. Diz que mulheres são estúpidas e que logo as coisas estarão ainda mais caóticas que nunca.

– Ora, ora, e vucê acha isso pussível? – retrucou Judy, sarcástica.

– O velho Billy num divia julgá qui todas as mulheres são como a dele. Eu mi lembro muito bem da primeira vez qui fui votá. Coloquei meu vistido de seda azul e minhas botas di salto alto pra ir pra votação e fiquei tão animada qui nem sabia dizê ondi eu tinha marcado o xis na cédula. Pelo qui cunsigui ixplicá pro teu pai, ele sempre achô qui marquei nu lugar erradu. Mas, di toda forma, meu candidatu venceu, intão num importô muito onde foi qui marquei o xis. Nunca mais fui votá depois disso purque, toda vez qui tinha eleição, acarretava di eu tá enlatanu tumate ou fazenu alguma coisa importanti.

– Tio Tom disse que todo mundo deveria exercer seu direito de voto... Que é um dever solene.

– Ouve só isso. Num é bunito di si ouvi? Mas aí eu teria qui deixá os tumates ou as ameixas apudrecerem pra ir até Silverbridge votá? Pur certu, Patsy, quirida, guvernos vão e vêm, mas os potes di geleia de Silver Bush pricisam ser abastecidos.



Cavalheiro Tom senta-se na escada

1

Pat não precisava ter se preocupado com o exame de História. Não estava destinada a fazê-lo aquele ano. A dor de cabeça da qual reclamara não desaparecera na manhã seguinte e fora complicada por uma dor de garganta. A mãe a aconselhou a ficar na cama, e Pat concordou com tanta mansidão que Judy ficou alarmada. Cedinho na manhã seguinte, ela entrou no quarto na ponta dos pés, ansiosa para vê-la.

– Como você tá, meu tesouro?

Pat olhou para ela com olhos flamejantes em um rosto avermelhado.

– O relógio parado do corredor começou a tiquetaquear, Judy. Por favor, pare. Cada “tique” dói demais minha cabeça.

Judy saiu correndo do quarto, despertou a senhora Gardiner e telefonou para o doutor Bentley.

Pat estava com febre escarlate.

Em um primeiro momento, ninguém se alarmou demais. Joe e Winnie já tinham tido febre escarlate quando crianças e não ficaram muito doentes. Contudo, à medida que os dias passavam, a

ansiedade pairou sobre Silver Bush como uma nuvem pesada. O doutor Bentley parecia sério e falava em “complicações”. A mãe de Pat, que nunca tivera febre escarlate, fora banida do quarto da adoentada, e Judy e Winnie cuidavam de Pat. Judy não queria nem saber de uma enfermeira treinada. Jamais superara a senhorita Martin e sua “Greta”. Ninguém sequer sabia onde ela dormia, se é que dormia. Durante toda a noite, permanecia sentada ao lado da cama de Pat, na poltrona de pernas sinuosas, com o desbotado assento de damasco vermelho que Pat resgatara do sótão porque adorava... Sem cochilar ou “pescar”, com uma bebida fria sempre à mão e um toque carinhoso. Mais além, o doutor Bentley falou dela como “uma dessas enfermeiras inatas, que parecem saber, por instinto, o que a maioria das mulheres leva anos de treinamento para aprender”.

Quando Pat passou a ter delírios, não fazia nada e não aceitava nada de ninguém além de Judy.

E Pat teve muitos delírios. Uma ilusão após a outra no cérebro febril. Willy, o Chorão levava embora o puxador de madeira da porta da despensa. “*Tenho certeza de que Deus vai achar muito engraçado*”, comentou Pat, procurando em vão pelo puxador antes que Deus pudesse descobrir. As rachaduras no teto não ficavam paradas no lugar, movendo-se por todo lado. Ela estava em uma estrada deserta, onde a escuridão esperava para agarrá-la, chamando por Jingle, que ia embora despreocupado, com a lápide de Emily e Lilian debaixo do braço. Ela estava no fundo do poço, onde Dick, o Aventureiro a jogara. Estava procurando pelo Campo Secreto, que Dorothy roubara. Ouvia o assovio de Joe, mas nunca conseguia vê-lo. Alguém mudara toda a mobília de Silver Bush, e Pat estava tentando, em vão, colocar tudo de volta no lugar. O ministro dissera, no domingo passado, na igreja, que Deus segurava

o mundo na palma da mão. “*Imagine se Ele se cansasse e o largasse, Judy?*”

– Pur certu, essa é a única coisa qui Ele jamais vai fazê, Patsy, podi ficá tranquila.

O vento soprava e nunca parava... *Ele deve estar tão cansado, Judy. Por favor, faça-o parar.* Ela estava na estrada, encabeçando uma longa procissão de queijos roladores... Todos os queijos que haviam sido produzidos em Silver Bush... Ela *precisava* se manter à frente deles. Rostos ficavam espiando pela janela... Pressionados contra a vidraça... Ou lançando olhares maliciosos em uma fileira no pé da cama, como o fantasma de Bay Shore. Rostos horrorosos, cruéis, astutos, apavorantes. *Por favor, Judy, mande-os para longe daqui... Por favor... Por favor.* Ela tinha longas discussões entre Pat e Patricia. O tempo passava por ela como o rio sombrio do cântico. Ela não conseguia acompanhar. *Se parássemos todos os relógios, não conseguiríamos parar o tempo, Judy? Por favor!* E quem, ah, quem é que alimentaria o pobre Bravo-e-Feroz?

– Pur certu, vô alimentá, Patsy, quirida. Num precisa si preocupá cum o Bravo-e-Feroz. Ele tá aproveitanu cada minuto du dia, durminu na cama du Poeta e rolanu no mosquiteiro du meu quarto. Pur certu, nunca si viu um gato tão amalucado. É o Cavalheiro Tom qui tá preocupanu a gente. Ele tem ficado no patamar da escada duranti todo o tempo qui sobra dus seus próprios afazeres da vida.

Então, passaram-se dois ou três dias terríveis em que a vida de Pat ficou por um fio. O doutor Bentley meneou a cabeça. A família perdeu as esperanças. Mas Judy nunca se abalou. Não recebera “o sinal”, e Cavalheiro Tom não arredara o pé do patamar da escada, embora, por vezes, se arrepiasse todo e cuspisse.

– Pur certu, num importa o qui esteja tentanu levá a Pat imbora, vai tê um trabalho danadu pra passá pur aquela criatura – afirmou

Judy com confiança.

No entanto, na terceira noite, nas primeiras horas do dia, quando Silver Bush estava prendendo a respiração, perguntando-se com desespero o que a manhã traria, Cavalheiro Tom levantou-se, sacudiu-se e desceu as escadas serenamente, até sua almofada na cozinha.

– Ele sabi qui num adianta mais ficá sentado ali – disse Judy quando amanheceu. – Pat virô o jogo. Eu o encontrei quandu tava subinu, e ele olhô pra mim daquele jeito. Quandu entrei no quarto da piquena, já esperava vê alguma diferença. E vi. Olha lá pra ela, durminu em paz, como um cordeirinho. Pur certu, este é um dia di alegria pra Silver Bush. Podi tomá conta dela, Winnie, inquantu preparu um chá pra mim. Priciso di um estimulanti, meus juelhos tão tremenu, e minha pobre cabeça tá girando.

2

A recuperação de Pat foi lenta. Foram cinco semanas até ela conseguir se sentar na cama e tomar sopa na adorada tigela amarela com rosas azuis... Uma herança de Bay Shore... Que tia Honor mandara para ela. Ela ganhou uma almofadinha dourada que parecia um pequeno sol e foi colocada atrás de sua cabeça... Tia Hazel enviara... E usava um casaco lindo de seda amarela que tia Edith levara para ela. Todos estavam sendo muito bons com ela. Bets, que fora proibida de vê-la, mandou morangos silvestres enrolados em folhas, e Hilary lhe levou trutas do riacho. Quando Hilary torceu o tornozelo com tanta gravidade que passou uma semana de molho em casa, a própria Judy, armada com uma lata de minhocas e a linha e o anzol de Sid, percorreu as margens do Jordão para garantir o sustento do apetite de Pat, que retornava aos

pouquinhos. A mãe de Pat ia até a porta do quarto e a fitava com olhos contentes. Às vezes, o rostinho ansioso de Naninha espiava entre as ripas do guarda-corpo da escada, tendo em vista que não tinha permissão para se aproximar além daquilo.

Foram sete semanas até Pat ter permissão para sair da cama, a despeito de suas súplicas.

– Estou tão cansada de ficar na cama, Judy. Tenho certeza de que não me faria mal nenhum levantar e me sentar um pouquinho em uma poltrona perto da janela. Quero tanto ver lá *fora*. Você não sabe como estou cansada de olhar para os jacintos do papel de parede. Aquele amontoado de flores acima da bacia de lavar as mãos parece um elfo barrigudo com um chapéu, e ele fica sorrindo para mim. Ora, não fique apavorada, Judy, querida. Não estou delirando de novo. Você mesma pode confirmar.

– Num tô neganu qui tenha uma similhaça. Mas vucê vai podê saí da cama daqui a dois dias. São as ordens du médico, e vô sigui à risca.

– Bem, coloque os travesseiros debaixo de mim, Judy, para que eu possa ao menos ver alguma coisa pela janela.

Aquilo foi ótimo. Ela conseguia ver os topos esguios dos pinheiros contra o céu azul na base do jardim... Os castelos de nuvens que vinham e iam... O telhado do celeiro, tomado pelas andorinhas... A fumaça da chaminé de tio Tom, exibindo sua mágica diante dos morros. Pat viveu assim por mais dois dias, então Judy permitiu que ela se sentasse, por meia hora, em uma poltrona ao lado da janela. Pat conseguiu caminhar até a poltrona, embora admitisse que se sentia como um monte de gelatina que desandaria por completo se chacoalhada com força. Seus olhos e ouvidos, no entanto, aproveitaram ao máximo aquela meia hora. A princípio, foi um choque ver como o verão passara rápido enquanto ela estivera

doente. Mas que cores lindas o mundo exibia. Como era maravilhoso ver outra vez os ombros azuis dos morros no porto e as despedidas de verão nos morros de mesmo nome... As ondas sedosas de vento que sopravam por cima do gramado e todas as suas amadas árvores. A brisa que sussurrava de morro em morro e trazia o perfume das flores até ela. As madressilvas na cerca do cemitério, com os patos de Judy espalhados ao redor do poço. Bravo-e-

-Feroz no peitoril da janela do celeiro-igreja, e um cachorro de pelos pretos encaracolados, com um coração branco no peito, nos degraus da granja.

E... Seria possível? Bets! Uma garota magra e adorável em um vestido lilás, com os braços repletos de peônias, acenando para ela da Whispering Lane. Bets *crescera*.

– Judy mandou me avisar que eu poderia ver você daqui, se chegasse no horário certo. Ah, Pat, querida, é maravilhoso vê-la de novo. Se soubesse o que tenho passado! Queria mandar avisar Hilary... Ele anda simplesmente desesperado... Mas Judy achou que nós dois seríamos animação demais para você. Ele virá amanhã.

Todos os dias, Pat tinha permissão para ficar um pouquinho mais de tempo sentada ali, até poder passar a tarde inteira à janela. Hilary e Bets tinham permissão para ir até o jardim agora e podiam gritar coisas para ela, embora Judy não deixasse que ela respondesse muito. Era, no entanto, suficiente ficar apenas sentada ali, olhando para os lindos estados de espírito dos campos, que, às vezes, brilhavam sob a chuva do verão e, às vezes, regozijavam-se sob o sol. Uma noite, Judy permitiu que ela ficasse acordada após o jantar. Era maravilhoso ver outra vez o “escurecer” se apossando do jardim. Ela se lembrava da última história que ela e Bets tinham lido

juntas, sobre um velho jardim encantado no qual as flores podiam conversar. Vamos supor que as flores de Pat pudessem conversar durante a noite. Aquela rosa vermelha no canto se tornou uma amante apaixonada e sussurrava elogios para a rosa branca. Aquele lírio alaranjado presunçoso contava histórias de aventuras incríveis. As papoulas sonolentas revelavam todos os seus segredos. Mas os lírios brancos se limitavam a rezar.

Fazia tanto tempo que ela não via as estrelas. E não observava a lua surgir! Bets e ela haviam lido um poema, certa vez, sobre a lua nascendo no Hímeto. Mas não podia ser mais bonito que a lua nascendo no Morro da Névoa, com o porto ao fundo. As sombras das árvores eram lindas. Os lírios altos pareciam santos de branco sob o brilho do luar.

Judy entrou no quarto e ficou horrorizada por perceber que Pat ainda não voltara para a cama.

- Vucê num tava durminu aí, tava? – indagou ela em tom ansioso.
- Não tava durminu sob o luar, minha criança?
- Não. Mas adoraria. Por que não devo?
- Olha só pra ela. Nunca dormi sob o luar. Vucê cum certeza inlouqueceria. Pur certu, cunheci um home, certa vez... Ele durmiu sob o luar uma noite e nunca mais foi o mesmo.

Pat suspirou. Odiava ter que interromper aquele delicioso banho de lua, mas *estava* cansada. Era tão bom se sentir cansada novamente e pegar no sono com tanta facilidade.

Dez semanas após o dia em que adoeceu, Pat desceu até o térreo, sentindo uma liberdade contente. Que dia! Judy estava triunfante! Todas as papoulas dançando em sua homenagem! Confortavelmente com fome de novo. Uma refeição deliciosa, com todos trocando olhares felizes. Até mesmo Cavalheiro Tom se alvoroçou com a presença dela.

– Pur certu, a casa tá filiz di vê vucê novamenti – disse Judy.

Era muito bom ver tudo no mesmo lugar. Ela estava com receio de que algo tivesse sido mudado. O jardim *mudara* um bocado. E até mesmo Bets e Jingle pareciam mudados... Mais velhos, de alguma forma. Jingle decerto estava mais alto. Ah, por que as coisas tinham que mudar? A velha e triste questão.

– Talvez vucê mesma tenha mudadu um pouquinho, quirida – ponderou Judy, um pouco triste.

Pat *estava* mudada... Parecia com certeza mais velha.

– Pur certu, num tem como chegá tão perto dus portões da morte sem mudá – sussurrou Judy para si mesma. – Ela num é mais uma criança. Nunca mais vai sê a mesma.

Os outros achavam que eram apenas a palidez e a magreza. Tio Tom lhe disse que ela tinha uma bela estrutura óssea:

– Logo, logo volto a engordar com sua comida, Judy. A vida tem um sabor ótimo hoje.

– Pur certu, a vida tem mesmo sabor, num tem, Patsy? Sou só uma velha solteirona qui trabalho a vida toda pra sobrevivê e, mesmo assim, tô declaranu qui a vida tem sabor. Pur certu, e assino imbaixo.

– Hilary me trouxe um livro ótimo para ler... Bets está mais querida que nunca. No geral, é um mundo bastante bom, apesar das mudanças, e é maravilhoso fazer parte dele de novo.

– Tô falanu. Mas, Patsy, quirida, vucê precisa tomá cuidadu. Num vai podê ficá saçaricando pur aí pur mais um tempo. Fica quietinha aí, ouviniu teu cabelo crescê.

3

Pat descobriu que era mais provável que fosse ouvir os cabelos

caindo. Os fios começaram a cair alarmantemente. Judy lhe garantiu que era de esperar, embora até mesmo ela tenha ficado assustada. Pat chorava, e era impossível reconfortá-la.

– Estou careca, Judy... Careca *mesmo*. Suponho que seja uma punição por eu detestar meus cabelos avermelhados. Judy, e se nunca mais voltar a crescer?

– Mas é claro que vai – garantiu Judy, que não tinha tanta certeza quanto gostaria. Fez um chapéu de renda e seda para Pat usar, mas foram umas semanas difíceis.

Alguns profetizavam coisas terríveis. Tia Edith conhecia uma garota que perdera os cabelos daquele jeito.

– Cresceram de novo... *Branco* – contou tia Edith.

Enfim, os cabelos de Pat realmente começaram a crescer... Uma bagunça castanha, em um primeiro momento. Pat ficou aliviada em perceber que não havia nem um fio branco. Então, começaram a ficar mais longos... E mais espessos...

– Tô achando que vai encaracolá – observou Judy, em uma surpresa eufórica.

Pela primeira vez em semanas, Pat queria um espelho. Os cabelos *estavam* encaracolados. Não muito, apenas ondas naturais e lindas. E *escuras*... Castanho-escuros. Pat achou que fosse morrer de felicidade. Seus cabelos agora estavam “curtos”, e Judy não se importou nem um pouquinho, e estava feliz demais por ver sua menina, de novo, com cabelos.

– Então você enfim decidiu ser bonita – comentou tio Tom na primeira vez em que a viu sem o chapéu.

– Longe disso – decidiu Pat, enquanto se analisava no espelho aquela noite. – Mas *certamente* é uma melhora.

– De toda forma, você nunca vai precisá fazer permanenti – disse Judy –, e isso é uma bênção. Por certo, a esposa do doutor Bentley

faz permanenti, pelo qui mi disseram, e o iscalpo dela ficou tão queimadu qui o cabelo começô a caí em chumaços. Achü qui ela gostaria di tê deixadu a criação du Bom Home im paz.

No geral, Pat estava satisfeita com o episódio da febre escarlata. Agora tinha cabelos castanhos ondulados e escapara de Queen's por mais um ano.



Glamour da juventude

1

Bets passou no exame de admissão, mas se recusou a ir para a faculdade até Pat poder ir também. Pat, tendo perdido os exames, precisaria esperar mais um ano.

Algo bom aconteceu. Hilary não conseguiu passar no exame de admissão... Esse não era o fato positivo... Apenas indicava que a professora da escola de South Glen era fraca. Larry Gordon, então, tirou Hilary de lá e passou a mandá-lo para a escola de North Glen. Como consequência, todas as manhãs, Hilary, Bets e Pat caminhavam juntos e contentes para a escola e achavam a vida ótima. Sid não frequentava mais a escola. Agora era o braço direito do pai. Naninha, no entanto, estava indo. Começara a ir despreocupadamente em uma manhã de setembro, e Pat, lembrando-se do dia em que “começara a escola”, sentia-se muito maternal, protetora e sentimental enquanto observava a amada Naninha trotando diante deles, de mãos dadas com outra criança pequena e sorridente da família Robinson. Como sabiam pouco da vida aquelas pobres almas! Como Pat se sentia envelhecida e experiente!

– Consegue acreditar que *nós* já fomos jovens iguais a eles? – perguntou a Bets, incrédula.

Bets não conseguia e suspirou. Ambas continuaram caminhando pela estrada como se tivessem vindo ao mundo, como Beatriz de Shakespeare, sob a influência de uma estrela dançante. Como era bom ter idade suficiente para se lembrar da infância com um suspiro. Como era bom ter diante delas uma estrada envolta em uma névoa ametista suave. Como era bom ver as jovens árvores de abetos margeando os campos das plantações. Como era bom pegar um atalho pelo pequeno bosque da propriedade de Herbert Taylor. Como era bom estar junto. Pois, no fim, tudo se resumia a isso. Nada teria o mesmo sabor se não fosse compartilhado com os outros.

Joe nunca mais aparecera em casa. Cartas suas chegavam de terras tropicais e apimentadas, das ondas do ártico e dos portos do Mediterrâneo, e eram grandes sensações em Silver Bush. Depois que todos as tinham lido, elas eram enviadas a Swallowfield, e de lá, para Bay Shore, então retornavam para a “caixinha de tesouros” da mãe de Pat, assim chamada em alusão à caixinha de Judy. Pat, agora, também tinha a própria caixinha de tesouros, na qual guardava tudo quanto é tipo de “recordação”, etiquetada de forma bastante sistemática... “Uma flor do jardim de Bets”... “Novo plano para ‘minha casa’, desenhado por Hilary Gordon”... “Cartas do meu irmão, Joseph A. Gardiner”... “Uma fotografia instantânea de mim e Bets debaixo do Pinheiro Observador”... “Um calhamaço de bilhetes da minha amada amiga, Elizabeth Gertrude Wilcox”... “O lápis com o qual escrevi minha primeira carta para H. H.”

“H. H.” era Harris J. Hynes... E Pat estava apaixonada por ele! Totalmente enfeitiçada, dizia Winnie. Acontecera na igreja, em um dia monótono de novembro, quando o gemido de um vento

assustador ressoou ao redor da torre, e Pat sentia-se triste sem qualquer motivo racional além do fato de que estava contente em se sentir assim. Não estava se sentindo triste quando saíra de Silver Bush, pois usava o novo chapéu escarlate, sob o qual os olhos âmbar brilhavam como gemas. A pele, que parecia amarelada com os cabelos avermelhados, agora era alva, com o castanho-escuro. Os lábios eram tão vermelhos quanto o chapéu.

– Ora, ora, vejam só essa minina! – exclamou Judy, com admiração. – Nunca vi nada mais chique! Ora, ora, Patsy, querida... – Judy suspirou. – Logo os derriços começam a aparecê.

Pat meneou a cabeça.

– Não quero pretendentes, Judy.

– Ora, ora, tuda garota divia tê alguns derriços, Patsy. Pur certu, é direito dela, como eu disse pra velha Tillie Taylor semana passada, quandu ela cumeçô a falá qui num quiria sabê di derriços. “Ou eles num querem nada, ou querem dimais”, dissí ela, mas o qui ela tava querenu dizê cum isso só o Bom Home Lá di Cima é qui sabe, e talvez até Ele teja confuso.

– De toda forma, não se fala “derriços” hoje em dia, Judy. É ultrapassado. Agora é “namorados”. Você sabe, um amigo especial.

– “Amigo especial”, é? Ora, ora, Patsy, meu tesouro, um dia vucê vai discubri a diferença entre um amigo e alguém ispecial.

Pat e Bets estavam ambas contentes por se sentirem um tanto melancólicas na ida para a igreja. Confessaram que se sentiam velhas. Novembro era um mês monótono demais.

– Ah, Bets, os anos continuarão passando... E mudanças virão... Você vai se casar com alguém e vai embora daqui, para longe de mim. Bets, quando penso nisso, soffro tanto quanto se estivesse morrendo. Bets, simplesmente não conseguiria suportar.

– Nem eu – respondeu Bets, com a voz embargada.

Ambas se sentiam melhor. Como era maravilhoso ser jovem e triste junto.

2

A tristeza de Pat durou até o segundo cântico. Então, tudo mudou em um piscar de olhos.

Ele entrara com alguns outros garotos. Estava parado na direção dela, do outro lado do corredor. Olhava diretamente para ela por cima do livro de cânticos. Olhava com admiração. Era a primeira vez que Pat reparava que um garoto olhava para ela com admiração. Sentiu de repente que era bonita. E, também pela primeira vez, ruborizou e baixou os olhos. Nunca antes houvera um garoto que ela não conseguisse encarar.

Ela sabia o que acontecera com ela... Exatamente o que acontecera anos antes, no concerto do homem cego... E com o mesmo sinal. As pernas estavam tremendo.

Aquilo, contudo, era real.

“Será que ousou olhar para ele?”, pensou ela... E ousou.

O cântico terminara. Eles estavam todos sentados. Ele parecia achar as próprias botas muito interessantes. Pat teve uma boa chance de olhar para ele.

Era bonito. Maravilhosos cabelos encaracolados de um tom castanho-dourado... Traços bem definidos (todos os heróis das histórias tinham traços bem definidos...). Belos olhos castanhos. Pois ele ergueu os olhos bem naquele momento e a fitou outra vez. Mil descargas elétricas se espalharam pelo corpo de Pat.

Ela não ouviu uma única palavra do sermão, nem a leitura, para imensa indignação de Alec Compridão, pois uma de suas regras era a de que todos precisavam saber o texto da leitura na mesa do

almoço aos domingos. Por outro lado, se Pat não conseguia se lembrar da leitura, sempre se lembraria do cântico. *Alegria no mundo* foi o que o coral cantou. Poderia haver algo mais apropriado? Ela não olhou mais na direção dele, mas quando eles saíram da igreja ela passou por ele na varanda e seus olhares se encontraram. Foi bastante apavorante, e Pat estava sem fôlego enquanto descia as escadas.

Tudo mudara. Até novembro tinha seus pontos positivos. As nuvens haviam se dissipado. A trilha do bosque estava pontilhada pela luz suave do sol. Árvores cinza silenciosas por todos os lados ocultavam algum segredo de beleza.

– Você viu Harris Hynes? – perguntou Bets.

– Quem é Harris Hynes? – indagou Pat, sabendo bem de quem se tratava, embora nunca tivesse ouvido aquele nome antes.

– O garoto novo. A família dele comprou a propriedade dos Calder. Ele se sentou bem na nossa direção.

– Ah, aquele garoto? Sim, reparei – respondeu Pat com casualidade.

Ela se sentia muito desleal. Era a primeira vez que escondia algo de Bets.

– Ele seria bem bonito se não fosse por aquele nariz – comentou Bets.

– Nariz? Não vi nada errado com o nariz dele – retrucou Pat um tanto friamente.

– Ah, é torto. É claro que só dá para perceber de lado. Mas ele tem cabelos maravilhosos. Dizem que namora Myra Lockley, de Silverbridge.

Um sentimento horrível de desolação tomou conta de Pat. Alegria no mundo, ora essa! Aonde o sol fora? Novembro era um mês pavoroso.

Mas aquele olhar dele...

3

O convite para a festa de Edna Robinson chegou no dia seguinte. Será que ele estaria lá? Ela não pensou em mais nada por dois dias. Quando chegou a noite de quarta-feira, era uma noite deliciosa, de lua cheia e geada, mas a possível presença de Harris Hynes na festa de Edna cegou Pat para sua beleza. Era uma agonia deliciosa decidir qual dos dois vestidos deveria usar... O vermelho era o mais bonito, mas o azul e prata a deixava mais adulta... Uma peça delicada e esvoaçante de luar e crepúsculo. Ela o colocou... Passou gotinhas de perfume no cabelo e no pescoço... Chegou a emprestar um par de brincos de pérola de Winnie. Era inebriante vestir-se para ele... Ficar pensando se ele repararia em sua roupa. Pela primeira vez na vida, ela transformou o ato de se vestir em um ritual.

Então, Pat desceu para se exhibir para Judy, que fazia carne de salsicha na cozinha. Judy sabia que havia algo no ar no instante em que sentiu o perfume, mas limitou-se a dizer:

– Vucê tá linda, minha quirida.

Será que *e/le* a acharia linda? Essa era a questão. Pat fingiu, contudo, estar interessada apenas na carne de salsicha. Judy não deveria se esquecer de colocar noz-moscada. O pai gostava de noz-moscada. O corpo de Judy tremeu todo com a risada que ela soltou depois que Pat saiu e fechou a porta.

– Num é na carne da salsicha qui essa minina tá pensanu. Ora, ora, eu bem cunheço os sinais.

Como era terrível pensar que ele poderia não estar lá! Como era

excitante olhar para aquele morro escuro diante do pôr do sol, atrás do qual ficava a propriedade dos Calder, que agora pertencia aos Hynes. *E*le morava lá. Se estivesse na festa e ela o encontrasse, o que diria? E se ela falasse demais ou não falasse o suficiente? Será que a família dele, a mãe dele, iria gostar dela? Ela não ouviu uma única palavra do que Sid e Bets disseram. Todavia, quando May Binnie viu pela primeira vez o vestido azul e prata na sala de visitas dos Robinson, disse:

– Essa é aquela nova cor que chamam de “crepúsculo”, não é? Seria uma cor linda para outras pessoas. Mas você não acha que é pálida demais para um azul tão intenso, Pat?

Ela ficou preocupada. Não que se importasse com o que May Binnie pensava... Mas será que *e*le a acharia pálida? Ela pareceu se lembrar de que Myra Lockley tinha pele linda.

Soube o momento em que ele entrou... Seu coração bateu sufocantemente quando ela ouviu seu riso no corredor. Ela nunca o ouvira antes, mas só havia uma pessoa no mundo que podia rir daquele jeito. Foi maravilhoso vê-lo entrar na sala com os outros garotos... Com eles, mas não parte deles... Diferenciado... Um deus grego jovem.

Ah, foi um baque e tanto para Pat.

Ela dançava com Paul Robinson quando Harris interrompeu. Então, estava dançando com ele. Era um milagre. Eles nem sequer tinham sido apresentados. Por outro lado, não precisavam de apresentação. Eles se conheciam... Já se conheciam havia tempos. Parecia que dançavam em silêncio havia uma eternidade. Então...

– Não vai olhar para mim, garota-maravilha? – perguntou ele com delicadeza.

Pat ergueu o rosto e o encarou. Depois daquilo, não havia mais volta. Mas ela não era Pat Gardiner a troco de nada. O treinamento

de Judy a ajudou a se manter firme. Ela o fitou com olhos zombeteiros... Desafiadores. Ele não saberia... Ainda não. Agora que *ela* sabia o que os olhos *dele* estavam dizendo. Conhecimento *era* poder.

– Então você é Patricia? – disse ele. A maneira como pronunciou seu nome era encantadora. Nunca, pelo tom de voz dele, houvera outro nome mais bonito. – Você tem pensado em mim?

– Ora, por que eu deveria estar pensando em você? – respondeu Pat airosamente.

Ninguém teria sonhado que ela não pensava em mais nada. Ninguém teria sonhado que ela estava eufórica com aquela prova de que aquele domingo significara para ele o que significara para ela.

– De fato, não sei por quê – concordou ele, suspirando de maneira dramática. – Só sei que quero que seja muito, muito boazinha comigo.

Ele a levou para casa aquela noite. Sid e Bets desapareceram no cristal azul da noite, e eles caminharam sozinhos. Caminhar com Harris pelos morros, com o bosque escuro ao fundo, o céu estrelado acima e as bétulas geladas ladeando as cercas dos campos era algo para nunca ser esquecido. Pat receava que tudo que dissesse fosse estúpido. Mas Harris parecia não achar. Não que ela tenha falado muito. Harris era bastante falador. Ela ouviu incansavelmente enquanto ele descrevia sua viagem recente de avião. Ele queria ser piloto. Nada de uma carreira monótona.

– Que festa mais sem graça – comentou Winnie, bocejando, enquanto se deitava. Frank não fora.

Para Pat, em contrapartida, fora cataclísmica. Ela segurou carinhosamente o belo vestido diante do rosto antes de pendurá-lo. *Ele* gostara. Ela guardaria aquele vestido para sempre. Judy jamais

poderia pegá-lo para seus tapetes. Ela pôs na caixinha de tesouros o guardanapo de papel de florzinhas que *e/e* colocara sobre o joelho dela durante o jantar, alisando-o e dobrando-o com dedos reverentes. Pat ficou acordada até a luz pálida do amanhecer entrar pela janela, lembrando tudo o que ele dissera e repetindo para si mesma. Estava preocupada porque receava ter sido rígida demais. Talvez ele não entendesse. Judy sempre dizia era preciso bancar a difícil, que eles se divertiam com aquilo... Por outro lado, Judy era antiquada. Quando Pat acordou e percebeu o sol inundando toda a cama, perguntou-se como alguém podia ser infeliz neste mundo. Ela jamais poderia se sentir triste de novo.

Ela passou o dia todo perdida em um sonho, assombrada pelos ecos fantasmagóricos dos violinos... Da voz *dele*... E dos versos de poesia romântica que iam e vinham como lindas aparições em sua memória. *Ler o significado da vida nos olhos do outro*. Bets tinha um poema com esse verso na caixinha de tesouros *dela*, e Pat costumava achar tolo. Ah, *assim* era a vida. Agora, compreendia o significado.

– Mi deixa vê a tua língua – disse Judy ansiosamente aquela noite.
– Tô achanu qui vucê tá resfrianu dipois daquela festa. Ou é isso, ou... É um derriço, Patsy, quirida? Vucê cuntaria pra velha Judy si fosse um derriço?

– Judy, não seja ridícula.

Não importava quanto se esforçasse, Pat não conseguia esconder segredos de sua família. Logo todos sabiam que Pat “estava interessada” em Harris Hynes e se divertiram muito à sua custa. Ninguém, para indignação de Pat, levou a situação muito a sério... Exceto Judy e Bets. Ela contou tudo a Bets na primeira noite que passou na Casa Comprida. Volta e meia, ela e Bets *precisavam* dormir juntas para conversar sobre as coisas. Bets sentiu-se

bastante empolgada por ser a confidente de um caso de amor de verdade. Ficou quase tão eufórica quanto Pat.



Equilibrados como eu e você

1

Para Pat, a vida tornara-se um contentamento contínuo. As curvas da estrada mais monótona eram intrigantes porque ela podia encontrar Harris Hynes nelas. O sermão mais prosaico do bom e velho senhor Paxton tornava-se eloquente quando seus olhos trocavam mensagens com Harris, do outro lado do corredor. Ela corava escandalosamente quando ele entrava em um lugar sem que ela esperasse, ou lhe entregava um livro da biblioteca da Escola Dominical, ou segurava a porta aberta para ela passar. Ele era tão cortês!

Ela marcou, no calendário da caixinha de tesouros, a data em que ele a chamara de “querida” pela primeira vez. Ele lhe dera aquele calendário... Um calendário no formato de uma rosa cor-de-rosa, com frases escritas em dourado nas pétalas que compunham os meses.

– Para marcar seus dias felizes – dissera ele.

– Medonhamente sentimental – comentara Winnie.

Judy, no entanto, ficava arrebatada.

– Gostu di garotos sentimentais, Patsy. A maioria pareci sê austera

dimais hoje em dia.

Pat teve um de seus momentos de êxtase quando ele lhe disse que passara metade da noite observando a luz de sua janela. (Era, na verdade, a janela de Judy, mas nem Harris nem Pat sabiam disso.) Foi uma alegria descobrir que ele gostava de gatos e que não ficou nem um pouquinho irritado quando Bravo-e-Feroz se esfregou em suas calças novas, enchendo-as de pelos. Decerto, ele devia ter um temperamento angelical! Pat não ficaria surpresa se descobrisse que tinha asas debaixo daquele casaco azul-marinho.

Houve, também, o deleite dos deleites de ir ao cinema de Silverbridge com ele. Uma sala aberta no velho e decadente salão comunitário em Silverbridge que exibia filmes nas noites de quarta e sábado. Judy fora persuadida a ir uma única vez, mas nunca mais. Disse que era entristecedor demais. Pat tinha certeza de que jamais se esqueceria da primeira vez em que Harris a levou lá.

– Alguém já lhe disse como você é linda? – sussurrou ele enquanto a ajudava a colocar o casaco na cozinha de Silver Bush.

– Muitas pessoas – respondeu Pat, rindo falsamente, com um brilho travesso nos olhos.

(– Ora, ora, é assim qui si devi falá cum ele – disse Judy, eufórica, para si mesma, na despensa. – Vucê vai vê qui as mininas di Silver Bush num são tão fáceis assim, *senhor* Hynes.)

Pat se sentia tão cintilante quanto a noite. Eles foram até Silverbridge por um atalho no morro, passando pela Casa Comprida e descendo os campos até o rio. A magia branca do inverno os rodeava, e seu braço estava aninhado confortavelmente na curva do cotovelo de Harris. Sid e Bets caminhavam pouco adiante deles. Sid estava de fato muito interessado em Bets, para imensa satisfação de Pat.

– Eu não poderia sonhar com qualquer coisa mais perfeita – dissera ela a Judy.

– Ora, ora, Bets vai tê uma dúzia di outros derriços antis di si acomodá... Assim como vucê – respondera Judy.

Pat ficara revoltadíssima. Bem, gente velha não entendia de nada mesmo.

– Quem será que foi a primeira pessoa a achar a lua nova bonita? – disse Pat sonhadoramente.

– Não tenho olhos para a lua esta noite – respondeu Harry com expressividade.

Pat sentiu um leve arrepio. A intenção do comentário de Harris era elogiosa... Mas a lua magrinha que pairava sobre os abetos nevados, que eram como mãos prateadas, estava tão linda que Pat queria que Harris compartilhasse com ela daquela beleza. Hilary teria compartilhado. Então, Pat ficou horrorizada com esse pensamento.

Ela se esqueceu da deslealdade momentânea no cinema. Era *tão* maravilhoso...

Pat teria “gastado” aquela palavra até não poder mais, se não a tivesse substituído vez ou outra por “estupendo”. Havia dezenas de pessoas ao redor deles, mas eles estavam sozinhos na escuridão perfumada. Em determinado momento, Harris pegou sua mão e a segurou. Quando ela tentou se desvencilhar...

– Diga “por favor” – sussurrou Harris.

Pat não disse.

A única mosca na sopa foi a beleza das atrizes na tela. Será que elas espirravam... Tinham resfriados... Engasgavam ao engolir algo errado? Como qualquer garoto poderia ficar sentado ali, olhando para elas a noite toda, e então enxergar *qualquer coisa* em garotas ordinárias, corriqueiras? Foi quase pior que no último domingo, na

igreja, quando Myra Lockley estava presente, tendo sido convidada por Dell Robinson. Pat não conseguia tirar os olhos da pele deslumbrante de Myra... Toda ela era deslumbrante. Pat tinha certeza de que Myra passara o culto todo olhando para o casaco azul-marinho de Harris, que decidira, naquele dia, se sentar com a família no banco da frente. Ela tentou questionar Harris em relação a Myra na noite seguinte, quando eles foram patinar na lagoa iluminada pelo luar. Harris apenas rira e dissera:

– *Era uma vez* uma Myra.

Em um primeiro momento, Pat ficou satisfeita. Então, perguntou-se se chegaria um dia em que ele diria: “Era uma vez uma Patricia”.

2

A primeira carta de amor de Pat foi outra coisa “maravilhosa”. Harris fora visitar um amigo na cidade, e Pat jamais esperava que fosse escrever. Mas ele escreveu. Ela encontrou a carta atrás do relógio de Judy, quando chegou em casa da escola.

– Pur certu, iscondi ali pra qui aquele inxirido do Siddy num vissi
– sussurrou Judy.

Pat, então, teve de encontrar um local para poder ler a mensagem sagrada. Naquele momento, havia alguém em todos os cômodos da casa, até mesmo no quarto do Poeta, porque tia Helen estava visitando Silver Bush. Ler na cozinha, onde Judy estava temperando uns frangos gordos, era impensável.

Pat teve uma inspiração. Colocou os sapatos de neve e saiu por Silver Bush, atravessando o campo do morro e entrando no bosque. Logo se encontrava no Campo Secreto, coberto por uma camada intransponível de neve azul-cristal, onde a Rainha do Bosque e a Princesa das Samambaias não passavam de brotos magricelos. O

lugar perfeito para cartas de amor. Sentada em um tronco cinza debaixo dos bordos, Pat leu a carta. *Pequena rainha...* Ela sempre se perguntara, desde que ela e Bets tinham lido os poemas de Ella Wheeler Wilcox juntas, se alguém a chamaria de “pequena rainha”. *Consigo ver você neste exato momento, maravilhosa Patricia... Gostaria de poder escrever para você com uma rosa, em vez de uma caneta...* E assinou como seu *irreversivelmente Harris J. Hynes*.

O que aquele “J” significava? Ele se recusava a contar a qualquer pessoa. Mas lhe dissera “Um dia, contarei a você”, em um tom que implicava que aquele seria um lindo segredo que afetaria toda a vida deles.

– Ora, ora, e quantos beijos ele mandô na tua missiva di amor? – quis saber Judy, quando Pat chegou em casa com as bochechas ruborizadas por algo mais que sua caminhada na noite gelada. Não havia por que se zangar com Judy.

– Hoje, não se fala mais “missiva de amor”, Judy – disse Pat serenamente. – Chama-se “bilhete romântico”.

– Imagino qui chamem mesmo. Quantu mais feio, milhó, nos dias di hoje. Tem algo di muito românticu na palavra “missiva”. Agora, Patsy, quirida, iscrevi di volta pra ele, mas num si isqueci di qui as palavras iscritas são duradouras.

Pat perdera sua caneta-tinteiro, e o frasco de tinta da família estava seco, então procurou seu lápis mais bonito para responder, um que Sid lhe dera de aniversário, todo dourado e azul, com uma borla grande de seda alaranjada. Judy não precisava ter se preocupado com o que Pat responderia. Sua carta foi tão repleta de escárnios sutis que o devotado Harris ficou mais “irreversivelmente dela” que nunca.

Depois de ter escrito a carta, ela enrolou o lápis em um lenço de

papel e o colocou na caixinha de tesouros, jurando solenemente que ele nunca mais deveria ser usado para escrever qualquer outra coisa... A menos que fosse outra carta para Harris. Ela ficou deitada por horas, com a carta de Harris debaixo do travesseiro... Não queria desperdiçar aquela noite feliz dormindo.

– Mas o qui o Jingle tá pensanu disso tudo? – perguntou Judy, certo dia, sorrateira.

Pat se encolheu. A atitude de Hilary estava sendo um espinho na pele de Pat durante todo o inverno. Ela sabia que ele odiava Harris porque ficava sempre sorumbaticamente calado quando Harris estava por perto. Certa noite, quando Harris se gabava um pouquinho de façanhas de vários dos parentes notáveis (Judy teria dito que todos os Hynes eram de se gabar), Hilary comentara com acidez:

– Mas o que você vai fazer?

Harry se comportara bem. Apenas erguera o topete e rira delicadamente de Hilary, e, quando Hilary deu as costas, Harris sussurrou para Pat:

– Vou conquistar a garota mais maravilhosa da Ilha do Príncipe Edward... Algo que nenhum outro Hynes jamais conseguiu.

Mesmo assim, Pat detestava sentir o afastamento frio entre ela e Hilary. Eles nunca mais iam a Felicidade. É claro que, de toda forma, quase nunca iam lá no inverno, e Hilary estava estudando muito, de modo que tinha poucas tardes livres para passar na cozinha de Judy. Harris, é claro, jamais passava as tardes na cozinha. Ficava entretido no Salão Pequeno, onde deveria ajudar Pat com as lições de francês e latim. Às vezes, contudo, Pat achava que seria muito mais divertido na cozinha. Houve vezes em que, depois de terem esgotado o francês e o latim, ela não tinha mais muito o que dizer. Isso, no entanto, não era muito problemático.

Harris falava pelos dois.

Entretanto, quando a linda faia acobreada no topo do morro desabou, em março, após um vendaval, foi Hilary quem entendeu sua dor e a confortou. Harris apenas não conseguia entender. Para que tanto alvoroço por causa de uma árvore? Ele riu delicadamente dela como se ri de uma criança irracional.

– Esqueça isso, Pat. Não existem inúmeras outras árvores no mundo?

– Inúmeras pessoas continuam existindo no mundo quando alguém morre, mas isso não remedia a dor daqueles que amavam essa pessoa – retrucou Hilary.

Harris riu. Sempre ria quando Hilary dizia qualquer coisa. “O construtor de casas lunático”, era como o chamava... Embora nunca na frente de Pat. Naquele exato momento, Pat se pegou pensando que os olhos de Harris eram castanhos e brilhantes *demais*. Estranho como nunca reparara antes. Mas Hilary entendia. O querido Hilary. Uma onda de afeição por ele pareceu inundar todo o corpo de Pat. Mesmo quando diminuiu, pareceu ter levado embora algo que estava ali antes. Ela foi ao cinema com Harris aquela noite, mas foi um pouco... Sem graça. E Harris era mesmo possessivo demais. Levara o trenó do irmão e estava absurdamente solícito ao envolvê-la com a manta.

– Ainda não estou tão velha assim – disse Pat.

Harris riu.

– Então não tem problema se ficar pinicando.

Por que ele nunca conseguia levar nada a sério?

Quando ele a ajudou a sair diante do portão, Pat olhou para Silver Bush. A casa parecia fitá-la com olhar repreensivo. Ela percebeu que passara mais tempo pensando em Harris Hynes que na amada Silver Bush aquele inverno. Pat ficou de repente arrependida.

– Você nunca vai me beijar, Pat? – sussurrou Harris.

– Talvez... Quando você crescer – respondeu Pat... Rindo também.

Harris foi embora furioso, mas Pat dormiu feito uma pedra, a despeito do primeiro desentendimento. Harris passou uma semana sem aparecer em Silver Bush, e Sid e Winnie a atormentaram sem piedade por causa daquilo. Pat não estava preocupada, embora Judy pensasse que ela poderia estar.

– Os garotos são assim mesmo de vez em quando, Patsy. Eles têm umas ideias estranhas. Ele vai recobrar a consciência cedo ou tardi.

– Não tenho dúvidas – respondeu Pat, dando de ombros. – Enquanto isso, vou me dedicar de verdade aos estudos.

3

Harris retornou e tudo voltou a ser como antes. Ou será que não? Aonde fora o glamour? Pat sentia-se um tanto enojada consigo mesma... E com Harris... E com o mundo, em geral. Então, Harris foi trabalhar na loja do senhor Taylor em Silverbridge! Não havia motivo para que um atendente de mercearia não pudesse ser tão romântico quanto qualquer outra pessoa, mas parecia uma decaída terrível após toda aquela conversa sobre ser piloto! Parecia, para Pat, que ele era um estranho.

“O senhor H. Jemuel Hynes assumiu uma função com o senhor Taylor de Silverbridge”, dizia um dos jornais locais no dia seguinte, talvez encabeçado por algum inimigo dos Hynes.

– Jemuel! Então é isso que o “J” significa. Não é de admirar que ele não quisesse contar – comentou Pat, rindo, enquanto Judy lia para ela.

Judy falava sozinha enquanto sovava o pão aquela noite, em uma

cozinha silenciosa, pois todos tinham saído, exceto Pat, que estudava no Salão Pequeno.

– Pur certu, si ela tá rinu dele, o fim tá perto. Num sei pur que sinti vergonha di um belo nome bíblico como esse. Bem, foi uma bela duma ixperiência pra ela. Ela vai sabê como lidá milhó cum o próximo.

Houve um último lampejo de romance na noite em que ela e Harris desceram o morro juntos após uma festa na casa de Bets. Harris fora muito gentil aquela noite, e ele de fato seria muito bonito se seu nariz não tivesse aquela “curvatura” pavorosa. Os cabelos dele *eram* maravilhosos, e ele dançava maravilhosamente bem. E a noite estava maravilhosa. Afinal, não havia sentido, como Judy dissera, em esperar muito de qualquer garoto. Todos eles tinham seus defeitinhos.

– Está frio... Vamos logo – disse ela impaciente.

Se Judy tivesse ouvido isso, teria sabido que o fim estava ainda mais perto.

Eles caminharam pela Whispering Lane, e Harris parou no portão do jardim e a puxou para perto dele. Pat olhava para o jardim, todo neve e brilho sob o luar. Como era lindo, com seus segredos ocultos!

– Veja, Harris – disse ela... E sua voz desatou em um poema que ela adorava:

*Tão branca é a geada que cobre o narciso,
Tão calado, tão alvo é o meu jardim,
Certamente, os campos do Paraíso
Não são tão belos assim.
Estradas peroladas, portões dourados,
Contêm, de fato, mais paz latente
Do que esse deleite branco puro e gelado,*

Sob o âmbar do sol poente?

– Não vamos falar sobre o tempo – disse Harris. – Quero que você só pense em mim.

A luz se esvaiu do rosto de Pat como se alguém tivesse assoprado sua chama.

– Hilary teria adorado.

Não era sua intenção dizer aquilo em voz alta... Mas pareceu sair por conta própria.

Harris riu. Harris decerto tinha o péssimo hábito de rir na hora errada.

– Aquele maricas! Suponho que fosse *mesmo* romantizar jardins e árvores.

Algo estalou no cérebro de Pat.

– Ele não é maricas – gritou ela. – Imagine só, *você chamando-o de maricas... Com esses cachinhos todos e esses olhos grandes e melosos*

– complementou ela, mas em pensamento.

Harris tensionou o braço.

– Só pode ser – respondeu ele, fatalmente.

Pat se afastou e removeu o braço dele.

– Não quero mais vê-lo, Harris Jemuel Hynes – declarou ela em alto e bom tom.

Harris, enfim, percebeu que ela falava sério.

– Você é tão inconstante quanto a brisa – foram as amarguradas palavras de despedida dele.

Pat não estava preocupada com sua inconstância, mas ficou bastante preocupada com a convicção de que Harris estivesse contando demais com a vitória desde o início. Ele era alguém que a horrorosa May Binnie diria, horrorosamente, que “não perde tempo”. E ela, Pat Gardiner de Silver Bush, caíra.

Judy, às vezes, usava uma expressão terrível sobre certas garotas... “Um pouco dispostas demais”.

– Será que fui disposta demais? – perguntou Pat a si mesma.

Quando se tornou conhecimento geral que o relacionamento de Pat com Harris Hynes chegara ao fim, ela ficou bastante atormentada. Bets foi muito doce, compreensiva e acalentadora, mas Pat não se sentiu totalmente tranquila até discutir o assunto com Judy.

– Ah, Judy, foi muito excitante enquanto durou. Mas não durou.

– Ora, ora, querida, eu sempri achei qui num ia dá em nada. Vucê é jovem demais pra um relacionamento sério. Ele foi como uma aventura pra vucê. Eu num quiria criticá o mininu porque vucê gostava dele, Pat, mas ele é um tanto dispreocupado e solto demais, num é? Gosto mais dos tímidos, qui num tomam liberdades já num sigundo incontro. E ele ficava parado cum as pernas afastadas demais, nada elegante. Mas vucê já reparou em como o Jingle si porta? Como um soldado. Tá mesmo bem differenti desde qui passou a si visti milhó e a cortá o cabelo im Silverbridge, sem contá os óculos novos.

Era estranho, porém bastante satisfatório se sentir feliz outra vez, sem euforias, arrepios e quase desmaios.

– Sid e Hilary são melhores que todos os derriços do mundo, Judy. Nunca mais vou me apaixonar.

– Não até a próxima vez, di toda forma, Patsy.

– Não haverá próxima vez.

– Ora, ora, é muito mais confortável num está apaixonada, concordo. Vucê vai querê guardá aquele vistido azul por mais muito tempo, querida? Já tá curto nos braços e é exatamenti o tom di azul qui prciso pro meu tapeti.

– Ah, pode ficar com ele – respondeu Pat com indiferença.

Ela queimou a carta com a mesma indiferença. Anos depois, no entanto, quando encontrou o lápis enrolado em um lenço de papel em uma velha caixa no ático, suspirou e sorriu.

Hilary apareceu com um buquê enorme de flores brancas para ela, e eles foram caminhando até Felicidade.

– Pur certu, o mininu Jingle deve tá filiz qui só nesta noiti abençuada – comentou Judy, rindo.

“A amizade é muito mais satisfatória que o amor”, refletiu Pat antes de ir para a cama.



Magia de abril

1

Em uma noite escura e molhada do início da primavera, quando um mundo antigo e maltrapilho tentava lavar a imundície do inverno de seu rosto antes de abril chegar, uma música animada tocava em meio às bétulas, e Pat ficou prestando atenção nela enquanto conversava com Judy na cozinha. A mãe estava cansada e fora cedo para a cama. De alguma forma, todos em Silver Bush, sem trocarem uma única palavra sobre o assunto, passaram a se preocupar mais com a mãe.

Naninha cantava sozinha no Salão Pequeno... Tinha uma voz linda, refletiu Pat, cheia de afeto. Judy batia a massa de pão com Cavalheiro Tom de um lado e Bravo-e-Feroz do outro. Snicklefritz estava encolhido perto do fogão, roncando. Estava ficando velho, embora ninguém admitisse.

Então... Ouviram-se passos na viela de pedras. O pai ou Sid vindo do celeiro, pensou Pat. Mas Snicklefritz era mais esperto. Em um instante, acordou e saiu correndo pela porta em um frenesi de latidos.

– Mas o qui foi qui deu nesse cachorro? – exclamou Judy. – Pur certu, já fazia semanas qui ele num se importava cum qualqué coisa

istranha... E tive um sonho muito isquisito ontem à noite... Minha nossa, será qui ainda tô sonhanu?

A porta encontrava-se aberta, e um homem bronzeado estava parado ali... E Snicklefritz estava sem palavras, de tanta euforia... E Pat se jogara nos braços dele, embora ele estivesse molhado. Sid e o pai vinham correndo do celeiro... E a mãe, que fora desobediente e ainda não estava na cama, no fim das contas, descia as escadas com pressa... E Bravo-e-Feroz estava arrepiado e cuspiendo com todo aquele alvoroço por causa de um estranho. E todos estavam um pouco enlouquecidos, pois Joe estava em casa... Joe, tão mudado, mas ainda o mesmo Joe... Abraçando a mãe, as meninas e Judy, rindo do comportamento de Bravo-e-Feroz e fingindo estar zangado porque os gatinhos da tela de Judy não tinham crescido, afinal.

Eles tiveram duas semanas de felicidade em Silver Bush. Snicklefritz simplesmente se recusava a sair um minuto sequer do lado de Joe e insistia em dormir em sua cama à noite. E todas as noites Judy entrava de fininho no quarto para ver se Joe estava aquecido e pedir ao Bom Homem Lá de Cima que o abençoasse, como fazia quando ele era criança.

Ele tinha histórias para contar de terras distantes e rostos exóticos, e todos estavam felizes. Pat estava feliz *demaís*, pensava Judy, meneando a cabeça várias vezes, sabiamente.

– Os Velhos Deuses num dão presentis assim, di graça, como minha vó costumava dizê. Não, não, é prciso pagá.

Então Joe foi embora de novo. E, dessa vez, aqueles que ficaram sabiam que Joe nunca mais pertenceria a Silver Bush. Viria para casa para visitar de vez em quando... Com intervalos cada vez mais longos entre as visitas... Seu caminho estava no mar, e seu destino, nos grandes mares. Para Pat, a percepção de que Joe era um

estranho foi amarga. A vida em Silver Bush retomou o curso após a partida dele, sem estardalhaço nenhum.

– Judy, parece um tanto terrível. Fiquei tão devastada quando Joe foi embora na primeira vez... Tinha certeza de que não poderia viver sem ele. E agora... Eu o amo tanto quanto sempre amei... E foi estranho e solitário sem ele por aqui por alguns dias... Mas agora é como se ele sempre tivesse vivido longe. Se... Se ele *quisesse* ficar em casa... Não parece que de fato havia um lugar para ele aqui. O antigo lar dele parece tê-lo superado. E *isso* me magoa, Judy.

– A vida é assim, Patsy, querida. As pissoas vêm e vão. Mas tem, sim, um coraçõzinho qui num cunseguí incontrá alento. Olha nos olhinhos du pobre Snicklefritz. Ele tá velhinho dimais pra intendê outra partida dessas.

Judy tinha razão. Na manhã seguinte, Snicklefritz foi encontrado na cama de Joe, com a cabeça no travesseiro dele. E só acordava para chorar. Pat, Sid, Hilary, Bets e Naninha o enterraram em um cantinho do velho cemitério.

– Achava que você gostasse mais de gatos que de cachorros, Judy – disse Naninha.

– E gostu mesmo, mas gato nenhum merece sê interrado neste cimitério – foi a explicação de Judy.

Naninha orou aquela noite para que Snicklefritz não se sentisse só. Pat sabia que ele não se sentiria. Ele dormia com sua família. O que mais um cachorro poderia pedir? E, talvez, nas noites em que Dick, o Aventureiro cantava e Willy, o Chorão chorava, o fantasma de um cachorrinho alegre saísse do túmulo para latir.

2

Pat e Bets estavam paradas perto do portãozinho verde, no topo

da trilha do morro, fazendo planos. Estavam cheias de planos aquela primavera... Planos para o verão... Planos para a faculdade, quando chegasse o outono... Planos para a vida futura. Acampariam por uma semana naquele verão... Morariam juntas na Universidade de Queen's... E, em alguns anos, fariam uma viagem para a Europa. Vinham planejando viagens imaginárias durante todos aqueles anos de amizade, mas essa seria real... Um dia.

– Não é divertido fazer planos? – comentava Pat alegremente.

Elas haviam passado a tarde juntas na Casa Comprida. Era uma casa que convidava a entrar... Uma casa, Pat com frequência pensava, que sempre dizia: “Estou muito feliz por você ter vindo”. Portas abertas... Gerânios nas janelas... Degraus largos, baixos e desgastados na varanda. Dentro, para amenizar o frio do início da primavera, lareiras acesas. Elas leram poesia, saboreando juntas o deleite da beleza encontrada na combinação de palavras; discutiram seus infortúnios. A mãe de Bets não permitia que ela usasse pijama, insistindo em camisolas. E Bets desejava muito um pijama amarelo lindo, igual ao de Sara Robinson. Tão moderno. Elas riram muito, saltitando com seus gracejos tal qual filhotes de gato brincalhões. E, ao final, Bets acompanhou Pat até o portãozinho verde, e elas ficaram ali, conversando por mais uma hora. Simplesmente não esgotavam o papo. E, de toda forma, Pat iria para Bay Shore no dia seguinte, para uma visita, e havia muitas coisas a dizer. Era, elas concordaram, trágico que ficassem afastadas por tanto tempo.

Era a primeira noite agradável daquela primavera tardia e gelada. Além dos vales, o mar era de um tom prateado, exceto pela parte que tocava o horizonte, onde havia uma longa linha dourada cintilante. Bem, bem ao longe, um sino ressoava... Algum sino da perdida Atlântida, talvez. Um crepúsculo verde e místico ocultava os campos áridos e feios. O fogo fraco e encantado de uma estrela

brilhava sobre os abetos atrás delas. Lá embaixo, tio Tom queimava gravetos. Havia algo mais fascinante que uma fogueira ao ar livre sob a escuridão da noite? E, em algum lugar além daqueles céus frios, estavam a verdadeira primavera dos botões de flores e o verão das rosas. Elas olharam para o mundo com aquela velha euforia dos morros que o habitante do vale desconhece. Ah, a vida era linda quando estavam juntas!

– Será que não podemos colocar nossa barraca lá no Campo Secreto para passarmos a noite ao ar livre? – sugeriu Bets.

Bets agora sabia sobre o Campo Secreto. Sid contara a ela, e Pat ficara contente. Ela não teria contado, por causa do pacto com Sid, mas detestava que Bets ficasse alheia a qualquer um de seus segredos.

– Pense só – disse Pat em um suspiro. – Dormir lá... Com o bosque à nossa volta... E as bétulas brancas sob o luar... Precisamos arranjar uma lua, é claro. Bets, você consegue *imaginar*?

Bets conseguia. Seu rosto de botão de cerejeira, envolto em um cachecol escarlate, refletia o entusiasmo de Pat. Aquele cachecol ficava bem em Bets, pensou Pat. Na realidade, tudo ficava. Suas roupas sempre pareciam amá-la. Ela conseguia usar o vestido mais simples como se fosse uma rainha. Era tão bonita... Entretanto, todos pensavam mais na doçura que na beleza do rosto dela.

– Sid disse que morreríamos de medo lá – comentou ela. – Mas não será assim. Nem mesmo se os duendes malvados dos morros, dos quais Judy fala, vierem até nossa barraca e espiarem lá dentro.

De repente, a noite selou os lábios das duas garotas. Algo extraordinário... Algo fantástico estava por perto. Os abetos do morro diante do pôr do sol se tornaram de repente uma companhia de velhos sábios. Pareciam prestar atenção em algo. Então,

tremiam com seus risos desdenhosos. Os arbustos próximos sibilaram como se um fauno tivesse passado entre eles. Pat e Bets se abraçaram instintivamente. Naquele momento, elas próprias tinham coração élfico, tal como as sombras e os silêncios. Elas podiam ter se ajoelhado na terra e beijado o chão por puro contentamento.

Será que durou um instante ou um século? Jamais saberiam dizer. Uma luz piscando na cozinha de Silver Bush trouxe Pat de volta à realidade.

– Preciso ir. Sid vai me levar a Bay Shore quando terminar seus afazeres.

– Diga um “oi” a todos por mim – disse Bets suavemente.

– Gostaria que viesse comigo. Nada tem o mesmo sabor sem você, Bets.

Pat inclinou-se sobre o portão e deu um beijo na bochecha fria de Bets. A vida as tocara com tanta delicadeza que a despedida ainda era um “doce lamento”.

Pat desceu a trilha saltitando, dando as costas, embora não soubesse, para os anos de felicidade límpida.

Um bando de gansos voando na noite de abril... Um gato cinza saltando nas samambaias na Whispering Lane... Sombras de lamparinas no quintal do celeiro... Uma garota embriagada com o vinho doce e inebriante da primavera.

– Ah, Judy, a vida é tão linda... E a primavera é tão linda. Judy, como se pode evitar dançar por aí?

– Dançá, é? – Judy sentou-se com um grunhido. Estava cansada e não gostava daquilo, pois significava que estava ficando velha. Judy tinha apenas um temor na vida... Ficar velha demais a ponto de não ser mais útil para Silver Bush. – Quandu si chega na minha idade, Patsy, quirida, num si cunseguí dançá cum tanta facilidadi mais. Mas

dança inquanto vucê pode... Ora, ora, dança inquanto vucê pode. E
corta um pouco di lenha.



É preciso padecer

1

Pat deveria ficar duas semanas na fazenda de Bay Shore. Ela não se importava muito... Aprendera a lidar bem com as tias, e elas achavam que Pat “melhorara muito”. Havia bastante do sangue Selby nela, afinal. A tia-bisavó falecera um ano antes, mas nada além disso mudara em Bay Shore. Pat gostava disso... Dava a ela a sensação gostosa de ter passado a perna no tempo.

Ao fim de uma semana, contudo, Alec Compridão foi buscá-la. E sua expressão...

– Pai, aconteceu alguma coisa? A mãe...

Não, não era sua mãe. Era Bets. Bets estava com pneumonia.

Pat sentiu um dedo gelado tocar... Apenas tocar... Seu coração.

– Por que não vieram me buscar antes? – perguntou ela bem baixinho.

– Não achavam que ela corresse sérios riscos até esta noite. Ela pediu que chamasse você. Acho que chegaremos lá a tempo.

Bets em “sérios riscos”... “A tempo...” Aquelas expressões formaram uma confusão sem significado nenhum na cabeça de Pat. O retorno para casa foi um pesadelo. Nada era real. Não podia ser real. Coisas como aquela não aconteciam. Deus não permitiria. É

claro que ela se recuperaria, cedo ou tarde. Enquanto isso... Era preciso permanecer em repouso absoluto. Ela tinha a estranha sensação de que seu coração era uma pedra... Afundando, afundando, afundando... Desde que aquele dedo o tocara.

Eles foram até Silver Bush. Pat subiria a trilha do morro a pé. Era mais rápido, porque a via que levava à Casa Comprida passava pela estrada para Silverbridge. Judy segurou Pat nos braços assim que ela saltou do carro.

– Judy... Bets...

Não, era necessário ficar em silêncio. Não se deveriam fazer perguntas. Não se ousariam.

– Vou até lá com você, Pat.

Era Hilary... Um Hilary pálido, sisudo. Judy... A sábia Judy... Sussurrou para ele:

– Não, deixa a mininha i suzinha, Jingle. Vai sê... Mais delicado.

– Você não acha que ainda há um pouco de esperança, Judy? – perguntou Hilary com a voz embargada.

Judy meneou a cabeça.

– Ricibi o sinal, Jingle. É um pouquinho difícil di intendê. Tudo mundo amava tanto essa minina. Pur certu, os céus devem tá pricisanu rir um pouco.

Pat não sabia se estava sozinha ou não. Correu em desespero pela Whispering Lane, desceu o campo e começou a subir o morro. O Pinheiro Observador observava... *O que ele observava?* Um sol vermelho sinistro, acompanhado de uma nuvem negra, estava se pondo atrás de um morro escuro quando ela chegou ao portão verde.

Ela se virou por um instante... Apenas um instante antes de se precisar... saber. Enquanto não se precisasse *saber*, podia-se viver. O mar negro de um crepúsculo frio e cinzento de abril se estendia

ao longe. Aquele sino distante ainda ecoava. Fazia apenas uma semana que ela e Bets o tinham ouvido e feito planos para o verão. Uma coisa como aquela não podia acontecer em uma semana... Seriam necessários anos e anos. Como ela era tola de sentir... Medo. *Precisava-se* despertar em breve.

May Binnie estava na cozinha da Casa Comprida quando Pat entrou... Sempre se metendo onde não era chamada, refletiu Pat em uma linha de pensamento paralela. Então, o quarto onde ela e Bets dormiam, sussurravam e riam... E Bets deitada na cama, pálida e doce... Sempre doce... Respirando rápido demais. Outros estavam ali... O senhor e a senhora Wilcox... A enfermeira... Mas Pat só viu Bets.

– Minha amada Pat... Estou tão feliz que tenha vindo – sussurrou Bets.

– Querida... Como você está?

– Melhor, Pat... Muito melhor... Só um pouco cansada.

É claro que ela estava melhor. Devia-se saber que estaria.

Por que, então, não se despertava?

Alguém colocara uma cadeira ao lado da cama para Pat se sentar. Bets estendeu a mão gelada... Como emagrecera... E Pat a segurou. A enfermeira se aproximou com um hipodérmico. Bets abriu os olhos.

– Deixe que Pat faça isso, por favor. Deixe que Pat faça tudo por mim agora.

A enfermeira hesitou. Então, outra pessoa... O doutor Bentley... apareceu.

– Não há por que continuar dando hipodérmicos a ela – informou ele. – Ela parou de responder a eles. Deixe-a... Descansar.

Pat ouviu a senhora Wilcox cair em um choro horrível, e o senhor Wilcox a levou para fora do quarto. O médico também saiu. A

enfermeira ajustou a luz. Pat permaneceu parada sem se mover. Não ousava falar... Nenhuma palavra deveria perturbar o descanso de Bets. Bets ficaria melhor se descansasse. Volta e meia, Pat sentia os dedos de Bets apertarem sua mão de leve. Com muita delicadeza, Pat apertava de volta. Em alguns dias, ela e Bets estariam rindo daquilo... No próximo verão, quando estivessem dormindo em sua barraca no Campo Secreto, banhado pelo luar, seria apenas uma história a recordar...

– Minha respiração... Está ficando... Bem curta – comentou Bets.

Ela não voltou a falar. Ao nascer do sol, houve uma pequena mudança no rosto dela... Uma mudança terrível.

– Bets – choramingou Pat suplicantemente.

Bets sempre respondera quando ela chamava antes. Agora, nem ao menos abriu as pesadas pálpebras brancas. Ela estava, contudo, sorrindo.

– Acabou – disse a enfermeira com suavidade.

Pat ouviu alguém... A mãe de Bets... Soltar um gemido angustiado. Foi até a janela e olhou para fora. O céu estava esplêndido a Leste. Lá embaixo, no vale, as bétulas brancas pareciam flutuar na névoa da manhã. Ao longe, o farol do porto se destacava, um dourado esbranquiçado diante do sol nascente. A fumaça se encaracolava sobre os telhados de Swallowfield e Silver Bush.

Pat desejou com desespero poder voltar ao ano anterior. Não havia pesadelos lá.

O quarto ficou pavorosamente silencioso após toda a angústia. Pat queria que alguém fizesse algum barulho. Por que a enfermeira andava na ponta dos pés daquele jeito? Nada poderia perturbar Bets agora... Bets, que estava deitada ali, com a alvorada de um dia eterno no rosto.

Pat foi até ela e a observou com bastante calma. Bets parecia alguém com um segredo lindo. Sempre parecera... Só que agora se sabia que ela nunca o contaria. Pat se lembrava vagamente de um texto que lera havia uma eternidade... No último domingo, na igreja de Bay Shore. *Adentrei as águas profundas, onde as correntezas me inundam.* Quem dera fosse possível despertar!

“Acho que, se conseguisse chorar, minha garganta não doeria tanto”, pensou ela estupidamente.

2

Casa... Aperto na mão silencioso e empático da mãe... Os olhos azuis gentis de Winnie... A ansiedade de Judy.

– Patsy, querida, vucê num tomô café da manhã. Num cunsegui cumê só um pouquinho? Vucê pricisa si mantê forti. Num fica tristi, meu tesouro. Pur certu, mi disseram qui ela morreu sorrinu... Ela si foi numa jornada filiz.

Pat não estava triste. A morte ainda era inacreditável. A família se espantou com sua calma.

– Parte dela ainda num tá acreditanu – apontou Judy com perspicácia.

Os dias ainda eram um sonho. Teve o funeral. Pat subiu devagar até a Casa Comprida pela trilha do morro. Não teria ficado surpresa se visse Bets atravessando o portão verde dançando para encontrá-la. Olhou para a janela que costumava emoldurar o rosto risonho de Bets... Por certo, ela deveria estar lá.

A Casa Comprida estava repleta de pessoas. May Binnie estava lá... May Binnie chorava... May Binnie, que sempre detestara Bets. E a mãe dela tentava reconfortá-la! Isso era *engraçado*. Quem dera Bets pudesse compartilhar seu divertimento com aquela cena.

Mas Bets jazia deitada, sorrindo, com aquela paz branca e doce no rosto descorado e, entre os dedos, um buquê de amentilhos que Hilary colhera no salgueiro de Felicidade. Havia flores por todos os lados. A Escola Dominical enviara uma cruz com os dizeres “Foi para casa”. Pat teria rido daquilo, mas sabia que nunca mais riria de novo. Para casa! *Aquela* era a casa de Bets... A Casa Comprida e o jardim que ela amava e para o qual tinha planos. Bets *não* fora para casa... Apenas partira desacompanhada em uma jornada da qual precisava voltar imediatamente.

May Binnie ficou quase histérica quando o caixão foi fechado. Muitas pessoas acharam Pat Gardiner bastante insensível. Apenas alguns poucos mais atentos pensaram que aquele rosto feroz e rebelde era mais sofredor que muitas lágrimas.

Quem dera ela pudesse ficar sozinha! Em algum lugar onde as pessoas não pudessem olhar para ela. Mas, se uma pessoa insistia em sonhar, precisava ir ao cemitério. Ela foi com tio Tom, porque Sid e Hilary, que ajudariam a levar o caixão, haviam pegado o automóvel. A primavera ainda se recusava a acontecer, e o dia estava deprimente e desolador. Alguns flocos de neve caíam nos campos cinzentos. O mar estava negro e sombrio. A estrada gélida estava dura como ferro. Então, eles chegaram a um pequeno cemitério, em um morro do lado Oeste inundado diversas vezes por centenas de pores do sol, onde havia um morro de argila vermelha e uma cova vazia. Os garotos com quem Bets costumava brincar a carregaram até lá por uma trilha repleta de folhas molhadas de um ano que desaparecera, e Pat ouviu, sem se mover, o som mais pavoroso do mundo... O da terra caindo sobre o caixão de uma pessoa amada.

– Ela está em um lugar melhor, minha querida – dizia a senhora Binnie à chorosa May.

Pat virou-se.

– Você acha que existe lugar melhor que Silver Bush e a fazenda da Casa Comprida? – disse ela. – Eu não acho... E acho que Bets também não achava!

– Que menina horrível – dizia a senhora Binnie toda vez que contava essa história. – Falou como uma verdadeira pagã.

Pat despertou do sonho aquela noite. O sol se pôs. Então, veio a escuridão... E os morros e as árvores se aproximaram... Nenhuma luz na janela de Bets.

Pat jamais acreditara realmente que qualquer pessoa que ela amava poderia morrer. Agora, aprendera a amarga lição de que era possível... De que acontecia mesmo.

– Deixe-me ficar sozinha esta noite, Winnie – pediu ela, e Winnie empaticamente foi para o quarto do Poeta.

Pat tirou a roupa e deitou-se na cama, tremendo. O vento na janela não era mais um amigo... Era algo maligno. Ela estava tão sozinha... Era impossível suportar tamanha solidão. Quem dera conseguisse dormir... Dormir! Mas, então, seria terrível acordar e se lembrar.

Bets estava... Morta. Ela, que amava tudo que era lindo, agora jazia naquela cova fria e úmida no morro, com o capim e as folhas murchas bailando sombriamente ao seu redor. Pat enterrou a cabeça no travesseiro e as tão negadas lágrimas saíram em uma enxurrada.

– Quirida... Quirida... Num fica triste assim.

Judy entrara de mansinho no quarto... A velha Judy, tão amável e carinhosa. Estava ajoelhada ao lado da cama, envolvendo nos braços a garota atormentada.

– Ah, Judy, não sabia que a vida podia machucar dessa forma. Não consigo suportar, Judy.

- Meu coração, todos nós pensamos assim no início.
- Nunca poderei perdoar Deus por tê-la tirado de mim – disse Pat em meio aos soluços torturantes.
- Minha criança, onde já si viu num perduá Deus? – respondeu a horrorizada Judy, que não conhecia o califa Omar. – Mas Ele num vai Si zangá cum vucê.
- A vida está em frangalhos, Judy. E, no entanto, preciso continuar vivendo. Como posso?
- Pur certu, vucê só precisa vivê um dia após o outro, quirida. Sempre si pode vivê só mais um dia.
- Ela era tão querida, Judy... Tínhamos tantos planos... Não posso ir para Queen's sem ela. Ah, Judy, nossa amizade era tão linda. Por que Deus não permitiu que continuasse? Ele não gosta de coisas belas?
- Pur certu, ninguém sabe o qui si passa na cabeça Dele, mas pudemos tê certeza di qui é só coisa boa. Talvez Ele quisesse qui vucês *preservassem* aquela amizadi linda, Patsy, quirida.



Fragrância perdida

1

Quando a morte de Bets completou uma semana, parecia a Pat que ela estava morta havia anos, tamanha a dor. Os dias passavam como fantasmas. Pat saía em caminhadas longas, durante a tarde, pelos morros e campos... Tentando enfrentar seu sofrimento... Observando a beleza da primavera crescente ao redor. Ela apenas *a via...* Não conseguia *senti-la. Onde estava Bets, que costumava caminhar com ela na última primavera?*

Tudo acabara. E tudo precisava começar de novo. Essa era a pior parte. Como se podia começar de novo quando não havia mais vida no coração?

– Gostaria de poder esquecê-la, Judy... Gostaria de poder esquecê-la. Lembrar dói demais – dissera ela, desesperada, certa vez. – Se pudesse tomar o cálice do esquecimento, como naquela sua antiga história, Judy...

– Mas você tumaria, si pudessi, querida? Isquiciria toda a alegria, cum a dor... Toda a diversão e a filicidadadi qui você teve cum a tua amiguinha. Você iria querer *isso?*

Não, ela não iria querer isso. Trazia as boas lembranças no coração. Mas como continuar vivendo...

– Vucê si lembra di um dia, quandu tinha 4 aninhos, Patsy? Vucê foi até a porta, e o céu tava todo nublado cum umas nuvens grossas e iscuras. Vucê ficou murrenu di medu. Correu pra tua mãe, choranu. “Ah, mamãe, pra ondi é qui foi o céu azul? Ah, mamãe!” Vucê num acreditava quandu a gente dizia qui ele ia voltá. Mas, na manhã siguiinti, lá tava ele, sorrinu pra vucê.

Pat ainda não conseguia acreditar que seu céu azul um dia retornaria... Não conseguia acreditar que conseguiria ser feliz de novo. Ora, seria terrível ser feliz sem Bets, mesmo que fosse possível... Seria desleal com ela... Desleal com o amor. Ela se detestou quando precisou admitir que voltou a sentir fome!

Silver Bush era seu único alento. Seu amor pela propriedade parecia ser a única coisa sólida sob os pés. Insensivelmente, extraía reconforto e força dos hectares antigos e pacientes. A primavera passou. Os narcisos, as grinaldas-de-noiva, os corações-sangrentos e as columbinas haviam florescido. Bets amava tanto as columbinas... Deveria estar ali para vê-las. Os amores-perfeitos que elas haviam plantado juntas, porque, por algum motivo misterioso, amores-perfeitos não cresciam no morro, floresceram em Silver Bush, mas nenhuma garota magra desceu o morro para colhê-los no jardim sob o pôr do sol. A grande macieira da Casa Comprida floresceu como florescia havia duas gerações, mas ela e Bets não podiam se sentar no galho mais comprido e ler poesia. Pat não conseguia suportar abrir os livros que lera com Bets... Ver as frases e os parágrafos que tinham marcado. Bets parecia morrer de novo cada vez que ocorria algo que Pat queria compartilhar com ela e não podia.

O verão chegou. A madressilva estava espessa na cerca do cemitério. E pensar que o aroma da madressilva não significava mais nada para Bets... Ou as estrelas delicadas da noite... Ou a lua

nas rosas brancas. A grama cresceu na pequena trilha que subia o morro. Ninguém mais caminhava por ela. Os Wilcox tinham vendido a fazenda da Casa Comprida e se mudado para a cidade... Luzes estranhas se acendiam por lá, mas o quarto de Bets vivia escuro. Os domingos eram terríveis. Ela e Bets sempre passavam a tarde e a noite juntas. Sid se recusava a falar sobre Bets... Ele, com seu jeito masculino secreto, fora fortemente afetado pela morte dela... Mas Hilary falava. “Jamais teria conseguido sobreviver a esse verão se não fosse por Hilary”, pensava Pat.

No entanto, a vida decerto começou a retomar o curso. O espírito imortal da beleza erguia outra vez sua tocha para ela. Pat se odiava por conseguir usufruir de qualquer coisa em um mundo sem Bets.

– Judy, sinto-me como se não devesse me sentir nem um pouquinho feliz. E, contudo, hoje, ao voltar ao Campo Secreto, *fiquei* feliz. Me esqueci de Bets por um tempinho... Então... Ah, Judy... Me *lembrei*. Pareceu triste pensar que *poderia* me esquecer dela. E o Campo Secreto estava, de alguma forma, mudado... Mais lindo que nunca, mas, mesmo assim... Não é mais o mesmo, Judy.

Judy lembrou-se do verso de um antigo poema que ela aprendera em remotos dias de escola... Um poema de um autor esquecido e ultrapassado, que, ainda assim, tinha o dom de tocar o coração.

– *Olhaste para a morte desde que me viste pela última vez* – sussurrou ela para si mesma.

Em voz alta, contudo:

– Você não precisa se preocupar em ficar feliz, querida. Bets ficaria contente com isso.

– Sabe, Judy, no início, doía pensar em Bets... Eu não conseguia suportar. Mas agora... É um alívio. Consigo pensar nela em todos os nossos antigos esconderijos secretos. Esta noite, quando a lua surgiu, pensei: “Ela está parada debaixo do Pinheiro Observador,

esperando por mim”. E foi bom... Por um tempinho... Fingir que ela estava lá mesmo... Mas nunca mais terei outra amiga, Judy... E não teria, mesmo que pudesse. Perder as pessoas dói demais.

– Vucê é muito jovem pra já tê aprendido isso, quirida, mas tudo mundo tem qui aprendê, cedu ou tardi. E quantu a tê outra amiga... Ora, ora, ora, tudo a seu tempo. Eu já cunversei muito cum vucê, Patsy, sobre iscolhê amigos, mas a verdadi é qui a genti num iscolhe amigo nenhum. Eles *surgem* na nossa vida... Ou não. Simples assim. Vucê vai tê os amigos qui a vida determiná, sejam muitos ou poucos, no tempo qui fô pra sê.

O verão passou. Os velhos dias voltaram a ser lindos na lembrança. A raiz da flox perene branca que Bets lhe dera floresceu pela primeira vez. As dalias amarelo-alaranjadas flamejavam na sebe de abetos verdes. O desfile das folhas de outono começou. Bets partira “rumo à escuridão com uma coroa de rosas”... Joe os abandonara... Mas o Morro da Névoa continuava ametista e misterioso nas manhãs de setembro... O Campo Secreto ainda transbordava todo o antigo encanto... Silver Bush, a amada Silver Bush... Ainda era sua, linda e amada. A risada de Pat voltara a ecoar na cozinha de Judy... Mais uma vez, ela trocava gracejos com tio Tom... Mais uma vez, ela passava longas horas com Hilary em Felicidade, conversando sobre planos para a faculdade. O mundo *era* doce mais uma vez.

*No entanto, na sombra da flora
E sob a chuva cinza e aquecida
Pitadas de um luto de outrora
E da dor esquecida!*

Não, jamais “esquecida”. Pat se lembraria para sempre. Ela e Bets tiveram nove anos maravilhosos, e nada poderia roubá-los dela.

Judy estava certa, como sempre. Não se beberia do cálice do esquecimento, se fosse possível.



Exílio

1

Em agosto, quando a lista de aprovados foi divulgada, Hilary a encabeçava, e Pat se encontrava em uma posição bastante respeitável. Então, eles iriam para Queen's em setembro, e Pat pensou que talvez fosse gostar, se conseguisse sobreviver à distância de Silver Bush por dois terços do ano. Sempre nutria uma empatia oculta pela esposa de Ló. Quem poderia realmente culpá-la por se virar e olhar para sua casa? O único alento era que Hilary também estaria em Queen's, e eles iriam para casa todo fim de semana.

– É difícil pensar que uma casa seria tão maravilhosa quanto Silver Bush é em tantos aspectos diferentes, Judy. E os móveis dentro dela não se parecem móveis. São pessoas, Judy. Aquela velha poltrona do bisavô Nehemiah... Quando me sento nela, ela me abraça. Eu sinto. E todas as cadeiras *querem* que nos sentemos nelas.

– Pur certu, e tudo na casa foi amadu, cuidadu e usadu por muitos seres humanos, Patsy. É claru qui são mais du qui merus móveis.

– Acho que sou irremediavelmente vitoriana, Judy. Norma diz que sou. De fato, não quero fazer outra coisa no mundo além de ficar

aqui em Silver Bush, amar e cuidar das coisas e fazer planos para seu futuro. Se ano que vem eu realmente passar nos exames de licenciatura e conseguir uma escola, vou trocar as telhas com o salário do meu primeiro trimestre. Colocarei aquelas telhas vermelhas e verdes, Judy. Pense em como ficarão lindas no inverno diante das bétulas brancas. E precisamos de um novo tapete para o Salão Pequeno. E, ah, Judy, não se esqueça de separar os delfínios em outubro, sim? Isso precisa ser feito este ano... E receio que ninguém se lembrará, sem minha presença aqui.

Houve certo alvoroço em organizar as roupas de Pat... E uma tristeza secreta com a lembrança de como teria sido divertido conversar com Bets sobre tudo aquilo. Pat não pôde comprar muitas coisas... A colheita daquele ano fora fraca. Mas o essencial foi providenciado: tio Tom lhe deu um belo casaco, com gola de pele enorme e macia; tia Barbara, deu um lindo chapeuzinho de veludo marrom, que pendia por cima de um dos olhos; e as tias de Bay Shore lhe deram um vestido de festa. Judy tricou dois pulôveres lindos, e tia Edith teria lhe dado roupas íntimas de seda, não fosse pela questão do pijama. Houve o maior alvoroço em Silver Bush por causa disso. Tia Edith, que achava até mesmo camisolas de seda colorida imorais, declarou que pijamas eram indecentes e descarados. Pat optara por pijamas. Até mesmo Judy os preferia, apenas porque tia Edith os detestava.

– Como seria se você morresse enquanto dorme e encontrasse o Criador vestindo pijamas, Patricia? – dissera tia Edith solenemente.

A mãe de Pat dera o voto de desempate, como muitas vezes fazia, e ela conseguira os pijamas que queria.

Quando chegou o último dia, Pat foi até o Campo Secreto se despedir e, na volta, demorou-se no topo do campo do morro. O outono chegara... O ar estava tomado por sua música muda. A

velha fazenda se estendia diante dela sob a luz dourada da tarde tranquila de setembro. Ela conhecia cada curva e dobra daquele lugar. Todos os campos eram amigos íntimos. A Lagoa brilhava misteriosamente. A janela redonda piscava para ela. As árvores que haviam crescido com ela acenavam. O jardim espumava de cosmos brancos estrelados, com as falanges majestosas dos amarantos ao fundo. Amada Silver Bush! Pat jamais se sentira tão próxima dela... Tão uníssona.

Como os fundos de Silver Bush estavam minguados, Pat precisou se contentar com uma hospedaria bastante barata, que parecia sempre tomada pelo cheiro de comida velha. Era uma casa quadrada e simples, em um terreno sem árvores, em uma rua que só ficava silenciosa por pouco tempo, à noite... Uma rua onde o vento só conseguia penetrar por um espaço estreito, encolhendo-se e restringindo-se, em vez de soprar livre pelos campos abertos e grandes mares de sal. Ao menos, contudo, não era exatamente como as outras casas da rua. Pat sentia que não suportaria viver em uma rua onde as casas fossem todas iguais. E havia um pequeno parque próximo, com algumas árvores.

Quando Pat estava sozinha no quarto aquela noite, com o carpete mostarda, as horrorosas paredes marrons e a arrogância do descarado relógio despertador, a solidão a atingiu como uma onda. Judy despedira-se dela aquela manhã com votos de “muita sorte pra você”, mas, naquele momento, Pat tinha certeza de que não havia sorte nenhuma no mundo para ela longe de Silver Bush.

Ela correu até a janela. Lá embaixo, na rua, o trem do Oeste soltava fumaça e apitava. Quem dera pudesse entrar nele e ir para casa! Bem ao longe, avistava-se o luar sobre morros estranhos.

Ela fechou os olhos e imaginou Silver Bush. A lua estaria brilhando naquele momento no Campo Secreto. Os coelhinhos brancos

estariam sentados nas trilhas no meio das bétulas. Ela ouviu o vento do golfo suspirando nos velhos pinheiros e os bordos sussurrando nos morros de casa. Viu as folhas do álamo-branco caindo em meio ao “escurecer” azul. Pensou nos velhos degraus da porta, ouvindo seus passos... No quarto, que sentia sua falta. Viu Judy na cozinha, tricotando, com Cavalheiro Tom ao lado e Bravo-e-Feroz no colo... Naninha empoleirada reflexivamente em algum lugar, como era seu costume... Como *ela*, Pat, costumava fazer anos antes.

Foi tomada pela saudade de casa... Submersa nela. Jogou-se na caminha dura e chorou.

2

Pat sobreviveu à agonia da saudade de casa. Estava descobrindo que era possível sobreviver a muitas coisas. Eventualmente, passou a ficar com saudade de casa apenas nas noites chuvosas, quando conseguia imaginar a chuva batendo nos degraus da porta dos fundos e escorrendo pelas janelas de uma cozinha repleta de gatos, resistindo ao tempo.

Ela gostava bastante de Queen's. Gostava de todos os professores, exceto de um, que sempre parecia olhar para tudo e todos com tolerância distraída. Ela o imaginava olhando daquele jeito para Silver Bush. Quanto aos estudos, conseguia obter boas médias. O único talento distinto que tinha era amar as coisas sem limites, e isso não era de grande ajuda com verbos gregos e datas. Era um auxílio na esfera social, contudo. Pat era popular em Queen's, a despeito do fato de que os outros alunos sempre a achavam um tanto desconexa e avoada... Entre eles, mas não parte deles. Ela foi logo aceita como membro do Saturday Satellites e, no Ano-Novo, era uma das estrelas do Clube de Dramaturgia. Era

considerada “não exatamente bonita, porém charmosa”. Um pouco orgulhosa... Era possível reconhecê-la na rua pela forma como andava com a cabeça erguida. Um pouco reservada... Não tinha nenhuma amiga. Um pouco estranha... À noite, preferia sentar-se naquele parque pequeno e surrado perto da hospedaria a ir ao cinema.

Pat gostava de se sentar ali sob o crepúsculo e observar as luzes se acenderem nas casas da rua, no vale e no morro. Casas comuns, na maioria, mas quem sabia o que poderia estar acontecendo dentro delas? Às vezes, Hilary lhe fazia companhia. Era o único garoto no mundo todo com quem podia se sentir, ao mesmo tempo, taciturna e reconfortada. Eles sabiam como permanecer em silêncio juntos.

Pat subestimava Hilary e nem sequer pensava em sua aparência, apenas reparava que ele não usava gravatas esquisitas. Mas um número razoável de garotas em Queen’s achava Hilary um rapaz atraente, embora todos soubessem que ele só tinha olhos para Pat Gardiner, que não dava a mínima para ele. Hilary era um estudante muito dedicado e pouco se importava com a vida social, embora tivesse superado a fase da esquisitice e da timidez. A viagem para passar o fim de semana em casa com Pat era toda a diversão que ele buscava ou desejava.

Aqueles fins de semana eram sempre deliciosos. Eles iam de trem até Silverbridge e seguiam a pé até chegar em casa. Primeiro, pela estrada. Depois, subindo um morro comprido, cheio de abetos... Descendo até um vale verdejante... Outro morro... Outro vale... Curvas...

– Detesto estradas retas ou planas – comentou Pat. – Esta é uma estrada que adoro... Cheia de curvas e descidas. É *minha* estrada. Ah, pode pertencer, nominalmente, à prefeitura, mas é *minha*. Adoro

tudo nela, até mesmo aquela gruta escura que Judy chama de “Vão do Suicídio”. Ela costumava me contar uma história de terror maravilhosa sobre ele, anos atrás.

Então, eles deixavam a estrada e iam direto para casa pelos campos... Passando pelo pântano nebuloso e atravessando o Campo Secreto e os bosques pelas pequenas trilhas que nunca foram construídas, simplesmente aconteceram. Talvez as luzes do Norte estivessem brilhando, talvez houvesse uma lua nova, ou talvez apenas pairasse a escuridão azul. Águas correntes frescas... Harpas eólicas nos abetos. As próprias estrelas eram seus vizinhos.

Quem dera Bets pudesse estar ali com eles! Pat nunca pegava esse caminho para casa sem pensar em Bets... Bets, cujo túmulo no morro estava coberto pelas folhas soltas do outono.

Então, lá estava Silver Bush! Surgia repentina e lindamente quando se passava do cume do campo do morro, dando as boas-vindas como um amigo, com todas as janelas abertas... Judy se encarregava disso, embora, certa vez, eles a tenham pegado cochilando, depois de ter voltado tarde do celeiro e de a mãe de Pat ter ido cedo para a cama, com dor de cabeça. Não havia uma única luz acesa em Silver Bush, e Pat pensou que quase a amava ainda mais no escuro... Era tão aconchegante e maternal.

O mesmo rangido do portão... E o cachorro mais feliz do mundo jogando-se nos braços de Hilary. McGinty sempre vinha até Silver Bush encontrar Hilary. Nunca perdera uma sexta-feira. Então, a cozinha de Judy e a recepção. Hilary sempre ficava para jantar, e Judy, invariavelmente, servia sopa de ervilhas, para começar, só para aquecê-los um pouquinho depois da caminhada fria. Além de um osso suculento para McGinty.

O vento roncando em torno da casa... Todas as novidades a ouvir... Todas as travessuras malucas, ruins e tristes de Bravo-e-

Feroz... Três bolinhas de pelos com rostinhos bigodudos cambaleando pelo chão. Silver Bush vivia, como tia Edith dizia com desdém, repleta de filhotes de gatos. Quanto a Bravo-e-Feroz, ele estava deixando de ser um gato e passando a se tornar um hábito da família.

Judy sempre dava a eles uma caixa de quitutes para levar na viagem de volta, na manhã de segunda-feira.

– Inquantu si tivé algo pra cumê, tá tudo bem – dizia ela.

Pat perguntava-se como os estudantes de Queen's que iam para casa apenas de vez em quando sobreviviam. Por outro lado, não viviam em Silver Bush!



Tola de amor

1

Pat o encontrou pela primeira vez no baile exclusivo do Clube de Dramaturgia, no auditório de Queen's, no qual era celebrada a apresentação bem-sucedida de sua peça *Mulheres à espera*. Pat fora uma das mulheres e considerada excepcionalmente boa, embora, em certas cenas mais intensas, nunca conseguisse parecer “colérica” o suficiente para satisfazer ao diretor exigente.

– *Como* alguém pode parecer colérica com um nariz fofo? – perguntava ela pateticamente a ele.

No fim das contas, ela passou uma impressão travessa e elusiva, o que bastou para a plateia.

Ele foi até ela e lhe disse que iria dançar com ela. Jamais convidara uma garota para dançar ou para andar de automóvel antes... Ele apenas disse que ela aceitaria. Essa, segundo as garotas de Queen's, era sua “frase de efeito”. Parecia ser popular, embora as garotas em que ele não reparava a julgassem digna de um homem das cavernas.

- Passei a noite toda me perguntando quem você era – contou ele.
- E não poderia ter desvendado? – indagou Pat.
- Talvez. Mas queria esclarecer com você, pessoalmente. Vamos

agora à varanda ver se a lua está nascendo de maneira adequada, aí poderemos descobrir quem você é.

Pat descobriu que ele era Lester Conway e que estava no terceiro ano em Queen's, mas acabara de voltar à faculdade depois de um período ausente decorrente de uma pneumonia. Ela também descobriu que ele vivia em Summerside.

– Sei que você está pensando o mesmo que eu – disse ele serenamente. – Que vivemos a vida toda a apenas dezesseis quilômetros de distância e só fomos nos encontrar agora.

O tom de voz dele dava a entender que a vida deles havia sido desperdiçada. Por outro lado, tudo que ele dizia parecia ter algum significado especial. E ele tinha o dom de inclinar-se em sua direção de modo a obscurecer o resto do mundo.

– Que bela fuga a minha. Sentia-me tão entediado com tudo que estava prestes a ir embora, quando... Você aconteceu. Eu a vi descendo as escadas e, desde aquele instante, receei desviar o olhar por medo de que você desaparecesse.

– Você diz isso a todas as garotas meia hora depois de conhecê-las? – quis saber Pat, torcendo para que sua voz não deixasse transparecer como seu coração palpitava.

– Nunca disse isso a nenhuma outra garota antes, e acho que sabe disso. E acho que estive esperando por mim, não estive?

Pat achava que sim, mas aprendera bom senso suficiente em Silver Bush para não admitir em voz alta. Um rubor lindo corava suas bochechas. O sangue franco-britânico-escocês-irlandês-quacre corria como mercúrio por suas veias. Sim, *aquilo* era amor. Nada daquela besteira toda sobre joelhos tremendo... Nada de euforias emocionais. Apenas uma convicção profunda e silenciosa de que você encontrara seu destino... Alguém que poderia seguir até o fim do mundo... *Além do limite crepuscular mais extremo... Até o dia de*

sua morte...

Ele lhe disse que a levaria de automóvel para casa, e assim o fez, em uma noite banhada pelo luar. Disse-lhe que a veria de novo, em breve.

– Este dia maravilhoso veio e se foi, mas haverá outro amanhã – disse ele, baixando o tom de voz e sussurrando a última palavra, com confiança, enquanto anunciava aquele fato memorável.

Pat pensou que estava ficando muito sensível, pois dormiu extremamente bem aquela noite... Depois que conseguiu pegar no sono.

As notícias de um “interesse” mútuo intenso entre Lester Conway e Pat Gardiner se espalharam como um foguete pela faculdade. Especulava-se que tipo especial de magia ela usara, pois Lester Conway jamais se apaixonara, de fato, por qualquer garota antes, embora tivesse se divertido com várias.

Ele era um homem obscuro... Pat sentia, ao se lembrar dos cachos dourados de Harris Jemuel, que jamais poderia tolerar um homem garboso outra vez. Ele não era particularmente bonito, mas Pat sabia que já passara do estágio de admirar astros de cinema. Tinha aparência distinta... Um pouco carrancuda e misteriosa. Lester achava que parecia mais interessante com expressão sisuda... Como o conde Lara, de Lorde Byron, e seus comparsas... Tal psicologia era certa. Sempre que uma garota o conhecia, queria saber como ficava quando sorria... E tentava descobrir.

Ele era inteligente de uma maneira impressionante. Não havia nada que não pudesse fazer. Dançava; patinava; jogava futebol, hóquei e tênis; cantava; atuava; tocava *ukulele*; desenhava. Desenhara a última capa da *The last lantern*. Muito futurista, aquele desenho. E, na edição de fevereiro, havia uma poesia dele, *Para uma violeta azul silvestre*, contendo alguns versos ousados, a

despeito do título vitoriano. Não estava assinada, e a especulação quanto a quem teria escrito e quem seria a violeta azul era imensa. Pat sabia. O fato de ela não achar graça nenhuma em ser chamada de “violeta azul” era um grande indicativo de seu estado mental e emocional. Se estivesse sã, saberia que uma calêndula marrom-alaranjada seria mais adequada. Ela ficou, a despeito da paixão, um pouco surpresa ao saber que Lester sabia escrever poesia. Tinha uma leve e relutante suspeita de que ele não reconheceria uma poesia quando visse uma. Mas *Para uma violeta azul silvestre* era em “verso livre”. Todo o restante, segundo Lester, estava ultrapassado. A tirania das rimas terminara para sempre. Ela jamais pensaria em contar a ele que, depois daquilo, comprara um livro de segunda mão chamado *Poemas de paixão* e sublinhara metade deles. *Terei me tornado pó quando meu coração esquecer*, destacara ela duas vezes.

Ela morria de medo de não ser inteligente o suficiente para ele. Ele a aturdiu por completo, certa noite, ao fazer uma referência casual à teoria de Einstein... Olhando para ela de soslaio, para checar se ficara devidamente impressionada. Pat não sabia nada sobre a teoria de Einstein. Não suspeitava de que ele também não sabia e passou boa parte da noite remoendo a própria ignorância. O que ele devia pensar dela? Ela foi à biblioteca pública e tentou ler sobre o assunto, mas apenas ganhou uma dor de cabeça e permaneceu infeliz até a noite seguinte, quando Lester lhe disse que ela era tão maravilhosa quanto uma noite de lua nova de abril.

– Gostaria de saber se disse isso porque acabou de surgir na sua cabeça ou se pensou nisso ontem à noite – disse Pat.

A língua permanecia sua, independentemente de quem dominasse seu coração. Contudo, ela voltou a ficar feliz, apesar da questão de Einstein. Lester de fato não tecia muitos elogios, então, quando o

fazia, era preciso valorizar. Não era como Harris Jemuel, cuja “frase de efeito” era, óbvio, dizer alguma coisa lisonjeira toda vez que abria a boca. Judy sempre dizia que *e/le* devia ter beijado a Pedra da Eloquência. Como Harris parecia fraco agora em comparação às carrancas e aos comandos de Lester. E pensar que ela um dia achara que gostava dele! Mera paixão adolescente... Paixonite infantil. Ele era tão pouco apreciativo da beleza, pobre rapaz. Ela se lembrava de, certa noite de luar invernal, mostrar o Morro da Névoa para ele e de ele comentar, em tom admirado, parecer um bolo glaceado. Pobre Harris!

E pobre Hilary! *E/le* precisou se recolher em seu canto mais uma vez. Nada de noites no parque... Nada de passeios juntos. Nem mesmo as caminhadas de fim de semana eram tão frequentes quanto antes. Havia estradas para automóveis, e Lester a levava para Silver Bush no pequeno conversível vermelho. Ele era o único garoto de Queen's a ter o próprio carro. Não havia sopa de ervilhas na cozinha de Judy para *e/le*. E Pat quase rezava para que ele não reparasse na rachadura imensa no teto da sala de jantar.

2

Pat estava um pouco preocupada por Judy não gostar muito dele. Não que ela tivesse dito isso. Era o que *não* dizia. E seu tom, quando Pat lhe contou que ele era um Conway de Summerside... Lester B. Conway.

– Ora, ora, é mesmo um nome nobre. E o significado do “B” é algum segredo? Num é “Bartholomew”, é?

– O “B” é de “Branchley” – respondeu Pat secamente. – A mãe dele era uma Branchley de Homeburn.

– Pur certu, cunheço eles todos. Os Conway e os Branchley. A

mãe dele costumava vim aqui antes do velho Conway se casar com ela. Ela era muito humilde, na época. Quantas vezes eu não limpei o narizinho do Lester pra ele quando ele era um bebezinho. No entanto – concluiu Judy com altivez hoje eles provavelmente são ricos demais pra mim. O dinheiro é que move o mundo hoje em dia, e tô achando que você arranjará um bom partido.

Judy estava mesmo impossível. Insinuar que ela, Patricia Gardiner, escolhera Lester Conway porque ele tinha dinheiro. “Ela deveria me conhecer melhor”, pensou Pat, indignada.

Mesmo assim, sentia falta de poder contar com Judy. Quem dera a querida Bets estivesse viva! Teria compreendido. Que alento seria poder conversar com Bets sobre seus problemas. Pois *havia* problemas. Por exemplo, Lester lhe contara que ela deveria se casar com ele assim que terminassem a faculdade. Não havia sentido em esperar. Ele começaria a trabalhar no negócio do pai.

Aquilo era ridículo. Um dia, é claro... Mas ela nem sequer pensaria em se casar por mais uns bons anos. Precisava lecionar em uma escola e ajudar em casa... Trocar as telhas e pintar a casa... Colocar piso de madeira na sala de jantar... Comprar uma aldraba de bronze para a porta de entrada... Pagar pelas aulas de música de Naninha.

Lester riu disso tudo na noite do baile de Páscoa do Saturday Satellites.

– Você é adorável demais, Pat, para ser desperdiçada em uma fazenda obscura, caindo aos pedaços, como Silver Bush.

A raiva tomou conta de Pat. Sua própria alma estava em chamas.

– Nunca mais fale comigo, Lester Conway – decretou ela, cada palavra parecendo uma gota tilintante de água gelada pingando em uma pedra fria.

– Por quê? O que foi que fez? – perguntou Lester, surpreso.

Aquilo piorou tudo, se é que podia ficar pior. Ele não tinha ideia do que fizera. Pat deu as costas para ele e subiu as escadas correndo. Pegar suas coisas levou um mero minuto... Descer as escadas de novo e atravessar o corredor lateral, mais um minuto... Então, saiu... E voltou à Avenida Linden. A pungência do ar gelado pareceu aumentar sua ira. Patricia Gardiner de Silver Bush nunca se sentira tão furiosa na vida.

Lester apareceu na noite seguinte, mais carrancudo que nunca. Ignorou o incidente... Pensou que seria a melhor política... E disse que ela iria com ele ao Baile de Páscoa.

– Obrigada, mas não – respondeu Pat. – E, por favor, não desperdice mais essas suas carrancas charmosas comigo. Quando digo a alguém que, para mim, basta, é porque *basta*.

Quando Pat dizia alguma coisa de determinada forma, as pessoas acreditavam.

– De todas as garotas inconstantes... – disse Lester.

Da mesma forma que Harris. Os homens eram tão cansativamente parecidos.

– Nasci sob a luz do luar, pelo que me disseram – retrucou Pat com frieza. – Então, sou naturalmente mutável. Ninguém insulta Silver Bush na minha frente. E estou cansada... Bem cansada... De receber ordens suas.

O temperamento dos Conway (Judy poderia falar uma ou outra coisa sobre *isso*) aflorou.

– Ah... Bem... Se você vai se importar tanto com isso! – disse ele em tom nojento. – De toda forma, só comecei a sair com você para azedar a sopa de Hilary Gordon.

Ela ficou feliz por ele ter dito aquilo. Ele a libertara. Ela começara a odiá-lo tão amargamente que seu ódio a estava tornando tão aprisionada quanto o amor. Agora, ele apenas deixara de existir.

– Já ouvi Judy usar uma expressão – disse Pat a si mesma depois que Lester fora embora, fazendo uma última carranca –, “tolo de amor”. Bem, fiquei tola de amor. E acabou.

3

Levou um bom tempo para que ela conseguisse conversar sobre tudo aquilo com Judy. *Agora*, Judy era empática e compreensiva.

– Ora, ora, Patsy, quirida, nunca gostei da ideia di vucê cum um Conway, nem mesmo qui os bolsos dele fossem recheadus di dinheiru. O Cavalheiro Tom num gostava dele... Tinha alguma coisa nos olhos daquele gatu sempre qui ele via o rapaz... E ele sempre foi meio sufisticadu dimais pro meu gosto, Patsy. Um homem divia sê humilde quandu tá cortejanu uma moça, purque, si num fô nesse momento, quandu é qui vai sê, eu ti pergunto?

– Jamais poderei perdoá-lo por caçoar de Silver Bush, Judy.

– Caçoá di Silver Bush, é? Ora, ora, si vucê vissi o barracu ondi o pai dele foi criadu, com o duto du fugão sainu pelo telhado. Pur certu, os Conway eram tudo pé-rapadu naquela época. E o temperamentu du velho... Uma vez, ele num gostô da cor duma cumbinação nova qui a mulhé dele tinha cumprado... Era verdi e ele quiria roxa. Ele levô a cumbinação até o ático da casona deles, em Summerside, e jogô ao ventu. A peça ficô presa no topo dum álamo enorme, nos fundos da casa, e lá ficô pindurada duranti todo o verão. Quandu o ventu batia, era uma imagem e tantu. O povu dizia qui aquela era a bandeira du velho Conway. E o velho Conway não cunsignia pegá ela di volta, purque ela tava nu álamo da prupriedadi di Ned Orley, e Ned e ele eram inimigus, e Ned num ia deixá ninguém entrá na prupriedade e chegá pertu do álamo. Ele dissi que era um irlandês milhó qui o Conway e qui até gustava di um poucu

di verdi na paisagem.

– Lester insiste que o pai dele se fez na vida sozinho, Judy.

– Ora, ora, essa siria uma história muito bunita, si fossi verdadi. O velho Conway num si fez na vida coisa nenhuma. O Bom Home Lá di Cima é qui si encarregô disso. E ele fez uma furtuna cum pasto e cumida pra bichu. Mas o qui tô falanu é qui ele num era muquirana qui... Qui nem o irmão dele, o Jim. *Ele* é qui era avarentu. “Apaga o lampião”, foi o qui ele dissi quandu tava morrenu. “A luz di uma vela é suficiente pra murrer.” Ora, ora, ixistem mesmo umas pessoas bem isquisitas no mundo – concluiu Judy. – Quantu ao pobre Lester, mi disseram qui ele tá arrasado, agora qui passô a raiva. Receio qui tenha sido vucê qui disiludiu o mininu, Patsy. Ele realmenti pensava qui vucê gostava muito dele.

– É claro que admito que fui uma perfeita idiota, Judy. Mas estou curada. Nunca mais vou me apaixonar de novo... Se puder evitar – acrescentou com sinceridade.

– Ora, ora, pur que não, meu tesouro? – perguntou Judy, rindo. – Como a tua tia Hazel costumava dizê, é um pouquinho di diversão numa vida monótona. Só num deixa i longe dimais e num parti curações pur aí, nem mesmo dus Conway. Tem uma grande diferença entre si apaixoná e amá, Patsy.

– Como você sabe disso tudo, Judy? Você já se apaixonou? – indagou Pat atrevidamente.

Judy riu.

– É pussível aprendê muita coisa observanu – respondeu ela.

– Mas, Judy, como você pode *saber* a diferença entre amar e estar apaixonado?

– Tenhu certa ixperiência – reconheceu Judy.

Pat botou fogo no exemplar de *Poemas de paixão*, mas, quando chegou ao verso *água derramada por um estilhaço*, em um dos

poemas de Carman, sublinhou. Era àquilo que o amor se resumia, afinal.

Ela foi ao Baile de Páscoa com Hilary.

– Pobre Jingle! – disse Judy a Cavalheiro Tom. – Já é a *sigunda* vez qui aconteci. Si acuntecê uma terceira...



“Vamos fingir”

1

– Vamos ver umas casas bonitas onde vivem os nobres ricos – sugeriu Hilary. – Em outras palavras, vamos passear pela Avenida Abegweit. Quero lhe mostrar uma das casas novas. Se você é a garota que penso que é, Pat, vai saber qual é assim que a vir.

Era uma tarde de sábado de primavera, com ventos subitamente fortes de abril. O mundo parecia tão amigável em dias como aquele, pensou Pat. Ela usava seu pulôver e sua boina carmins, e sabia que ficava bonita com eles, e que Lester Conway, que passara por eles de automóvel com a tradicional carranca, também achava. Mas Lester que continuasse de cara fechada. O sorriso trocista de Hilary era muito mais agradável em um companheiro, e Hilary estava bronzeado e pleno sob o sol da primavera. Não se parecia muito com o garoto que ela encontrara naquela estrada escura e solitária havia tanto tempo. Tinha, contudo, o mesmo bom coração. O bom e velho Hilary! O confiável e leal Hilary. Um amigo igual a ele era muito melhor que mil “derriços” de Judy.

Eles não tinham ido para casa aquele fim de semana, já que o Satellites planejava uma grande festa de encerramento do ano escolar para aquela noite. Pat agora conseguia passar o fim de

semana na cidade e sobreviver. No entanto, sempre sentia que perdia alguma coisa quando o fazia. Aquele dia, por exemplo, as violetas silvestres desabrochariam em Felicidade... As brancas... E eles não estariam lá para ver.

A Avenida Abegweit era a rua residencial mais sofisticada da cidade e, no final, seguia rumo ao interior, com os morros esmeralda distantes ao fundo. Era sempre difícil, para Pat, admitir que havia algumas casas satisfatórias no mundo além de Silver Bush. Havia tudo quanto é tipo de casa na avenida: de monstruosidades vitorianas, com torres e cúpulas, às maiores modernidades em bangalôs. Pat e Hilary adoravam caminhar por ela, conversando quando tinham vontade, permanecendo em silêncio quando não tinham, discutindo e criticando as casas, fazendo mudanças na maioria delas, colocando uma janela ali e arrancando outra acolá, erguendo ou baixando telhados... “Um telhado baixo confere ar aconchegante à casa”, dizia Hilary.

Algumas casas os impressionavam, algumas os encantavam, algumas os irritavam. Algumas eram atraentes; outras, repulsivas... “Gostaria de quebrar algumas das janelas”, foi a reação de Pat a uma delas. Até as portas eram fascinantes. O que acontecia por trás delas? Elas deixavam você sair... ou entrar?

Então, tinham que definir qual casa aceitariam como presente, supondo que fossem obrigados a ficar com uma.

– Acho que ficaria com aquela casa delicada na esquina – disse Pat. – Tem um ático... Preciso de um ático. E parece que foi amada por anos. Soube *disso* na primeira vez em que a vi. Ela também gostaria de mim. E aquela janelinha engraçada e solitária sabe de uma piada que quer me contar.

– Vou escolher uma das casas novas desta vez – decidiu Hilary. – No fim, gosto mais de casas novas que de velhas. Sentiria que uma

casa nova pertence a *mim*. Em uma casa velha, *eu* é que pertenceria a ela.

Pat ficara bem atenta para descobrir qual seria a casa de Hilary. Achava que várias das casas novas poderiam ser a escolha dele. Mas, quando a viu, soube que era aquela. Uma casinha pequena, aninhada em um vale no meio de um morro baixo. As janelas de cima tinham vista para o topo do morro. Até mesmo as chaminés transbordavam romance. Um bordo gigantesco se debruçava sobre ela. A árvore era enorme, e a casa, pequenina. Parecia uma casinha de brinquedo que a árvore pegara para brincar e à qual se afeiçoara. Tinha um pequeno jardim ao lado, com violetas em um canto e, ao centro, uma lagoa rodeada por pedras achatadas, ladeadas de narcisos.

– Oh! – Pat inspirou fundo. – Ainda bem que não deixei passar. Sim, se lhe derem aquela casa, Hilary, aceite. É tão... Tão *certa*, não é?

– Aquela árvore na frente deveria ser cortada, contudo – comentou Hilary, refletindo. – Quebra a linha visual... E arruína a vista.

– Claro que não... Apenas a protege, como um tesouro. Você não cortaria aquela linda árvore, Hilary.

– Cortaria qualquer árvore que não estivesse no lugar certo – insistiu Hilary teimosamente.

– Uma árvore está sempre no lugar certo – retrucou Pat, com a mesma teimosia.

– Bem, não vou cortar de imediato – aquiesceu Hilary. – Mas vou lhe contar o que vou fazer em uma noite escura, Pat. Vou subir até lá de mansinho, pegar aquele cervo de ferro fundido da casa vizinha e jogar nas profundezas da baía.

– Será que valeria a pena? Aquela casa é toda horrorosa. Você não poderia arrancar aquele pórtico enorme. A casa parece um

sanatório. Alguma vez você imaginou que uma casa podia ser tão horrível?

– A casa vizinha não é horrorosa... Não exatamente. Mas tem aparência cruel e misteriosa. Não gosto disso. Uma casa não deveria ser tão furtiva e reservada. E é uma casa que eu gostaria de comprar e aprimorar. Está caindo aos pedaços. As telhas estão curvando-se para cima, e o telhado da varanda está desabando.

– Ao menos ela não é convencida. A casa ao lado é... Positivamente esnobe. E *aquela* lá... Dizem que custou uma fortuna, e é sinistra como um túmulo.

– Venezianas naquelas janelas marcantes fariam uma diferença enorme – observou Hilary pensativamente. – É de fato maravilhoso, Pat, como um detalhe pode refinar ou destruir uma casa. Mas não acho que haja qualquer espaço para sonhos naquela casa... Ou para fantasmas. Deve haver um espaço para sonhos e fantasmas em cada casa que eu projetar.

– Tem aquela casa inacabada, Hilary... Sempre me parte o coração. Por que não terminam?

– Descobri por quê. Um homem começou a construir aquela casa só para agradar à esposa, e ela morreu quando a construção estava na metade. Ele não teve coragem de terminar. Aquela branca é uma casa para a bruxa da neve. É, definitivamente, deslumbrante.

– Qual é o problema com aquela casa no meio da quadra, Hilary? É esplêndida, mas...

– Não é contida o suficiente. Ela se avoluma como... Como...

– Como uma mulher gorda sem corselete – completou Pat, rindo.

– Como Mary Ann McClenahan. A pobre Mary Ann faleceu na semana passada. Lembra-se de que costumávamos pensar que ela era bruxa, Hilary?

Uma casa ainda era apenas um buraco no chão, com homens

instalando canos e passando cabos por eles. Quem esperava por aquela casa? Talvez alguma noiva. Ou talvez alguém cansado, que nunca na vida tivera uma casa de que gostasse e estivesse decidido a ter uma antes de morrer. Havia a casa que queria ser despertada. E havia uma da qual o doutor Ames estava saindo. Ele parecia sério. Talvez alguém estivesse morrendo naquela casa. Ele não estaria com aquela cara se um bebê tivesse nascido.

– Gostaria de ver todas as casas do mundo... Todas as casas bonitas, ao menos – confessou Hilary. – E hoje tive uma nova ideia para sua casa.

Ele vivia tendo novas ideias, mas não as contava mais a Pat. Tudo seria surpresa.

Eles retornaram em silêncio. Hilary sonhava. Todos os homens sonham. O sonho dele era construir belas casas para o amor habitar... Casas para abrigar as pessoas do vento voraz, do sol escaldante e da solidão da noite escura. Devia ser fascinante construir uma casa... Criar beleza que duraria por gerações e seria abrigo, proteção e aconchego. E, um dia, ele *iria* construir uma casa para Pat... E ela *precisava* viver nela.

Pat pensava mais uma vez em como era gostoso caminhar com Hilary. Com Harris e Lester, sentia que sempre precisava ser inteligente, perspicaz e reluzente, para que eles não a achassem “burra”. Hilary era tranquilo. E nunca dizia coisas constrangedoras. É verdade que os olhares dele, por vezes, diziam muitas coisas que sua boca não dizia. Mas quem poderia discutir com olhares?



Sombra e sol

1

A preocupação era visível no rosto de Pat.

– Minhas vistas não conseguem vislumbrar além da escuridão da próxima semana, Judy. Está tudo ligado à sombra sinistra dos exames de licenciatura. Judy, e se eu não passar?

– Ora, ora, mas você vai passá, querida. Você num tem istudado o semestri inteiru feito uma troiana? Excetu, talvez, pur aquelas semanas em qui o atrivido du Lester tava mandanu e dismandanu im você. Num preocupa essa tua cabecinha cum isso. Vai dá uma caminhada entre as bétulas e si sinta agradicida pur a primavera nunca si esquecê di acuntecê. E aí, quem sabe, eu faça as panquecas prifiridas do Sidy pra janta. Eu é qui num sei virá-las nu momentu certu, qui nem você.

– Judy, sua bajuladora! Você sabe que ninguém sabe fazer panquecas como as suas.

– Ora, ora, mas pra panificação, Patsy, nunca tive a mão leve qui você tem. Pur certu, aquela torta qui você fez fim di semana passadu... Paricia ter saído das páginas daquela rivista da Winnie.

“Pur certu, isso vai distraí a minina”, pensou Judy. Mas não distraiu.

– Não consigo evitar a preocupação, Judy. Será terrível se eu não passar... A mãe ficará tão chateada... E ela *não pode* se chatear.

Todos em Silver Bush passaram a se preocupar demais com a mãe, sem precisar falar muito sobre o assunto. Ninguém jamais a ouvia reclamar, mas ela passara todo o verão tomando comprimidos de estricnina para o coração e “descansando” às tardes. A sombra engatinhava na direção de Silver Bush de maneira tão furtiva que, mesmo assim, eles mal percebiam sua presença sombria. O pai estava grisalho e preocupado. Embora nenhum dos filhos soubesse, o médico recomendava uma cirurgia, e Judy e tia Edith, pela primeira, última e única vez na vida, eram da mesma opinião.

– Eles só vão abri-la para fazer um experimento – afirmou tia Edith furiosa. – *Eu* os conheço bem.

– Di fatu, eu num cunfiaria – concordou Judy sisudamente.

A própria mãe não queria nem ouvir falar de cirurgia. Achava que eles não poderiam bancar, mas não disse isso a Alec Compridão. Disse apenas que morria de medo de ser operada. Alec Compridão ficara bastante surpreso com aquela alegação. Nunca percebera nenhum tipo de medo na esposa. Por outro lado, também nunca reparara naquela languidez estranha e na vontade de só permanecer deitada em silêncio e deixar que outras pessoas trabalhassem. A mãe Gardiner nunca se apressara na vida; caminhava com tranquilidade... Judy costumava dizer que jamais conhecera qualquer pessoa que fizesse tão pouco barulho ao se locomover dentro de casa... E, mesmo assim, fizesse uma quantidade surpreendente de coisas.

Pat fez os exames, afinal, e até chegou a ter esperanças de ter se saído bem. Deixou Queen's sentindo um bocado de arrependimento e partiu da encardida Avenida Linden sem nenhum arrependimento. Estaria em casa de novo, na amada Silver Bush, para nunca mais

deixá-la... Pois a escola local estava prometida a ela, e Pat já gastara, na imaginação, o salário de um ano inteiro em Silver Bush. Vários anos, para falar a verdade... Havia tantas coisas que queria fazer lá... Como amava aquela propriedade! A casa e tudo relacionado a ela estavam intrinsicamente conectados com sua vida e seu pensamento. Havia um versículo na Bíblia que ela nunca conseguira compreender. *Esquece-te do teu povo e da casa do teu pai.* Aquilo sempre a fazia tremer. Como alguém podia fazer *isso*?

Ela se apaixonou outra vez pela vida naquelas noites de primavera, quando caminhava pelo morro ou margeava o Jordão, ou passeava pelas trilhas secretas de suas bétulas encantadas. Ventos... Alvoradas delicadas... Noites estreladas... Campos praianos enevoados por uma névoa prateada... O verde frio e molhado das chuvas de primavera... Tudo carregava uma mensagem para ela, e tudo a fazia pensar em Bets... Até mesmo a voz de Pat estremecia quando pronunciava aquele nome.

*Onde estava Bets?
Em quais danças etéreas,
Em quais riachos eternos
os passos dela ecoavam?*

– Fico me perguntando se Bets não sente saudade *disso* aqui lá no paraíso. – Pat apontou para o lilás branco na cerca do jardim. – E ela deve sentir falta dos pores do sol. A noite está do jeito que ela gostava, Judy. Ah, Judy, na primavera passada, ela estava *aqui*. Passar todo o inverno em Queen's, onde ela nunca esteve, não foi tão difícil. Mas aqui... Tudo parece remeter a ela. Esta noite, quando sinto o cheiro daquele lilás branco, parece-me que ela deve estar por perto. Ela não parece mais morta. Parece estar após a próxima curva, ainda gentil e amável. Mas, ah, como queria que ela

estivesse aqui!

– Pat – disse a voz de Naninha, clara e insistente perto de seu cotovelo –, você acha que eu tenho Aquilo?

– Vamos tê um trabalhão cum essa Naninha – confessara Judy a Pat naquele mesmo dia. – Daqui a alguns anos, nu caso, quandu ela crescê e os olhos num forem mais tão grandes. Teu tio Tom já percebeu. Ontem mesmo ele mi disse: “Essa minina vai dá um trabalhão”. Ora, ora, ela vai tê uma bela vida, aquela lá.

Pat mal podia acreditar que Naninha já estava crescida. Ainda ontem era um bebê adorável, com bracinhos gorduchos e covinhas nas bochechas, cujo mero rostinho dizia “venha e me ame”. E, agora, ela estava com 11 anos... Com um cacho provocador e desregrado escorrendo no meio da testa e um nariz pequenininho para seus 11 anos. E os olhos! Não era de admirar que Naninha fosse mimada. Quando olhava com olhos tristonhos e suplicantes, nunca era punida com severidade. Não se podia punir uma jovem santa que se perdera no caminho. Os olhos de Naninha sempre estavam pedindo por algo, e sempre conseguiam. Ao contrário de Pat, Naninha tinha incontáveis amigas, e Silver Bush vivia repleta delas... “Gralhanu feito corvos”, dizia Judy indulgentemente. Judy tinha orgulho da popularidade de Naninha. Quanto ao sexo oposto... Bem, se os doces grudentos e as maçãs suculentas, e os doces ainda mais grudentos e as maçãs ainda mais suculentas que ela ganhava de presente, fossem algum indicativo, Naninha por certo tinha “Aquilo”.

– Quando *eu* tinha 11 anos – respondeu Pat com o tom de voz de uma velha de 80 –, não ficava pensando nessas coisas, senhorita Rachel.

– Ah, mas sou uma menina moderna – retrucou Naninha com serenidade. – E Trix Binnie diz que você precisar ter Aquilo ou os

meninos não vão olhar para você.

Judy meneou a cabeça solenemente, como quem diz: “Se dizem essas coisas para um brotinho, o que dirão para uma árvore madura?”. Mas Naninha insistiu.

– Pode me dizer o que é, Pat, e se acha que tenho. Afinal... – Naninha ficou muito séria. – Prefiro ficar sabendo da informação pela minha própria família que pelos Binnie.

– A sensatez dessa minina! – exclamou Judy.

Pat levou Naninha até o cemitério e, sentando-se no túmulo de Dick, o Aventureiro, tentou passar algumas “informações” à irmã. Sentia que agora devia preencher o espaço da querida mãe com Naninha. A mãe não deveria ser perturbada.

2

Então, a sombra, que se aproximava cada vez mais, deu o bote.

A mãe estava doente... A mãe estava muito, muito doente.

A mãe estava morrendo.

Ninguém disse, mas todos sabiam. Exceto Judy, que teimosamente se recusava a acreditar. Judy se recusava a perder a esperança. Não recebera “o sinal”.

– E num vô acreditá até recebê – declarou ela.

Pat também se recusava a acreditar.

– A mãe não pode morrer – disse ela, desesperada. – Não a *nossa* mãe.

Eles sempre consideraram garantida a presença da mãe. Ela sempre estivera lá... Sempre estaria lá. Como era possível imaginar qualquer outra coisa?

Pat nem sequer tinha Hilary para ampará-la aquelas semanas. Hilary estava na costa Oeste, ajudando outro tio a construir uma

casa. Aquela empreitada o deixara eufórico. Era perfeita para ele. Além disso, antes de poder projetar casas, ele queria aprender tudo sobre como construí-las, desde a fundação.

“Bets no ano passado... E agora a mãe”, pensou Pat.

Então, surgiu um raio torturante de esperança. O especialista chamado recomendou uma cirurgia. Segundo ele, se ela fosse operada, haveria uma chance. Do contrário, não haveria chance alguma.

Judy, quando ficou sabendo que haveria uma cirurgia, perdeu todas as esperanças na mesma hora, com ou sem sinal.

– Ora, ora, eu é qui divia tá morrenu, não ela – murmurou. – Num sei o qui o Bom Home Lá di Cima pretendi, num sei mesmo.

Cavalheiro Tom piscou inescrutavelmente.

– Vucê num podi fazê nada, gatu amadu. Já deteve aquilo qui tava querenu levá a Patsy. Mas vucê num pode protegê a senhora Alec Cumpridão... Não si eles a levarem pro hospital pra abrirem a cabeça dela. Ela, uma Selby de Bay Shore!

Pat estava no quarto da mãe. Uma nova Pat... Mais velha... Mais serena. Mas mais esperançosa. Enquanto houvesse qualquer fio de esperança!

A mãe Gardiner pedira que a sentassem na cama, para poder ver os campos verdejantes que adorava. Suas mãos repousavam sobre a colcha. Era estranho ver as mãos dela tão brancas e ociosas.

Ela seria levada ao hospital no dia seguinte. Estava tranquila, despreocupada e destemida com aquilo. Por outro lado, quando fora diferente? Ela nunca fora exasperada como os Gardiner. Seu *espírito* era impassível, de modo que qualquer um que estivesse em sua presença sempre sentia uma calma enorme. Seus olhos ainda eram os olhos curiosos de uma garotinha, embora houvesse algo maternal em seu colo que fazia as pessoas quererem se deitar nele

quando se sentiam cansadas ou confusas.

– As macieiras floresceram. Fico feliz por vê-las mais uma vez. Já fui uma garotinha debaixo daquelas árvores, Pat, assim como você... E seu pai...

A voz dela sumiu no ar, escapulindo para algum universo interior de uma lembrança feliz.

– A senhora ainda verá muitas flores de macieiras, por várias primaveras, querida mãe. Voltará do hospital curada e bem... Já solicitei um dia lindo para a sua volta.

A mãe Gardiner sorriu.

– Espero que sim. Ainda não desisti, Pat. Mas gostaria de conversar com você sobre algumas coisas... Caso eu não volte. Precisamos encarar essa possibilidade, minha querida. Winnie se casará com Frank... E você precisará assumir meu lugar, você sabe.

– Eu... Eu sei – respondeu Pat, sentindo-se estrangulada. – E nunca, nunca me casarei, mãe, prometo. Ficarei aqui e cuidarei da casa para o pai, o Sid e a Naninha. Sid não vai querer se casar também, tendo a mim.

De novo, a mãe sorriu.

– Não peço que prometa isso, querida. Gosto de pensar que, um dia, você se casará. Quero que seja uma esposa feliz e uma mãe orgulhosa. Como fui. Fui tão feliz aqui, Patsy. Tinha apenas 20 anos quando vim para cá. Era uma garota mimada, também... E, quanto aos afazeres domésticos, não sabia a diferença entre cozinhar e aferventar. Foi a Judy que me ensinou... A maravilhosa Judy. Seja boa para ela, Pat... Se eu não voltar. Mas não preciso lhe dizer isso. Judy foi tão boa comigo. Foi até bastante severa em relação ao meu trabalho... Odiava ver minhas mãos sendo calejadas. Eu *tinha* belas mãos, Pat. Mas não me importava de calejá-las por Silver Bush. Eu

a amei como você a ama. Todos os cômodos sempre foram meus amigos... Sempre tiveram vida própria, para mim. Como adorava acordar de madrugada e sentir que meu marido e meus filhos estavam seguros e aquecidos, dormindo em paz. A vida não tem nada melhor que isso a oferecer a uma mulher, Patsy.

A mãe Gardiner não falou tudo isso de uma única vez. Houve pausas longas em que ela permaneceu bastante imóvel... Pequenos ofegos. Às vezes, lanças pontudas de medo perfuravam a nova armadura de esperança de Pat. Quando o pai entrou no quarto para assumir seu lugar, Pat desceu e saiu no jardim escuro. Todos os demais estavam em suas camas, até mesmo Judy. Ela não conseguiria ir para a cama... Não conseguiria dormir. A noite estava quente e agradável. Abraçou-a como uma mãe. A íris branca parecia brilhar esperançosamente no escuro. Bravo-e-Feroz veio caminhando pela viela e se aconchegou em seu colo. Havia vezes em que Bravo-e-Feroz podia se comportar como um cristão. Ele sabia que Pat precisava de alento e se esforçou ao máximo para provê-lo.

Pat ficou sentada no banco do jardim até o sol nascer atrás do Morro da Névoa e Bravo-e-Feroz sair correndo atrás de um belo rato no cemitério. O dia começara com uma manhã pálida e sem vento... O dia em que a mãe deveria ir. *Será que voltaria?*

O velho cântico que ela sempre odiara... *Mudança e decadência por tudo que vejo.*

A mudança era o que ela sempre temera.

Oh, Vós que não mudastes, perseverai comigo.

Não era um cântico tão pavoroso, afinal... Era um cântico a ser adorado. Como era maravilhoso sentir que *havia* algo que nunca mudava... Um Poder acima, abaixo e ao redor, no qual se podia confiar. A paz pareceu inundá-la.

– Minha criança, o qui é qui vucê tá fazenu acordada tão cedu?
– Eu nem fui para a cama. Fiquei no jardim, Judy... Rezando.
– Ora, ora, é tudo qui nós pudemos fazê agora – comentou Judy com pesar.

Naninha fora poupada dos piores detalhes, mas ficou sabendo na escola, aquele dia, e Pat teve dificuldade em reconfortá-la aquela noite.

– E o que você acha que Trix Binnie disse? – perguntou ela em meio aos soluços. – Ela disse que sentia *inveja* de mim... Que era muito excitante ter uma morte em casa.

– Vucê si ajuelha nesses juelhinhos magricelos esta noite e agradece ao Bom Home Lá di Cima pur num tê nascido uma Binnie – disse Judy, solene.

Até mesmo aquele dia foi superado. À noite, Alec Compridão telefonou da cidade anunciando que a cirurgia correria bem e que a mãe Gardiner se recuperava tranquilamente da anestesia. As pessoas de Silver Bush dormiram aquela noite; ainda havia, contudo, uma longa semana de suspense a ser superada antes que ousassem, de fato, ter esperanças. Então, Alec voltou para casa, com um brilho nos olhos cansados que não brilhava havia muitos dias. A mãe viveria, talvez não muito forte... Talvez nunca mais a mulher que costumava ser. Mas viveria.

– Ora, ora, e eu num falei isso esse tempo tudo? – disse Judy triunfantemente, esquecendo-se de todo o pavor por “abrirem a cabeça” da mãe Gardiner. – Eu num ricibi sinal nenhum. O Cavaleiro Tom também sabia. Aquele gatu num tava nem um pouquinho preocupadu.

A mãe Gardiner ficaria mais seis semanas no hospital, e, durante esse tempo, Pat e Judy administraram Silver Bush, pois ambas as tias de Bay Shore estavam doentes, e Winnie precisou ir cuidar delas. Pat estava no sétimo paraíso. Adorava tudo em relação à casa mais que de costume. As toalhas de mesa com bainha bordada... Os tapetes bordados de Judy... Os lençóis monogramados... O baú de cedro repleto de cobertas... Os centros de mesa ornamentados... As toalhinhas de renda... Os velhos e amados pratos azuis desenhados... O jogo de chá de prata da avó Selby, os velhos espelhos que haviam roubado um pouquinho de beleza de cada rosto bonito refletido neles. Tudo tinha um significado novo para ela. Cada janela era amada por alguma beleza especial que dela era avistada. Ela adorava a do próprio quarto, pois podia ver o Morro da Névoa... Adorava a janela do Poeta porque era possível avistar, ao longe, um pedacinho da baía... Adorava a janela redonda porque ficava bem diante do bosque branco... Adorava a janela do saguão de entrada porque dava vista para o jardim. Quanto às janelas do ático, via-se tudo que valia a pena ver no mundo por elas, e, às vezes, Pat subia até lá sem qualquer motivo além de apenas olhar por elas.

Ela e Judy também não se mataram de trabalhar. Volta e meia, Pat dizia:

– Agora, vamos parar de pensar nos afazeres domésticos, Judy, e pensar em morangos silvestres...

Ou em samambaias... Ou em campânulas, se fosse o caso, e lá iam elas passear. E nos “escureceres”, sentavam-se nos degraus da porta dos fundos como antigamente, e Judy contava histórias engraçadas, e Pat ria até se contorcer.

– Ora, ora, você sabi mesmo como trabalhá, Patsy, querida... Paranu um pouquinho pra si diverti di vez im quandu. Poucas

pissoas sabem qui esse é o segredú. Tuas tias de Bay Shore... Elas nunca riem, e é pur isso qui adoecem tantu.

– Tio Brian e tia Jessie virão passar o fim de semana aqui, Judy. Preciso colher algumas íris para o quarto do Poeta. Realmente adoro arrumar aquele quarto para as visitas. E precisamos servir torta de maçã com creme batido. É a sobremesa preferida de tio Brian.

Pat sempre se lembrava de que uma visita gostava de comer. E ela era, como Judy declarara, “uma cuzinheira cum um dom divinu”. Ela adorava cozinhar, pois sentia que essa era a única coisa em que era páreo para as mulheres de qualquer lugar e qualquer idade. Quase todas as suas cartas para a mãe, Hilary e colegas da faculdade começavam com: “Acabei de colocar algo no forno”. Nunca faltava uma caixa de biscoitos de especiarias na despensa, e a maciez perfeita de seus bolos deixava Judy sem palavras. Quanto ao bolo de frutas que ela com orgulho criou e assou um dia sem a ajuda de ninguém, nunca houve bolo de frutas equiparável na história de Silver Bush, palavras de Judy.

– Nunca tive mão boa pra bolo di fruta, quirida – comentou ela pesarosamente. – Tua tia Edith sempre disse qui é preciso sê uma verdadeira dama pra fazê um bolo di fruta di verdade, e talvez ela tenha razão. Talvez eu pudessi tê aprendidu o segredú, si num fossi pur um fatu qui mi disincorajô pouco dipois qui vim pra Silver Bush. Pensei, um dia, im fazê um bolo di fruta e fui lá fazê, cum mais intusiasmo qui juízo. Teu tio Horace tava im casa... E ele era indiabrado, aquele lá... Ficanu pur perto pra pudê observá e, quem sabe, lambê a tigela. “O qui é qui vucê tá colocanu aí nesse bolo di fruta, Judy Plum?”, perguntô ele, todo curioso. “Um pouquinho di tudo”, respondi. E, quandu dei as costas pra acudi a panela, num é qui o diabrete isvaziô o frasco di tintura da prateleira no meu bolo?

Sem eu sabê. Pur certu, tua tia Edith disse qui um bom bolo di fruta divia sê preto. O meu era preto qui nem carvão, pra ela fica contente, Patsy, quirida.

Pat regozijava-se em descobrir uma nova receita e prepará-la antes de qualquer outra pessoa quando a Sociedade de Auxílio das Senhoras se reunia em Silver Bush. Adorava esmiuçar as imagens de propagandas nas revistas... Os belos biscoitos, as frutas e as verduras... Lindos rabanetes brancos e vermelhos... Alface crespa... Beterrabas carmim... Aspargos dourados com pontinhas verdes. Adorava ir à cidade fazer compras. Havia certas coisas nas lojas lá, coisas *suas*, embora ela ainda não as tivesse comprado. Gostava de intimidar o açougueiro e de estarrecer o merceeiro delicadamente... De resistir à tentação e de se render a ela... De poupar e gastar. Adorava pensar nas pessoas cansadas e queridas que iam a Silver Bush descansar, comer e amar.

E, debaixo de tudo aquilo, uma sensação de profunda satisfação por fazer o que nascera para fazer. Saboreava ao máximo os silêncios lindos que por vezes pairavam sobre Silver Bush quando todos estavam silenciosamente ocupados e os gatos relaxavam no peitoril das janelas.

E, então, começar os preparativos para a volta da mãe!



Alento em Gileade

1

– O pai caminha mais devagar do que costumava – observou Winnie, suspirando, enquanto ela e Pat descascavam ervilhas nos degraus da cozinha em uma tarde abafada de agosto, com Bravo-e-Feroz sentado entre elas.

Uma brisa ocasional fazia as folhas do jovem álamo perto da porta tremerem enlouquecidamente. Pat adorava aquele álamo. Passara alguns verões sem crescer muito... Judy sempre ameaçava cortá-lo... Então, da noite para o dia, transformou-se de arbusto em árvore. O pai de Pat, assim, declarou que precisava ser derrubado, mas Pat intercedeu com sucesso.

– Daqui a um ou dois anos, ele vai fazer uma sombra gostosa na escada. Pense no luar penetrando entre as folhas nas noites de verão, pai.

Alec Compridão dera de ombros e deixara o álamo em paz. Todos sabiam que Pat não suportava ver uma árvore sendo cortada. Não valia a pena fazer a criança esbugalhar os olhinhos castanho-dourados de tanto chorar.

No campo da Lagoa, Sid montava fardos de aveia. Pelo que diziam, montava os melhores fardos de aveia da Ilha do Príncipe

Edward.

Pat olhou para o pai com melancolia, enquanto ele atravessava o quintal e ia até o campo da Lagoa. Estava mesmo mais lento; estava mais curvado. Mas como ela detestava admitir aquilo.

– É de espantar? Depois daquelas semanas horríveis em que ficamos sem saber se a mãe iria viver ou morrer. E não acho que ele tenha superado a partida de Joe.

Winnie suspirou outra vez. Pat olhou atentamente para ela. Winnie andava bastante distante e sonhadora nos últimos dias. Pat lembrou-se, de repente, de que não ouvia Winnie rir... Desde quando... Desde a última noite em que Frank Russell estivera em Silver Bush. E ele não aparecia havia mais de uma semana.

Ao longo de todo aquele ano, suspeitava-se de que Winnie se casaria com Frank no outono. Durante todo o inverno, Judy bordou tapetes “feito louca”. Pat não gostava da perspectiva, mas era algo a ser encarado e aceito.

– Winnie, qual é o problema, querida?

– Não há problema nenhum – respondeu Winnie impacientemente.

– Não seja boba, Pat.

– Não estou sendo boba. Você está... Esquisita... Há uma semana. Brigou com Frank?

– Não – respondeu Winnie devagar.

Então, seu rosto empalideceu e seus olhos se encheram de lágrimas. Ela *precisava* contar a alguém, e a mãe não podia ser perturbada. Pat não tinha idade suficiente para entender, é claro... Winnie ainda insistia em pensar em Pat como uma criança... Mas era melhor contar a ela que não contar a ninguém.

– É só que... Ele ficou um pouco zangado quando eu disse que não poderíamos nos casar no outono, no fim das contas... Talvez nem nos próximos anos.

– Mas... Winnie... *Por quê?* Achei que estivesse tudo acertado.

– E estava. Antes de a mãe ficar doente. Mas você sabe muito bem, Pat, que agora tudo mudou. Precisamos encarar os fatos. A mãe pode ter nos poupado por muitos anos, mas será uma inválida pelo resto da vida. Você estará lecionando, e Judy não é mais jovem como antigamente. Não consegue fazer todo o trabalho que precisa ser feito aqui, mesmo com a sua ajuda depois da escola. E partiria o coração dela chamar outra pessoa para ajudá-la, mesmo que o pai pudesse bancar, coisa que não pode. Então, preciso abandonar quaisquer planos de me casar agora. É claro que Frank não gostou, mas vai ter que se acostumar. Caso contrário... Bem, há muitas outras garotas ávidas para serem esposa dele.

Winnie não conseguiu evitar que a voz vacilasse. Pensar em todas aquelas “garotas ávidas” era muito cruel. E Frank estava sendo... difícil. Os Russell não gostavam de ter que esperar. Ela sabia que ele não esperaria por anos. E se esperasse... Eles estariam velhos e cansados, e o desabrochar da nova vida seria murcho e sem perfume. Da mesma forma que acontecera com a pobre Sophie Wright. Ela e Gordon Dodds esperaram quinze anos até o pai paraplégico dela falecer, e Sophie já não parecia mais uma noiva. Apenas uma mulher franzina que não se importava mais em ser casada ou não. No entanto, Winnie não titubeava em relação à sua decisão. As meninas de Silver Bush eram íntegras. Colocavam o dever acima de tudo, sempre, mesmo em um mundo em que se alegava que o “dever” estava ultrapassado e o certo a fazer era fazer o que você quisesse, quando bem entendesse, e deixar todo o restante de lado.

Por apenas um instante, uma euforia desvairada tomou conta de Pat. Winnie não se casaria com Frank, afinal. Não haveria mais mudanças em Silver Bush. Ela, Winnie e Sid continuariam vivendo

ali, cuidando do pai e da mãe, amando Silver Bush e um ao outro, sem se importar com o mundo mutante lá fora. Seria maravilhoso.

Mas os olhos de Winnie! Pareciam violetas azuis nas quais alguém pisasra e machucara terrivelmente.

Pat nunca conseguira entender como Winnie *podia* amar Frank como amava. Frank, se você não o odiasse por estar roubando sua irmã, era um rapaz decente, com rosto corado e olhos azul-acinzentados firmes. Mas não havia nada de romântico em relação a ele... Nada de elogios inteligentes, nada de ares de mistério... Nada para induzir o turbilhão de emoções que Winnie, era evidente, sentia sempre que ouvia os passos dele à porta.

O *que* Winnie via nele? Pat cedeu.

Toda alegria ilegítima que Pat sentira morreu quando ela viu os olhos de Winnie. Era ridículo pensar nos olhos de Winnie com expressão tão... Ridícula, era isso. E bastante desnecessário, pois ela, Pat, já tinha tudo lindamente planejado.

– Winnie, você sabe que está falando disparates, não é? É claro que vai se casar com Frank. Não vou assumir a escola. Tomei essa decisão assim que a mãe voltou para casa. Estarei aqui para ajudar Judy.

– Pat, não pode fazer isso. Não seria justo pedir a você que abrisse mão da escola depois de ter estudado tanto em Queen's para conseguir sua licença... Você *precisa* ter sua chance...

Pat riu.

– Minha chance! É exatamente isso. Estou tendo minha chance... A chance pela qual sempre ansiei. A chance de ficar em Silver Bush e cuidar da casa. Detestava a ideia de lecionar. Nem sequer sabemos se eu me sairia bem na escola local. Talvez precisasse me afastar por mais um ano... E *isso*... Mas não precisamos falar disso. É claro que preferiria ver a mãe bem e forte a qualquer outra coisa,

mesmo que tivesse que ir para o fim do mundo. Contudo, como não é possível... Bem, tenho o consolo de saber que posso ficar em casa, de toda forma.

– O que o pai vai dizer?

– Ele sabe. Ora, Win, ele ficou aliviado. Sempre achou que você se casaria e não fazia ideia de como as coisas ficariam por aqui. Porque ele também não queria que eu ficasse decepcionada por ter que abrir mão da escola. *Decepcionada!* – Pat gargalhou novamente. – Win, pais não são as criaturas egoístas que tantas histórias horríveis fazem parecer. *Não* querem que os filhos sacrifiquem tudo por eles. Querem que sejam felizes.

– Todos, menos os excêntricos – interrompeu Judy, que levava seu pequeno tear para a plataforma e se julgava no direito de se intrometer em qualquer conversa. – Também tem uns pais excêntricos por aí. Ora, ora, mas não entre os Gardiner.

– Acho que se você não se importar em descascar o restante das ervilhas, Pat... Vou subir um pouquinho – disse Winnie em tom um tanto vacilante.

Pat sorriu. Winnie podia subir para escrever para Frank.

– É provável que Winnie se case com Frank este outono, Judy – comentou Pat, engolindo em seco. *Dizer* algo em voz alta parecia torná-lo irrevogável.

– Ora, ora, e por que não? Ela sabe cozinhar e costurar. Sabe si virar. Sabe quando pode ri e quando não deve. Ora, ora, ela tá pronta pra casar. Já faz onze anos que não temos um casamento em Silver Bush. Por certo, é um tanto sublime demais para casar e, ao mesmo tempo, não desisti de casar.

– George Nicholson vai se casar com Mary Baker – anunciou Naninha, que acabara de entrar com uma gatinha malhada do celeiro nos braços. – Gostaria que ele esperasse até que eu

crescesse. Acho que gostaria mais de mim que de Mary, porque ela não é nem um pouco divertida. Sou bastante divertida, quando minha consciência não me perturba. Ah... Olhem só o Bravo-e-Feroz.

Bravo-e-Feroz encontrara seu páreo desde que Naninha passara a levar a gata do celeiro para dentro de casa. Ela era magricela e feiosa, mas não aceitava desaforo de ninguém. Bravo-e-Feroz morria de medo dela. Era hilário ver aquela gata insignificante atacar e amedrontar um animal que poderia destruí-la com uma única patada. Bravo-e-Feroz correu para o jardim e atravessou o cemitério e o Campo da Torta de Carne urrando de pavor.

– Vejam só o Cavalheiro Tom si divertinu cum a cena – apontou Judy, rindo.

– Temos bons gatos em Silver Bush – comentou Naninha complacientemente. – Gatos interessantes. E eles têm *personalidade*. Caminham com orgulho e com os rabos erguidos. Outros gatos se *esgueiram*. Trix Binnie riu quando falei isso e disse: “Você está ficando tão louca quanto a Pat em relação à velha Silver Bush, pensando que não há lugar igual”. “Bem, não há mesmo”, respondi. E eu estava certa, não estava, Pat?

– Estava, sim – concordou Pat com fervor. – Mas sua gatinha está voltando e é melhor levá-la para o celeiro antes que o pai a veja. Você sabe que ele não quer que os gatos do celeiro sejam encorajados a entrar em casa. Diz que tolera o Cavalheiro Tom e o Bravo-e-Feroz porque já são hábitos estabelecidos.

– Quantos anos tem o Cavalheiro Tom, Judy?

– Ora, ora, quantos anos? Só o Bom Home Lá di Cima é qui sabi. Tudo qui *eu* sei é qui ele chegô aqui doze anos atrás, parecenu ter a mesma idade qui pareci tê agorinha mesmo. Talvez num tenha idade nenhuma

– concluiu Judy, misteriosa. – Num cunsigo imaginá-lo filhote, vucês conseguem?

– Tenho certeza de que ele teria algumas histórias mirabolantes para contar, Judy. É uma pena que gatos não possam falar.

– Falá, é? Quem é qui dissí pra vucê qui eles num podem falá, minha quirida Naninha? O meu avô ouviu dois gatus cunversanu uma vez, mas nunca o convenceram a contá o qui eles disseram... Não, não, ele num quíria inraivecê a tribo. Como eu tava contanu pro Sid no domingo, quandu ele tava zangado purque o Bravo-e-Feroz tinha passadu a noite nas calças di dumingo dele e inchido di pelo: “Pensa o qui vucê quisé dum gatu, Siddy, quirido”, eu disse pra ele, “mas num *diz* nada. Vai qui o Rei dus gatus ouve!”.

– E o que teria acontecido se o Rei dos gatos tivesse ouvido, Judy?

– Ora, ora, vamos deixá essa história pra um dia di tempestadi bem forti, Naninha, quandu vucê for durmi bem gostoso cum a velha Judy. Aí conto pra vucê o qui acunteceu cum um home lá na velha Irlanda qui andô falanu umas coisas sobre os gatus meio alto e sem muita preocupação. Num é uma história pra uma tardi di verão, cum um casamentu em vista.

2

Winnie se casaria no fim de setembro, e Silver Bush passou por seis semanas de preparativos intensos. Judy mandou colocar mais uma prateleira no porão para encher com fileiras e mais fileiras de potes de geleia vermelha para Winnie. A mobília do quarto do Poeta foi todinha pintada de azul-claro, e escolher um novo papel de parede para combinar com a madeira foi um regozijo só, embora Pat detestasse ter que arrancar o papel antigo. Ele estava lá havia tanto

tempo... E ela também ressentiu o fato de as cadeiras do Salão Grande terem sido recapadas. Havia certa harmonia na antiga decoração do salão. Coisas novas a quebravam. Mas Silver Bush precisava estar tão bonita quanto possível, pois Winnie teria um casamento daqueles.

– A família gosta di si ixibi – observou Judy alegremente.

– É um trabalho tremendo – retrucou tia Edith em tom um tanto desaprovador.

– Trabalhu, é? Vucê tem razão. Tá tudo mundo atolado di coisa pra fazê. Eu tô sempre um passo adianti. Mas num gostu di casamentos modestos, como si as pissoas tivessem cum vergonha. Vamos dá uma festa di qui si orgulhá, cum toda família dos dois lados, muitos prisentis, duas madrinhas e uma dama di honra... Ora, ora, e o vistido da Winnie! Nunca antes si viu nada igual im Silver Bush. E todas as peças íntimas dela foram feitas à mão. “Um centímetro di trabalhu manual vale um quilômetro di custura na máquina”, eu disse pra senhora Binnie quandu ela disse qui a filha da prima tinha duas dúzias di cada tipo. É um alento pra mim, quandu mi deito pra durmir à noite, mi sintindo exausta.

– Ah, Judy, nós duas estamos mesmo ficando velhas – disse Tia Barbara, suspirando.

Judy pareceu escandalizada.

– Sim, sim, mas, mesmo assim... Num fala dessi jeitu, não, mulhé di Deus – sussurrou ela, apreensiva.

Winnie tinha um vestido de noiva dos sonhos... O tipo que toda garota gostaria de ter. Todos adoraram, exceto tia Edith, que ficou horrorizada com o comprimento. Os vestidos da moda eram os mais curtos da história, quando Winnie se casou. Tia Edith rezara, por anos, para que as saias das mulheres voltassem a ser mais longas, mas, aparentemente, foi em vão.

– É um fato que não pode ser mudado pela oração – disse tio Tom a ela com serenidade.

Winnie passou por todo o tumulto dos preparativos com brilho nos olhos, sorrindo de maneira sonhadora com os próprios pensamentos. Frank aparecia em Silver Bush com tanta frequência que Judy ficou um pouco aperreada com ele.

– Ele tem tudo direito, é claro, mas num gosto qui ele fique si isparramanu pur aqui – grunhiu ela.

– Frank é bem devotado a Winnie – comentou Pat, um tanto distante. – Acho lindo. Ela por fim aceitara Frank como membro da família, e ele tinha, desse modo, se tornado, automaticamente, uma pessoa a ser defendida, até mesmo de Judy.

– Como será que Frank pediu Winnie em casamento? – indagou Naninha enquanto ajudava Pat a decorar um bolo com folhas verdes de angélica e cerejas carmim. – Deve ter sido muito romântico. Vocês acham que ele se ajoelhou?

Sid, que entrara para tomar um pouco d'água, gargalhou.

– Não fazemos mais isso, Nani. Frank apenas perguntou a Winnie: “Então, garota?”. Eu ouvi.

Sid salvou sua consciência piscando para Judy pelas costas de Naninha.

– Quando eu crescer e alguém me pedir em casamento, precisará ser muito mais pomposo e eloquente que isso, se quiser que eu dê ouvidos – declarou ela.

– O sapu saiu pra cortejá – disse Judy enigmaticamente.



O casamento de Winnie

1

O noivado foi anunciado nos jornais... Uma novidade que Judy desaprovava.

– Ora, ora, du pratu à boca, perde-se a sopa – murmurou ela. – Pur certu, vamos ficá em maus lençóis si acuntecê qualqué coisa di ruim cum o Frank nas próximas três semanas. Qui nem foi cum a Maggie Nicholson... O derriço dela indoideceu uma semana antes do casamentu e tá no sanatório até hoje. Os Binnie iam dar umas boas risadas si o casamentu acabasse num sainu.

Apenas três semanas até o dia do casamento... O dia em que Winnie deixaria Silver Bush para sempre. Havia momentos em que Pat achava que não conseguiria suportar. Quando Vernon Gardiner disse, em tom de brincadeira, a Winnie:

– Na próxima vez que nos encontrarmos, terei de chamá-la de “senhora Russell”.

Pat foi para o quarto chorar. Pensar que Winnie seria a “senhora Russell”... Parecia tão mudado, diferente e distante. Sua Winnie!

Lágrimas não impediram o tempo de passar. O casamento seria realizado na igreja. Pat queria que Winnie se casasse em casa, sob a faia de folhas douradas no quintal. A mãe não podia ir à igreja.

Mas Frank queria que fosse na igreja. Os Russell eram anglicanos e sempre se casaram na igreja. Frank teve o que queria... “Obviamente”, como Pat observara, com desdém, para o ar.

Pat e Judy estavam atarefadíssimas cozinhando e assando pratos e procurando pelas antigas receitas preferidas... Receitas não preparadas havia anos por usarem muitos ovos. Apenas o tradicional bolo de noiva de Silver Bush requeria três dúzias.

As tias de Bay Shore e de Swallowfield mandaram várias cestas com doces deliciosos. A cesta de tia Barbara estava repleta dos mais diferentes tipos de biscoito... Biscoitos de laranja, de tâmara, de baunilha, de nozes, e sabe lá Deus quantos outros.

– Ora, ora, vai sê bem milhó qui a mesa di casamentu da Lorna Binnie – observou Judy, exultante. – Pur certu, a pobre senhora Winnie pensava qui si cortassi os biscoitos im doze formatus diferentes eles iam ficá cum sabor differenti também. Agora, Patsy, quirida, fica de olho no frango inquantu vô caiá as estacas du quintal.

Logo ao amanhecer, Bravo-e-Feroz berrava por toda Silver Bush, anunciado que encontrara um rato, e os passos de Judy ecoavam nas escadas da cozinha. A correria matinal fora atropelada pelo tumulto dos preparativos de última hora. Chovera na noite anterior, mas o novo mundo agora era lindo e agradável, com o rosto lavado e piscando os olhos inocentes para o sol.

– Pur certu, pareci qui o dia foi incomendadu – comentou Judy enquanto varria o gramado onde os pintarroxos arrancavam minhocas compridas e gordas da terra.

Pat não conseguiu comer nada no café da manhã. Era um choque ver Winnie comendo com tanto gosto. Pat tinha certeza de que, se *e/*a fosse se casar, não conseguiria comer durante toda a semana anterior ao casamento. É claro que ela não queria que Winnie fosse

como aquela tola da Lena Taylor, que, pelo que diziam, chorara por um mês antes de se casar. Mas, quando se estava indo embora de Silver Bush, como era possível ter tamanho apetite?

A manhã passou como um redemoinho. A mesa precisava ser posta... *Ah, por que famílias precisam ser separadas assim?* Em meio a saladas, geleias e bolos, Pat se movimentava como se nascesse para aquilo. *Naquele mesmo horário do dia seguinte, Winnie pertenceria a outra família.* Os lugares de todos estavam arrumados; Pat tinha certo talento para acomodar as pessoas com bastante destreza... *Só restariam ela, Sidy e Naninha em Silver Bush.* Os quartos desabrochavam sob seus cuidados. A pequena alcova que tio Tom chamava de “Alcova do Aconchego” era um ninho de almofadas douradas, como pequenos sóis... *Era terrível encontrar prazer nessas coisas sendo que Winnie estava indo embora.*

Flores precisavam ser cortadas. Via de regra, Pat não gostava de cortar flores. Sempre sentia satisfação intensa em seus botões esplêndidos... Uma sensação que fazia com que a mera ideia de cortá-las a machucasse. No entanto, ela as amputava selvagememente.

A mesa estava linda. Seria uma pena arruiná-la... Transformá-la naquela bagunça pós-refeição. Mas, como dizia Judy, era a vida. “De todo modo, Silver Bush está encantadora”, pensou Pat em um momento de euforia.

De certa forma, tudo parecia um eco do longínquo casamento de tia Hazel. A mesma confusão quando todos foram se arrumar. Cavalheiro Tom era o único calmo na casa. Judy estava distraída porque Bravo-e-

-Feroz atravessara o corredor, às pressas, carregando um rato bem grande e bem morto, e só Deus sabia o que fizera com o bicho. A

vaidosa Naninha, que se observava em todos os espelhos da casa para ver qual era o mais lisonjeiro, estava desgostosa com o caimento do vestido de *chiffon* florido. Não fora nada fácil, para Naninha, aceitar que era velha demais para ser a dama de honra de Winnie. A filha de 6 anos de tia Hazel, Emmy, fora convocada para esse papel, e Naninha estava secretamente decidida a estar mais bonita que ela.

– Como está meu nariz, Pat? Você acha que é grande demais?

O nariz de Naninha sempre fora uma preocupação para ela. Como ficaria?

– Se for, não vejo como você pode remediar – respondeu Pat, rindo.

– Esqueça seu nariz, Naninha, querida. Você está encantadora.

– Não posso passar um pouquinho de pó nele, Pat? Por favor. Já tenho 11 anos.

– Isso apenas chamaria a atenção para ele – alertou Pat.

Naninha percebeu. Encarou a si mesma no espelho com olhos satisfeitos.

– Decidi – declarou em tom casual – que me casarei quando fizer 20 anos e terei três filhos. Pat, preciso dar um beijo em Frank?

– Eu não darei – respondeu Pat, rebelde.

Judy, que estava decidida a “testemunhar as núpcias”, como ela colocara, deixara novamente o vestido de droguete e o sotaque irlandês. O vestido de festa foi resgatado, e sua pronúncia era impecável. Só o vestido é que estava um pouquinho apertado. Pat teve sérias dificuldades em ajudar Judy a colocá-lo.

– Pur certu, eu tinha uma cinturinha fina quando esse vestido foi feito – lamentou Judy. – Você acha que é um pouco ultrapassado, Pat?

Pat pegou umas rendas e fez maravilhas com a peça. Judy se

sentia mesmo “chique”.

A mãe Gardiner estava arrumada, sentada quieta no Salão Grande, com os cabelos grisalhos e os olhos azuis gentis. Pat percebeu, com uma pontada de dor, que a mãe ficara bastante grisalha no último ano. Por outro lado, parecia uma pintura, no vestido prateado e rosa, com o colar que o pai lhe dera quando saiu do hospital... Uma corrente âmbar como gotas de orvalho dourado. O pai não iria à igreja, no fim. No último segundo, decidiu que não podia deixar a esposa sozinha. Tio Tom é que entraria com a noiva. Winnie não ficou muito satisfeita. Aquela barba espessa e imensa dele era tão antiquada... Mas estava feliz demais para se importar muito com qualquer coisa. Com seu traje de noiva, ela era uma jovem linda e radiante, com rosto e olhos que transbordavam amor e euforia. Pat sentiu um caroço na garganta quando olhou para ela. Frank Russell tornou-se, subitamente, o homem que podia fazer Winnie ficar daquele jeito. Pat o perdoou pela ofensa de se tornar seu cunhado.

O relógio da cozinha indicava que faltavam dez minutos; o do salão, que tinham passado cinco; o da sala de jantar marcava a hora cheia. O que significava que já tinham se passado quinze minutos e era hora de sair.

2

Sentada na igreja lotada, com decoração de lírios alaranjados e gladiólos com nuances de amarelo que as meninas do grupo da igreja haviam feito para ela, Pat esforçou-se para não chorar. Winnie a alertara solenemente...

– Pat, não *ouse* chorar quando eu estiver me casando.

Ela chegara muito perto de chorar no casamento de tia Hazel,

tanto tempo atrás, mas aquilo era dez vezes pior.

Era estranho ver o noivo tão pálido... Ele sempre era tão corado e gorducho. Estava bonito, contudo. Pat ficou feliz em vê-lo tão bem-arrumado. Se Silver Bush precisava de agregados na família, deveriam ser bem-

-apessoados. A barba magnífica de tio Tom parecia roxa sob a luz que entrava pelos vitrais... Como algum antigo rei assírio. Winnie dissera “aceito”. Que solene! Apenas uma palavrinha proferida ou não mudava toda uma vida... Talvez até mesmo o curso da história. E se a mãe de Napoleão tivesse dito “não” em vez de “sim”? Ora, acabara... Acabara... Winnie era a senhora Frank Russell... A comitiva da noiva estava entrando na sacristia... A filha de tio Brian, Norma, cantava o cântico da noiva... Pat se lembrou de que, muito tempo atrás, dera um tapa no rosto de Norma.

O que aquele horroroso do primo Sam Gardiner sussurava para ela por cima do banco da igreja?

– Fico me perguntando quantos maridos e esposas, nesta igreja, gostariam de uma mudança.

Quantos, de fato? Talvez o velho Malcolm Madison, que diziam só ter rido três vezes em toda a vida. Talvez Gerald Black, cuja esposa nutria tamanha paixão por esmagar moscas, que, certa vez, esmagara uma na careca de Jackson Russell dentro da igreja. Ou a senhora Henry Green, cujo marido, pensou Pat freneticamente, parecia um morto-vivo. Ela se perguntou se a história que Judy contara dele seria verdade... Que ele apanhara na escola, certa vez, porque o professor o pegara escrevendo uma carta de amor na lousa para Lura Perry, que era meio cigana. Não podia ser... Não com aquela boca escocesa-idosa-presbiteriana. O velho tio Tom Gardiner aproveitava a espera para tirar um cochilo. Não havia uma história sobre a perna de pau dele ter pegado fogo uma vez, quando

cochilou ao lado da lareira? Lá estava a senhora James Morgan, que nunca perdoara a filha por ter se casado com Carl Porter e jamais entrara na casa dela. Como as famílias *conseguiram* agir assim?

A senhora Albert Cody... Isto é, Sarah Malone. Judy tinha uma história sobre ela.

– Ora, ora, ela tinha um derriço desses bonachões... Passou anos e anos cum ela e nunca saía daquilo. Sarah viajou pra visitá a tia em Halifax e iscreveu pra casa contanu tudo sobre como tava si divertinu e todos os pretendentes qui tinha. Aquilo assustô o moço, e ele iscreveu pra ela voltá pra casa e si casá cum ele. Pur certu, nadinha du qui a Sarah tinha iscritu pra ele era verdade. A tia dela era doente e rabugenta, e ela nunca saía di casa.

Sarah Cody era professora da Escola Dominical e parecia muito dócil e devotada ao lado de seu tranquilo Abner. Era bem provável que Judy tivesse inventado tudo aquilo.

(O que aquela horrorosa da senhora Stephen Russell estava sussurrando? “Cometeu o erro de escolher uma madrinha mais bonita que ela.” Não era verdade... Não era... Allie Russell não era, nem de longe, tão bonita quanto Winnie.) O velho Grant Madison, que, certa vez, dissera ao seu pai que lera coisas terríveis demais em histórias antigas para acreditar em Deus. Que coisa horrível não acreditar em Deus. Como alguém poderia viver assim? A senhora Scott Gardiner esticara as rugas de alguma forma... “Truques di beleza”, dissera Judy com desdém. Por que Winnie ainda não retornara? Mas não havia mais Winnie agora... Apenas uma estranha misteriosa conhecida como “senhora Frank Russell”. Em que será que a querida Naninha estava pensando enquanto olhava sonhadoramente para o vitral, com sua auréola azul e dourada? Ela, de fato, era uma formosura. Pat lembrou-se, surpresa, de que não

queria que Naninha nascesse.

3

De volta à casa. Apertos de mão, congratulações e beijos. Pat chegou a dar um beijo em Frank. E abraçou Winnie com força.

– Desejo tudo que há de melhor no mundo para você, minha querida – sussurrou ela.

Então, precisava correr para colocar o avental de organdi com babados. As bebidas geladas precisavam ser tiradas do gelo; o frango cremoso, colocado nas massas; os presentes de casamento, posicionados da maneira correta. Crianças corriam pelo terreno como pequenas rosas. A casa estava cheia. Todo Gardiner e meio-Gardiner, Selby e Russell estavam lá.

– Parece o Dia do Julgamento – comentou o velho primo Ralph Russell.

Ele segurou Pat pelo braço quando ela passou por ele.

– A filha de Alec Compridão. Ouvi dizer que você tinha embelezado. Deixe-me olhar para você. Não, não, não é bonita... E também não é muito inteligente, pelo que me disseram... Mas tem charme. Vai conseguir um homem.

Como as pessoas criavam alvoroço com esse negócio de casamento! Era nojento. Até mesmo o velho Ellery Madison, que ainda se parabenizava por ter escapado de armadilhas, chamou Pat de “Franguinha” e disse que se casaria com ela, se ela quisesse.

– Se você esperar até nós dois sermos adultos, talvez pense no assunto – retrucara Pat.

– Ora, ora, mas é assim mesmu qui si fala cum eles – apoiou Judy enquanto elas acendiam as velas. – Eu mesma fiz esse home fechá o bico quandu ele mi disse: “Tá na hora di *vucê* si casá, Judy”.

“Como os homes odeiam mulheres qui ousaram vivê sem eles”, foi o qui rispondi. Pur certu, butei vários deles pra corrê. Eles num têm nada qui ficá abarrotanu a minha cuzinha e istraganu os tapetes. O velho Jerry Russell disse pra mim: “Sinhurita Plum, vucê acha qui Deus é Deus ou só uma ótima causa primeira?”. E o Mark Russell perguntou, cum uma ixpressão tão séria quantu a di um juiz: “Qual a tua opinião sobre o governo tá fazenu uma eleição este outono, sinhurita Plum?”. Pur certu, e eu num sabia qui ele tava mi provocanu? Eu dissi pra ele: “Vucê num tem bom senso ninhum”, eu dissi, “si num sabe qui um casamentu num é lugá di falá sobre Deus ou pulítica. E agradeçu si pará di mi chamá di ‘sinhurita. Plum’”, eu dissi, e isso acabô cum ele. Pur certu, num foi uma cirimônia linda, Patsy, quirida? Jake Russell mi dissi: “Ela é a noiva mais bunita qui já vi em Silver Bush”, e eu dissi pra ele: “Pela primeira vez na vida, vucê falou uma verdadi”. Mas e aquela aliança di platina, vucê acha qui é realmenti legítima? Tô achanu que a Winnie ia si sinti mais sigura com a boa e velha aliança di ouro.

– Judy, como vou *suportar* ver Winnie partir?

– Vucê pricisa si dispidi dela cum um sorriso, Patsy, quirida. Num importa o qui vai vir depois disso, si dispedi dela cum um sorriso.



Riso e lágrimas

1

Acabara. Winnie se fora.

– Pat, querida – sussurrara ela, com os olhos cheios de uma despedida delicada –, estava tudo lindo. Realmente adorei meu casamento. Você e Judy são maravilhosas.

Pat conseguiu sorrir, como Judy instruíra, mas, quando Judy a encontrou olhando para o salão deserto, disse:

– Judy, não é bom... Poder... Parar de sorrir? Eu... Espero que não aconteça outro casamento em Silver Bush nos próximos cem anos.

– Ora, eu gostaria que tivéssemos casamento todo dia – disse Naninha. – Suponho que o próximo seja o seu. Então, será a minha vez. Isto é

– acrescentou ela, pensativa, se alguém me aceitar. Não quero ser uma velha solteirona.

– Pur certu, num si preocupa em maguar meus sentimentos – lamentou Judy. – Sou uma velha solteirona.

– Sempre me esqueço disso – respondeu Naninha em tom arrependido. – Você não se parece nada com uma velha solteirona, Judy. Você é... Você é simplesmente a *Judy*.

– O senhor Ronald Russell, de St. John, me disse que a mãe é a mulher mais bonita que ele já viu – comentou Pat.

– E tudo mundo vai amá o senhor Ronald Russell pra sempri pur causa disso. Achou, nu intantu, qui ele tem razão. Vucês o ouviram dizenu pra Winnie: “Vucê vai fazê esse home virá presbiteriano?”, falanu du Frank. E Winnie disse, ela disse: “Num si fazem presbiterianos, eles nascem assim”. Ora, ora, e num foi a risposta certa pro cavalheiro ispertalhão? Tô achanu qui St. John num tá à frente di Silver Bush. Ele tava cum um baita apititi, aquele lá. Pra falá a verdadi, gostu di home qui come cum gosto.

– Ele é membro do Parlamento – contou Pat – e dizem que, um dia, será primeiro-ministro.

– O filhu du velho Russell Piquenu-e-Imundo! Quais as chances?
– exclamou Judy desdenhosamente.

– Espero que as fotografias fiquem boas – disse Naninha. – Apareço em todas.

– Di toda forma, Winnie num foi fotografada cum o braço em torno du noivo, como Jean Madison. Uma audácia, penso eu. E agora, Patsy, quirida, vamos começá a limpá ou deixá pra amanhã di manhã?

– Como você preferir, Judy.

– Ora, ora, vucê é qui é a senhora da casa agora, cum a Winnie casada e tua mãe sem podê sê pirturbada. É vucê qui tem qui dá as ordens, e tenho qui obedecê.

– Besteira, Judy. Imagine só, eu lhe dando ordens!

– Prifiro qui seja assim, Patsy, quirida – afirmou Judy com firmeza.

Pat hesitou. Então, em silêncio, aceitou sua soberania sobre Silver Bush.

– Está bem, Judy. Vamos deixar as coisas como estão esta noite. Estamos todas cansadas. Você se lembra da noite após o

casamento de tia Hazel, quando arrumamos a sala de jantar?

– Vucê foi um amor, trabalhanu qui nem uma iscrava pra num chorá.

– E você me contou histórias engraçadas... Judy, vamos acender o fogo... O ar está gelado, e o primeiro fogo do ano é sempre uma delícia. Vamos nos sentar perto dele, e você vai nos contar histórias.

– Vucê já deve tê ouvido todas as minhas histórias um milhão di vezes, Patsy. Imbora eu achi qui, quandu vi Joe Keller hoje... Ele si casô com aquela isposa dele purque uma minininha a quem era afeiçoadu o rejeitô, e ela si casô cum ele purque Sam Miller, de Bay Shore, a rejeitô. Intão, o qui era di isperá?

– Que eles não fossem muito felizes, Judy.

– Ora, ora, e é aí qui vucê si ingana, meu tesouro. O casamentu foi um sucesso tremendu. Assim é a vida, sabe?

– A vida é estranha, Judy. Winnie e Frank, por exemplo... Ela não parece ter qualquer medo ou dúvida. Eu estaria apavorada... Nunca poderia ter *certeza* de que amo qualquer pessoa o *suficiente* para me casar. Mas hoje... Lá no fundo do meu coração... Estava *morrendo* pela partida de Winnie... E, ao mesmo tempo, na superfície, também estava gostando de toda a euforia.

– Sempri ixisti algo pra aliviá a tensão das coisas – observou Judy astutamente. – É pur isso qui nada nunca é tão difícil quanto a gente acha qui vai sê.

Hilary voltou depois de ter levado alguns convidados de automóvel até a estação e se juntou a elas. Bravo-e-Feroz, que passara o dia amuado porque ninguém o admirara, deitara-se no tapete, unira as patas, o focinho e o rabo em um círculo confortável e perdoara o mundo. A velha tia Louisa, que vira tantas idas e vindas, olhava para eles da parede. Os gatinhos brancos continuavam brincando em sua juventude imortal. O rei Guilherme ainda atravessava o Boyne

orgulhosamente em seu cavalo. Era... Bastante agradável, outra vez, ter uma sensação de prazer e tranquilidade. No entanto, Pat tinha medo de subir para o segundo pavimento, onde uma calma e um silêncio pavorosos a assolariam quando fosse para a cama, depois de cessada toda a algazarra. Ficou ali com Hilary pelo tempo que pôde, e foi tão gentil com ele que, quando se despediu nos degraus com as folhas do álamo, ele ousou pedir que ela o beijasse.

– É claro que lhe darei um beijo – respondeu Pat graciosamente. – Já dei tantos beijos em amigos hoje que um a mais, um a menos, não fará diferença.

– Não quero um beijo de amigo – respondeu Hilary, indo embora após esse comentário.

– Ora, ora, você devia tê-lo dado um beijo no rapaz – disse Judy, que vivia ouvindo coisas que não lhe diziam respeito. – Logu, logu, ele vai tá longe demais, pobrezinho.

– Eu... Eu... Estava perfeitamente disposta a beijá-lo – choramingou Pat, sentindo-se sufocada. – E não... Não... Fale da partida dele. Não posso suportar mais isso esta noite.

2

Pat sentia-se muito sozinha quando foi para a cama. A casa parecia tão estranhamente vazia, agora que a risada de Winnie não ecoava mais em suas paredes. Lá estava o espelho que costumava refletir seu rosto. Aquela cadeira vazia, onde ela sempre se sentara, era muito eloquente. Os chinelos descartados, que poderiam dançar sozinhos a noite toda, tamanha a frequência com que Winnie dançara com eles, confortavam um ao outro debaixo da cama. Era como se os pés dela tivessem acabado de deixá-los. Seu cheiro ainda pairava no quarto. Era tudo horrível.

Pat debruçou-se para fora da janela para inspirar o ar frio e delicioso. O vento parecia assustador nos arbustos. Um cachorro latia lá em Swallowfield. Pat achava que, quando estivesse sozinha, se jogaria na cama, tomada pelo abandono da angústia. Mas o luar ainda brilhava no mundo... Ainda havia corujas no bosque branco. As antigas lealdades do lar ainda eram potentes... *Seria* ótimo ter um quarto só para ela.

Uma casa sempre parece muito patética e sem amigos após uma festividade. Pat encontrou felicidade e alento em arrumar tudo, do porão ao ático. Os presentes foram empacotados e enviados a Bay Shore. *Era* divertido ler o relato do casamento nos jornais.

A noiva, antes do casamento, era Winifred Alma, filha do senhor e da senhora Alec Gardiner. Isso magoou Pat. Winnie não era mais filha deles? As madrinhas usaram vestidos de crepe georgette cor-de-rosa, com chapéus de mohair cor-de-rosa e buquês de ervilha-de-cheiro. A pequena Emmy Madison foi uma dama de honra muito charmosa, em um vestidinho com bordado de casinha de abelha de voal cor-de-rosa. Imagine só, o nome da pequena Emmy e seu vestido estavam sendo comentados nos jornais! A senhorita Patricia Gardiner, irmã da noiva, estava linda de voal amarelo. E, ora, ora... A senhorita Judy Plum vestiu seda azul, com um corpete de rosas. Devia ter sido aquele malandro do Jen Russell que inserira aquilo. Judy ficou muito satisfeita. Seu nome bem ali, ao lado do da tia do noivo, a arrogante senhora Ronald Russell, com seu cetim preto com orquídeas lilases! Judy ficara, no entanto, um tanto duvidosa quanto ao termo “corpete”. Parecia... Bem... Meio estranho.

Ocorreram, então, as visitas a Bay Shore para ajudar Winnie a se instalar em sua enorme casa branca, com o fundo de água azul como safira, onde havia um jardim colorido, com perfume de pinheiros, tomado pela música do vento e a canção das abelhas,

que mergulhava nos terraços com vista para a orla do porto e vivia envolto no som do “desespero dos mares perigosos”. Pat estaria perfeitamente feliz se pudesse se esquecer de que Hilary estava de partida.



A senhora de Silver Bush

1

Pat se sentia mais velha do que provavelmente se sentiria com 50 anos. A vida tornara-se de repente vazia e frígida. Hilary estava indo para Toronto fazer o curso de cinco anos de Arquitetura.

A mãe arranjara tudo, contara ele brevemente a Pat. Desde aquele dia sofrido, em que Doreen Garrison enfim dera as costas ao “seu bebê” Jingle, Hilary nunca mais falara dela. Pat sabia que ele não tinha notícias, exceto por uma ou outra correspondência breve, contendo um cheque parar cobrir as despesas da faculdade.

Pat estava feliz por Hilary. Ele estava a caminho de realizar todos os seus sonhos e ambições. Mas ela mesma estava muito abalada. Ninguém com quem passear... Ninguém a quem confidenciar as coisas... Era sempre tão fácil contar as coisas a Hilary. Ninguém com quem brincar.

– Sempre rimos das mesmas coisas, Judy.

– Ora, ora, é pur isso qui vucês são tão bons amigus, Patsy. Esse é o verdadeiro teste. Eu mesma fico tristi pur vê o Jingle i imbora. Ele vai si torná um belo dum cavalheiro, altu e eretu daquele jeitu. E vucê mi dissi qui ele vai sê arquitetu. Ora, ora, ispero qui ele num seja como aquele di quem ouvi falá na velha Irlanda. Ele comprô a

planta duma bela casa du Home Mau Lá Dibaixo. E o preço qui tinha qui pagá era a própria alma. Foi uma casa magnífica, podi acreditá, mas pouca genti quis morá nela.

– Não acho que Hilary vá desperdiçar sua alma para comprar plantas do diabo – respondeu Pat, com um sorriso pesaroso. – Ele sabe desenhar muito bem por conta própria. Mas, Judy, parece que não vou conseguir suportar... Bets morreu... Winnie se foi... E agora Hilary.

– Eu mesma já reparei qui as coisas acuntecem em trios desse jeitu mesmo, Patsy. Provavelmenti, só acontecerão coisas boas pra vucê pur um bom tempo agora.

– Mas a vida será tão... Tão vazia, Judy.

– Ele vai voltá, um dia.

Pat meneou a cabeça. Falar sobre o retorno de Hilary era vazio e insignificante. Ela sabia que ele nunca mais voltaria, exceto para passar um ou dois meses de férias. Seus dias de amizade tinham acabado... Suas horas em Felicidade... Seus passeios pelos campos e pela praia. A infância se fora. O “primeiro arrebatamento” da juventude se fora.

– O qui será du McGinty? Ora, ora, o pobre cãozinhu vai ficá di curação partido.

– Hilary vai dar McGinty a mim. Sei que ele *ficará* com o coração partido. Mas se o amor puder ajudá-lo...

Pat engasgou. Imaginou os olhos de McGinty quando o amanhecer não trouxesse Hilary para ele.

– Ora, ora, fico filiz em ouvi issu. Num gosto di pensá num cachorro sem lar. Gatus são criaturas interessantis, como diz Naninha, mas tem *alguma coisa* nos cachorros... Pur certu, vamos nos diverti um pouco guardanu uns ossinhos pra ele.

Pat sabia que Hilary esperava por ela em Felicidade. Tinham

combinado de se despedir lá, antes que Hilary fosse pegar o trem noturno. Devagar, ela se movimentou para sair. O ar estava repleto de cores; havia uma pitada extremamente delicada de geada em sua suavidade doce; o sol da tarde estava bastante brando nos velhos celeiros cinza. Enquanto ela atravessava o Jordão, reparou em dois pinheiros escuros e distantes em meio aos bordos dourados no canto do campo. Hilary adorava aqueles pinheiros. Ele dizia que eram torres gêmeas de alguma catedral mística do crepúsculo.

2

Hilary aguardava em Felicidade, sentado em uma velha pedra cheia de musgo ao lado da nascente que os anos nunca haviam tocado. Ao seu lado, um cachorrinho com um leve ar de melancolia, por trás da alegria de costume, estava sentado. McGinty sabia que algo estava prestes a acontecer com ele. Mas, desde que estivesse com o amado mestre, de que importava?

Hilary inspirou rapidamente: seus olhos se iluminaram devagar de dentro para fora, como costumava acontecer. Ela vinha em sua direção pelo campo... Uma garota magricela, com suéter dourado e alaranjado, o sol outonal polindo os cabelos castanho-escuros e reluzindo nos olhos âmbar; seu rosto brilhava com um rubor quente, maduro, *beijável*; seu corpo parecia uma muda que jamais se quebraria, por mais que se dobrasse.

*Confiável, sombrio, vívido, verdadeiro,
Com olhos dourados, como orvalho no espinheiro.*

Por que não podia ter dito isso, em vez de Robert Louis Stevenson? Era mais verdadeiro em relação a Pat que a qualquer outra pessoa. Por que não conseguia dizer a ela todas as coisas

ardentes e eloquentes nas quais pensava à noite, mas nunca conseguia pôr em palavras no dia seguinte?

Pat sentou-se na pedra ao lado de Hilary. Eles conversaram um pouco e em frases um tanto acanhadas.

– Nunca mais voltarei a Felicidade – disse Pat.

– Por que não? Gostaria de pensar em você sentada aqui de vez em quando... Com McGinty.

– Pobre cachorrinho! – Pat acariciou distraidamente a cabeça de McGinty com uma das mãos magras e amorenadas... “As *belas* mãos”, pensou Hilary. – Não, não conseguiria suportar vir aqui sem você, Hilary. Já estivemos aqui tantas vezes... Fomos amigos por tantos anos...

– Não podemos... Não podemos... Um dia... Ser mais que amigos, Pat? – soltou Hilary em desespero.

Pat ficou instantaneamente um tanto distante, embora seu rosto tivesse corado de repente para um tom cor-de-rosa quente. Hilary era um amigo tão bom... Parceiro... Irmão... Mas jamais um amante. Pat tinha certeza disso.

– Sempre tivemos uma amizade maravilhosa, Hilary. Não estrague isso agora. Ora, somos amigos desde aquela noite em que você me salvou sabe lá Deus do que na estrada. Dez anos.

– Foram bons anos. – Hilary pareceu reagir àquela rejeição mais filosoficamente do que ela esperava. – Como serão os anos daqui para a frente, eu me pergunto?

– Serão anos maravilhosos para você, Hilary. Será bem-sucedido...

Chegará ao topo. Então, todos os seus velhos amigos daqui... Em especial a velha solteirona de Silver Bush... Poderão se gabar de tê-lo conhecido um dia.

– *Serei* bem-sucedido. – Hilary apertou os dentes. – Com a sua...

Amizade... Posso fazer qualquer coisa. Quero lhe dizer... Se puder... O que sua amizade e a vida que compartilhei com você em Silver Bush significaram para mim. Foram elas que me impediram de me tornar odioso e cínico. Vocês todos tinham tanta certeza de que a vida é boa que nunca consegui deixar de acreditar... Nunca conseguirei. Você me escreverá com frequência, não é, Pat? Será... Solitário... No início. Não conheço ninguém em Toronto.

– É claro que escreverei. E não se esqueça, Hilary – Pat riu provocativamente –, de que vai construir uma casa para mim um dia. Morarei nela quando Sid se casar e me expulsar de Silver Bush. E você virá me visitar nela... Serei uma senhorinha com cabelos brancos... E lhe oferecerei uma xícara de chá na chaleira da avó Selby... E conversaremos sobre nossa vida e... E... Fingiremos que foi tudo um sonho... E que somos apenas Pat e Jingle em casa, mais uma vez.

– Onde quer que você esteja, Pat, sempre será meu lar.

Ele começara de novo. Se não precisassem se despedir em breve, Pat ficaria zangada. Não podia, contudo, se zangar aquela noite. Ele logo esqueceria aquele disparate. Centenas de garotas belas e inteligentes em Toronto. Mas eles sempre seriam amigos... Melhores amigos... Ela não conseguia imaginar *não* ser amiga de Hilary.

Eles voltaram, seguindo as curvas do Jordão, relembando os velhos tempos. Era delicioso se lembrar das coisas juntos. Havia ásteres no caminho, Hilary queria colher um buquê raramente azul-escuro para Pat, mas Pat não permitiu.

– Não. Não arranque porque elas desbotariam, e essa seria minha última lembrança delas. Deixe-as aí, e poderemos sempre nos lembrar de que as vimos juntos... Lindas e vívidas.

Aquele era o real toque de Pat. Hilary lembrou-se de que ela

nunca gostara de colher flores. Ele jamais se esquecera da imagem dela naquele momento, parada ali, deleitando-se com as flores, tão linda e misteriosa quanto o crepúsculo do outono. Querida... Desejável!

O córrego seguia tagarelando e cantarolando consigo mesmo. Pinheiros altos, que não passavam de mudas quando eles exploraram aquele lugar pela primeira vez, estendiam seus braços protetores sobre ele; os musgos eram verdejantes nas margens. As vozes da infância ecoavam nas ondas e no murmúrio da água... Todas as notas havia muito não ouvidas estavam ali, misturadas com a dor doce e inevitável das despedidas. Hilary, com 20 anos, e Pat, com dezoito, sentiam-se viajantes experientes, recordando a juventude com melancolia.

Pararam na ponte de pedras sobre o Jordão. Pat estendeu as mãos. Queria chorar no ombro dele, mas sabia que não devia. Se chorasse... Ele a tomaria nos braços... Seria bom... Mas...

Ela queria dizer a ele que o amava ardentemente. Ela de fato o amava muito... Mais que Joe, àquela altura... Quase mais que Sidney. Queria beijá-lo... Mas Hilary não queria beijos de amigos. Eles não *podiam*, contudo, se despedir daquele jeito.

– Não vou dizer “adeus” meia dúzia de vezes antes de realmente partir... Como a velha tia Sarah Gordon – disse Hilary, fingindo rir. – Adeus, Pat.

Ele pareceu, no entanto, se esquecer de soltar as mãos dela. Aquilo não podia mais continuar.

– Adeus, Jingle.

O velho nome surgiu impulsivamente nos lábios dela. Ela largou as mãos quentes e agradáveis dele e correu pela trilha sob o luar.

Hilary ficou parado, observando-a se afastar. McGinty se esfregou tremulamente na perna dele. McGinty sabia, de alguma forma, que

as coisas estavam erradas.

Hilary pensava na casa que construiria para Pat. Consequia visualizá-la... Quase conseguia ver suas luzes brilhando em meio à escuridão de alguma terra “além dos morros e distante”. Mais linda até que Silver Bush. Por um instante, quase odiou Silver Bush. Era o único rival que temia. Então, apertou os dentes.

– Você ainda será minha, Pat.

3

Pat cambaleou pela trilha, atravessando o campo cegamente, e se apoiou no portão do jardim. Então, as lágrimas negadas escorreram. Ela apenas não conseguia aguentar. Tudo se fora! Quem *conseguiria* suportar?

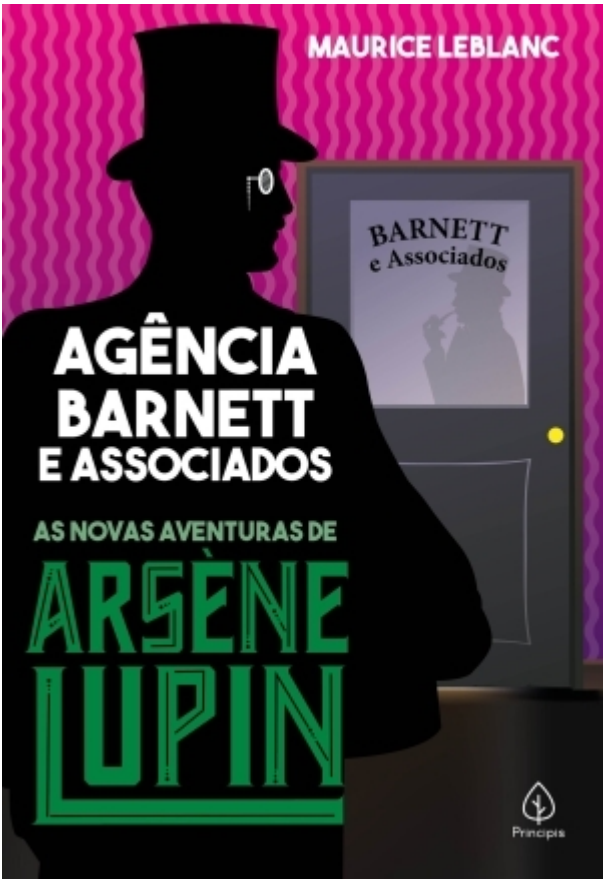
Os raios da lua que surgia tocaram o Morro da Névoa com seus delicados dedos prateados. A noite era como uma pérola azul do litoral. O estrondo baixo e contínuo das ondas do golfo no porto preenchia o ar. O pomar de paz sonhadora parecia acenar para ela. Os velhos celeiros, que deveriam estar vivos com os fantasmas de todos os gatos que neles brincaram, estavam reunidos amigavelmente. Silver Bush estava repleta de luzes simpáticas. Pat secou as lágrimas e olhou para a casa.

Era uma casa tão legal e antiga... Sempre fiel àqueles que a amavam. Era possível sentir que ela era sua amiga assim que pisava nela. Era repleta de objetos adorados e de belos anos longínquos. Assimilava beleza e encanto, que não são exatamente a mesma coisa, por gerações. Tantas coisas haviam acontecido ali, e ela não se esquecera de nem uma única. Amor e tristeza... Tragédias... Comédia. Bebês tinham nascido... Noivas tinham sonhado... Todas as modas possíveis passaram diante daqueles

velhos espelhos. As próprias paredes pareciam conter risos.

A casa lembrava toda a sua vida. *Ela* sempre fora a mesma... *Ela* nunca mudara... Não realmente. Apenas mudanças superficiais. Como Pat a amava! Ela a amava sob o rosa da manhã e o âmbar do fim de tarde, e mais ainda sob a escuridão da noite, quando surgia pálida em meio ao breu e era dona de si. Essa beleza era dela... Só dela. A vida nunca poderia ser vazia em Silver Bush. Alguém, certa vez, sentira pena dela... “Tão alheia a este mundo.” Pat rira. Alheia a este mundo? Não, estava *dentro* do mundo ali... Do *seu* mundo. *Eu habito no meio do meu povo*. Sábia Sulamita!

Um contentamento misterioso a inundou. Aquele era seu lar.



Agência Barnett e associados

Leblanc, Maurice

9786555525045

160 páginas

[Compre agora e leia](#)

Valérie estava atônita. De que suspeita ele falava? Com que propósito? Sentia uma ansiedade crescente e confusa, causada pela insistência realmente dolorosa do seu interlocutor. Entre suas mãos abertas, ela pesava amassa de pérolas amontoadas, e agora esse volume parecia tornar-se cada vez mais leve. Ela examinou, e os seus olhos discerniam cores diferentes ,reflexos desconhecidos, uma semelhança chocante, uma perfeição equívoca, todo um conjunto de detalhes perturbadores. Nas sombras de sua mente a verdade começava a brilhar, cada vez mais distinta e ameaçadora.

[Compre agora e leia](#)



Anne de Ingleside

Montgomery, Lucy Maud

9786555525007

336 páginas

[Compre agora e leia](#)

Jem, Walter, Di, Nan e Shirley. Crianças que alegram e agitam a vida de Anne. Com cinco filhos e à espera de mais um, a sonhadora ruivinha de Green Gables agora tem seus dias ocupados com as atividades do lar. Como se não bastassem as atividades domésticas, a preparação para a chegada de um bebê e a atenção dada ao marido (que está mais ausente do que nunca por conta do trabalho), Anne terá ainda que receber em sua casa a criteriosa tia Mary Maria. E lidar com ela nunca é fácil! Com o coração repleto de carinho, mas também atarefada e cheia de dúvidas, Anne precisará mostrar que a sua essência permanece a mesma, com sonhos e otimismo, mesmo diante das mais inesperadas situações.

[Compre agora e leia](#)



A senhora de Silver Bush

Montgomery, Lucy Maud

978655524789

416 páginas

[Compre agora e leia](#)

Patricia Gardiner, entre os 20 e 30 e poucos anos, permaneceu solteira e cuidou de sua amada casa, Silver Bush. Pat odiava mudanças mais do que tudo, e encontrou em Silver Bush um refúgio onde estava protegida delas, mas as mudanças aconteceram mesmo assim. No decorrer de onze anos, novos empregados, novos vizinhos e novos amantes vieram e se foram, seus irmãos e irmãs se casaram, e a vida em Silver Bush não era mais tão agradável como antes, mas Pat se agarrou desesperadamente a seu amor por aquele lugar. Até que situações inesperadas a fizeram descobrir onde seria amorada de seu coração pelo resto da vida.

[Compre agora e leia](#)



Contos de fadas dos Irmãos Grimm

Irmãos Grimm

9786555520859

304 páginas

[Compre agora e leia](#)

Reconhecidos mundialmente pela qualidade dos contos que produziram desde o começo do século XIX, os irmãos Grimm diziam estar só escrevendo as histórias que escutavam de camponeses e amigos. Concomitantemente aos registros do cotidiano, começaram a pesquisar documentos e recolher histórias da Alemanha para a preservação da memória e das tradições populares. Neste livro encontram-se contos fantásticos que mantêm viva a memória da criação folclórica da população alemã.

[Compre agora e leia](#)



Os meninos de Jo

Alcott, Louisa May

9786555523874

352 páginas

[Compre agora e leia](#)

Dez anos depois de publicar Rapazinhos: a vida em Plumfield com os meninos de Jo, a autora retoma a história dos dramas cotidiano se das façanhas dos meninos travessos mas descontraídos de Plumfield. O livro segue principalmente a vida de meninos apresentados no livro anterior, particularmente Tommy, Emil, Demi, Nat, Dane os filhos do professor Bhaer e Jo, Rob e Teddy, embora os outros também façam aparições frequentes, e Josie e Bess, duas primas de Demi e Daisy. Agora crescidos, eles precisam lidar com os dramas, as tempestades e as alegrias da vida adulta. Considerado o mais autobiográfico dos três, Alcott tece com brilhantismo sua própria história, de maneira emocionante e com ligeiro tom de melancolia.

[Compre agora e leia](#)